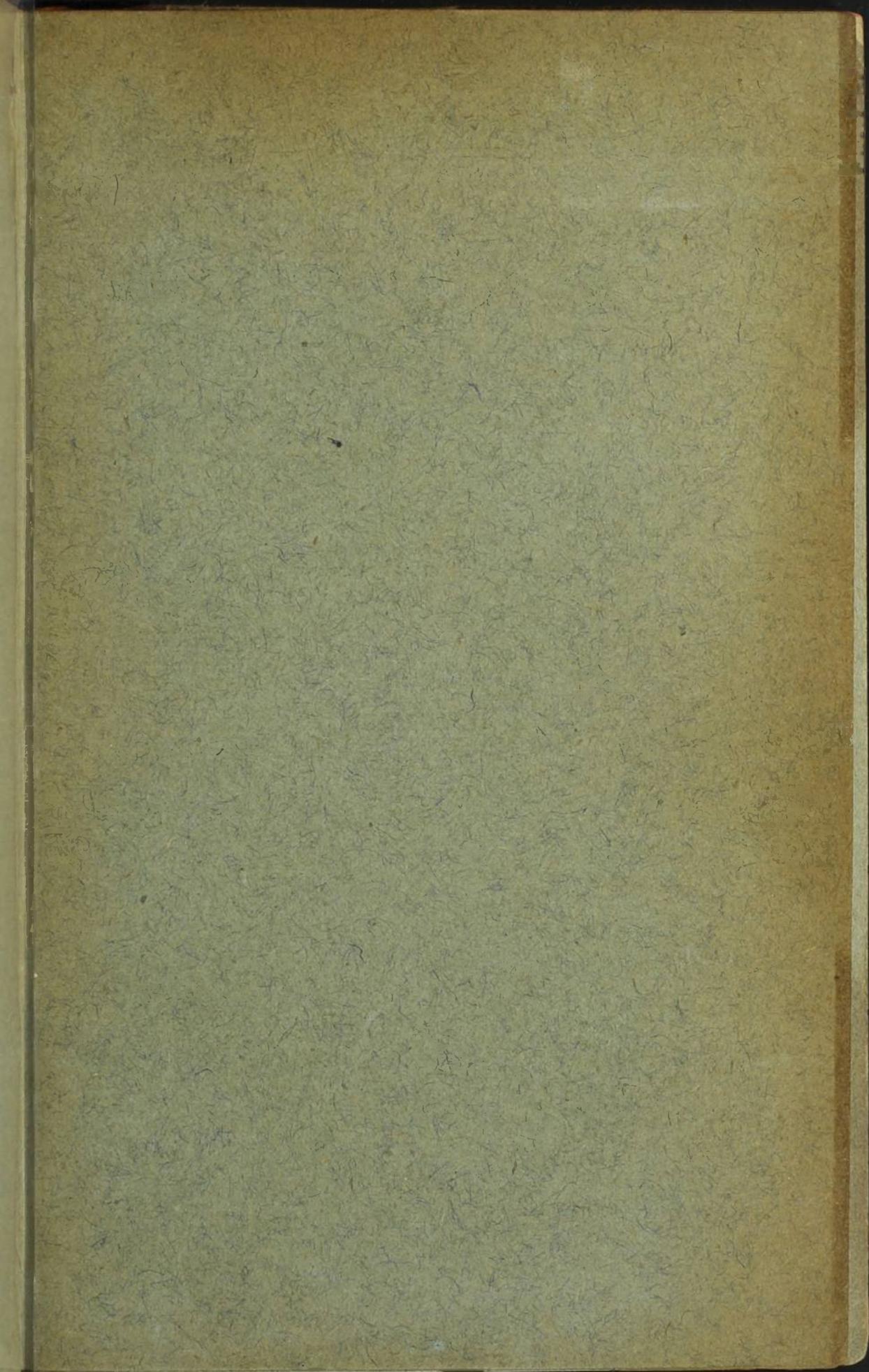


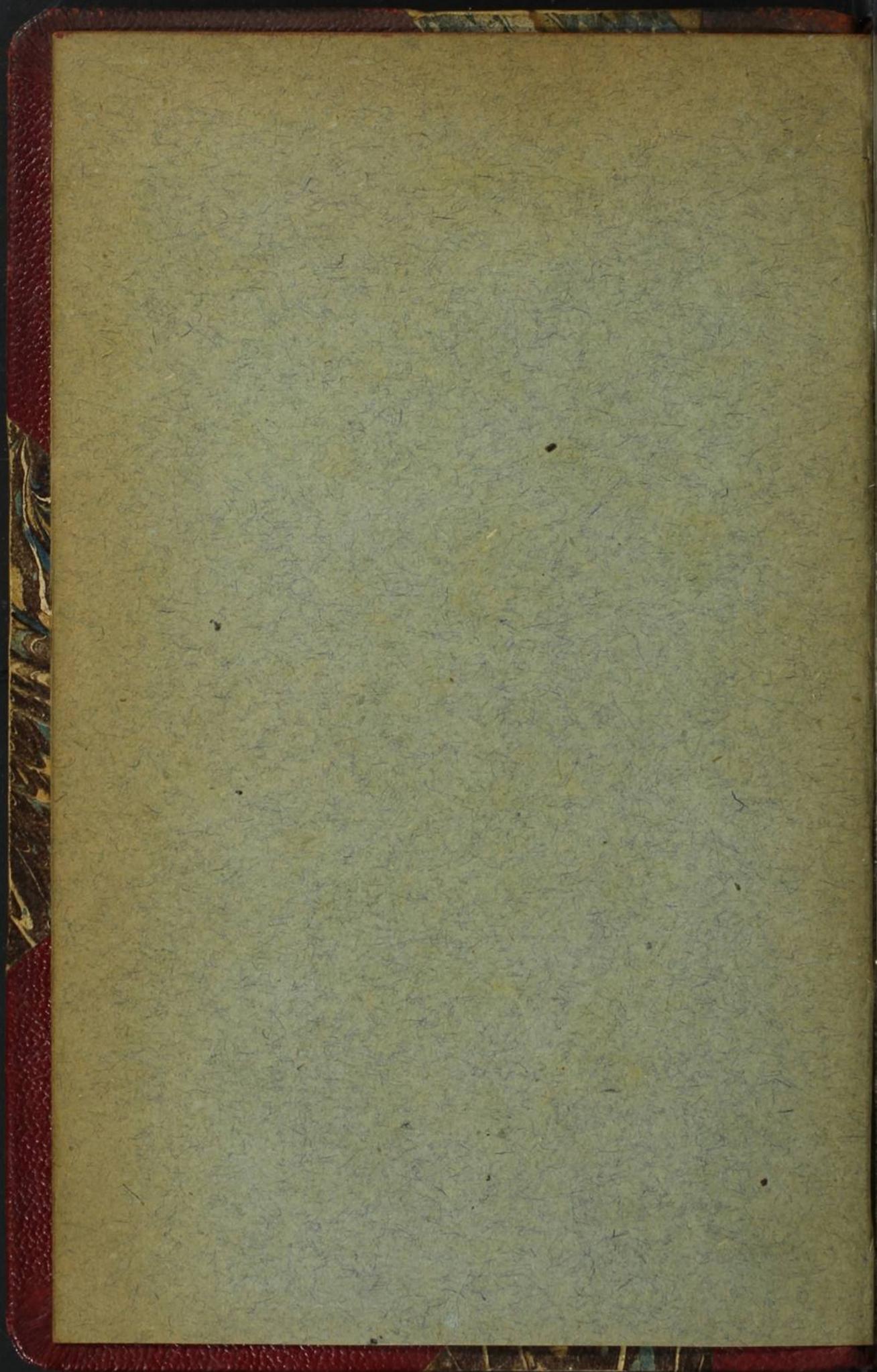


TYPOGRAPHIA, ENCADERNAÇÃO
E DOURAÇÃO

WERNER, LIMA & Cia.

R. Possidonio Ignacio, 4-A
S. PAULO





BIBLIOTHECA UNIVERSAL
Romances, Viagens, Politica, Poesias, etc.
Collecções em 8° — 2\$000

ARSENIO HOUSSAYE

MADemoisELLE

CLEOPATRA

HISTORIA PARISIENSE

TRADUCCÃO

DE

SALVADOR DE MENDONÇA

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

Livreiro-Editor do Instituto Historico

65 — RUA DO OUVIDOR — 65



A VENDA NA MESMA LIVRARIA

OBRAS DIVERSAS

J. de Alencar

- O GUARANY, rom. brasileiro, 4ª edição, 2 v. in-8º enc. 8\$000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª ed. 1 v. br. 1\$500
MÃI, drama em 4 actos, 2ª edição, 1 v. br. 2\$000
VERSO E REVERSO, com. em 2 actos, 2ª ed. 1 v. br.. 1\$000
AS AZAS DE UM ANJO, com. em 1 prologo, 4 actos e 1 eplio, 2ª edição, 1 v. br... 2\$000

G. M.

- SENHORA, perfil de mulher,
DIVA, perfil de mulher, 3ª ed.
1 v., (no prelo).
LUCIOLA, perfil de mulher, 3ª ed.
1 v. enc..... 3\$000

J. M. de Macedo

- OS QUATRO PONTOS CARDEAES.—
A MYSTERIOSA. Romances, 1 gr. vol. 8º, enc. 3\$. br. 2\$500
AS VICTIMAS ALGOZES, quadros da escravidão, 2 v. broch. 5\$, enc. 7\$000
VICENTINA, 3ª edição, 3 v. br. 5\$, enc..... 7\$000
O FORASTEIRO, romance brasileiro, 2ª ed. 3 v. in-8º, enc. 7\$, br..... 5\$000
A NEBULOSA, 1 v. enc.. 3\$500
THEATRO COMPLETO, 3 v. enc. 9\$ encadernação dourada. 12\$000

- CINCINATO CLEFFA LUÇA, com.
1 v. in-8º br. 2\$000
LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIOTISMO, medias, 1 v. in-8º br. 2\$000
LUSBELLA; comedia 1 v. in-8º br..... 1\$500
FANTASMA BRANCO, comedia 1 v. in-8º br.. 1\$500
NOVO OTHELLO, comedia, 1 vol. in-8º br..... \$500
O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia, 1 v. in-8º br..... 1\$000

Bernardo Guimarães

- O ERMITÃO DO MUQUEM, ou a historia da fundação da romaria de Muquem, na provincia de Goyaz, rom. de costumes nacionaes, 1 v. enc..... 3\$000

J. Norberto de S. e S.

- BRAZILEIRAS CELEBRES, 1 v. in-8º enc. 2\$000
FLORES ENTRE ESPINHOS, contos poeticos, 1 v. in-8º enc. 2\$000

Eugenio Sue

- A INVEJA, 1 v. in-fº enc. 5\$, brochado..... 4\$000
A IBA, 1 v. in-fº enc. 3\$, b. 2\$000
A SOBERBA, 1 v. in-4º enc. 8\$000 br..... 6\$000

Moreira de Azevedo

- MOZAICO BRAZILEIRO, 1 v. in-8º enc..... 3\$000

BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

- Macé (João).—Historia de um bocadinho de pão, cartas a uma menina acerca da vida do homem e dos animaes, 1 v. in-8º enc. 4\$ br. 3\$000
Hugo (Victor).—Noventa e tres, Guerra civil, 1 grosso vol. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
Verne (Julio).—Vinte Mil Leguas Submarinas, 1 grosso vol. in-8º enc. 4\$ br. 3\$000
— O Capitão Hatteras, 1 v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
Kardec (Allan).—O Livro dos Espiritos, 1 v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
Debay (A).—Physiologia do Matrimonio, historia natural e medica do homem e da mulher casados nas suas mais curiosas particularidades, 1 grosso v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000

MADEMOISELLE
CLEOPATRA

A VENDA NA MESMA LIVRARIA

OBRAS DIVERSAS

J. de Alencar

- O GUARANY, rom. brasileiro, 4ª edição, 2 v. in-8º enc. 8\$000
 O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª ed. 1 v. br. 1\$500
 MÃI, drama em 4 actos, 2ª edição, 1 v. br. 2\$000
 VERSO E REVERSO, com. em 2 actos, 2ª ed. 1 v. br.. 1\$000
 AS AZAS DE UM ANJO, com. em 1 prologo, 4 actos e 1 eplio, 2ª edição, 1 v. br... 2\$000

G. M.

- SENHORA, perfil de mulher,
 DIVA, perfil de mulher, 3ª ed. 1 v., (no prelo).
 LUCIOLA, perfil de mulher, 3ª ed. 1 v. enc..... 3\$000

J. M. de Macedo

- OS QUATRO PONTOS CARDEAES.—
 A MYSTERIOSA. Romances, 1 gr. vol. 8º, enc. 3\$. br. 2\$500
 AS VICTIMAS ALGOZES, quadros da escravidão, 2 v. broch. 5\$. enc. 7\$000
 VICENTINA, 3ª edição, 3 v. br. 5\$, enc..... 7\$000
 O FORASTEIRO, romance brasileiro, 2ª ed. 3 v. in-8º, enc. 7\$, br..... 5\$000
 A NEBULOSA, 1 v. enc.. 3\$500
 THEATRO COMPLETO, 3 v. enc. 9\$ encadernação dourada 12\$000

- CINCINATO QUEBRA LOUÇA, com. 1 v. in-8º br..... 2\$000
 LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIA, comedias, 1 v. in-8º br. 2\$000
 LUSBELLA; comedia 1 v. in-8º, br..... 1\$500
 FANTASMA BRANCO, comedia 1 v. in-8º br.. 1\$500
 NOVO OTHELLO, comedia, 1 vol. in-8º br..... 5\$000
 O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia, 1 v. in-8º br..... 1\$000

Bernardo Guimarães

- O ERMITÃO DO MUQUEM, ou a historia da fundação da romaria de Muquem, na provincia de Goyaz, rom. de costumes nacionaes, 1 v. enc..... 3\$000

J. Norberto de S. e S.

- BRAZILEIRAS CELEBRES, 1 v. in-8º enc. 2\$000
 FLORES ENTRE ESPINHOS, contos poeticos, 1 v. in-8º enc. 2\$000

Eugenio Sue

- A INVEJA, 1 v. in-fº enc. 5\$, brochado..... 4\$000
 A IRA, 1 v. in-fº enc. 3\$, b. 2\$000
 A SOBERBA, 1 v. in-4º enc. 8\$000 br..... 6\$000

Moreira de Azevedo

- MOSAICO BRAZILEIRO, 1 v. in-8º enc. 3\$000

BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

- Macé** (João).—Historia de um bocadinho de pão, cartas a uma menina acerca da vida do homem e dos animaes, 1 v. in-8º enc. 4\$ br. 3\$000
Hugo (Victor).—Noventa e tres, Guerra civil, 1 grosso vol. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
Verne (Julio).—Vinte Mil Leguas Submarinas, 1 grosso vol. in-8º enc. 4\$ br 3\$000
 — O Capitão Hatteras, 1 v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
Kardec (Allan).—O Livro dos Espiritos, 1 v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
Debay (A).—Phisiologia do Matrimonio, historia natural e medica do homem e da mulher casados nas suas mais curiosas particularidades, 1 grosso v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000

MADMOISELLE
CLEOPATRA

HISTORIA PARISIENSE

POR

ARSENIO HOUSSAYE

TRADUCCÃO

DE

SALVADOR DE MENDONÇA

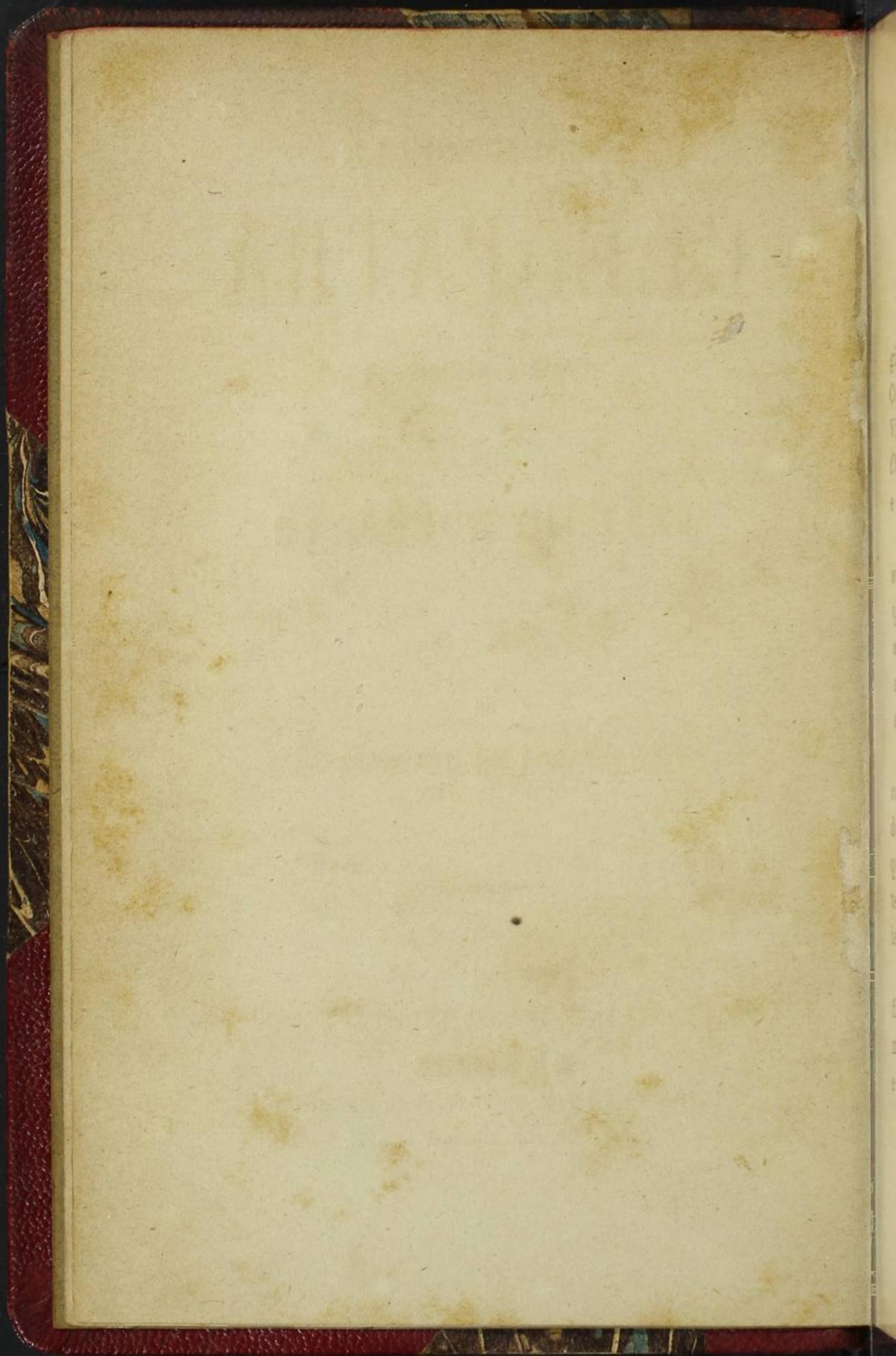


RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

65 — Rua do Ouvidor — 65



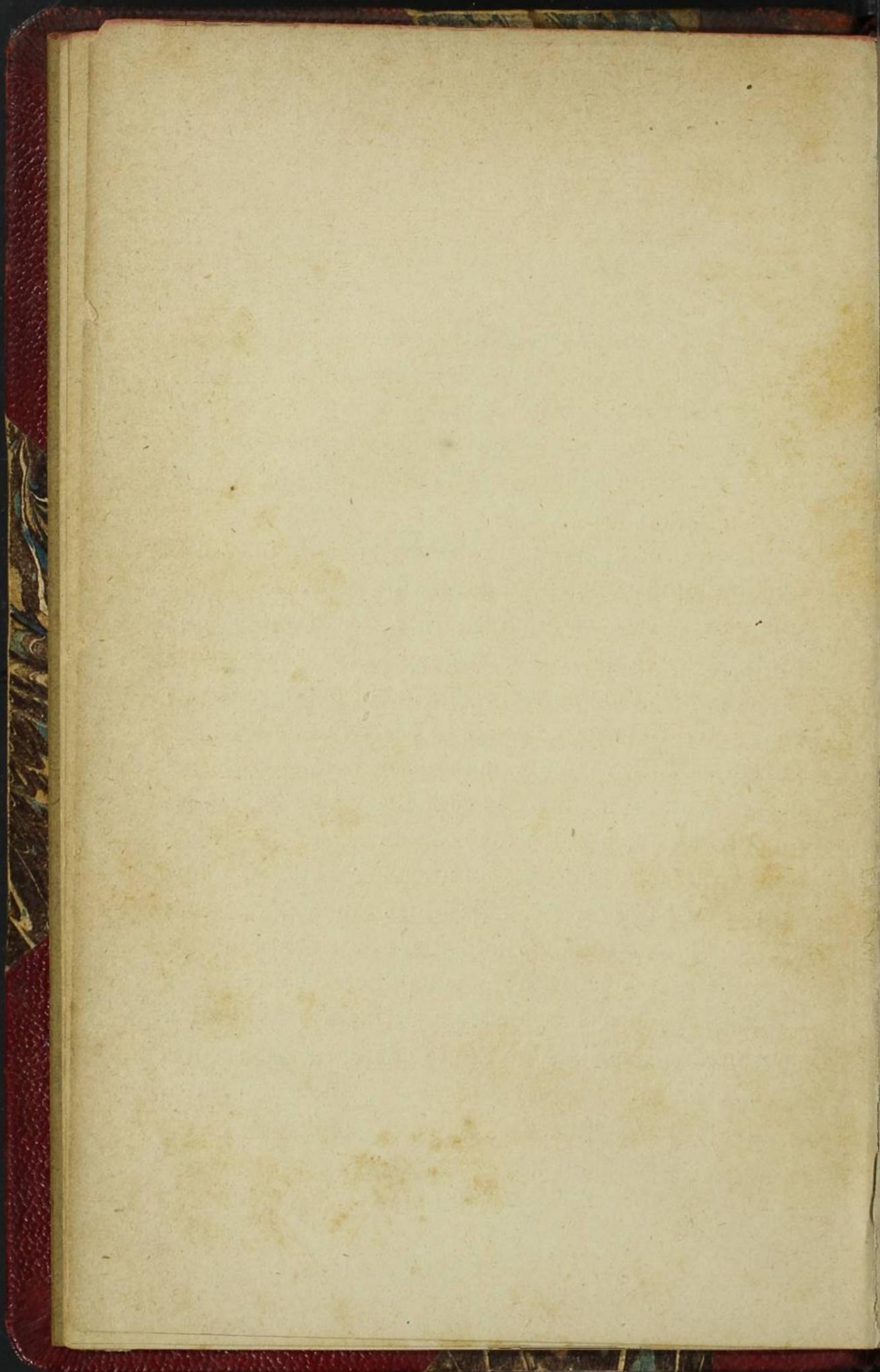
Biarritz.

O auctor deste livro lança mão desta primeira pagina para agradecer aos Srs. Theophilo Gautier, Cuvillier-Fleury, Nestor Roqueplan, Paulo de Saint-Victor e outros criticos que julgaram *Mademoiselle Cleopatra* com a auctoridade do estylo, da philosophia e do talento.

Alguns amanuenses da litteratura accusaram o auctor de haver escripto um máu livro. Porque? porque poz em scena uma mulher decahida, porque atravessou, mais zombeteiro que indignado, esse mundo extranho que tem estendido insolentemente as suas conquistas na geographia pariziense.

Não se escreve um romance soboreando as fatias confeitadas dos meninos de collegio; não é no Sagra-do Coração que o philosopho estuda as paixões. Jesus, que era Deus, não despresou a lenda da mulher adultera e da barregã. Fez dellas duas sanctas, sem com isso comprometter a divina belleza do Evangelho.

A *Cleopatra* salvará mais mulheres com as suas fraquezas que as heroínas romanticas a fiarem lã e a morrerem consumidas no inferno de um amor occulto e não saciado.



A' SENHORA PRINCEZA * * *

SENHORA,

Em Bade, ao trinta e quarenta, em Veneza, na sua gondola, em Palermo, sob as laranjeiras do seu jardim, pediu-me um conto : aqui está uma historia.

Hade lê-la a senhora que viu Cleopatra em Bade, que viu em Roma a marquesa Cavoni, e ha de reconhecer essa sociedade que de presente é apenas desconhecida daquelles que não pertencem a ella. Quando tantas outras disserem que tudo isto é impossivel, a senhora dirá : E' verdade. Pois se a senhora é alva e altiva como o marmore, é que empallideceu sob o fogo das paizões, é que soffreu desafiando-as ; é que, adivinhando o abysmo, não condemnou as victimas das torturas que atravessava victoriosa.

Não é o primeiro livro que lhe dedico. E' simples : o auctor de um livro é como um planeta, que para uns está em plena luz, ao passo que para outros está em trevas : o seu espirito não conhece trevas.

Si perguntar-me porque escrevi este drama pariziense, quando podia lêr Homero, admirar Leonardo de Vinci, interrogar as esphinges de labios rosados, correr mundo, scismar na floresta, fumar em Tortoni, — ou ouvi-la, á senhora que tem o segredo de contar os mais bellos romances :

Responder-lhe-hei que escrevi, porque fui espectador ; porque é agitando as chammas das paixões que aspira-se o ar purissimo da virtude, como depois do vendaval respira-se com alacridade o perfume agreste das moutas de rosas bravas.

AR — H — YE.

MADemoiselle Cleopatra

I

STRADELLA E A-CHUVA-QUE-ANDA

Nesse dia, 5 de Junho de 1863, M^{lle} Cleopatra, apenas levantou-se, deitou-se voluptuosamente na sua victoria tirada a meio-Daumont. Eram tres horas ; o sol, contra o costume, espalhava os seus feixes de ouro sobre Pariz ; a alegria expandia-se em mil raios. Quem nada tinha a fazer apanhava o seu quinhão de sol.

A victoria era levada por dous admiraveis cavallos, de crinas ao vento, olhos de fogo, altivez de raça, fronte indomaveis. E no entanto esses demonios, com trinta e seis costados de nobreza, eram domados por um escudeiro de dezeseis annos que parecia-se um Cupido empoadado de neve, casaco azul celeste, bonêt listrado de ouro, botas a Souwaroff que faziam lembrar um tanto as do gato com botas.

— Formosos cavallos ! disse M^{lle} Cleopatra ; como vão fazer desesperar meus inimigos hoje !

Fazia passear ainda mais os seus cavallos que a si mesma.

E inclinou-se para a direita e para a esquerda para vêr as cobertas negras dos dous magnificos animaes que devoravam o espaço com um calor e uma altivez de que maravilhavam-se os senhores cavalheiros do turf. Perto do Arco de Triumpho, tendo-se acabado

de regar abundantemente a rua, um delles ficou salpicado de lama e voltou-se furioso; mas apenas reconheceu o trem de M^{lle} Cleopatra, cumprimentou e exclamou com enthusiasmo:

— Ah! Stradella e A-chuva-que-anda! os mais formosos animaes de Pariz!

M^{lle} Cleopatra fôra pessoalmente á Inglaterra para comprar os seus cavallos. Os motejadores, ao passo que os estimavam em muito, diziam que não lhe tinham custado caro. Tinham-lhe custado duas mil libras esterlinas, sem metter em conta alguns punhados de napoleões atirados aos lacaios e aos troquilhas; é verdade que a mão de Cleopatra era tão pequenina!

Em Chantilly, nas ultimas corridas, haviam-lhe offerecido em nome de um principe — que desejava conservar o anonymo, — cincoenta mil francos pelos seus dous cavallos. Ella respondêra: « Nem por ouro, nem por prata; preferira separar-me de meu amante a separar-me delles. — Creio-a piamente, retorquira o embaixador do principe; mas, si quizer, não se separará de seus cavallos. Continuarão a pertencer-lhe, com a differença unica de conduzirem-na por outro caminho. » Cleopatra recusára da mesma arte o principe e os seus cincoenta mil francos, cousa que M^{lle} Chantilly e a Dama de Ouros acharam que era de mais.

M^{lle} Cleopatra descia a avenida da Imperatriz com esse formoso desdem que quasi erguia-a das suas quedas. Mal respondia com um sorriso perdido a todos os cumprimentos que os moços faziam-lhe ao passar, para provarem a si mesmos — fatuos! — que eram muito da intimidade della, — illusão que apenas enganava a elles.

Cerrava um tanto os formosos olhos, meneando as palpebras e os cilios como outras meneam o leque. Descendo da sua camara de dormir para entrar na sua

victoria, não fizera mais que trocar de leito. Dir-se-hia que ella continuava algum sonho amoroso depois de um somno interrompido. Pensava talvez mui simplesmente na conta da sua lavadeira. Os moços que viam-na assim tinham todos inveja do amante della, e perguntavam a si proprios por meio de que força invisivel o Sr. Max Auvray reinava despoticamente nesse coração rebelde e nesse animo imperioso.

Cleopatra não era precisamente o nome de baptismo da dama. Dir-se-vos-ha daqui a pouco a sua historia de hontem. — Rapariga bem nascida, — cantora, — fidalga, — cortezã. — Já se vos póde dizer porque usava do nome da rainha do Egypto, apezar de ser de Troyes na Champagne.

Era apaixonada por perolas, — não todavia até o ponto de mandar dissolver algumas para o almoço. Gostava de perolas como outras gostam de rosas, — de trapos, — de rendas, — do vinho de Chypre, — do presunto de York e outros ênlevos dos olhos e dos labios. Como disse á Dama de Ouros, dormia sósinha, mas nunca sem o seu collar de tresentas perolas, maravilhosa de ambos os mundos. Sentia as suas perolas viverem sobre o setim do seu formoso collo, estremecia voluptuosamente sob as charicias frias dessas filhas do mar.

As perolas de Cleopatra eram legitimas do Oriente, vieram do golfo Persico, como as mulheres bonitas vêm de Arles, de Roma ou de Veneza. Haviam enriquecido tres pescadores das ilhas de Ormuz. O hollandez que vendeu-as ao amante de Cleopatra disse-lhe que eram perolas de rainhas ou rainhas de perolas.

Cleopatra adorava as suas perolas porque eram incomparaveis e porque tinham vindo, ainda virgens, acariciar-lhe o pescoço. Andar com um collar que ha cem annos tem feito mil vezes a volta do mundo e a volta das mulheres, será o luxo das orgulhosas, mas

sentir rolar-lhes pelo pescoço esse rocio fresquissimo cahido do seio de Venus, é luxo das Cleopatras.

— E no entanto o meu verdadeiro collar de perolas, dizia Cleopatra com um sorriso mais zombeteiro que cruel, compõe-se das lagrymas que tenho feito derramar.

Nas primeiras arvores do bosque M^{lle} Cleopatra encontrou-se com a Dama de Ouros que tinha na sua caleça M^{lle} Chantilly, cognominada a Taciturna, uma maravilha da estupidez humana.

Cleopatra consentia que estas moças fallassem-lhe, porque era n muito bellas e porque no seu modo de vêr a belleza era um titulo de nobreza.

— Ah! aqui está Cleopatra, exclamou Chantilly.

E com um movimento de umbella fez signal ao cocheiro que parasse immediatamente.

M^{lle} Cleopatra queria passar além, mas a Dama de Ouros deu resolutamente ordem de parar Stradella e A-chuva-que-anda.

— Porque me vens acordar? perguntou M^{lle} Cleopatra.

— Porque pegou-te fogo á casa, respondeu a Dama de Ouros.

— Calluda! murmurou M^{lle} Cleopatra; queres contar as nossas aventuras a todos os echos dos arredores? Então não vês que estes capuchinhos andam a escutar pelas portas?

— Abi está um dito que ha de pegar, disse a Dama de Ouros, olhando para os cavalheiros que tinham-se approximado.

— Vou saltar para o teu carro, disse a Taciturna.

— Pelo amor de Deus, minha chara, meu leito é tão estreito! Bem sabes que durmo sempre sósinha.

— Não duvido de que durmas sempre sósinha, mas esta noite dormirás tanto mais só quanto teu amante estará esta tarde em Clichy.

— Max!

— Sim, Max. Suppunhas que todos os exploradores de ouro trabalhavam para elle, mas fecharam-lhe a California.

— Quem te disse isso?

— O meu corrector.

— Qual delles?

— Ella lá sabe? disse a Dama de Ouros; todos os correctores têm negocios com Chantilly.

M^{lle} Cleopatra não pôde deixar de sorrir, mas a Taciturna disse mordendo os labios:

— Todos os correctores não têm negocios com Max.

— A esta hora, continuou a Dama de Ouros, não conheço um só que seja capaz de querer comprar ou vender para elle trinta e seis mil a premio, com lucro de cinco soldos. Contou demasiado com a baixa; eu nunca jogarei sinão com a alta. Imaginem que elle tinha vendido cinco mil titulos de bens moveis a mil e cincoenta, uns a prazo, e outros com lucro de vinte e de dez; não se pôde ser mais imprudente.

— Como assim, perguntou M^{lle} Cleopatra, pois Max jogava na praça?

— Pois não sabias! exclamou a Dama de Ouros. Então suppunhas que gyrasse com milhões cinzelando como o pae uma pulseira para mim ou uma salva de prata para offerecer-te o coração?

— Não tinha pensado nisso, disse Cleopatra com essa formosa naturalidade das mulheres que nunca se importam com saber donde lhes vem o dinheiro nem para onde vae-lhes a virtude.

As cortezãs supõem que o ouro deve cahir sobre ellas como o sol sobre as rosas, como a lua sobre os namorados, como o rio no Oceano.

— E' verdade, disse Chantilly, não te esqueças de que dou esta noite uma ceia da decadencia.

— Ora graças a Deus, disse a Dama de Ouros, que começas a aproveitar-te dos meus vocabulos.

— Irei, disse Cleopatra.

A um signal dado ao cocheiro, Stradella e A-chuva-que-anda voaram na direcção do rio. Cleopatra tornou a tomar o seu aspectó a um tempo victorioso e indolente, contemplando do alto do seu desdem os entusiastas e os criticos da sua belleza.

II

EM QUE PARA CONHECER A HISTORIA DO SR. RODOLPHO DE MARCILLAC ERA PRECISO CONHECER A HISTORIA DE M^{lle} CLEOPATRA

Quando a victoria chegou á margem do rio, dous moços cavalleiros, o duque Guy de Chavailles e o conde Rodolpho de Marcillac, que voltavam de Jerusalem e que sem duvida não queriam tornar á terra sancta, approximaram os cavallos para melhor verem Cleopatra.

— Conheces-la? perguntou o duque ao amigo.

— Não, respondeu o moço occultando a sua emoção.

— Outro dia cantou bonitas arias de Verdi e de Meyerbeer.

— Sim, como a Patti. Esteve tres annos em Milão e Napoles.

— E' singular. continuou o duque, é tão formosa que mette-me medo.

— Que idéa! E' M^{lle} Leonia quem te está tornando medroso? Como podes ter medo de uma formosa mulher?

— Lendo um proverbio arabe no Diccionario do Sr. Littré; ouve: *A belleza é um navio que atrai todas as mercadorias ao mar.*

— O que não o impede de naufragar. Sabes o que ha de succeder um dia? ha de succeder que Cleopatra atire-se no meio do mar e que eu atire-me com ella.

— Então conheces-la?

— Pois bem, conheço-a, fui o seu primeiro amante e hei de ser o ultimo.

Rodolpho ficára singularmente triste.

— Porque cedeste o baralho?

— Porque não sabia o jogo que tinha.

— E porque não te diriges hoje a ella, si amaste-la hontem, — si has de amá-la amanhã?

— Porque hoje existe entre nós uma montanha, um volcão, um oceano, que sei eu!

— Nada de declamações, ha um homem.

— Si fosse só isso!

O moço conde exprimiu soberano desdem:

— Dize-me, será realmente uma mulher extraordinaria?

— E', como Cleopatra.

— Porque cognominaram-na Cleopatra?

— Não sei. Chama-se Angela. Não podia chamar-se Angela na sociedade em que vive.

— Prefiro Cleopatra. Para conservar o viço da amante, Bolingbroke dava-lhe faisões alimentados com o sangue de vibora. Na belleza de todas estas cortezãs ha sangue de vibora. Quando o aspide mordeu o seio da verdadeira Cleopatra. . . . Não ouves o que te estou dizendo, Rodolpho?

— Ouco, mas estou indignado com esta palavra: *cortezã*. E' uma cantora.

— Que perdeu a voz e faz cantar áquelles que amam-na.

— Cortezã! Vae offerecer-lhe teu coração e tua bolsa! E de mais, onde começa, onde acaba a cortezã? Começa em Sappho e em Aspasia, acaba em Ninon de Leuclos e em Sophia Arnould. Vae desde a

orgia do espirito até a do coração, passando pela verdadeira orgia, como Marion Delorme. Mas quantas não tem tido as horas de Sancta Thereza! Fica sabendo que se não póde dizer da Cleopatra que vae passar por diante de nós que é um carro de Brion, alugado por hora ou por dia para parecer marquez em La Marche ou em Longchamp. A Cleopatra é inteiriça, dá-se e não se vende.

— E então quem paga-lhe os vestidos e os cavalos? Ella tem um palacio na rua do Circo e um castello não sei onde.

— Suppões que tem tudo isso! Está no meio de tudo isso, mas nada tem. Vê-la-has abandonar tudo á sua proxima phantasia. Para algumas mulheres o amor é o dinheiro; para outras é a curiosidade; para ella o amor é o amor.

Cleopatra acabava de passar os dous cavalleiros.

— Ella não te viu, disse o duque ao amigo.

— Suppõe-me no fim do mundo. Mas escrevi-lhe hoje.

— Conta-me essa historia, anda.

— Não. Já que citaste os arabes, vou dizer te tambem um dos proverbios delles: « *Nunca fales de teu visinho, mas falla ainda menos de ti.* » Demais a mais as historias de amores só são boas para a gente conta-las a si mesmo.— Quando estiveres com Cleopatra, pergunta-lhe pela sua historia, a historia della é a minha.

— Queres tu saber, disse o duque, acho-a prodigiosamente parecida com a marqueza Vittoria Cavoni.

— Estás doudo! A marqueza é morena e Cleopatra é loura.

— Sim, mais no porte da cabeça, na profundidade do olhar, em não sei que de estranho e de attractivo, reconheço a marqueza.

— Tens talvez razão; mas apenas a vi uma noite

em casa de tua prima e uma manhã em Sancta Clotilde.

— Acreditas na fatalidade?

— Acredito porque nunca faço o que quero fazer.

— Pois bem, estas duas mulheres, a que eu amo e a que tu amas, são o nosso destino. Tudo quanto fizerem contra nós, tudo quanto fizermos por ellas, *está escripto lá em cima!*

III

RETRATO DE MADEMOISELLE CLEOPATRA

M^{lle} Cleopatra era bella como a belleza. As pessoas mais graves não viam sem emoção os seus formosos cabellos venezianos ondulados á grega, os olhos azues profundos como o céu e velados por longos cilios castanhos, a bocca voluptuosamente entreaberta, a sua graça de lyrio pendido, a peculiar nobreza do seu sorriso, que minorava-lhe a serena altivez do olhar. Vista de perfil, tinha a beleza das estatuas; mas vista de frente, Cleopatra effeminava-se: era a mulher tres vezes viva que tinha estampadas no semblante todas as paixões de seu tempo.

Achavam-na um tanto palida nos seus momentos de repouso, nas suas horas de scisma; mas quando despertava, o sangue annunciava-se-lhe suavemente nas faces como os primeiros clarões da aurora no céu frio da manhã.

Não tinha entretanto « a belleza incomparavel das heroínas de romance. » Mais de uma cousa fazia-a desesperar, mas tinha a arte de occultar os proprios defeitos. Uma marca de bexigas doudas, que havia-a assignalado no canto da bocca, tornára-se sob o seu habil pincel, um signal de belleza « de um encanto

irresistível, » segundo a expressão stereotypada de um dos seus adoradores.

Uma das sobrancelhas tinha sido um tanto queimada; mas penteava-a tão bem que fôra preciso *vê-la* com o microscopio para reconhecer a arte na natureza.

Para que esta critica? Como dizia muito bem o Sr. de Voltaire, só os espiritos acanhados verificam as imperfeições das obras primas; ora M^{lle} Cleopatra era uma obra prima.

Era antes uma Juno que uma Venus, uma duqueza que uma cortezã. Tinha a indolencia voluptuosa, mas tinha tambem a altivez indomavel. O que nella impressionava logo á primeira vista era a magestade. Diziam della os que julgavam-na por alto: « E' de sangue e de raça. » Donde lhe vinha isso? Esse era o milagre do destino, Deos crêa rainhas onde lhe apraz, sem consultar o livro heraldico. As mais das vezes as cortezãs não nascem nos degraus de um throno, o que as não inhiibe de ser de seculos em seculos os mais raros exemplares da belleza humana, da belleza corporal, da belleza visivel. As mulheres da sociedade, as mulheres do povo que não correm os azares do amor não ficam porisso desherdadas; essas possuem a belleza immaterial e divina, a que resplandece aos raios da alma.

Cumpre dizê-lo, a natureza não completa a sua obra, esboça a traços largos, esquece com a sua rapidez de execução certos matizes que põem remate á obra. Sente-se o dedo do grande esculptor, mas a arte humana não prejudica á arte divina. Ora, as cortezãs possuem a arte innata de corrigir as faltas do auctor: uma inventando para os cabellos madeixas opulentas ou penteados de estatuas; outra accentuando com habil pincel uma sobrancelha mal desenhada; esta estudando o sorriso namorado ou

ensaiano a malicia provocadora; aquella achando, á custa de procurar attitudes, a magestade das deusas e a *graça mais bella ainda que a belleza*. E não fallo do talento de vestirem-se que todas possuem, umas á custa de dinheiro, outra pelo instincto de faceirice que desperta-se-lhes ainda antes de amarem.

Aquelles que virem em Paris na região dos filhos prodigos e das cortezãs, — palavras velhas que serão sempre novas, — lembrar-se-hão por muito tempo do luxo inaudito desta Cleopatra que trazia a seus pés os mais desdenhosos. Apenas appresentou-se, apenas levantou a mascara, reinou despoticamente pela belleza e pelo espirito. Governou a moda. Não se jurava sinão por ella; era o mais admiravel escandalo que até então fizera desesperar as mulheres da sociedade. O que era maravilhoso era que as desarmava com a sua suprema distincção. Dizia-se demais a mais, sem saber-se-lhe bem a origem, que era uma moça bem nascida que vingava-se de uma traição.

Tivera o espirito de pôr de seu lado os artistas e os homens de letras. Eram além disso os seus alliados naturaes. M^{lle} Cleopatra tinha paixão pela musica como os Garcias, e desenhava como a Sra. Henriqueta Browne.

Quereis saber como M^{lle} Cleopatra estava vestida nesse dia?

Reinava sobre as costureiras e modistas celebres com o despotismo, o capricho e a phantasia da belleza que tem sempre rasão, faça o que fizer. Cleopatra além disso que pintava a pastel com verdadeiro sentimento da linha e da côr, não era capaz, ao encomendar um vestido ou um chapéo, de indicar fórmãs extravagantes ou escolher côres espantadas.

Preferia a simplicidade; o que havia era que a sua

era a simplicidade de uma duqueza que tem trezentas mil libras de renda, não gostava dos estofos de ramagens, que para muita gente são um meio de dar na vista; contentava-se com os estofos de uma só côr, mas perguntavam todos onde os encontraria, tão admiráveis eram no brilho e no avelludado, na magestade das dobras, no esplendor dos adornos.

Não se encontravam esses admiráveis estofos: já havia mais de um anno que só para Cleopatra fabricavam-se as mais bellas sedas e os mais bellos velludos. Mais de uma mulher da melhor sociedade corria em dalde os armazens, e escrevia para Lyon e para Londres, era tempo perdido.

Uma actriz celebre, invejosa dos vestidos da cortezã, suppoz que apossar-se-hia do seu segredo, aposando-se-lhe da sua creada grave; mas Cleopatra era impenetravel ainda para a sua creada grave.

A sua arte de vestir-se estendia-se a tudo; achar-se-hia mal collocada em um carro de máu estylo com cavallos não escolhidos. Era preciso sempre que a moldura fosse digna da tela. Havia transformado todos os fabricantes de carros. Os turfistas mais conhecidos estudavam-lhe o olhar quando exhibiam no Bosque algum trem mais digno de nota. Quando se podia dizer: « A Cleopatra daria bem vinte mil francos pelos meus dous cavallos », acreditava-se estar tudo dito.

E com que eloquencia não desenvolvia a sua theoria do luxo e do estylo em tudo! Será preciso particularisar? Nesse dia a Dama de Ouros estava enfro-nhada em um vestido de espalhafato de paudas azas e cauda inverosimil, verdadeira avalanche de seda que dera para vestir meia duzia de raparigas modestas. Cleopatra ao contrario estava com um vestido que reunia os matizes côr de rosa e branco, de feitio discreto, que provava que, embora não desdenhando os accessorios, o retrato devia dominar o quadro.

— Então, perguntou-lhe a Dama de Ouros, não achas que a minha costureira tem bellas inspirações?

— Sim, o teu vestido é um mundo, mas não está bem, porque não tens um negro que te carregue a cauda.

A' primeira vista os chapéos de Cleopatra eram como todos os chapéos do mundo; mas, assim como para os vestidos, ella tinha as suas côres. E as flôres, em que jardim de fadas as colheria? E as plumas, onde estaria a ave do paraizo perdido que lh'as trazia? Quem possuiria a arte de atar assim as fitas? E que frescura! Quantas horas duraria esse magico trabalho de alguma fada pariziense? Todos os domingos a mercadora de enfeites vinha comprar sete chapéos á sua creada grave.

E quanto ao penteado, precisa-se dizer com que gosto admiravel ella distribuia em prodigas madeixas os cabellos na frente? Via-se logo que havia estudado as estatuas antigas. Não tratava de descobrir as temporas; os bandós ondulavam-lhe até ás sobran-celhas e chegavam a banhar-lhe o canto dos olhos, o que communicava-lhe aos olhares não sei quê de velado, voluptuoso e corregiano. Zeuxis representou assim Venus. Baudry disse um dia á Cleopatra:

« Que formosa Diana sob a ramagem pintára eu ao contemplá-la, si a senhora consentisse em desatar um pouquinho a sua cintura á minha vista! » Mas Cleopatra respondeu-lhe: « Não sirvo de modelo nem diante do Amor ».

IV

O ULTIMO SALÃO DE PARIZ

M^{lle} Cleopatra deu duas vezes volta á margem do rio com o seu formoso desdem e a sua attitude imperiosa.

As senhoras da sociedade contemplavam-na furiosas, dizendo quasi todas: — Que creatura!

A velha Sra. de ***, que estava com o primo hussard, disse-lhe ingenuamente:

— Eis no entanto, meu charç Arthur, as moças por amor de quem nossos marcidos deixam-nos.

O hussard rio dentro dos bigodes, pensando que de boamente deixaria a prima por M^{lle} Cleopatra.

A mulher do banqueiro *** deu um beliscão no marido, porque elle voltou-se para vêr por mais tempo a formosa indolente.

— Então é por isto que vens ao Bosque?

— Bonitos cavallos! disse o prudente marido que não queria que á noite a amante lhe perguntasse quem o havia assim beliscado.

O ultimo salão é o Bosque de Bolonha. E' ahi que as formosas passeantes do anno da graça de 1864 fazem visitas de quatro a seis horas. Cumprimentam-se com um sorriso, fallam-se com um olhar, e está tudo dito. E o que quereis mais que digam? Não ha ahi o grande e o pequeno jornal? Tudo quanto poder-se-hia contar á noite, imprime-se de manhã. O que não se imprime lê-se no carro, no vestido, no chapéo, na physiognomia das passeantes. Si algum está dentro do coupé é que tem suas razões para não mostrar-se á toda luz. Si o vestido é claro, é que o coração nada em jubilo. Si o chapéo tem um véu, é que se quer occultar alguma cousa ao proximo. Si a physiognomia está triste, é que a entrevista frutuíta fallhou. Indico apenar o alfabeto da lingua do Bosque. E' preferivel a um espectaculo em uma poltrona esse espectaculo em uma victoria, em uma caleça ou em um coupé! a gente meche-se sem fazer um movimento. Adormece, sonha e contempla. Espiona-se a nova do dia na verdadeira sociedade ou na má sociedade. De que lado está o mais bonito escandalo?

Uma verdadeira fidalga que passava em um *landau* saudou Cleopatra com sorriso encantador, muito conhecido na maçonaria das mulheres.

Direi depois como M^{lle} Cleopatra e a duqueza de Armailly haviam transposto o abysmo — juncado de rosas — que separava-lhes os braços.

Pariz assemelha-se a uma bibliotheca desarrumada, onde os livros mais sisudos acotovellam os romances levianos. Ainda está por fazer a geographia mundana de Pariz; mas qual será o Malk-Brun que conseguirá marcar os limites das diversas classes sociaes nesse fluxo e refluxo em que todas se confundem? Quantos contrastes e quantos matizes! Na melhor classe ha de peor, na peor ha de melhor. Estas senhoras não recebem estas moças; as comediantes não se dignam ir sinão á casa das mulheres decahidas, pois a mulher decahida conserva sempre alguma cousa de sua origem. O arrabalde Saint-Germain não recebe o arrabalde Saint-Honoré, o qual não recebe a Chaussée-d'Antin, a qual não recebe o Marais.

Os campos Elyseos constituem um mundo á parte, onde a gente nunca conhece pessoa alguma, tantos extranhos e ext anhas ha ahi. A suprema galanteria mostra-se ahi ha algum tempo, entregando a região de Notre Dame des Lorettes ás dansarinas do Château des Fleurs.

Era nos campos Elyseos que Cleopatra fundára o seu despotismo.

V

COMO AS RAPARIGAS TORNAM-SE ESPIRITUOSAS .

Cleopatra apeiou-se da victoria para ir dar migalhas de pão aos cysnes. Chantilly a Taciturna foi para logo ter com ella com pasteis.

Quem vem a ser a Taciturna? E' uma rapariga alta, vinda não sei donde e que vae para o mesmo lugar. E' estúpida que faz medo, estúpida a tal ponto que, si depois de muito moer palavras, acaba por encontrar uma mais ou menos divertida, — como esses que depois de muito jogar na loteria acabam por ficar com um numero bom, — da-se pressa em negar a auctoria do dito, receiosa de ter dito alguma formidavel asneira.

— Porque andas assim pendida? Perguntou-lhe Cleopatra. Dir-se-hia um salgueiro sob a acção de um pé de vento.

— Ah! minha mãe, si soubesses como vivo aborrecida! todos os meus amigos viajam.

— Vi-te hontem na Opera com o duque d'H***.

— Sim; mas disse-me que decididamente eu tinha demasiado espirito para elle sósinho. E deixou-me ficar como um estafermo no meio da representação.

Cleopatra poz-se a rir.

— O que lhe disseste?

— Representava-se a *Muda*; perguntei-lhe porque tinham escolhido uma dansarina para cantar a *Muda*.

— Mais nada?

— Eu já tinha começado por uma reflexão que no entanto supponho acertada: vinhamos do espectáculo; havia luar, e eu disse-lhe que a lua tem muito mais merecimento que o sol, porque allumia a noite. Poz-me dous dedos na bocca.

— Entendo. Escuta, minha rica, queres que eu te dê espirito?

— Queres ainda zombar commigo?

— Não, quero que todos esses fatuos que riem-se quando fallas, fiquem dentro em pouco estupefactos com a tua metamorphose. E' tão facil ter mais espirito que elles!

— Como assim?

— Ouve-me bem. A tua tolice conciste em fallares de mais.

— Quando eu não dizia cousa alguma, achavam-me ainda muito mais tola.

— Pois bem! de hoje em diante não falles nem muito, nem muito pouco; decora bem as quatro phrazes que vou ensinar-te: é a grammatica inteira, é o alpha e o omega, é a primeira e a ultima palavra do espirito. Juras não dizer mais que essas quatro phrazes?

— Juro.

— Está bom! decora-as: — *Acceito o augurio.* — *Questão de dinheiro.* — *Nem sim, nem não.* — *Estou desarmada.* Com estas quatro phrazes podes responder a tudo. E para variar, cantarás uma ou outra vez alguma aria nova.

— Estás douda. Como queres que eu responda a tudo: *Nem sim, nem não*?

— Chiton! aqui está o principe Elieu que dirige-se para nós; exprimenta o teu novo repertorio, verás como ficará admirado com o teu espirito?

— E' alguma caçoada que queres fazer-me, mas não importa. Experimentemos.

O principe cumprimentou, olhou cautelosamente para vêr si a sua roda não o via, e caminhou affoutamente na companhia das duas moças.

— E nem um phosphoro, disse mostrando um charuto.

E como gostava do estylo declamatorio, accrescentou:

— Vou accender o meu charuto no inferno dos olhos de Clantilly.

— *Questão de dinheiro*, respondeu ella jovialmente.

— Ceiaremos juntos uma noite.

— *Nem sim, nem não.*

— Não entendo, ou antes, entendo. Sabe que a senhora está fazendo o seu tirocinio na diplomacia?

— *Acceito o augurio.*

— Exactamente, o espirito e a belleza. Dizem que é a agua e o fogo: mas a senhora é a melhor prova do contrario.

— *Estou desarmada.*

— Uma mulher nunca está desarmada, pois tem o diabo de sentinella á sua porta, ao passo que os coitados dos homens... Está vendo acolá Edmundo que a cumprimenta? Alli está um que está desarmado depois que foi venturoso.

A Chantilly poz-se a cantar: *Não devêra lá ir.*

— Bravissima! disse Cleopatra ao ouvido da Taciturna. Agora o silencio é obrigatorio. Colhe uma margarida e desfolha a, enquanto eu vou continuar a conversação.

A docil Chantilly colheu uma margarida que, como ella, apenas sabia quatro phrases.

— Sabe a senhora, disse o principe a Cleopatra, que Chantilly quasi que tem espirito? diziam-na tão estúpida!

— Nada! disse alto a Taciturna deitando fóra a margarida.

— Veja, continuou o principe sorrindo, como sabe dizer as cousas a tempo.

— Meu charo principe, disse Cleopatra, já encontrou alguma mulher com menos espirito que o senhor? As mulheres não são o que o vão povo pensa! Não conheço menina que ainda coma os seus ultimos confeitos e que já não seja capaz de lograr o mestre de dansa. Chantilly era timida; mas agora que atirou o chapéo por cima do balcão do café Inglez, tem tanto espirito como outra qualquer.

— Mas realmente hoje me está agradando muito.

E voltando-se para a Taciturna:

— Ei-la melancholica. Porque? perguntou.

— *Questão de dinheiro*, respondeu ella.

— Pois bem! não quero que uma só nuvem passe sobre esta formosa fronte. A senhora dá esta noite uma pequena reunião. Aqui estão mil francos para as ostras, mil francos para as rabecas e mil francos para ser o ultimo conviva. Adeus, pois estão a olharnos, e sou capaz de compromette-la.

Chantilly olhou para Cleopatra com enthusiasmo.

— Oh minha chara amiga, salvaste-me a vida! é a primeira vez que tres notas de mil francos encontram-se na minha mão,

— Promettes-me seguir rigorosamente a minha lição de grammatica?

— Preferira cortar a lingua a esquecer uma só das tuas palavras.

VI

EM QUE ENCONTRAM-SE UM CARRO DE ALUGUEL E UMA BERLINDA

M^{lle} Cleopatra não quiz passar terceira vez por esse salão ao relento, em que Pariz inteiro quer reinar duas horas por dia, em que as mais discretas suppõem que não foram vistas desde que não se mostraram. Cleopatra possuia em demasia o sentimento da suprema faceirice para cahir nesse erro. Passeios sempre estão fazendo passeiar os seus cavallos. As mais das vezes fugia para as avenidas desertas, preferindo a admiração dos raros dilettantis ás exclamações da turba. Como algumas celebres artistas, não representava para a platéa, mas para tres ou quatro espectadores.

Lembrou-se de subito que na vespera, ao despedirse della, Max parecia mais serio que de costume.

— Chantilly tem talvez rasão, murmurou ella,

Max é em demasia generoso para fallar-me em dinheiro. E demais tenho gasto tão pouco! Seria capaz de dar lições de economia domestica ás mãis de familia.

Ao tornar a subir a avenida da Imperatriz um tanto mais cedo que de costume, os seus cavallos um tanto apressados espantaram ao passar uma sisuda familia de provincianos que pela primeira vez ia em um máu carro de aluguel admirar os esplendores do Bosque de Bolonha.

— Que poeira! E' a Cleopatra, disse o cocheiro do carro voltando-se para as pessoas a quem conduzia.

A moça tinha-se voltado: ficou pallida como a morte.

O que haveria então nesse carro de aluguel que pudessem commovê-la assim?

Havia um homem de cincoenta annos, uma moça que ainda parecia menina de collegio e um rapaz que olhava muito para a moça, — um desses mil quadros, em summa, que todos os dias encontram-se em Pariz. — Haveria então nisso o que fizera empallidecer Cleopatra?

Quando chegou á altura do Arco do Triumpho voltou-se ainda uma vez para vêr ao longe o carro que quasi fizera virar.

— E o cocheiro que disse: *a Cleopatra!*

Suspircu e sentiu duas lagrymas nos olhos.

— Um moço que guiava um tilbury parou de repente diante da victoria.

— Então onde estás? Fallo-te e não me ouves.

— Ah? és tu, Max.

— Lagrymas!

— Então o que me contou a Chantilly? Perdestes tu, excepto eu.

— E é por isto que choras! Quem não quereria perder tudo por este preço?

— Não, não choro por isto, Max. Nada de declamação. Essa douda poz-me inquieta; conta-me tudo.

Max saltou do tilbury, entregou as redeas ao groom e sentou-se juncto da amante.

— Vamos ficar ambos compromettidos, disse-lhe a moça tentando rir-se.

— Diz-me porque choravas, Cleopatra.

— Não. Não é verdade, Max, que não fui eu quem te arruinou?

Max olhou para ella com alguma surpresa.

— Tu! tu nunca pediste-me dinheiro.

— Realmente, tenho algumas vezes abusado do que é superfluo, mas quantas vezes tambem o meu jantar não tem passado de uma mandarina!

— E' verdade, hontem talvez eu devesse antes mandar um presunto de York que um ramalhete de violetas de Parma.

— Oh! é verdade, que magnifico ramalhete assignado por Alphonse Karr! Com o preço desse ramalhete não se poderia alimentar uma familia inteira durante a quaresma? Quanto custou?

— Não sei. Quando só ha violetas no jardim de Alphonse Karr, elle vende os seus ramalhetes a vinte francos á Sra. Prévost, que não os torna a vender por muito mais de oitenta francos.

— Mas agora vejo, mandas-me um ramalhete todos os dias. Tresentos e sessenta e cinco ramalhetes por anno mais raros que os do paraizo perdido: decididamente fui quem te arruinou, sem metter em conta que quando tenho gente em casa mandas levar-me todos os jardins de Babylonia.

— Tranquillisa-te, não compro os meus ramalhetes a cem francos, apesar de nunca ter regateado as tuas flôres.

— Não importa, esta verba custa bem seus vinte e cinco mil francos, pois sei que com as flôres que

cahem dos meus ramalhetes enfeitam-se as jarras dos mais. Este anno compraste-me um castello ruinoso. Não fallo dos tresentos mil francos que custou-te, fóra mobilia, fóra estrebarias, fóra a horta improvisada em que eu quiz ter uvas onde apenas havia batatas. Minha costureira no entanto queixa-se de que eu já não lhe «inspiro» vestidos. E' verdade que ainda não vesti os dez ultimos que ella me fez. Oito cavallos em Pariz: no entanto a gente não póde andar de carro com menos. Os meus famulos são muito razoaveis, roubam-me tão pouco que não gostam de mim. Tenho talvez feito mal em dar muitos jantares, e no entanto creio que os meus festins não são dispendiosos!

— Oh! não, disse Max sorrindo, mais ou menos tres mil francos por semana.

— Porque tambem deixaste-me ir a Bade? E' verdade que joguei tão pouco tempo.

E' verdade, disse Max; apenas o tempo de perder cincoenta mil francos.

— Meu charo Max, começo a ver que não sou tão accomodada como suppunha. Vou reformar minha casa; e para começar não accenderei amanhã o lustre grande.

— E' isto mesmo, economias de tocos de velas. Não fallemos nessas miserias, minha querida Cleopatra, a culpa é miuha e não tua.

— Afinal de contas, continuou M^{lle} Cleopatra, nunca vi dinheiro teu, não sei o que tens feito d'elle. Não tenho rendas no grande livro das inscripções. Déste-me uma baixela magnifica, uma obra prima digna dos mestres florentinos, mas queres que te confesse? já não tenho muito mais camisas do que nossa mãe Eva. E' verdade que as camisas custam hoje muito mais caro que no seu tempo.

Assim conversando chegaram á esplanada dos Cam-

pos Elyseos. Todos os passeantes viam-nos passar e pareciam dizer :

— Eis como se é feliz !

E com effeito tanta mocidade, tanta loucura, esses formosos cavallos nascidos para puchar princepes, activos por levarem Cleopatra e a sua fortuna, esse insolente jockey que olhava de cima de Stradella a gentalha que caminhava a pé, pois tudo isso não estava entoando a canção das alegrias da terra ?

Sim, ambos eram muito felizes ! Elle tinha cama feita em Clichy para a noite proxima ; ella devia encontrar no seu salão a estatua do commendador.

Na esplanada o cocheiro tomou a avenida Gabriel, formosa avenida capaz de fazer crêr aos namorados que Pariz tem ainda uma porta aberta para o paraíso. M^{lle} Cleopatra morava á rua do Circo, em um palacio cujo aluguel esquecêra de metter em conta quando orçou a sua despesa. E' verdade que isso custava tão pouco : uns vinte cinco mil francos por anno.

Quando a victoria entrou na porta principal, Max, posto que apenas da estatura de M^{lle} Cleopatra, tomou-a nos braços e depô-la suavemente no marmore do peristyle.

— Adeus, minha amiga.

— Adeus, meu cãozinho.

Max mergulhou os labios nas ondas de cabellos de Cleopatra.

— Para onde vás ? perguntou-lhe a moça.

— Não sei, mas voltarei esta noite.

— Sabes que a reunião da Chantilly começa ás dez horas ? Vae cedo, si queres vêr os modos imponentes da Dama de Ouros e o vestido incrível de Olympia. Terá tão pouco corpinho, que á meia noite estará sem corpinho algum. E' verdade que não tem o que mostrar.

— Abrirei o baile com ella, disse Max ao sahir.

Voltou-se para ver ainda na escada a amante, cujas saias roçagantes inundavam ruidosamente os degraus.

A moça não voltou-se; subiu com mais rapidez que a costumada como si a estivessem esperando, Max retirou-se desassoçado.

— Não me ama como eu amo-a, murmurou. E no entanto quem a obriga a continuar commigo? Arruinou-me, mas não o sabe, visto que nunca pediu-me dinheiro.

Max tornou a tomar a avenida Gabriel e encaminhou-se a passos largos para a rua Real.

— E' talvez a ultima vez que vejo-a, disse parando de repente.

Com uma das mãos levantou o chapéo e com a outra enxugou a fronte. Lamentava não ter subido com Cleopatra.

— Devia tê-la apertado bem estreitamente ao coração. Ao menos, si não devo tornar a vê-la, senti-la-hia mais tempo em meus braços. Misera rapariga! Si eu fôr para Clichy, o que será della amanhã? Não tem em que fazer um soldo. Esse castello, de cujo preço apenas paguei a terça parte, não passa de uma loucura e não é um recurso. E demais, quem sabe o que seria preciso para o oceano das dividas della? Ha gente que supõe que se póde orçar a despeza de uma amante. Mas o orçamento de uma amante é o imprevisto, o imprevisto é o deficit, o deficit é a bancarota. Quem pois dar-me ha um milhão? pois para salvá-la e salvar-me tambem a mim careço de um milhão. Não ha de ser Rothschild, estou certo, quem lance semelhante emprestimo. Ah! si se pudesse como na edade média dar a alma ao diabo para ter ouro!

Max não estava tão longe como suppunha de dar a alma ao diabo.

VII

UM FILHO DO SECULO

Nunca o dinheiro fallou tão alto como hoje. E' que o dinheiro não é eloquente sinão á custa de eloquencia, é que para levar vida folgada, não é bastante ser fidalgo e jogar no grande jogo das dividas, é preciso ter uma mina de ouro á mão, bater moeda na Bolça com creações industriaes, mandar navios ao oceano Pacifico, descontar heranças, gyrar com o ouro do Banco ou ser filho de um dos vinte industriosos que ganham um milhão por anno, qual a vender sedas, qual a vender diamantes, qual a vender pasteis.

O pae de Max, grande artista sem que o soubesse, ganhava um milhão por anno com a sua arte maravilhosa de centuplicar o valor do ouro com o seu trabalho. Reconheciam-lhe o genio em Londres, em Florença, em S. Petersburgo, em Roma e em Pariz. Quando punha as garras em uma joia, em um crucifixo, em uma pia de agua benta, não pediam a fiscalisação da casa da Moeda.

Max era um pariziense da decadencia, rosto pallido, delicado, effeminado, onde a perversidade trahia-se de sob o motejo. Não havia nelle um homem para o futuro, o menino perdido de vontades esterilisa-ra a creança, ou melhor, era o filho do seculo, ruidoso, soberbo, fanfarrão; tudo queria para si, porém ainda mais para as suas paixões que para si; sem fé nem lei; salvo por vezes de aspirações brutaes pelo seu ardente amor por Cleopatra e por um vago sentimento da arte. O que havia-lhe muito cedo mettido o buril na mão deante das maravilhas do XVI seculo. Max suppuzera que viria a ser o Benvenuto Cellini de seu tempo, e mostrára rara aptidão cinzelando um gomil para o duque de Luynes e um sancto ciborio

para o arcebispo de Bordeaux ; mas a ociosidade apoderara-se delle como as hervas damninhas abafam o trigo.

Até então vivêra como um doudo, sem gastar tempo em vêr como vivia.

Esse outro nós mesmos, que chama-se a consciencia, nunca se erguêra grave e meditativo para julgar-lhe as accões. Corria, corria ainda, corria sempre, como um poldro embriagado com a carreira que vae partir a cabeça nas rochas dos precipios. Semelhante á quantos desperdiçam a mocidade, nem a razão, nem o dever puderam atá-lo ao mastro do navio ; motejando da familia, motejando de Deus, motejando de si proprio, atirára-se aturdido nas loucuras devoradoras, nas paixões desenfreadas, nas ebriedades tempestuosas.

Quando a gente encontra esses formozos rapazes, com a mascara em que a ironia não offerece a bondade, espirituosos, mas cheios de generosidade, aguçando ditos, mas tendo sempre um luiz para uma boa accão, fallando mal do proximo, mas começando por diffamar-se a si proprio, atando-se ao carro de alguma mulher sem alma, mas tornando a encontrar, quando transpõe o limiar da casa paterna, não sei que virtude primitiva, não é possivel deixar de estimá-los; si são assim, é talvez culpa do tempo em que nasceram. O que mata-lhes a alma, é a ociosidade. Mas deve-se tomar cuidado, é preciso que grandes exemplos arranquem todos esses Max dos jardins de Armida que começam no Château des Fleurs. Estão ainda perto do bem, mas estão já tão perto do mal ! Não disse um philosopho antigo: « A indolencia é uma barca que nunca sóbe a corrente ? »

Ora, para a gente retemperar-se nas fontes matriizes da virtude, precisa subir a corrente: a virtude brota dos cimos da montanha.

VIII

O COFREZINHO

Entretanto Cleopatra subira lentamente a escada.

Entrava-se em casa de M^{lle} Cleopatra affoutamente, dizendo-se: « E' uma cortezã » ; mas apenas transpunha-se o limiar da antecamara, apoderava-se da gente não sei que admiração que minorava a facundia dos mais audazes.

A Cleopatra possuia o genio do luxo em tudo, na sua mobilia tanto como nos seus vestidos. E não era a loucura da donazinha de casa sem gosto ; era gosto da fidalga familiar com o estylo severo. Assim na antecamara um grupo das tres Parcas, no estylo de Miguel Angelo, advertia aquelles que entravam de que a casa não era tão louca como suppunham. Outra qualquer escolheria as tres Graças, Cleopatra gostava da poesia mais sombria das trez filhas do inferno.

A cada lado deste grupo, obra-prima de Duquesnoy, erguia-se um negro de ebano, com roupas pintadas e douradas, segurando um tocheiro de crystal. O olhar detinha-se ainda em duas amplas cestas de porcellana com tampas cheias de flôres de porcellana de Saxe.

O Salão offuscava tanto o espirito como os olhos. O tecto era pintado por Cabanel, os pendentés da abobada por Verhaz. O pintor francez pintára o rapto de Proserpina, para symbolisar o rapto de Cleopatra. O pintor de Anvers pintára as quatro estações da mulher.

A cornija e os ornatos que emmolduravam estas pinturas eram esculpidos por Diebolt. As portas estavam cobertas de baixos-relevos de bronze dourado imitados das maravilhas de Benvenuto Cellini. As

obras de serralheiro, que quasi sempre afeia-nos o interior das casas, eram feitas com toda a arte da ourivesaria. Admiravam-se as fechaduras como joias. As paredes eram divididas em oito panno forrados de damasco de Smyrna. Em cada panno resplandecia um retrato de mestre representando: Marion Delorme, Ninon de l'Enclos, mademoiselle de la Vallière, a Sra. de Pompadour, Sophia Arnculd, lady Hamilton, Sola Montès e a Dama das Camélias: — em summa oito damas de boa roda. Os ornatos brilhavam por toda a parte, desde os pedestaes das columnas até ao tecto, casando as suas côres vermelhas, verdes e amarellas com a mais perfeita harmonia. Um lustre de crystal de rocha incendia-se de luz, até quando dava-a, nos seus mil diamantes que projectavam-se até o infinito em espelho de Veneza cujas fórmulas esbeltas e faces caprichosas encantavam a vista. Pisavam-se os mais admiraveis ramalhetes de Saint-Jean nos tapetes felpudos. Os aparadores, os canapés e as poltronas no estylo de Luiz XVI, as jarras de porcellana de Sèvres com pinturas de Fragonard, flôres rarissimas abertas debaixo de todos os moveis, duas estatuas de prata, assignadas por Pradier, os mil nada que são as quinquilharias do capricho davam elevada idéa da dona da casa. Tudo denotava sentimento delicadissimo da fórmula e da côr.

— Falta apenas uma pendula no seu salão, disse um dia um parvo a M^{lle} Cleopatra.

— E para que uma pendula! perguntou-lhe ella.

— Não está má pergunta: para saberem-se as horas.

— Mas veja que si aqui houvesse uma pendula marcaria muito tempo perdido.

O camarim de Cleopatra era insolentemente forrado de brocado; é verdade que não era grande. Cleopatra fizera um dia esta reflexão ao levantar um ves-

tido, presente mais ou menos anonymo de um embaixador turco, a saber, que não precisava de muito mais fazenda para vestir o seu camarim do que para vestir a sua virtude.

A camara de dormir era de ebano com realces de ouro e prata, esculpido e cingelado pelos melhores artistas. Sobre os desenhos de seda da China côr de purpura, notavam-se quatro quadros da eschola italiana. Venus ferida, Magdalena arrependida, Diana sorprendida no banho e Cleopatra acariciando um aspide.

Não pintarei o gabinete de vestir, por mais offuscador que fosse com os seus trabalhos de fadas; assim como não pintarei a sala de banhos, toda de onyx, onde duas adoraveis figuras de prata massiça representavam o Verão e o Hiuverno, allegorias ousadas da agua quente e da agua fria que ambas despejavam ruidosamente em uma banheira a moda antiga em que Cleopatra vinha deitar-se todas as manhãs, mal despertava commovida ainda com os sonhos da noite e voluptuosamente vestida com os seus cabellos de ondas acariciadoras.

Quando Cleopatra atravessou o salão encontrou cartas.

— Sim, disse ella, credores de amor e credores de dinheiro. Este quer que eu pague-lhe a conta aquelle que eu pague-lhe os sorrisos, os ramalhetes e as serenatas; mas suspendo os meus pagamentos.

Deitou as cartas negligentemente em um cofresinho de esmalte com divisão, que era um achado, com ornatos de côr, sobre fundo azul de turqueza listrado de ouro e com arestas de prata em relevo. Descançava em cima de quatro pés com cabeças chimericas de bronze dourado cujo trabalho de cinzel era obra de um verdadeiro artista. A tampa que Cleopatra descansára em cima da mesa era enriquecida

com medalhões igualmente de bronze dourado. A luz brincava no esmalte com figuras gregas azul escuro e azul claro nos lugares vasados e em uma linda chimerasinha que o coroava.

Havia muitas chimeras em casa de Cleopatra.

— Ha apenas tres cousas, disse ella, que não são chimeras: Deus, o amor e o dinheiro, e mesmo essas!...

E poz a tampa em cima das cartas.

Entretanto o seu destino, o seu coração, a sua alma, a sua vida estava em uma das cartas que ella acabava de metter no cofrezinho.

Lembrou-se vagamente de uma letra muito sua conhecida. Levantou a tampa, pegou na carta e contemplou-a.

— Sim, disse ella, é d'elle. Pois bem! não a lerei. E tornou a atirar com a carta.

IX

A TABOA DE SALVAÇÃO

Um comprido lacaio, que fizera o seu tirocinio em casa de um diplomata, veio appresentar em uma salva de ouro — uma obra prima a cincel — o cartão de visita do princepe***.

— Minha senhora, disse-lhe a creada grave, o princepe veio pedir-lhe um convite para ir á casa de M^{lle} Chantilly. Essa festa está fazendo furor. Hão de ser precisos guardas municipaes para impedir o assedio da casa.

— O que tenho eu com isso? disse M^{lle} Cleopatra atirando o cartão em cima da mesa. Leontina, estamos gastando muito dinheiro.

— Muito dinheiro! Mas como assim, minha se-

nhora? Muito dinheiro! não conheço casa alguma em Pariz dirigida com tanta ordem como a nossa. E demais cumpre deixar ás mulheres casadas a arte de justar contas com a cosinheira. Muito dinheiro! E no entanto M^{lle} Brisetout foi a Bade com cem vestidos, M^{lle} la Ruine tem oito cavallos em Pariz e oito cavallos em Chantilly, e todas as que têm de vir cá amanhã possuem tantos diamantes que podem tornar a vendêl-os á senhora. Muito dinheiro! Mas ha dous annos que estou em companhia da senhora, e mal tenho podido fazer a minha fortuna. Sempre disse que a senhora havia de perder-se por accesso de virtude.

— Tens razão, Leontina, de balde procuro faltas em mim, não as tenho.

— Eu tenho cá a minha idéa, e é que a gente é sempre pobre quando tem apenas um amante, ainda quando o arruina. Ah! si o princepe tivesse o direito de vir ver de casa da senhora o romper da aurora.

— Calluda! Leontina.

— Isso não impediria que o Sr. Max viesse vêr daqui o pôr do sol. A senhora não teria um porteiro que a tratasse como inquilina. O palacio seria seu.

— Meu o palacio! É para que si eu habito em um formoso vestido? E' a unica architectura que me agrada.

Dizendo estas palavras, M^{lle} Cleopatra tinha já desabotoado a cintura para tirar o vestido.

— Como me hei de vestir esta noite para ir á casa de Chantilly?

— De branco, como uma visão. Com o seu vestido á grega com os camafeus e os braceletes pompeanos. Com esse vestido a gente só se veste pelo amor de Deus. A senhora tem tão formosos braços e tão formosas espaduas! E' preciso que esta noite vá tudo á festa.

Emquanto papagueava a creada grave, M^{lle} Cleopatra despira-se. O seu espelho de Veneza dizia-lhe muito mais eloquentemente que Leontina que tinha os mais formosos braços, as mais formosas espaduas e os mais formosos seios do mundo.

Tal é o imperio da belleza sobre a propria belleza que M^{lle} Cleopatra, posto que inteiramente entregue ás suas inquietações, não pôde deixar, mirando-se ao espelho, de inclinar furtivamente a bocca e beijar o proprio hombro.

Acabavam de tocar a compainha.

— Depressa o meu *burnous*, disse.

— A senhora está em casa? perguntou Leontina trazendo á ama um *burnous* listrado côr de rosa.

— Sim e não, bem sabes.

Leontina sahiu para ir até a antecamara e voltou dahi a pouco annunciando a M^{lle} Cleopatra que um senhor, que parecia um homem da lei, pedia cinco minutos de audiencia.

— Um homem da lei?

— Sim, minha senhora, funebre como um corvo em cima da neve.

— Manda-o entrar.

— A senhora faz muito mal; vem estragar-lhe a festa.

— Manda-o entrar, estou dizendo-te; só fecho minha porta aos apaixonados.

— Então este homem tem direito de entrar.

Quasi no mesmo instante abria-se a porta e um homem todo vestido de preto appresentava-se gravemente no limiar.

— Minha senhora, poder-lhe-hei fallar a sós?

O homem de negro occultava metade do rosto com o chapéo.

— Póde, senhor, sente-se nesta poltrona.

M^{lle} Cleopatra sentára-se tambem em um canapé.

O homem negro conservou-se de pé diante da poltrona e desmascarou o rosto, rosto em que o estudo, a bondade, o soffrimento tinham deixado vestígios.

— Ah! meu Deus! exclamou M^{lle} Cleopatra reconhecendo o pae.

Ergueu-se e tornou a cahir quasi desfallecida no canapé.

— Senhora, tenho a honra de não ser conhecido pela senhora.

— Pelo amor de Deus...

— Deixe-me fallar, senhora. Chamo-me Jorge d'Hercigny, pois é indispensavel que a senhora saiba o meu nome. Moro na Champagne, terra que a senhora não conhece. Sou um misero advogado que só tenho tido más causas a advogar, más causas que sempre tenho perdido. Vou advogar uma boa. Perdê-la-hei como ás outras?

O Sr. Jorge d'Hercigny olhou para Cleopatra que tremia vagamente como a floresta ao approximar da tormenta, antes do vento soprar.

— Tinha duas filhas. Deus deu-m'as formosas. A mãe morreu ha um anno, uma sancta mulher. Dizem que os finados velam lá em cima pelos vivos. Ai! os vivos não velam sempre pelos finados. Chorei minha mulher, uma de minhas filhas chorou commigo, mas eu tinha de chorar minha mulher e minha primeira filha.

O Sr. Jorge d'Hercigny calou-se. O silencio foi terrivel.

— Não sei si M^{lle} Cleopatra comprehende as lagrymas.

— Oh! sim senhor, disse ella soluçando.

— Não supponha que a minha historia commovesse-a assim. Sim, perdi minha mulher; sim, perdi uma de minhas filhas, a mais formosa e, devo dizê-lo? a mais amada. Eis ahí como Deus pune as injustiças

do coração. Chamava-se Angela... como sua mãe... Como sua mãe era loura, e tinha os olhos côr do céu. Di-la-hiam um anjo. Ella propria pintára-se a pastel quando tinha cerca de dezeseis annos. Era uma maravilha; mas puz um véu negro em cima desse retrato e só levanto esse véu nos meus dias de penitencia.

— Oh meu pae! meu pae! exclamou M^{lle} Cleopatra.

— Seu pae! A senhora tem pae? Mas com isto nada tenho. Fiz mal talvez em fallar-lhe de minha primeira filha. Morreu, não despertemos as suas cinzas. Caso minha segunda filha.

— Carolina! disse Cleopatra.

— Silencio? a senhora não a conhece.

— Tem razão, senhor, não a conheço.

— Venho pedir-lhe....

— Pedir-me....

— Ouça-me. Minha filha desposa um perfeito cavalheiro. Elle sabe que ella é filha unica. Neto de um marechal de França, ha de ganhar a sua condecoração nas batalhas da eloquencia, Quer por elle, quer por ella, não quiz que o casamento se fizesse em Troyes. Iria despertar com esse dia de festa demasiadas lembranças de lucto. Viemos occultar-nos em Pariz. A gente deve esconder a sua felicidade!

O Sr. Jerge d'Hercigny suspirou tristemente. A cortezá baixava a cabeça e occultava com o lenço.

— Mas em Pariz, senhora, têm-se máus encontros. Já nos encontramos ha pouco na avenida da Imperatriz. Si, em caminho da igreja, fossemos encontrar-nos ainda...

— Oh! meu pae! meu pae! lembre-se de Angela.

— Pedirei por ella a Deus na missa do casamento. Mas lembre-se de que talvez depois da missa poderá a gente ir passeiar ao Bosque ..

— Entendo-o, senhor: não ha de encontrar-me em

seu caminho. Estarei talvez tambem na missa, mas na missa dos finados.

O Sr. Jorge d'Hercigny retirou-se gravemente, sem voltar a cabeça.

— Meu pae! meu pae! disse ella ainda.

Mas o pae já não ouvia a filha.

Teria elle querido advogar pela ultima vez a causa do bem perante essa alma transviada? Elle que, como dizia, perdeu todas as causas, deveria ganhar esta? M^{lle} Cleopatra lançára-se de joelhos, pondo as mãos com desespero. Correu para o pae; mas de improviso o sentimento da sua altivez de novo apoderou-se della, o orgulho resurgiu sob o arrependimento.

— Quererá comparar-me com minha irmã? disse passeando com exaltamento. Porventura nasci para aparvalhar-me com esses costumes da provincia? Poderei afogar as minhas aspirações? Será culpa minha si sou apaixonada por aventuras! Conheço bem meu pae com as suas phrazes insidiosas. Segue sempre quatro caminhos. Si perde todos os seus processos, é porque anda sempre atraz do impossivel. E' muito tocante o que acaba de dizer-me; suppunha-me no theatro Ambigu ou no da Gaîté; mas preferia que me cumulasse de injurias, que me lançasse aos pés e erguesse-me banhada em lagrymas para curar-me ao coração. Não é um homem, é um advogado.

Arrancou o cordão da campainha.

— Leontina! exclamou, dá-me o chapéo.

— A senhora está com a feição demudada. Onde vae?

— Sei lá? por ahi fóra.

M^{lle} Cleopatra tirou da jarra os maravilhosos ramalhetes de Max e atirou-os pela sacada,

— Ah! senhora, que profanação! Como dizia outro dia o princepe: E' um 18 brumario!

— Has de ver muitos outros. Não me faças perder

a paciencia, sinão atiro-te tambem pela janella, e depois atiro-me igualmente a mim.

— Bem eu tinha dito que esse homem negro era uma ave de máu agouro.

Nesse momento, revolvendo tudo M^{lle} Cleopatra desordenadamente, virou um quadrinho de madeira esculpido que emmoldurava uma gravura de dous soldados representando um padre no meio de meninas que commungavam. Ficou immovel como uma estatua e leu em voz alta sem se lhe dar da presença de Leon-tina.

« M^{lle} Angela d'Hercigny fez a sua primeira communhão no dia 23 de Maio de 1853 no cathedral de Troyes. »

— Angela d'Hercigny! murmurou M^{lle} Cleopatra, o que é feito della? oh! meu Deus! oh meu pae!

Cahiu de joelhos involuntariamente e chorou todas as suas lagrymas.

Pensou então na carta que não havia querido lêr. Tomou-a de dentro do cofre, quebrou o fecho e leu estas linhas:

« Minha querida Angela,

« Eu fui a causa de tudo. Volto a ti. Amo-te loucamente. Teu pae está em Pariz; si o vires, dize-lhe que estou prompto a responder por todas as nossas loucuras até com o contracto de casamento. Ordena e obedecerei. Mas, pelo amor de Deus, deixa a tua casa; não estarás em tua casa sinão quando estiveres na minha — em que espero-te — rua de Vareunes, n. 12.

« Lanço-me a teus pés e abraço-te com toda a minha paixão.

« RODOLPHO DE MARCILLAC ».

— E' muito tarde, disse Cleopatra: não irei e não tornarei a vê-lo.

X

OLHAR PARA O PARAIZO PERDIDO

M^{lle} Cleopatra voltou-se para o passado e atravessou em rapido vôo as formosas estações que perdêra desde a infancia até aos dezoito annos. Nas suas mais remotas recordações, via se menina e loura, alva e corada, orgulho dos paes, jubilo de todos os olhos. Um tanto mais tarde, o bispo de Troyes, que dava-se com a sua familia, ensinava-a a amar a Deus nessa formosa linguagem que o christianismo poz na bocca de ouro de Fénelon. Assentava-lhe então tão bem o doce nome de Angela que era como que o symbolo de sua innocencia! Muito moça ainda palpitára-lhe o coração. Deus foi a sua primeira paixão. Era já uma alma de fogo. Posto que phantastica e jovial, no dia de sua primeira communhão a todos edificou com a sua emoção visivel e a sua alvura de lirio. Era um espectaculo consolador vê-la assim, toda devotada a Deus, nesse dia.

— Havemos de fazer della uma sancta, disse o bispo que retirera-a para jantar com algumas de suas companheiras.

— O senhor assusta-me, disse a mãe que não gostava dos conventos.

Era filha de um convenccionista, e sugára a vida nos seios da Revolução.

— Assusta-me, continuou, pois vem lembrar-me que ha seis mezes Angela falla continuamente no convento.

E Angela, repetindo uma phrase já feita, dissera :
« Quero ser esposa de Jesus Christo : »

Mas essas bonitas aspirações não duraram mais que uma manhã, e desbotaram com o vestido da communhão.

A cortezã evocava estas recordações com doloroso prazer.

— Meu vestido da communhão! murmurou. Minha madrinha trouxe-me no domingo seguinte um vestido de seda. Foi o vestido do orgulho e da casquilhice. Misero vestidinho branco que parecia tecido com o fio da viagem. Ah! si eu o houvesse conservado, como o apertaria sobre o meu coração e como o molharia com as minhas lagrymas! Tenho vestido muitos outros depois desse, mas nunca mais tiveram esse perfume do céu.

M^{lle} Cleopatra beijou a imagem desse vestido na gravura da communhão.

— E' singular, disse. Parece-me que respiro o incenso da minha igreja amada. Oh! como a sombra que cahe das abobadas humidas far-me-hia hoje bem ao meu coração abrasado, si eu pudesse ainda ouvir tocar os sinos e cantar o organ! A gente zomba de tudo isso, mas tudo isso é Deus a fallar. Donde provirá que nas igrejas de Pariz nunca tornei a encontrar essa eloquencia e essa poesia do organ e dos sinos? E' que só ha uma igreja em que Deus nos apparece, aquella em que o amavamos quando eramos creanças. Em Pariz ainda vou á missa quando tenho tempo; mas embalde ajoelho-me, Deus já não me apparece.

M^{lle} Cleopatra continuava a desfiar religiosamente o rosario das recordações. Lembrava-se do jardimzinho de seu pae, onde passeára com as suas scismas romanticas. Quantos dias encantadores coroados de sonhos de ouro! Quantas noites formosas passadas na melancholia do iuar, quando o vento traz ás moças os échos mysteriosos da noite! Suppunha ainda respirar este ou aquelle perfume de violetas ou rosas quando pensava em algum filho da Champagne que metamorphoseava em Romeu.

Nenhum fructo amadurecêra na latada, nenhum pecego ao ar livre, nenhum cacho de uvas que não estivesse assignalado nas suas recordações como para indicar o que havia de vago nos seus pensamentos amorosos. Seus formosos annos seguiam-se do tumulto e corriam, ainda jubilosos, sacudindo o sudario, pelas alamedas desse jardim rustico em que as arvores serviam-lhe de sequito. Nada era indifferente nesse quadro, nem o velho muro esboroado; tudo fallava-lhe ao coração, até os espargos, as cebolinhas e as favas que afejavam os alegretes. Havia lá um poço antigo cuja borda estava coberta de hieroglyphos. Lá ia sentar-se muitas vezes; lá inscrevêra o nome. Mirava-se na agua sombria, assim ia tomando o habito de viver a contemplar-se.

Mas o que principalmente acordava-lhe a memoria era um muro coberto de parreiras, donde Rodolpho de Marcillac descêra uma noite para dizer-lhe: *Amo-te!*

— Ah! murmurou tristemente, a felicidade lá estava! Mas a felicidade é o castello que cahe em ruinas apenas entra-se o limiar d'elle.

— O amor não é pois a felicidade, continuou a moça, porque foi o amor que expulsou-me do paraizo natal!

XI

JOGO DE AZAR E DE AMOR

A' noite, em casa da Chantilly, Cleopatra, para esquecer as emoções do dia, jogou um jogo infernal, sem saber como pagar si a fortuna continuasse mostrar-se-lhe contraria.

-- Chantilly, disse ella á Taciturna, fica sabendo que as tuas cartas fazem-me perder.

— *Acceito o augurio.*

— Abro um empréstimo pagavel em bonds do thesouro publico. Quem subscreve!

Responderam com um silencio glacial. M^{lle} Chantilly escondeu no seio as notas que tinha.

— Vamos, Chantilly, já que estás ganhando, presta-me cem luizes.

— *Nem sim, nem não.*

— Si me vens com esta historia, rebento como um volcão. Tu me conheces.

— *Questão de dinheiro.*

— Questão de dinheiro? Fica sabendo que vou atirar a mesa de jogo pela janella.

— *Estou desarmada*, disse a Taciturna mostrando-lhe que nada tinha defronte de si.

Eis qual foi o fructo das lições de eloquencia de Cleopatra. Acabou rindo-se tambem e confessando que a Taciturna não era tão estúpida como suppunham-na.

Dirigiu-se á Dama de Ouros que não se atreveu a recusar-lhe um punhado de ouro.

— Olha, disse-lhe Cleopatra, minha mão é menor que a tua; daqui a pouco pagar-te-has com a tua mão.

Max, que entrára tarde, não ousava pegar em cartas. Mettia melancolicamente a mão no bolço e remechia alguns luizes mais nervosos que ousavam dar entrada na sociedade.

A's quatro horas, ao amanhecer, Cleopatra olhava para elle e por sua vez confessava-se vencida, quando, pela ultima vez, levantou as cartas, sem nada despejar dellas.

Era uma mão, uma verdadeira mão, uma mão de fada.

Parára cinco luizes. Jogou de novo de mão á setima cartada e á undecima passou o baralho.

Nunca a tinham visto recuar deante da fortuna; mas estava impaciente por salvar a honra de Max.

— Max, disse em voz alta ao amante, pago as minhas dividas de jogo. Tome isto, pois devo-lhe cem mil francos da noite passada.

— Então foi por isto que Max não pagou esta manhã, disse um jogador.

— E' verdade, disse Cleopatra que ouvira; quiz vender perolas para pagar a Max, mas elle impediu que Salomão das Perolas fosse á minha casa.

A moça salvou assim a honra de Max. Era tempo, pois já pensavam em fallar-lhe em voz alta da sua divida da vespera.

Cleopatra amaria a Max! como teria podido aversar-se a esse filho de Pariz, que tentava em balde encobrir com os seus modos donjuanescos todas as extravagancias de uma creatura androgyna?

Não se faz um accorde com uma nota só, nem um quadro só com uma côr. Toda alma morena precisa de uma alma loura. A força gosta da fraqueza. E depois o que os homens procuram no amor é a mulher; e o que as mulheres querem do homem é o amor.

Para Cleopatra já o amor não era o cavallo alado para a viagem nas regiões da scisma. Deixava o homem em caminho.

Como amam as mulheres? Amam até morrer disso — e até consolar-se, dizia Byron. O homem mata a sua paixão e não se mata a si, — ainda que seja filho de Werther. As mulheres são todas ellas filhas de Sappho e de Dido, — ainda quando não sejam filhas de Eva.

Mas si nos ultimos momentos coroam-se com as pallidas flôres do sacrificio, é depois de haverem singularmente abusado do espirito de predominio que lhe pôz a serpente.

O que as mulheres mais querem no homem é as feridas que lhe abrem. — Mas nem sempre ellas ferem sem ferirem-se tambem. — Virgilio falla dos valles

de lagrimas do inferno. Nelles estão as amantes que lembram-se.

Vou fazer gritar « as mulheres sensíveis, » mas quero dizer a verdade: nunca é pelo lado divino, é sempre pelo lado humano, pela animalidade que a gente apaixonam-se. A Escripura disse: *A carne da sua carne*. Ah! muitas vezes são os ossos dos seus ossos.

A alma executa variações e acredita que o amor é a muzica do infinito; mas vem o silencio, não fica mais do que o corpo ardente e os labios sequiosos. E faço justiça, porque não se dão á luz theorias, mas filhos.

Afinal, Cleopatra amaria Max ou só amaria Max? não teria demasiadas aspirações para encerrar-se em um unico sonho? Esta mulher, que procurava sempre o imprevisito, tomaria ao serio essa paixão ficticia que não tinha dia de amanhã, — como as orgias, — e que não deitava raizes no passado?

E demais, não pertenceria ella inteiramente, sem o saber, áquelle a quem amára? A gente procura enganar o coração, — enganar a fome, — mas o coração desperta e a fome abre os labios. O amor é um animal feroz que se adormece, mas que se não domina.

Cleopatra só entrou em casa ao nascer do sol.

— Não, disse ella a Max que queria subir.

— Porque?

— Max, tu sabes que não gosto dos pontos de interrogação.

Max quiz transpôr o limiar.

— Si entras, será essa a ultima vez e has de dormir no tapete.

Max era a colera em pessoa e arrebatava-se com qualquer cousa; mas tinha medo de Cleopatra; conteve-se e disse-lhe com voz triste:

— Amo-te.

— Então, si me amas, vae-te embora.

A porta separou-os depois de um beijo.

— Amanhã, disse Cleopatra, irei apagar a lembrança deste máu dia.

XII

COMO CLEOPATRA PASSAVA O DIA QUANDO IA ÁS SUAS TERRAS

As oito horas Cleopatra chamou a creada grave:

— Leontina, saio para o meu castello pelo trem das nove horas e meia. Dá ordem que ponha *Tempestade* no coupé e vem immediatamente vestir-me.

— A senhora não quer almoçar!

— Não; traze-me uma taça de chocolate.

— A senhora não leva ninguem consigo?

— Não, já te disse que tenho lá quem me sirva.

— A senhora prometeu-me que me havia de levar-me um dia ao seu castello.

— Depois, no tempo da caça, si eu não fôr á Italia.

Meia hora depois um pequeno coupé pardo sem armas, um verdadeiro carro de entrevistas que ninguem nota ao passar, parava na estação da estrada de ferro de Oeste, na rua Saint-Lazare.

Cleopatra apeiou-se agilmente, ordenou que viessem buscá-la dahi a dous dias pelo meio dia, e subiu quatro a quatro a escadaria. Confundiou-se para logo no meio dos viajantes. Cinco minutos depois, um curioso que a houvesse seguido passo a passo teria sem duvida ficado um tanto sorprendido vendo-a tornar a descer com um véu mais tapado e tornava entrar em outro coupé com uma corôa de marquez.

Não disse palavra ao cocheiro que conduziu-a sem muita pressa á rua Saint-Dominique: Uma larga porta abriu-se e logo depois fechou-se.

Era um desses palacios seculares que não dizem os seus segredos aos transeuntes ; a porta é massiça, as azas que dão sobre a rua parecem extranhas á vida pariziense, as janellas tem persianas e batente que quasi nunca se abrem. O suisso é carrancudo e não profere quatro palavras por dia.

— Ha cartas para mim ! Perguntou Cleopatra sem levantar o véu.

— Não, senhora marqueza. Mas aqui estão cartões de visita.

Cleopatra tomou tres ou quatro cartões de visita mais ou menos conhecidos.

— Ah ! ia-me esquecendo, disse o suisso. Hontem o Sr. duque de Chavailles não tinha cartões, pediu-me uma penna para escrever o nome.

— Está bem, di-se Cleopatra, si vier alguém visitar-me, não estou em casa, excepto para a duqueza e para a marechala.

Cleopatra encontrou na escada uma creada grave que não tomava, como a outra, certas familiaridades de creadas a Molière. Era uma italiana, já velha, que não sabia uma palavra de francez.

— Então, Martha, já estavas um tanto aborrecida, não, pois ha já tres longos dias que estava nas minhas terras ?

Martha respondeu a Cleopatra no mais puro dialecto napolitano que ficava muito aborrecida por não ver a ama, e que sentia muito não acompanhá-la nunca ao seu castello.

— Sim, minha boa Martha, mas quando eu fôr á Italia, não te esquecerei em caminho.

— A senhora vae almoçar ?

— Não, já comi á pressa em Mautes, vás já pentear-me.

— Realmente todas as vezes que a senhora chega não a reconheço mais ; não é no entanto por falta de

pensar na senhora. Mas os seus cabellos louros e os seus cabellos castanhos perturbam-me a vista.

Martha contemplou Cleopatra com admiração e surpresa, como houvera feito uma creança.

— Pela madona! é uma arte do demonio tudo isto. O que pensará Deus vendo-lhe dous semblantes?

— Minha querida Martha, não te encommodes com isto. Deus vê minha alma e não vê si tenho os cabellos castanhos ou louros. Hei de dizer-te um dia o meu segredo. Sabes que estimo-te muito, não precisas saber de mais nada.

Martha metteu mãos á obra. Segundo o seu costume, antes de tocar nos cabellos de Cleopatra, cobriu-os de beijos, como faria com os cabellos de sua filha; Cleopatra tomou um livro e deixou-a fazer o que entendia.

Nesse dia Martha foi um tanto mais lenta que de costume em passar-lhe o pente, ensopado em agua da rainha, nessa abundante floresta em prado de ouro, que corçava com tamanha opulencia o formoso rosto da ama. Cleopatra não mostrou impaciencia alguma. Relia as *Confissões de Sancto Agostinho*, e achava nisso tanto prazer como tivera na vespera ao ler as *Allianças perigosas*.

O pendulo da camara de dormir deu onze horas: Cleopatra loura tornára-se Cleopatra morena, a mais bonita côr preta de azeviche reluzia-lhe nas madeixas ha pouco tão luminosas e douradas.

O trabalho que Martha tivera com os cabellos, teve-o ella em sentido inverso com as sobrancelhas: as sobrancelhas ainda ha pouco tão negras, tornaram-se louras e deram-lhe aos olhos apaixonados até á violencia uma doçura ineffavel que fazia lembrar as pinturas de Leonardo de Vinci. A pintasinha desapareceu-lhe da face, a côr do rosto tomou esses formosos toses de ouro, de bronze e de rosa que tanto

accentuavam as cabeças romanas. Poz em uma taça a pulceira e os anneis. Vestiu-se toda de preto. Como adorno poz ao pescoço uma grande cruz de ouro fosco, feita com muita simplicidade.

— Vae arranjar-te melhor, Martha, tens de ir commigo á missa do meio dia.

— Não quero que a senhora vá á missa sem almoçar. Temos um perdigoto, morangos e chá.

— Está bom! obedeco Martha. Tracta de ir ter commigo á sala de jantar.

Cleopatra foi sentar-se á mesa, e almoçou sem interromper a leitura.

Quando entrou em Sancta Clotilde foi a duqueza que offereceu-lhe agua benta:

— Bons dias, minha querida, que bom vento a conduz! tinha toda certeza de que a senhora hoje vinha, pois o Sr. de Chavailles lá está perto do altar-mór. Ora bem sabemos que elle não é tão beato assim.

— O Sr. de Chavailles é muito aborrecido, disse Cleopatra, acabará por acreditar que venho á missa por amor d'elle. Preciso mudar de parochia.

A duqueza não pôde deixar de sorrir. A missa havia começado; as duas amigas foram piamente ajoelhar-se e, para profanas, não conversaram muito.

O duque de Chavailles era um desses moços do arrabalde Saint-Germain muito arraigados ao passado para poderem voltar-se livremente para o futuro. Fizera a campanha de Italia, mas com os soldados do papa. Ia todos os annos a Veneza cumprimentar Henrique Deodato de Bourbon. Pertencia ao numero dos que achavam que a cidade dos doges havia de perder o seu character no dia em que a Austria deixasse de desdobrar o seu leopardo defronte do leão de S. Marcos. Dizia em voz alta aos seus amigos utilitarios e liberaes. «O mundo caminha, mas caminha para traz.» Ficava rubro de colera diante de

todos os ambiciosos que abrigam-se insolentemente sob a bandeira dos principios de 89, mas principalmente deante dos ex-sacerdotes que escrevem a historia de Deus para provar que Deus não existe. Acreditava, além disso, que o seu Deus e o seu Rei tornariam a ser restaurados no seu altar e no seu throno. Deixava que corressem as horas e os dias sem querer iuctar contra o movimento, esperando que a Providencia dissesse emfim ás revoluções: « Não ireis além. » Esperando-o, caçava nas suas terras e corria atraz das aventuras parizienses. Tinha muita sahida na sociedade galante porque era rico, porque era duque e porque era formoso. No ultimo inverno tinham-no visto muito pelos bailes da Opera e pelas festas nocturnas das moças; mas, depois que voltára de Jerusalem, até onde fôra com Rodolpho muito mais como viajante que como peregrino, raro apparecia no theatro de seus triumphos. Suppunha-se enamorado da marquezia Cavoni, que encontrára em Roma e que tornára a encontrar em Pariz em casa de sua prima a duqueza d'Armailly.

Apenas terminada a missa, dirigiu-se ás duas amigas.

— Bom dia, prima. Bom dia, minha senhora; há já quanto tempo não tenho o prazer de vê-la! A senhora acabará por crear raizes nas suas terras.

— São tão boas! disse Cleopatra persignando se. Mas tranquillise-se, eu não crio raizes em parte alguma.

— Eis o que não é nada tranquillizador, murmurou o Sr. de Chavailles.

— Não seria bastante, disse a duqueza sorrindo, que a gente criasse raizes no seu coração, senhor paladino motejador? Não fique assim tristonho, vou dar-lhe uma boa noticia: a marquezia veio expressamente para assistir á sessão da Academia; temos tres cadeiras, o senhor ha de acompanhar-nos.

— Eis-me de boa veia, disse o Sr. de Chavailles rindo-se, uma cadeira na Academia! Isto faz tremer, tenho medo de immortalisar-me.

— Está bom, nada de tornar-se aborrecido, advirto-o de que contamos com o seu espirito para alegrar um tanto o discurso do Sr. Camé.

Foram á Academia. Si divertiram-se, não sei. O Sr. de Chavailles espargiu sem duvida aqui e alli algumas flôres de poesia amorosa sobre as flôres de rhetorica do recipiendario. O que sei perfeitamente é que foram muito admiradas Cleopatra e a duqueza. — Repare, disse a 1ª cadeira, como esta duqueza continúa encantadora. E no entanto é duas vezes maior! — A verdadeira belleza não é fogo de palha, desafia do tempo o irreparavel damno, disse a 11ª cadeira, classico que sempre fez dansar as imagens sem pô-las de accordo. — Digam o que quizerem, murmurou a cadeira visinha, a Academia é sempre a Academia; as senhoras da mais elevada sociedade vêm a ella como a uma festa. E' aqui que a aristocracia do nascimento vem saudar a aristocracia da intelligencia. — Não falle tão alto, mestre, disse 19ª cadeira, ellas vêm cá como vão a um espectaculo, e já ha muito tempo acham que a peça é má. — Mas repare, continuou a cadeira enthusiastica, como estas duas senhoras escutam com prazer. — E suppõe que é o discurso que estão escutando? Então não vê o Sr. de Chavailles que falla-lhe ao ouvido. — Nada ha sagrado para estes moços! Devia-se prohibir o ingresso da Academia aos homens de espirito. — Fique socegado, esses não se hão de apresentar mais. — Mas veja que milagre de belleza italiana é esta marquezia Cavoni. Só em Roma encontram-se destas madonas.

Cleopatra na fórmula do costume obteve verdadeiro triumpho. Posto que nesse sitio não sejam muito

ricos de imaginação, mais de um fingiu conhecê-la e narrou-lhe a historia: era uma fidalga italiana que deixára Napoles por odio das revoluções. Davam-na como amiga intima da rainha destronisada. Entretanto tinha correspondencia familiar com a duqueza de Parma. O papa confiára-lhe uma missão juncto a rainha de Hespanha. Todos combinavam em gabar-lhe as boas obras. No ultimo inverno haviam-na encontrado, com toda geada e com toda neve, a correr de agua-furtada em agua-furtada, em volta da montanha de Sancta Genoveva, dando esmolas a mãos cheias: verdadeira imagem da charidade. Não queria appresentar-se na côrte, embora exprimisse a sua sympathia pelas pias instituições da imperatriz.

— Ouve como a estão elogiando, disse-lhe de repente o Sr. de Chavailles. Eu não fallaria melhor, eu que a ad...

Um olhar severo de Cleopatra interrompeu esta ultima palavra.

— Eu que a admiro, continuo o Sr. de Chavailles.

— Já que está hoje tão obediente, disse a duqueza ao primo, ha de jantar connosco, — si o senhor não tem o que fazer do outro lado do rio.

Cleopatra prouunciou: «do outro lado do rio» com magnifico desdem.

— Eu! Quando estou com a senhora, affigura-se-me que acabo de atravessar o rio do Esquecimento, nada mais sei do passado, pertenco inteiramente ao presente. O que havemos de fazer esta noite?

— O senhor é bem curioso! Gosta do perde-ganha?

— Oh! minha senhora, do vispóra, do burro, da batalha, de tudo que a senhora quizer.

— Parece que representam uma tragedia no Odeon, si gosta de alexandrinos...

— Para ir ao theatro preferiria atravessar o rio

— Pois bem! ficaremos em nossa casa.

— Prefiro isto, a senhora fallar-nos-ha da Italia, como costuma fazê-lo tão bem.

Jantaram em casa de Cleopatra, jantar um tanto sisudo, um tanto silencioso, um tanto monotonico. Dir-se-hia que Cleopatra repousava com verdadeiro prazer nessa reunião inteiramente familiar do diuturno ruido dos convivas alegres e dos vinhos capitosos. Já não era o luxo da rua do Circo; o velho creado de cabellos brancos, que não ouvia o que diziam, pelo habito que tinha das casas nobres, em nada se parecia com esses lacaios desfaçados que têm cara de não andar a escutar ás portas, mas que atrevem-se a rir de quanto dito espirituoso profere-se á mesa. Na rua Saint-Dominique tudo era severo, até o vinho: um velho Sant'Emilião, tão velho, tão velho que já perdêra a côr e o sabor. Mas o que importava? Nessa mesa tractavam bem pouco de comer e beber.

A' noite jogavam o whist. Cleopatra fallou da Italia; commoveu-se eloquentemente fallando da Italia de hontem, que, segundo ella, era a verdadeira patria de Deus, das artes e das ruinas. Motejou acerbamente da Italia de hoje.

— E' uma verdadeira invasão de barbaros, exclamou. Quando o Vaticano abrir-lhes as portas, Raphael, o derradeiro italiano dos seculos de ouro, será tambem exilado, e inscrever-se-ha no marmore quebrado da capella Sixtina: «AQUI JAZ A ITALIA».

O Sr. de Chavailles travou da mão de Cleopatra e beijou-a com emoção:

— Oh marquezia, como a senhora comprehende isto bem! Mas cumpre não desesperar ainda.

— Deviam dar-se bem em Roma, disse a duqueza.

— Mal nos vimos; já lh'o disse, minha prima. Visitava um dia um palacio no Corso, para vêr uma virgem de Raphael, que desejava mostrar-me o car-

deal Cerucchi. De repente a marquezia atravessa a sala. Foi para mim um deslumbramento. O cardeal apprehendeu-me a ella, conversamos cinco minutos, e mais nada. Mas era muito para mim. Tambem confesso-lhes que já não me recordo da virgem de Raphael.

— Cale-se, disse Cleopatra, si ella aqui estivesse, o senhor encaminhar-se-hia para ella antes de vir ter commigo.

A marquezia tocou a campainha :

— Guilherme, traze-me o quadro que está na minha camara de dormir.

O creado voltou trazendo voltada para a frente a virgem de Raphael.

— E então? perguntou Cleopatra ao Sr. de Chavailles.

— Então? é esta mesmo; mas, ainda que fallasse, nada diria. ao passo que a senhora fallar-me-hia ainda que cerrasse os labios.

— Phrases e mais phrases! E' hora do senhor se ir embora, Sr. duque, pois sua formosa prima boceja ás escondidas. Faz mal em esconder-se, porque boceja com uma graça immensa. Ha mulheres que fazem bem tudo quanto fazem.

A duqueza levantou-se :

— Não lhe dou ouvidos, minha feiticeira. Diga-me, o que fazemos amanhã?

— Amanhã não estaremos com o Sr. de Chavailles, que acabaria por distrahir-nos. Amanhã assistiremos ao sermão, farei duas ou tres visitas, lerei Sancto Agostinho ou Sancta Thereza, amigos estes que não têm a rhetorica satânica do Sr. de Chavailles.

— Mas, minha senhora, quando fallo com as outras senhoras, inspiro-me em Sancta Thereza ou em Sancto Agostinho, quero que todos se salvem, excepto a senhora e eu.

— E eu? perguntou a duqueza.

— A senhora? minha prima, só o demonio terá o poder de convertê-la.

Quando Cleopatra ficou só, deitou-se para traz na sua poltrona e pôz-se a scismar profundamente. Desceu as espiraes mais ou menos luminosas do passado, interrogou a esphinge, e murmurou como Montaigne: « O que sei eu? »

XIII

PORQUE CLEOPATRA VIVIA DUPLAMENTE

Singular creatura? Sentia-se com forças de arrastar duas existencias, suppunha-se a um tempo eleita e amaldiçoada. Quando interrogava a si mesma, o genio do bem e o genio do mal agitavam-lhe a consciencia. Hoje todas as grandes aspirações purificam-lhe a alma como a aragem fresca da manhã dispersa as nuvens; amanhã virá o vendaval que envolvê-la-ha de electricidade e arrastá-la-ha a todas as loucuras.

Para acalmar essas duas naturezas, ardentes tanto para o bem como para o mal, atrevêra-se a commetter a alta empresa — ideal de muitas mulheres — de viver duplamente: aqui, no perfume das boas acções e das obras pias, além, nas cegueiras e nas ebriedades do peccado.

Cumpre não exaltar em demasia o seu proceder; não era a tentativa de um philosopho que quer estudar bem de perto as duas forças naturaes e sobrenaturaes que disputam-nos o coração e a alma; obedecêra um tanto ao capricho e muito ao romantismo, obedecêra ao insaciavel desejo feminino de ser alternativamente Sancta Thereza e Marion Delorme, de conquistar Deus e os homens.

Esta bonita idéa occorrêra-lhe ao voltar da Italia, mesmo na viagem. Em Roma, quer fosse legitima mulher, quer fosse apenas amante do marquez Cavoni, comprimira o bater do coração, refreára as suas paixões. Roma, de resto, não permittia-lhe jogo franco; mas em Pariz, onde nunca se tem tempo de desaffivêlar as mascaras, onde tão frequentemente toma-se a gente pelo que a gente quer ser, onde a mulher tem sempre razão, affigurou-se-lhe muito simples pôr por obra o bonito projecto que consistia em viver nos Campos Elyseos como mulher excêntrica, e no arrabalde Saint-Germain como fidalga compassiva. Ser apenas uma ou outra era aborrecido. Os horisontes azues são mais suaves depois das tempestades.

A questão de dinheiro, que é sempre a questão capital, poria o seu accento circumflexo na balança? Não. Tinha de Italia vinte quatro mil libras de renda; não dava para fazer grande figura em Pariz; mas não era preciso tanto para viver com alguma dignidade no arrabalde Saint-Germain.

E, effectivamente, com vinte quatro mil francos organisára na rua Saint-Dominique, em um palacete, uma existencia muito simples, substituindo o luxo pelo gosto; seis mil francos pelo aluguel da casa, seis mil francos pelo coupé e doze mil francos pelos vestidos pretos, pelos raros jantares e pelos três famulos. Fiscalisava severamente o seu orçamento, pois não queria que o dinheiro de Cleopatra servisse á marqueza Cavoni, a não ser o que despendia em esmolas.

Abalancei-me a dizer que esta vida dupla era o idéal de muitas mulheres. Que mulheres? Quasi todas — fidalgas romanticas e cortezãs de alta categoria. — Por exemplo, a duqueza d'Armailly admirava a ousadia da marqueza Cavoni e pensou muita

vez em fazer como Cleopatra. Conheço mais de uma que joga as duas mãos, mas longe uma da outra: a mão da virtude em Pariz e a das paixões em Londres. Conheço mais de uma que não falta a um sermão do padre Felix nem a um baile da Opera.

Cleopatra contentar-se-hia talvez, com o baile da Opera, si o carnaval durasse todo o anno ou pelo menos todo inverno; mas era muito mais commodo realisar o seu sonho ao mesmo tempo, entregar-se á phantasia do momento, viver á sombra nos dias de tristeza, viver ao sol nos dias de alegria.

Quando pensou nesta bonita extravagancia, não receiava ser desmascarada em Pariz, por onde apenas passára com Rodolpho de Marcillac. No arrabalde Saint-Germain conservou o nome de Vittoria Cavoni, que usava em Roma. Nos Campos Elyseos baptisou-se a si propria com o nome de Cleopatra.

Não havia semana que não representasse o seu papel de fidalga e o seu papel de cortezã. Assistia todos os domingos no arrabalde Saint-Germain á missa solemne em Sancta Clotilde, dizendo ás amigas do arrabalde Saint-Honoré que ia ao castello, como dizia ás amigas do arrabalde Saint-Germain que ia ás suas terras. Poupo ao leitor os pormenores de bastidor. Tudo é facil em Pariz para enganar o proximo, depois que já não ha ingenuas sinão no Theatro Francez.

Prosigo na narração dos actos e feitos da marquezia Cavoni.

No dia seguinte de manhã sahiu a pé, acompanhada por Martha; foi á casa da duqueza e atirou-se-lhe chorando nos braços.

— Já que a senhora conhece o meu segredo, dir-lhe-hei tudo. Ante-hontem — pois não pude dizer-lh'o hontem deante do Sr. de Chavailles — encontrei um pae na avenida da Imperatriz.

E narrou toda a scena á amiga.

— Vale muito a pena, disse a duqueza, passar metade do anno a fazer vida sancta para seu pae reconhecê-la no carnaval.

— Estou desesperada. Minha irmã casa-se e nem sequer terei o direito de ir orar por ella.

— E quem lh'o impedirá? O direito de orar nunca se perde.

— Lamente-me, querida amiga. O desespero sufoca-me e mata-me. Não acharei mais prazer em cousa alguma.

— E' a senhora quem está fallando assim? Que fim levou então a mulher forte que affronta o seu seculo?

— Affronto o meu seculo, não posso affrontar meu pae.

— Mas, minha chara, já que ha na senhora duas mulheres, viva com a que não está ferida. Seu pae gerou Cleopatra, a senhora engendrou a marquezia Cavoni: acolha-se a esta e esqueça.

A duqueza comprehendia bem Cleopatra.

— Foi Cleopatra que seu pae encontrou ante-hontem, Cleopatra não ousa voltar ao Bosque. Pois bem! entre a marquezia Cavoni no seu landau e encare com o pae.

— E' verdade, disse Cleopatra erguendo a cabeça. E foi ao Bosque. Mas não foi ao pae que encontrou.

XIV

ALMAS PENADAS

Nesse dia pelas tres horas da tarde o duque de Chavailles tomou Rodolpho de Marcillac na sua americana e levou-o ao Bosque.

Os dous amigos apearam-se na margem do rio e passaram revista ao batalhão dourado do esquadrão volante.

— A polyhomomania não está lá hoje muito brilhante.

— Porque não vês Cleopatra, disse o duque de Chavailles. Sabes que me estás dando cuidado?

— Tu é que me dás cuidado com a tua marquezia, disse Rodolpho. E' uma puritana que gasta o coração em orações.

— Pois bem! meu charo, foi por isso que fiquei apaixonado. Quando vejo-a, sinto-me em não sei que atmospheria virginal. Si eu fosse poeta, compararia isso á fresca alvorada, á floresta tenebrosa, á neve glacial. Sinto mais alegria em beijar-lhe a ponta das unhas rosadas que si mergulhasse os labios nos cabellos furiosos de Anna.

— Sim, comprehendo, disse Rodolpho; ha occasiões em que prefere-se a pallida rosa-louca á rosa musgosa, para fallar poeticamente como tu. Leva-me pois á casa da tua marquezia.

— Não, tu conheces os meus principios, que não são os de 89; nunca apresento um amigo a uma mulher a quem amo. Demais a marquezia nunca recebe visitas. Fui á casa della apenas duas ou tres vezes com minha prima. Vejo a, porque encontro-a em alguns salões da sociedade. Vive muito retirada, muito solitaria, muito estudiosa. Dizia-me outro dia rindo-se que nunca atravessára o rio. Do seu palacio da rua Saint-Dominique a Sancta Clotilde vão poucos passos; quasi todas as manhãs vae á missa, vae á casa do arcebispo, vae visitar os seus pobres, volta ao palacio para escrever á duqueza de Parma, ao cardeal Antonelli, creio até que escreve ao papa. A' noite vai á casa da duqueza, á casa da sua marechala, aqui e alli, á casa das nossas amigas, quasi nunca ao the-

atro. E' ella, e não a tua donzella Cleopatra, quem canta como a Patti. Has de ouvi-la: tem uma voz que commove e que encanta. O que te hei de dizer? amo-a. Não é uma paixão ardente: é suave, é terna, é simples.

— Sim, um solo de violino depois de um concerto a grande orchestra. E' bem feliz por amar assim. Quanto a mim estou no inferno. Volvo-me em chamas ardentes. Oh! esta Cleopatra! ha de matar-me.

— Estás doudo? Cleopatra não quer a morte do peccador.

— E' uma creatura singular. Mais depressa te sahirás bem com a tua marquezia puritana do que eu com esta cortezã namorada. E' mais facil ser amante de uma mulher do que tornar a sê-lo.

— Leva-me então á casa de Cleopatra.

— Eu não costumo lá ir.

— Não importa! vamos.

— Não se lhe entra em casa como em um moinho.

— Tem alarbardeiros á porta? Dragões de virtude para guardar o pomo das Hesperides?

— Não, não é tão mythologica; mas é phantastica e apenas obedece aos seus caprichos. Não importa, iremos á casa della. Demais, já que te fallo nisso apesar meu, confessarte-hei que não tenho animo de viver sem vê-la. Conheço uma de suas amigas.

— Quem?

— Essa douda que denominaram Dama de Ouros, não sei porque.

— Sei eu: é simplesmente porque chama-se Rachel.

— Pois bem! essa rapariga tem uma casa de canpo em Bougival. Daremos ahi um jantar na relva a que Cleopatra assistirá sem desconfiar do encontro. Demais a mais, creio que não sabe da minha volta a Pariz. E' a quarta vez que torno a vê-la: na Opera,

no concerto dos Campos Elyscos, na escada do café Inglez; emfim, antehontem aqui. Não me reconheceu.

— Ou não quiz reconhecer-te.

— Póde ser; estou mais queimado, e eu proprio não me reconheço. Quando deixei-a, era eu uma creança.

— E suppões-te homem?

— Porque não? um homem que esconde uma creança.

O Sr. de Chavailles, que ia accender um charuto no charuto de Rodolpho, deteve-se de repente.

— O que tens?

— Acabo de ver passar a marquezia. E' singular, pois ella não frequenta a má sociedade do Bosque.

— Aquella mulher de véu, alli, naquella landau?

— Sim, de véu. Podias dizer de mascara, pois meneia a umbella de modo a fazer desesperar a todos os curiosos.

— Viu-te, pois volta a cabeça para o outro lado.

— Não é verdade que é formosa com a sua altivez heraldica e magestosa?

— Sim, é muito formosa; mas tu sabes que não é esse o meu genero de belleza. Gosto das louras. Deixo-te as italianas e as hespanholas. Para mim a mulher apenas começa na margem direita do Loire. Gosto das mulheres no meio dos nevoeiros, porque os nevoeiros amaciam e dão morbidez á pelle, ao passo que o sol queima-a, estraga-a, endurece a. A mulher verdadeiramente virgem é a que não recebe os beijos desse don Juan do céu.

— Quem te disse que o sol estragou nunca alguma cousa? E' a alma do mundo e a alma da belleza. As regiões das brumas produzem lá mulheres como a marquezia?

— Então suppões que Cleopatra não é tão imperiosamente bella como esta italiana?

— Cita-me exactamente a excepção.

— E tu tambem.

— Conheço as inglezas com a sua côr afogueada, as flamengas com os seus ares somnolentos.

— E eu conheço as hespanholas e as napolitanas : pigmeus cabelludos, barbudos e parvos; as romanas e as florentinas...

— Psio, ! a marqueziaahi vem. Cumprimentemola com seriedade.

Os dous amigos cumprimentaram a marquezia com profundo respeito. A moça inclinou a cabeça com a graça altiva do cysne.

— Tens razão, disse Rodolpho; é Cleopatra morena.

— Cleopatra antes dos dizeres.

— Quem sabe? Nada trahe-se menos que o peccado. Enquanto cumprimentava-te do alto da sua virtude, sorriu-te com um sorriso que foi-me ao coração.

O Sr. de Chavailles estava radiante.

— Irei esta noite á casa de minha prima. Entremos de novo no carro.

— Queres acompanhar a marquezia? Espera então um momento, quero ver si Cleopatra está aqui.

Rodolpho tornou a tomar o braço do duque e fê-lo voltar atraz. Tornarão a ir até o fim do rio mas não viram Cleopatra.

— Porque não viria ella hoje ao Bosque? perguntou a si mesmo Rodolpho.

— Porque viria a marquezia hoje ao Bosque? perguntou a si mesmo o Sr. de Chavailles.

XV

A DUQUEZA D'ARMAILLY

Como havia Cleopatra conhecido a duqueza d'Armailly? Ao voltar de Roma uma carta do cardeal Antonelli abriu-lhe a porta da marechala*** que acolhera-a no seu salão e appresentára-a a todos os seus amigos. Como era bella e simulava candura, como possuia encanto e graças, como occultava metade de seu espirito, foi immediatamente procurada, tanto mais quanto fallava em viver retirada e entregue ao estudo.

Foi em casa da marechala que encontrou a duqueza; mas desagradou-lhe. A duqueza sorprehendeu-lhe alguns ares de lady Tartuffe: em resumo, não foi a marqueza Cavoni quem seduziu a duqueza, foi Cleopatra.

A duqueza d'Armailly é uma das vinte e quatro duquezas de Sancta Ciotilde cujo brasão resplandece no livro de ouro entre os mais radiantes. Algumas linguas más do arrabalde Saint-Germain dizem que a duqueza gazeára seu tanto no convento e jogára o jogo dos quatro cantos com o marido. Pela minha parte não tenho opinião formada. Limite-me a narrar esta pagina da sua vida que pinta-a, palavra por palavra:

Tem-se fallado muito da paixão da duqueza por um formoso secretario de embaixada que durante tres annos só viveu para ella; essa paixão elevava já a duqueza á cathegoria das heroínas celebres, quando uma noite o Werther don-juanizado fallou-lhe mais ou menos nestes termos:

— A senhora é a minha vida, a senhora é a minha morte; acabo de ser demittido. Estou ameaçado de

duas prisões. A senhora dizia-me que eu era bonito. Quiz possuir os mais bonitos cavallos, os mais bonitos moveis, as mais bonitas armas. Fui o melhor jogador deste inverno. Ganhei tantos premios nas corridas que arrumei-me pela primeira vez. O jogo acabou-me. Esta noite ainda perdi e não paguei. Estou desesperado e quero morrer.

— Morrer! exclamou a duqueza.

E atirou-se nos braços do namorado.

— Sim, morrer, continuou elle; disseste-me tantas vezes que querias morrer commigo para morrer ainda feliz: pois bem! o momento é chegado.

E a duqueza, com o seio entumescido, os cabellos soltos, os olhos em chamma, como uma mulher presa de uma idéa heroica, disse com o accento tragico de uma mulher que vai fazer um tremendo sacrificio:

— Pois bem! já que é preciso morrer... morra!

A duqueza era assim. Tal era o seu modo de tomar as cousas pelo lado tragico e sacrificar-se. Mas talvez esta historia não seja verdadeira, pois foi apenas contada pelas suas amigas. As suas inimigas dizem que si a duqueza gosta seu tanto de aventuras, nunca se abalança além do peccado.

A primeira vez que ella viu Cleopatra foi em um baile da Opera. O acaso que embaralha as cartas e as virtudes, reunira-as no mesmo camarote; ficaram repentinamente apaixonadas pelo espirito e bondade uma da outra. A duqueza tomou Cleopatra por alguma fidalga, e Cleopatra tomou a duqueza por uma cortezã.

Nesse dia ceiaram junctas, embriagaram-se com o mesmo vinho e com os mesmos ditos. A duqueza não havia ainda tirado a mascara. De improviso Cleopatra exclamou:

— Bebo á saude de d'Armailly!

A duqueza abaixou a mascara.

— Conheço-te, formoso mascara: és a duqueza d'Armailly, murmurou Cleopatra ao ouvido da fidalga.

— Quem lh'o disse?

— A marquesa Vittoria Cavoni.

— Conhece-a?

— Muito.

— Essa sancta mulher que só vae á missa!

— Mas tambem eu vou a missa.

— A' missa da meia-noite! Não gosto da sua mar-
queza.

— Bem sei: a senhora não tem rasão.

— Porque?

— E' que a senhora e ella parecem-se muito: as
mesmas virtudes e as mesmas tentações.

E como Cleopatra estava demasiado jovial por
amor do vinho de champagne, trahiou o seu segredo.

— Oh! mulher duas vezes mulher como eu te
comprehendo! exclamou a duqueza com admiração.
Aquella de nós outras que não tiver sonhado com
esses dous papeis da comedia humana atire-te a pri-
meira pedra!

Começou entre a duqueza e Cleopatra uma amizade
para a vida e para a morte.

No verão seguinte, tornarão a encontrar-se nos ba-
nhos de mar, onde Cleopatra não queria e não podia
representar o papel de marquesa Cavoni; a duqueza
no seu arrastamento por esta formosa creatura, saltou
por cima da opinião.

Haviam ido para a mesma hospedaria, jantavam á
mesma mesa, tomavam banho junctas. E como as
amigas da duqueza admiravam-se dessa intimidade,
ella dizia-lhes jovialmente: « Então não sabem que é
uma conversão que estou operando, e que já resolvi
a Cleopatra a tomar o meu confessor! »

Voltando a Pariz, tornaram a ver-se frequentemen-
te. Quando a marquesa Cavoni demorava-se em de-

masia na rua do Circo, a duqueza de uma ou de outra fôrma abalançava-se a ir á casa della ás occultas, curiosa como Eva, no intuito de familiarisar-se com a atmosphera das peccadoras celebres. Cleopatra fôra uma vez como Cleopatra á casa da duqueza que, sempre creança endemoninhada, appresentara-a aos seus velhos retratos de familia — assim chamava a sua roda do arrabalde Saint-Germain — como uma moça que queria metter-se freira.

Ninguem vá admirar-se desta confusão de classes sociaes. Pariz é a Babel das paixões. A gente encontra-se em toda a parte, no theatro de camarote a camarote, de cadeira a cadeira, no Bosque de caleça a victoria, em casa da costureira de vestido a vestido. O homem é o traço de união. Quantas vezes Arthur ou Anatolio mata dous coelhos de uma cajadada, cumprimentando uma cortezã e encontrando o olhar de uma fidalga! Esquece em casa de uma o romance que levava á outra, dá a esta o ramo de lilaz branco, destinado áquella. A cartinha amorosa engana-se no endereço, á noite o enamorado engana-se de porta. E não supponham que mudasse de grammatica como mudou de geographia. Diz a uma o que devia dizer á outra. Ainda melhor: nota que dá-se melhor juncto da fidalga com o estylo familiar á cortezã. A Sra. *** conhece que o amante vem de casa de M^{lle} *** não sei por que perfume de pó de arroz. — Tu foste-me infiel, diz a condessa *** a um addido de legação; foi M^{lle} X*** quem assim indefluxou-te, por que hontem estava espirrando no theatro. Oh tempos! oh costumes! Sempre foi assim. Nino visitava ás actrizes, que visitavam ás cortezãs. Visitavam tambem a Sra. de Maintenon, que protegia as donzellas de Saint-Cyr. Em todas as épochas as coquettes tem dado a mão ás cocottes. Ora as coquettes pertencem á melhor sociedade. Todas estas senhoras

sabem o nome destas raparigas. E' no campo dellas que vão buscar, sem grande indignação, as modas e os amantes. — Quem engendra as botas de montar da Filha do Ar? Onde vae M^{lle} Tempestade buscar seus chapéus, uma simples pluma ao vento? Qual é o segredo de M^{lle} Carnalina para fazer voltarem-se para o seu lado as cabeças masculinas?

Quando a duqueza e a corteza encontravam-se no Bosque, faziam com as mãos e com os olhos um cumprimento imperceptivel para todos, mas no qual os iniciados notavam a expressão da mais intima amizade.

XVI

CLEOPATRA RECUSA DAR A MÃO DA MARQUEZA CAVONI

A duqueza foi uma manhã a rua de Circo. Cleopatra recebeu-a na sua estufa.

— Adivinha ao que venho?

— Então não vem visitar-me?

— Venho pedi-la em casamento. Venho pedir a mão da marquiza Cavoni.

— Que loucura! A quem desejará maior mal? A mim, ou ao homem que...

— Nem a um nem a outro. No fim de contas o casamento...

Cleopatra interrompeu a duqueza offerecendo-lhe rosas-chá.

— Do casamento, minha bella duqueza, arrependi-me eu antes de contrahi-lo. Ainda não lh'o contei? Devia casar-me á meia noite; ora, á meia noite menos um minuto fugi com um namorado, porque si o casamento é uma instituição divina, não é uma instituição humana. Como enclausurar perpetuamente uma mulher na prisão desse dever muitas vezes

esteril? Porventura sabe ella de antemão si encontrará o amor no casamento? — Si encontrará nelle a maternidade? — O mundo renova-se e desperta. Como quer a senhora que a mulher — não se me dá do homem — não possa renovar-se e despertar? — a mulher que não teve os seus annos de rapaz e que não pôde dizer: *Paguemos o tributo á mocidade?*

— E' verdade, minha querida; mas quando a mulher teve os seus annos de rapaz — como a senhora — sem querer offendê-la...

— Não me referia a mim, pois as que começam pelo amor não devem acabar pelo casamento. Quem é então o doudo ou o infame que pensa em semelhante asneira?

— Não é nem doudo nem infame, visto que eu acceitei a commissão: é meu primo que pede a mão da marquesa Vittoria Cavoni.

— Seu primo! O Sr. Guy de Chavailles?

— Exactamente. Abriu-me o seu coração: ama-a apaixonadamente.

— E' muito tarde. E no entanto que alegria não teria eu em ser sua prima!

— E o que vem a ser muito tarde?

— O que vem a ser? Foi para estes casamentos impossiveis que inverteu-se o proverbio: *Mais vale nunca do que tarde*. Não acha que tenho razão?

— Acho, ainda mais por amor de si que por amor d'elle: a senhora é duas vezes feliz e deixaria completamente de sê-lo.

— Duas vezes feliz! Ha dias em que já não sei que papel representar, tanto preciso fugir de ambos.

— Pois que! Cleopatra, cercada de rosas, será capaz de abdicar antes do fim da peça?

— Tem razão, chara duqueza, quero ir até ao fim; mas já sinto nas rosas as primeiras dentadas do aspide.

XVII

PORQUE M^{LE} CLEOPATRA CHAMOU PELA CREADA GRAVE ÁS SETE HORAS DA MANHÃ DO DIA 2 DE JULHO DE 1863

No dia 2 de Julho de 1863 M^{le} Cleopatra chamou pela creada grave antes das sete horas da manhã.

Leontina, ainda meio dormindo, ficou muito sorprendida, ao entrar na camara de dormir da ama, vendo o cortinado aberto, pois Leontina nunca permitia que o sol entrasse pela janella antes de onze horas dadas.

— O que vejo? a senhora já levantada, já penteada, já....

— Depressa, calça-me.

— Como a senhora está pallida! então o que succedeu?

— Nada; mas não percamos um segundo. Sabes onde está o meu livro de missa?

— Sei, minha senhora, está em cima da mesa do salão.

— Tomá-lo-hei ao passar.

Cleopatra atirou mais do que pôz o chapéu na cabeça, enquanto Leontina procurava-lhe uma capa. Tomou as luvas, a umbella e o livro de horas.

— Leontina, hoje não recebo ninguem, nem mesmo Max.

Dizendo estas palavras, desceu á toda pressa e dirigiu-se, sem voltar a cabeça, para Saint-Philippe-du-Roule.

Por que razão iria M^{le} Cleopatra orar nesse dia ás sete heras da manhã?

E' que na vespera uma das suas amigas sem duvida, uma das suas inimigas talvez, mandara-lhe sobrescriptada esta carta de participação:

« O Sr. d'Hercilly, advogado em Troyes, membro do conselho geral de Aube, cavalleiro da Legião de honra, tem a honra de participar-lhe o casamento de M^{lle} Carolina d'Hercilly, sua filha, com o Sr. Leopoldo Cavalier, substituto do promotor publico em Reims.

« E pedem-lhe queira assistir á bençã nupcial que receberão quarta-feira, 2 de Julho, ao meio dia em ponto, na igreja de S. Estevam do Monte ».

Cleopatra encontrára esta carta de participação em cima do seu velador. Deitara-se chorando. Uma hora depois Max batia-lhe á porta : recusou fallar-lhe.

Passou a noite inteira a recordar os puros annos da juventude. Succedia-lhe ainda querer forrar-se a esse passado tão suave e protestar com alguns bonitos sophismas contra a paz do coração, contra o viver aborrecido da provincia, contra as tleimas patriarchaes ; mas deixava para logo de resistir, porque sentia que lá estava a sua alma, porque a si propria confessava que as tempestades não fecundam a mulher !

Havia muito que não orava, prometeu ir ouvir a primeira missa na igreja da sua parochia.

A igreja tem isto de bom, e é que faz bem ainda aos que não são catholicos, ainda aos que não são christãos, ainda aos que, duvidando da propria alma, duvidam do proprio Deus. A igreja não pôz por cima da sua porta as palavras do Inferno de Dante, mas poderia ahí inscrever estas : « Sou a casa de quantos não têm mais que a esperança ! »

Cleopatra, a altiva Cleopatra entrou com a cabeça baixa na igreja de Saint-Philippe-du-Roule ; estava offegante, tanto receio tivera de chegar tarde. No entanto do canto da rua do Coliseu tomára folego para dar esmola. Passou deante della uma misera mulher com uma creança ao collo e dous meninos agarrados ás saias : verdadeiro grito de miseria matutina ! Pariz desperta e adormece a esse grito. Cleopatra déra vinte

francos como outra qualquer daria dous soldos, mas com uma graça extrema, como si fosse ella quem recebesse o beneficio.

Começava a missa na capella da Virgem quando Cleopatra mergulhou os dedos na pia de agua benta. Affigurou-se-lhe que não tinha direito de ir orar nessa capella reservada segundo o seu modo de vêr, ás moças piedosas, ás mãis felizes ou afflictas. Abaixou o véu e entrou não obstante na capella pensando que era pela irmã que ia á missa. Pouco e pouco reanimou-se com a oração; a oração, escada invisivel que conduz a peccadora da profundeza nocturna do seu peccado até as alturas radiosas onde Deus perdôa. Dentro em pouco o coração desafogou-se-lhe em lagrymas; foi como fresco orvalho que se derramou sobre ella e deu-lhe por uma hora nova vida. Affigurou-se-lhe que despia essa tunica de Dejanira que abrasava-a ha cinco annos. Pois havia cinco annos, com differença de dias, que fugira da casa paterna.

Cleopatra voltou para casa quasi contente.

— Minha meiga Carolina, dizia comsigo, orei pela tua felicidade, e eis-me tambem feliz.

Pedi o seu chocolate e folheou um romance. Para todos os corações conturbados, um livro, seja elle qual fôr, é um refugio na batalha da vida.

Tocaram a campainha.

— Não abras, disse á creada grave.

— Senhora, é o Sr. Max.

— Dize-lhe que volte amanhã.

— Mas, minha senhora, ha de ficar zangado.

— Pois bem! dize-lhe que não volte mais.

Quando a creada grave tornou a entrar, Cleopatra havia atirado para longe de si o romance que acabava de folhear.

— Não é isto, disse; traze-me o meu livro.

— Que livro, senhora?

— Ora que livro, o meu livro !

Leontina que comprehendêra, trouxe um voluminho coberto de marroquim la Vallière. Era a *Imitação de Jesus Christo*.

Seis mezes depois da fuga de Cleopatra, a irmã mandara-lhe esse livro, recordação dos seus annos de candura ! Ambas haviam-no lido e relido junctas, quando Cleopatra acreditava que a vida da alma era a verdadeira vida.

— Meu querido livrinho ! disse ella beijando-o, como si beijára a irmã.

XVIII

EM QUE NEM TODAS AS CORTEZÃS SÃO O QUE
O POVO FRIVOLO SUPPÕE

Mas ás onze horas M^{lle} Cleopatra chamou por Leontina.

— Dize a André que quero sahir dentro em dez minutos ; que ponham já no coupé A-chuva-que-anda e Vae-á-guerra, preciso estar daqui a um quarto de hora no Pantheon.

— Porque a senhora não havia de dizer isto a mais tempo ?

— Porque isso não é da tua conta.

Dez minutos depois Cleopatra vestida de preto e de véu metia-se no seu coupé.

— Porque irão tão depressa estes lindos cavallos ? perguntavam os transeuntes vendo passar pela avenida Gabriel, pelo caes e pelo boulevard Sebastopol, Vae-a-guerra e A-chuva-que-anda.

Iam tão depressa, porque Cleopatra queria ver a irmã.

Deu ordem para parar defronte do palacio Cluny, por não querer que o seu coupé fosse visto entre os carros dos convidados para a missa do casamento. Foi a pé

até Sancto Estevam do Monte. Havia muita gente, mas ainda esperava-se a noiva. De repente a porta do templo abriu-se de par em par e o organ entoou um hymno de alegria sob os dedos inspirados de Gounod, amigo do noivo.

A moça entrou triumphante de belleza, mocidade e innocência, as tres virtudes theologaes do casamento.

O musico traduzia no organ toda a divina poesia destas tres adoraveis virtudes.

Sim, é o mais bello dia para uma moça; pois, antes de entregar-se em corpo e alma ao marido, leva piedosamente a Deus, como derradeira prece, como derradeira offerenda, os canticos de seu coração e os perfumes de sua mocidade.

Sim, é o mais bello dia de sua vida, pois o dia seguinte... O dia seguinte é já o dia seguinte da festa.

E enquanto a irmã de Cleopatra caminhava assim triumphante para o altar, onde estava Cleopatra?

Occultara-se em uma capella, duplamente escondida por um pilar e pelo véu, hebia as proprias lagrymas contemplando a irmã furtivamente.

Cantou se a missa; o cura de Sancto Estevam do Monte não se esqueceu na sua practica de fallar da irmã ausente sob o symbolo transparente da mulher do Evangelho, que foge do casamento para esposar o peccado. Gounod improvisou milagres de melodia religiosa. Passou-se á sachristia para cortejar a rainha do dia, porque as mulheres têm todas em sua vida algumas horas de realeza. E sahiu-se da egreja no meio da vozeria das conversações matrimoniaes.

Cleopatra não se movêra. Dobrada sobre si mesma, resava e chorava no meio de um grupo de gente do povo que accudira por curiosidade e por amor da musica. A egreja nos dias de festa, já disse o Sr. de Voltaire, é a opera dos vadios. Cleopatra só despertou do seu torpor ao ouvir este dialogo:

— Como é bonita esta noiva, não é?

— E', mas parece que tem uma irmã que é ainda muito mais bonita.

— E não esteve aqui?

— Si esteve aqui? Pois então não sabe que é uma cousa atôa; no entanto teve os melhores trens de Pariz.

— Conheço-a, disse um cabelleireiro em disponibilidade, eu era quem a penteava no inverno passado; é uma creatura intractavel, altiva como um Luiz de ouro; eu que lhes fallo não me atrvia a encará-la. Em summa, é a Cleopatra!

— A Cleopatra! Meu filho, que anda na eschola, tem-me repetido alguma cousa ácerca disso. Ella não viajou pelo Egypto?

— Ora que tola! não é a Cleopatra dos tempos antigos; era o mesmo que me chamares Sancta Genoveva, porque chamo-me Genoveva.

Cleopatra sentiu todos estes dardos; viu-se ferida em seu orgulho e sahiu com a cabeça alta, como si não conhecesse a Cleopatra de quem fallavam. Lembrou-se de que a Eva de Mailly entrou um dia ruidosamente na egreja, o que fez com que dissessem: « Eis ahi tanto barulho por causa de uma meretriz. » E' sabido que a amante de Luiz XV respondeu a este insulto com voz muito meiga: « Já que a conheceis, resae por ella! » Cleopatra indignou-se por não possuir a grande virtude da humildade christã; o seu peccado capital era o orgulho. Ainda nesse dia, apesar de querer ser toda de Deus, não pôde vencer o demonio.

— Tanto peor, disse ella entrando no carro, já que ha um abysmo entre o que sou e o que quizera ser, seguirei direito o meu caminho.

E foi á casa de Max, lamentando talvez que a sua altivez a impedisse de ir á casa de Rodolpho.

XIX

O JANTAR SOBRE A RELVA

Alguns dias depois Max seguiu para Rotterdam, para onde o pae mandava-o a comprar diamantes.

Foi então que a Dama de Ouros, a pedido de Rodolpho, deu um jantar sobre a relva aos seus amigos — de ambos os sexos.

Era em Bougival, onde possuia um pequeno pavilhão que denominára *o pavilhão Du Barry*.

Para a Dama de Ouros a Du Barry era o ideal da mulher, — da mulher que de nada tem medo, á excepção da morte. Demais todos os seus amigos haviam-lhe businado aos ouvidos que ella era o retrato vivo de Cotilhão III.

Instára com Cleopatra para ir á festa.

— Quem é que vae?

— Vão os meus amigos.

— O mundo inteiro!

— Não, um homem de cada nação; sabes que sou uma mulher internacional.

— Irei.

Cleopatra sentia sempre verdadeiro jubilo no coração quando molhava os lindos pés na relva do campo. Muito se tem comparado as aldeias que cercam Pariz a decorações de opera-comica. Quanto a mim Bougival, com a sua corôa de frondosos bosques, suas lindas *villas* reclinadas graciosamente como bacchantes em ninhos de rosas e lilazes, seu formoso rio que aqui e alli vem beijar-lhe os parques umbrosos, parece-me mais proximo da verdadeira natureza, — a natureza fecundada pelo trabalho, — que a Suissa com os seus inglezes, suas montanhas e o seu ranz de vaccas.

Cleopatra foi a primeira a chegar a essa festazinha agreste. Ao entrar no jardim não viu que a Dama de

Ouros fechava no quarto um rapaz que ergueu a cortina da janella.

— Minha querida Cleopatra, vás encontrar alli, na floresta virgem, — por antiphrase, — Jacintha, que se aborrece supinamente comsigo mesma.

A floresta virgem era um bosquezinho composto de uma arvore do Japão e de tres massiços de nogueiras.

— Oh! Jacintha, disse Cleopatra com verdadeiro terror; é capaz de tornar a contar-me a sua historia.

— Está bem, um tanto mais longe encontrarás a Taciturna, que nada te ha de contar.

— Felizmente! O silencio e a solidão, eis como amo a natureza. No campo só o rumor das arvores é eloquente. Quem é que está alli escondido por traz daquella cortina?

— Um dos teus amigos.

— Não tenho amigos.

— Então será um dos teus inimigos?

— Tenho tantos que os não conheço.

— E' para o que serve ter apenas um amante em vez de ter cincoenta!

— Tens razão, disse Cleopatra. Por isso tu não tens inimigos. Feliz creatura!

— Feliz! murmurou a Dama de Ouros; os homens não dão felicidade.

XX

EM QUE APPARECEM DE NOVO O SR. CONDE RODOLPHO DE MARCILLAC E O SR. DUQUE DE CHAVAILLES

Cleopatra arrastou uma cadeira de ferro e foi sentar-se ao lado da Taciturna que deitara-se na relva.

— Então, minha chara, tens meditado ácerca da minha grammatica?

— *Sim e não.*

— Creio que vás fazendo carreira, pois disseram-me que tinhas dous amantes e que enganavas a ambos.

— *Questão de dinheiro.*

— Bravo, bravissimo! Sempre disse que havias de acabar bem, como todas as que começam mal.

— *Acceito o augurio.*

M^{lle} Chantilly não tinha ainda dito a quarta e ultima phrase de seu repertorio quando um moço sahiu de uma mouta de rhododendrons e foi cumprimentar as duas amigas com gravidade diplomatica.

Cleopatra empallideceu e occultou a sua emoção desfolhando com mão agitada o freixo que lhe dava sombra.

O moço, tambem muito pallido e commovido, voltou-se para a Taciturna e disse-lhe tentando sorrir:

— A senhora dá-me licença que me assente no seu sofá?

— Senhor, disse a Taciturna colhendo o vestido, sente-se, *estou desarmada.*

E encantada por ter fallado tão correntemente, pôz-se a cantar um motivo em voga.

— Oh! pelo amor de Deus, disse Cleopatra, não me faças acreditar que ha realejos em Bougival. Aqui só quero ouvir cantar os rouxinoes.

— Já os não ha, minha senhora, disse o recémchegado, o cosinheiro da Opera e dos Italianos faz delles todas as noites um guisado para M^{lle} Sax e para o Sr. Mario.

M^{lle} Chantilly julgou acertado rir ás gargalhadas. Cleopatra fingiu não ter ouvido.

Nesse momento a Dama de Ouros veio ter com os seus convivas. Cleopatra ergueu-se e foi ao encontro della.

— Minha chara amiga, que mysterio é então este? E' uma cilada; nunca mais tornará a apanhar-me para jantar no campo com semelhante companhia.

— Está bom, está bom, não tomemos o freio nos dentes; então não ha direito de morrer de amor pela senhora?

— Morrer de amor! Diga-me quanto deu-lhe o Sr. Rodolpho de Marcillac por esta entrevista tão primitiva e idyllica?

— Pois não gracieje, disse a Dama de Ouros, que não tinha o habito de disfarçar-se; pois bem! a verdade é que elle deu-me mil francos para pagar esta refeição.

— Pois caro lhe custará, porque eu não tomarei parte na festa.

A Dama de Ouros deixou cahir os braços com pasmo.

— Tu não estás fallando seriamente. Então queres arruinar-me? pois bem vêes que não sou capaz de ficar com os mil francos si não provares da refeição.

— Ainda ficas com Chantilly; ainda ficas com Olympia, que ahi chega na sua caleça de oito molas com o seu barão de oito rheumatismos; ainda ficas com Jacintha, que alli está lendo melancholicamente a *Gazetta dos Estrangeiros*. Pois não tens dous membros do Jockey Club que sem duvida conhecem o teu hospede?

— Digo-te que, si te vás embora enterro o meu chapéuzinho de sol no coração, ou atiro-me dentro do tanque!

— Não caberias dentro d'elle! A final de contas este formoso cavalheiro não me mette medo. Tudo bem considerado, fico; veremos si elle atreve-se a recordar-se que nos — encontramos — antes do diluvio.

— Oh! como te estimo! exclamou a Dama de Ouros beijando as mãos de Cleopatra; és um anjo!

— Sou, um anjo das trévas.

— Das trévas? appareces sempre como um raio de sol. Corro a pôr a toalha na relva, Ah! como as ro-lhas vão saltar!

Cinco minutos depois que estas memoraveis palavras foram ditas, a mesa estava posta, isto é, tinha sido profusamente posto sobre a relva um jantar que maravilhariam Adão e Eva na mesa do Paraiso terrestre. As empadas, os presuntos, os faisões, os perdigotos, as uvas, os pecegos, os ananás, os vinhos do Rheno, os vinhos de Champagne, os vinhos de Chypre, os vinhos de Constança tinham sido escolhidos por um guloso de primeira guela.

A Dama de Ouros appresentou com o ceremonial do estylo o duque de Chavailles a Cleopatra.

— Creio que já vi o Sr. duque, disse a moça com a sua voz bem franceza, despida do sotaque italiano de que ella gostava na rua Saint-Dominique.

E abaixou o véu.

— Desculpe-me, tenho medo de que me desfigurem as ferroadas. . . . dos mosquitos e dos olhares, continuou eila.

Puzeram-se á mesa, isto é, ao modo romano deitaram-se na relva deante do festim.

— Serei eu a escrava, disse a Dama de Ouros, encherei as taças.

— Estás muito vestida para isso, disse um conviva, estendendo-lhe o copo. Não importa, enche, enche mais, enche todo!

Cleopatra foi a unica que não quiz pôr-se á mesa como os mais. Tornára a tomar a cadeira e sentara-se com dignidade, erguendo e abaixando o véu, desafiando e evitando o olhar perscrutador do Sr. de Chavailles.

Rodolpho, deitado defronte, não a perdeu de vista. Tentou debalde fallar-lhe: a moça não tinha ouvidos para elle. Por varias vezes levantou-lhe brindes; a moça não tinha olhos para vê-lo, ainda quando ella o contemplava.

M^{lle} Olympia, que representava não sei o quê em

não sei que theatro, foi instada para que cantasse e gritou esta canção rustica, musica de Offenbach :

Joanna era alva e morena.
Pela Paschoa ei-la que desce
A colher flor de espinheiro,
Que cresce, cresce, e floresce.

Apanha as flores nos galhos,
Leva fitas e um corpete
No vestido domingueiro :
Vae fazer um ramalhete.

No musgo que o chão tapeta
A bella á sombra adormece,
Colhe o effluviã do espinheiro,
Que cresce, cresce, e floresce.

Lá vão ter tres caçadores
Percorrendo a cercania.
Da gaiola o passarinho
Qual dos tres o tiraria ?

O primeiro em voz bem doce
Disse : — *Eu te amo*, e parece
Que beijou-a sob o espinho,
Que cresce, cresce, e floresce.

Via-se a moça no sonho
Transformada n'uma corsa,
E com lobos no caminho ;
Tirava-lhe o medo a força.

O segundo alli á sombra,
Do seio o corpete desce,
E colhe a flor do espinheiro,
Que cresce, cresce, e floresce.

O terceiro ajoelhado
Despertou-a meigamente.
O que lhe disse ? Matreiro
Do bosque o écho é silente.

Si elle falla, bem receio
Que uma apoz outra se apresse
A colher flor de espinheiro,
Que cresce, cresce, e floresce.

Applaudiram estrepitosamente. O principe Elim quebrou o cópo, a Taciturna disse uma palavra nova, os melros assustados mudaram de casa.

O duque de Chavailles notou que Cleopatra, que fallava sempre tão bem, não havia ainda dito cousa alguma.

— E' verdade, disse ella, mas é que estou muito preocupada com um romance singular.

— Romance que a senhora compõe, ou romance que leu ?

— Romance que estou compondo ; querem que lhes conte o primeiro capitulo ? E' talvez um tanto serio....

— Conte ! conte ! exclamaram de todos os lados. Desta vez fictou os olhos em Rodolpho.

— Far-me-ha o senhor o favor de ouvir ? disse-lhe

gravemente ; dar-me-ha a sua opinião ácerca do desenlace ?

— Pois não, minha senhora.

Rodolpho voltou-se para o amigo :

— Lembras-te do nosso passeio ao Bosque, ha um mez ? Querias saber a minha historia ; ouve, Cleopatra vae contá-la.

— Estava pensando nisso, disse o duque.

Cleopatra fallou dest'arte, mordendo a espaços uma baga de uva.

XXI

CONFISSÃO DE M^{LE} CLEOPATRA

« Angela não havia nascido como a mór parte das que têm por salão o Bosque de Bolonha, o Chateau des Fleurs e o Petit Moulin-Rouge. O pae era um cavalheiro e um homem de talento. Será preciso dizer de pois disto que era fidalgo ? Não tinha, como advogado, mais do que uma reputação de campanario, mas os seus collegas de Pariz, que tinham ido advogar em Troyes algumas causas mais ou menos celebres, diziam francamente que elle possuia verdadeira eloquencia. Era eloquencia antiga.

« Por duas vezes os eleitores de Troyes tinham querido que o Sr. Jorge d'Hercigny os representasse politicamente em Pariz ; mas não tendo outra ambição que não fosse o amor dos filhos, o advogado deixara-se ficar em casa. Demais, ácerca de politica não estava de accordo com a mulher, e não queria perpetuar no lar domestico a lucta dos Montanhezes e dos Girondinos. A Sra. d'Hercigny, que havia adorado seu pae, um convencionista, amigo de Danton, conservára como piedoso legado as opiniões da Montanha.

« Quando Angela fez dezeseite annos, e haviam-lhe

ensinado a arte de fallar e de escrever mais ou menos correntemente, a fazer bonitos cumprimentos e a bater no piano, aprendeu sósinha muita cousa que não é exigida para a educação das moças ; isto é, em vez de ler a sua grammatica, a sua geographia e a sua historia sagrada, leu romances. O demonio, — não pretendo accusá-lo, — teve sempre a arte de fallar ás moças. N'outro tempo dava-lhes fructas, hoje dá-lhes romances. Continúa pois a sacudir a arvore da sciencia. Ler um romance, é começar a gente a compôr um seu. Para compôr o seu romance, só faltava a Angela um namorado. Ora o namorado não se fez esperar.

« Havia então em Troyes, na visinhança do Sr. d'Hercigny, um moço que tinha um nome illustre. Não lhes direi o nome d'elle. Dar-lhe-hei o pseudonymo de Eduardo de Salignac. Aparentado com as mais antigas familias de França, tinha por unico patrimonio o nome.

« A Revolução começára a arruinar-lhe a familia ; o pae completára a obra querendo resuscitar a regencia no tempo da Restauração. Morrêra, tendo sobrevivido poucos dias á mulher, deixando tres filhos á mercê de Deus. O mais velho não tinha dez annos. Um primo velho levava-os para Troyes afim de dividir com elles uma pequena fortuna vitalicia.

« O jardim do velho primo era apenas separado do do Sr. d'Hercigny por um muro commum. Quando o mais moço dos tres irmãos fez vinte annos, Angela recebia a primeira communhão. Até então elle vira-a, brincando com a irmã, por entre as arvores do jardim. Mas não passava de uma creança a brincar. Nesse dia era quasi uma moça. Sem saber ainda porque, o moço ficou contente por ter uma visinha tão bonita. Seguiu então para a eschola de Saint-Cir. O velho parente fizera prodigios para continuar a ser a Providencia dos tres irmãos. O primeiro estava no exercito, o segundo ia ordenar-se padre, o terceiro queria como o mais velho

seguir a carreira das armas. Infelizmente tinha uma indole rebelde que se irritava contra tudo, e que fez com que o despedissem de Saint-Cir no segundo anno. O velho primo não desanimou e obteve-lhe um logar de supranumerario em uma bibliotheca de Pariz. Mas quando ia tornar-se bibliothecario, graças ao nome que tinha, Eduardo provocou o conservador, que lhe lançava em rosto não saber grego, e isto obrigou-o a dar demissão. O ministro dos negocios estrangeiros prometeu-lhe um consulado; mas emquanto esperava, para não morrer de fome, voltou para casa do primo.

« Foi no tempo em que Angela lia romances.

« A moça já era formosa, dessa singular formosura que devia dentro em pouco fascinar Pariz inteiro. Eduardo não a havia completamente esquecido, posto-que perto de cinco annos se houvessem passado sem que elle tornasse a vê-la. Era no outono; um dia que colhia peras e maçãs para o primo, arrimou a escada ao muro commum, coberto de ambos os lados das mais formosas latadas do mundo.

« Emquanto colhia as peras, subiu mais um degráu para olhar para o outro lado. Por um desses acasos familiares ao amor, Angela e a irmã estavam tambem na latada do seu lado. Eu não pudera pintar a emoção da agradável surpresa que apoderou-se ao mesmo tempo de Eduardo e de Angela. Ella deixou cahir os cachos de uva que acabava de cortar, e elle esqueceu-se de colher a pera em que já tinha a mão.

« O moço cumprimentou profundamente.

« —Mademoiselle, peço-lhe perdão, disse sorrindo, por haver-lhe entrado em casa sem bater na porta.

« Era a primeira vez que Angela reparava no semblante do visinho. Tinha uma bonita cabeça, cabellos crespos, olhos negros e avelludados, bigode fino, expressão a um tempo enamorada e espirituosa.

« Angela foi, como o diria Montaigne, caçada do

primeiro tiro. Procurava o seu heroe de romance ; ella que não sabia grego, exclamou como Archimedes : *Eureka !*

« Não quero seguir todos os meandros desta primeira paixão : os senhores estão vendo as cousas daqui. Ella está com dezeseite annos, não conhece cousa alguma, inclusive o seu coração. Elle chega de Pariz, traz cartas marcadas para jogar com innocentes. Sabe pegar em uma espada e arrastar as esporas, não tem sciencia nem litteratura, mas sabe de cór o Don Juan de Byron e o Mardoche de Alfredo de Musset. Conheceu de perto ou de longe os artistas e os poetas em voga. Não leva vida de principe nessa bôa cidade de Troyes em casa desse velho primo que não paga á velha cosinheira ; mas não será uma fortuna chamar-se Eduardo de Salignac ? Ao menos esta é a opinião de Angela.

« O pae de nada sabe ; a mãe anda inquieta, pois a irmã mais moça fallou. Mas de que servem as advertencias de uma mãe que apenas arreceia-se de puerilidades ? Não adivinham o segundo capitulo ? Uma noite, por acaso, sempre por acaso, duas escadas apoiam-se de cada lado do muro. Eduardo já está em cima, Angela arrisca-se a subir o terceiro degráu. Elle falla-lhe e ella responde-lhe. Elle supplica-lhe tanto que ella sobe um degráu mais, depois ainda outro ; depois de improviso, como pôde elle apertar-lhe a mão e beijar-lhe os cabellos ? Ella suppunha-se ainda tão longe d'elle ! Era o fogo da nuvem a descer sobre Galathéa. Fugiu assustada, jurando não voltar ao jardim, mas não dormiu.

« No dia seguinte tornou a subir na escada, depois no dia immediato. Uma noite, descendo da escada, encontrou o pae. O pae carregou-a desmaiada para o salão. Quando a moça voltou a si, a mãe chorava copiosamente.

« — Angela, disse-lhe o pae, tornarás a entrar amanhã para o convento.

« --Eu, para o convento, nunca ! O Sr. de Salignac disse-me hoje que vinha pedir-lhe a minha mão.

« —E eu não lh'a dou, disse o sr. de Hercigny. Minha malaventurada filha, tu não conheces este moço. Não tem cousa alguma, e o que é muito peor, não faz cousa alguma.

« —O nome delle vale uma fortuna, e logo que casar commigo, ha de trabalhar.

« —Digo-te que não hei de consentir em semelhante loucura.

« No dia seguinte, com effeito, o Sr. Eduardo de Salignac foi pedir a mão de M^{lle} Angela de Hercigny. O advogado recusou-lh'a friamente. Quando o moço sahiu, Angela que ouvira o que se passára, declarou ao pae, como nos romances, que o destino ligára a sua sorte á do Sr. de Salignac e que nunca daria a outrem a mão de esposa.

« O espirito de rebellião entrara-lhe no coração com o amor. O pae que a adorava, não pôde reprimir a colera. Pediu á mãe que a levasse no mesmo dia para o convento.

« Depois de lutar com colera, Angela, que queria tornar a ver Eduardo, pediu ao pae que demorasse algum tempo a sua resolução. O pae deixou-se internecer, suppondo que o demonio da rebellião estivesse supplantado.

« Deitaram-se depois de beijarem-se. Que Angela não dormiu já os senhores sabem, mas são capazes de adivinhar que pela noite fóra, emquanto todos em casa dormiam, a moça tornou a descer ao jardim, como si estivesse certa de lá encontrar o Sr. de Salignac ? E encontrou-o. E chorou-lhe sobre o coração.

« —Para o convento ! disse ella.

« —Para o convento ! disse elle.

« E ella chorava outra vez.

« Já se não raptam donzellas. Eduardo bem o sabia,

mas sabia tambem que é mais por culpa dos namorados que por culpa das namoradas.

« — Minha adorada Angela! amo-te até á morte e morrerei por ti! Na nossa desventura só uma resolução podemos tomar, fugiremos para Pariz.

« — Deixar meu paê e minha mãe! disse Angela desprendendo-se dos braços do Sr. de Salignac.

« — Então preferes que te sacrifiquem algum marido duas vezes provinciano? Nasceste para representar um grande papel, e não para representar o papel das mulheres da provincia.

« — Como elle me comprehende! pensou Angela. Tem razão, morrerei de tédio si me suffocarem com algum casamento prosaico.

« — E eu! continuou Eduardo, si ficasse mais oito dias aqui, morreria abafado, por falta de ar no meio destes provincianos.

« — Pois bem! fuja-mos, disse Angela, entrego-me ao teu coração, desposar-me-has em Pariz.

« — Juro prostrado a teus pés, exclamou Eduardo beijando as mãos da sua formosa namorada.

Mas na mulher o desejo da resistencia é tão imperioso como o desejo do amor. Angela resistiu a esta primeira tentativa. Correu para juncto da mãe.

« — Porque estás chorando?

« — Porque tenho medo de mim mesma.

« Não disse uma só palavra mais.

« Reuniu-se o conselho de familia. Decidiu-se que era preciso casar Angela. Havia em disponibilidade um amigo da casa, conselheiro de prefeitura, mancebo sem defeito, como uma tragedia de Campistron; em summa, um marido completo.

« — E' muito aborrecido, disse a Sra. d'Hercigny, mas é o marido que convêm a Angela. Tem como nós a nobreza de béca. Demais, não ha mais que escolher: é preciso deitar agua na fervura.

« Angela chorou embalde, o casamento foi decidido por pluralidade de votos; ella pôz uma bola preta no escrutinio do seu destino, mas seu pae e sua mãe puzeram cada um uma bola branca.

« -- Não chores, disse-lhe o pae, é talvez um casamento forçado, mas é também por força a felicidade.

« Angela amava tenazmente o pae; via-o tão contente com este casamento que occultou o seu pezar e jurou a si mesma entregar a mão com os olhos fechados. « Afinal de contas, dizia, já é alguma cousa fazer a felicidade dos mais. »

« Já não ia ao jardim. Mal ousava olhar pela janella, tanto medo tinha de vêr o semblante daquella a quem ainda amava involuntariamente; tanto desejo tinha de acostumar-se resolutamente áquella a quem não amava.

« — Então não sabes? disse-lhe um dia a irmã, o Sr. Eduardo de Salignac é amigo de teu noivo; acabam de dizer-me que estava convidado para o casamento.

« — E' impossivel, disse Angela corando.

« — Isto te contraria? perguntou a irmã com sorriso maligno e curioso.

« — O que tenho eu com isso! disse Angela para occultar a sua emoção.

« Mas era demasiado romantica para receber essa noticia sem bater-lhe o coração.

« — Ainda bem, disse a moça comsigo, elle verá a minha pallidez e eu o seu soffrimento.

« Elle viu a pallidez della, ella viu o soffrimento delle!

« Não haviam trocado uma palavra depois que se publicára o casamento.

« Por pedido de Angela, que desejava que tudo fosse romantico em torno della, haviam resolvido

que o casamento na casa da municipalidade fosse á meia noite e o casamento na igreja meia hora depois da meia noite.

« Tinha-se pouco tempo antes posto isso em moda em um castello da visinhança.

« Havia duas especies de convites : para a igreja e para o baile em casa da Sra. d'Hercigny, das nove horas á meia noite.

« Eduardo de Salignac só devia ser convidado para para a cerimonia nupcial; mas, por um desses acasos que desmancham o equilibrio das nações e dos casamentos, recebeu um convite para o baile.

« — Não vou ! disse enfurecido.

« Foi um dos primeiros a chegar.

« — Não fallo com ella, disse ao entrar.

« Mas ao cumprimentar Angela, depois de ter cumprimentado a Sra. d'Hercigny, não pôde deixar de dizer :

« — Como a senhora fica bem, vestida de noiva ! nunca a vi tão bella.

« — Não é verdade ? perguntou Angela com um desembaraço que illudiu á sua mãe ; si o senhor quer dansar ainda uma vez commigo, tracte de tirar-me, pois, uma vez casada, não danso mais.

« A mãe fez um gesto á filha, mas Angela não quiz comprehender. Deu ao moço a segunda contradansa.

« — Oh meu Deus ! disse a irmã mais moça, o que dirá o noivo ?

« Dansaram.

« O que lhe diria elle ? E o que lhe responderia ella ?

« — Morrerei ; mas sacrifico-me á vontade de meu pae e de minha mãe.

« — E' melhor dizer o que pensa, Angela ; o unico sacrificado sou eu. O que a seduz é o casamento : que lhe importa o homem ?

« Angela deixara-o para tomar parte na cadeia das damas na quadrilha do *Orpheu no Inferno*.

« — Como o senhor é cruel ! disse Angela tornando a tomar a mão do moço ; affianço-lhe que morrerei.

« Pausa.

« — Ha um meio muito simples de não morrer.

« — Qual ?

« — A senhora não está fallando serio.

« — Eu !

« — Dir-lh'o-hei daqui a pouco.

« Tinham de sahir ambos conforme a marca da contradansa , sahiram.

« Quem os via dansar com o desembaraço encantador dos descuidosos não podia desconfiar que ambos tinham na mente a tempestade.

« O noivo observava-os furtivamente com vaga inquietação, não podendo tornar a si da surpresa em que o punha tão inesperado espectáculo.

« — Qual é ? perguntou Angela com accento imperativo.

« — Ai de mim ! a senhora tem ouvidos para não ouvir.

« — Falle, digo-lhe, estou ouvindo.

« — Pois bem ! ainda tem tempo de não commetter uma estultice.

« — Explique-se.

« — A senhora casa á meia noite, como em um melodrama. São dez horas, tem ainda hora e meia para entregar-se ao prazer da danza, da valsa e da polka. Sei quanto devo ao seu sexo para que vá supprimir um minuto desse prazer ; mas ás onze horas e meia, quem a impedirá de pôr uma capa nestes formosos hombros, sahir discretamente pelo jardim e vir refugiar-se em minha casa ?

« — Ahi está um bonito conselho e um bonito commettimento !

« — E' conselho de doudo, pois estou apaixonado ; mas é commettimento avisado, pois que a arranca á desventura. Conheço-a ; a senhora nasceu para as grandes luctas da vida. O casamento vae enclausurá-la e obrigá-la a sahir pela porta do adulterio.

« Don Juan não fallaria melhor.

« — Calle-se ! não falle assim, sinto-me corar, disse Angela levando o lenço ao rosto.

« — Reflecta bem, e responda-me depois da dansa campesina ; não me deixe fazer muito tempo o papel do cavalheiro da triste figura.

« E depois da campesina, Angela, cujo coração palpitava agitado, disse a Eduardo de Salignac :

« — O senhor tem rasão. E' impossivel que aquelle homem que alli está, seja meu marido. Prefiro morrer, mas quero morrer com o senhor.

« — Sim, morreremos ambos, disse Eduardo de Salignac que era homem experimentado ; dou-me por feliz tornando-a a encontrar altiva e indomavel, consultando apenas o seu coração e affrontando os preconceitos do mundo. Daqui a dous minutos saio adeante, corro a esperá-la, encontraremos cavallos, tomaremos o caminho de ferro na segunda estação ; amanhã demanhã estaremos em Pariz.

« E acabando de fallar, o moço apertou expressivamente a mão de Angela.

« — Não vá acobardar-se de novo, disse-lhe Eduardo com accento de dominador. Si a senhora não fôr, provooco o seu noivo e mato-o.

« — Vou, murmurou Angela, como si obedecêra a uma vontade mais forte que a sua.

« No meio do turbilhão da valsa que seguiu-se, Eduardo de Salignac sahiu por uma porta, Angela desapareceu pelo lado opposto. Correu ao seu quarto desvairada, sem saber ainda si ousaria seguir as lou-

curas de seu coração. Tres velas ardiam deante do espelho, em um candelabro de tres braços.

« — Tres luzes, disse a moça, é um augurio de infelicidade.

« Apagou uma. Como punha sempre algum espirito em tudo, ainda nos momentos mais dramaticos, fez a seguinte reflexão: que as tres luzes representavam-na entre os dous apaixonados.

« — Quem apagaria eu? perguntou sorrindo.

« Mas, mirando-se no espelho, ficou atterrada com a sua pallidez e com a contracção das suas feições.

« — Não, disse de subito, não faltarei aos meus deveres. Foi o demonio quem fallou-me, mas Deus vela por mim.

« O seu pendulo que estava meia hora adeantado, deu meia noite.

« A moça teve medo, lembrou-se dos contos das aias que dizem que ao dar meia noite vê a gente o seu destino no espelho.

« Olhou com intrepidez; mas pouco e pouco o coração palpitou-lhe mais agitado, os olhos turvaram-se-lhe, soltou um grito e segurou-se no marmore da chaminé para não cahir de costas.

« O que vira?

« Viu nodoas de sangue no seu vestido de noivado.

« — Oh meu Deus! disse com desespero, o que se vae passar?

« E contemplava o vestido com angustia.

« — Vão bater-se em duello, e estas nodoas de sangue que eu vi... que supponho vêr ainda...

« Poz a capa nos hombros.

« — Não fugirei, disse; mas quero tornar a vê-lo, para ordenar-lhe que se vá embora immediatamente.

« Desceu a escada e poz-se a correr como uma douda para o fundo do jardim.

« Mas apenas tornou a vêr don Juan de Salignac, disse-lhe: « Vamos! »

« Nada estava preparado para o rapto. Foi preciso que Angela, com o vestido de garça, transpuzesse o muro divisorio, atravessasse silenciosamente a casa do primo e fosse metter-se, sempre a tapar o rosto, em um carro de aluguel que o Sr. de Salignac encontrou na estação dos correios, com um pessimo cavallo que devia levá-los á proxima estação onde tomariam o trem da manhã.

« Para certas mulheres é o impossivel e o imprevisto que serve. Angela suppunha obedecer á fatalidade atravez dos obstaculos mais românticos. Apoderara-se della essa embriaguez do perigo que fascina e que deita a perder muita vez as mais avisadas.

« Passo por alto todas as emoções da viagem. Chegaram a Pariz. Angela queria abrir os olhos, mas o amor cegava-a. Pensava nas lagrymas da familia; mas viver sem o Sr. de Salignac era a morte. E ella queria viver.

« Abriu os olhos algumas horas depois de chegar.

« — Serei mesmo eu? perguntou a si propria.

« Como toda as mulheres, só se apercebeu da quéda depois de haver cahido.

« Mas nas primeiras horas Eduardo consolou-a com tanto amor que, embora lamentasse ter deixado a familia, saboreava a sua ventura. Havia, é certo, algumas lagrymas na taça, mas qual é a ventura que as não tem?

« Os namorados despresam muito o dinheiro. Cégos! ora, é quasi sempre o dinheiro que vem matar o amor.

« O Sr. de Salignac reunira com grande difficuldade uns trinta luizes em Troyes. Era pois essa toda

a fortuna dos nossos dous amantes, pois Angela, que devia receber oitenta mil francos de dote, nem sequer troxera uma joia. Porisso, quando chegaram a Pariz, a quarta parte do seu thesouro estava comida.

Foram occultar-se em uma hospedariazinha do arrabalde Saint-Germain, — rua de Lille, hospedaria de Valença, — onde o Sr. de Salignac, que conhecia um tanto o valor do dinheiro, contava viver com pouco até revolver o mundo por amor dos formosos olhos de Angela. Mas Angela não calculava assim. Logo depois de chegarem, o moço dissera-lhe distraidamente :

« — E' preciso vêr-lhe alguma roupa, hei de mandar-lhe cá uma costureira.

« A costureira veio na ausencia do Sr. de Salignac. Angela nem sequer calculára si Eduardo teria muito dinheiro ou pouco. Como nascêra com supremo gosto, encommendou um vestido e um paletot que fossem dignos do amante. Quando a costureira voltou com o vestido e o paletot, o Sr. de Salignac ficou atterrado. No entanto tomou cortezmente a sua resolução, e levou o heroismo ao ponto de aconselhar-lhe que escolhesse um chapéu.

« A primeira vez que sahio com Angela, ensoberbeceu-se com a admiração que a moça despertava por onde passava; mas não pôde deixar de dizer como certo vencedor :

« — Mais uma victoria como esta, e estou perdido.

« Não chegou a esperar segunda victoria para ficar arruinado. Calculou que lhe era impossivel viver com Angela, sem ter as mãos cheia de ouro e sempre abertas.

« Como condemnar as mulheres que nasceram rainhas a viverem como costureiras? Eduardo começou a ser infeliz com a sua felicidade. Chegou dentro

embreve ao ponto de lamentar não ter ficado em Troyes onde morria de aborrecimento. Nesse dia trocára o seu ultimo luiz.

« O que ia ser delle? Confessaria á amante que raptara-a no Rossinante do Sr. Miseria? fingiria remorsos e restitui-la-hia apezar della á familia? ou simularia não amá-la já e desampará-la para correr a novas aventuras?

« Era brutal, mas era don-juanesco.

« O defeito de quem não tem dinheiro é ter muitas vezes medo de mostrar que o não tem. O Sr. de Salignac queimára os seus navios para voltar a Troyes. O irmão, já capitão de spahis, acabava de escrever lhe dizendo que tinha para elle, á mão, quasi uma fortuna em Argel. Suppunha já não amar Angela, resolveu ir-se embora. Tê-la-hia amado?

« Foi uma dor immensa para a misera a primeira noite em que elle não voltou. Não se deitou; esperou até demanhã. Demanhã as lagrymas foram mais acerbadas. Até então não pôde suppor-se trahida; mas demanhã trouxeram-lhe este simples adeus, que não foi uma punhalada, mas sim uma facada, que não deixou-lhe a menor duvida:

« *Encontramo-nos uma noite na mesma hospedaria como dous viajantes que se divertem um com o outro, seguimos o mesmo cuminho durante algumas horas; mas nada mais temos que dizer um ao outro, e, para evitar o capitulo das lagrymas, saltemos de pés junctos por cima dos adeuses.* »

« O Sr. de Salignac achára esta carta muito byronica.

« Deixando-a assim, dissera sem duvida comsigo mesmo, conservo aos olhos della a minha bandeira. Faça ella o que fizer, amar-me-ha sempre, e torná-la-hei a caçar quando me aprouver.

Não conhecia a amante. Angela nunca mais devia perdoar-lhe. Considerou esta carta como uma injúria e uma infâmia ; a indignação matou-lhe o amor.»

Dizendo estas palavras, Cleopatra olhou altivamente para Rodolpho, que tentou resistir corajosamente a esse olhar.

A moça continuou assim :

« Apoderou-se de Angela tamanho desespero que transformou-se em uma febre cerebral.

« — Oh meu pae! oh minha mão! exclamou, como tinheis razão, e como estaes vingados! »

« Queria morrer, e durante os quinze dias que lhe durou o delírio, não teve outro grito de desesperação. Si sua mãe ahi estivesse, ter-se-lhe-hia atirado nos braços e reconquistado toda a força para o bem, — mas lá esteve apenas um estudante de medicina que tractou-a com desvelo fraternal.

« Quando viu-se restituída á vida, succedeu o que devia succeder: o seu salvador tornou-se seu amante. »

Rodolpho não pôde reprimir um movimento de colera.

« Não tenham pressa de atirar-lhe segunda pedra, continuou Cleopatra. Esse moço era encantador, mas não foi por amor da belleza d'elle que se lhe lançou nos braços. Estava dahi em deante só e ferida, carecia de um amigo para desafogar o coração. Quando se é bella e se tem dezoito annos, onde encontrar um amigo que não seja tambem amante?

« Tenho pressa de acabar. Um príncipe milanez roubou-a ao estudante de medicina. A mulher só se consola da sua primeira quéda com segunda, — da segunda com terceira, — e assim por deante; quer isto dizer que está sempre a consolar-se e nunca está consolada.

« O que lhes importa a continuação deste romance?

Angela não quiz sahir no meio das cortezãs. Possuía uma bonita voz; o príncipe italiano levara-a para Nápoles; tomou um mestre de canto e estreou em San Carlo.

« Ainda não cantava bem, mas ouviam-na com os olhos. Durante uma estação inteira, foram só chamados á scena, serenatas, ovações. Não deixou mentirosos esses enthusiasmos prematuros, pois revelou-se para logo pelo acento e pela sciencia das grandes cantoras.

« Mas para que cantar ?

« A indolencia napolitana apoderou-se della e deitou-a no seu leito de rosas.

« Voltou a Pariz. Pudera bater á porta dos Italianos ou da Opera. Mas para que tornar-se celebre ? Não o quiz siquer por amor de si mesma e preferiu viver entregue aos azares da elevada existencia pariziense.

« Devo dizê-lo ? foi então que o seu primeiro amante voltou e atirou-se-lhe aos pés. A' mesma felicidade a que fugira, queria agora ser restituído. Dignava-se esquecer o mal que fizera a Angela, semelhante ao grão-vizir que perdoava aos inimigos depois de cortar-lhes a cabeça.

« Mas Angela, — si já não tem coração, — conserva ainda a cabeça e nunca perdoará. »

E quando Cleopatra acabou assim de contar a historia de Angela, o duque de Chavailles disse-lhe dando-lhe um cigarro :

— A senhora conhece essa mulher forte ?

— Conheço.

— Tambem eu conheço-a.

— Não, o senhor tem-na visto cem vezes, mas nem o senhor nem os mais conhecem cousa alguma de Angela, nem esses mesmos que têm vivido com ella...

XXII

O PREMIO GRANDE NO DERBY DE EPSOM

Narrando esta historia, Cleopatra, que receiava descobrir demasiado a marquezia Cavoni aos olhos do Sr. de Chavailles, passára rapidamente pelo seu viver na Italia.

Valerá de mais a mais a pena dizer como vivêra muitos annos em Napoles e Roma? O marquez Cavoni, amigo do principe milanez, havia muito naturalmente roubado a amante do amigo.

Eis a razão por que Cleopatra fôra a Roma com o nome de marquezia Cavoni. Ter-lhe-hia o marquez dado a mão ao dar-lhe o nome? Ella dizia que elle desposara-a em Sorrento. Não vi o contracto. Mas houve contractos de renda authenticos.

Passou em Roma a vida das fidalgas que vão á missa e á opera.

O marquez morreu de um aneurisma em um dia de ciúme. A moça voltou a Pariz, e representou os seus dous papeis de marquezia e de cortezã.

Em Pariz encontrou outro principe, mas como conheceu Max?

Outrora havia torneios para conquistar corações. Hoje ha Chantilly, Longchamps e Epsom.

Nas ultimas corridas de Epsom, a que o principe levára Cleopatra, quiz mostrar os seus dotes, e sahiu a disputar um premio com Max e lord Northerton em uma corrida de gentlemen-riders.

— Veja lá, dissera resolutamente Cleopatra ao amante, si o senhor não fôr o primeiro a chegar, não me encontrará mais.

Quem chegou primeiro foi Max.

— Senhora, disse elle a Cleopatra, transpuz todos os obstaculos excepto um.

— Pois bem, disse Cleopatra estendendo-lhe a mão, transpô-lo-hemos junctos .

Max andava, havia muito, enamorado della ; tinha a fronte radiante como si lhe houveram dado uma corôa de rei.

— Senhora, disse ganhando ousadia, não espere-mos que o principe volte.

— Tem razão, disse a moça. Gosto destes modos de conquistador. Nunca perdoarei ao principe ter-se deixado ficar no caminho.

Cleopatra já havia reparado em Max. Achava-lhe uma dessas bellezas fataes e febris que abalam profundamente as mulheres.

Com o seu primeiro amante encontrava o amor sem procurá-lo. Depois procurava continuamente o amor sem encontrá-lo. Mais de uma vez, vendo passar Max sentira pulsar-lhe o coração e dissera comsigo :

— Max é talvez o homem a quem procuro.

E porque Max e não outro ? O proprio La Rochefoucauld seria capaz de responder a esta pergunta ? Porque Max tinha não sei que indício de perversão e de effeminação que irritava a curiosidade dessa exploradora de amor.

XXIII

VIAGEM DE BOUGIVAL A PARIZ

Tinham ouvido a historia de Angela com curiosidade, mas não sem alguma impaciencia e distracção.

— Para que isto ? dizia o principe Elim a Jacintha ; não ha romance bom sinão o romance em acção. Cleopatra fá-lhs todos os dias melhores que o que acaba de contar.

A Taciturna bateu palmas e levantou a taça cheia de vinho de Champagne.

— Cleopatra, bebo ao teu espirito !

Todos imitaram a Taciturna e beberam á saude de Cleopatra : chegaram a beber ao espirito da Taciturna.

— Eu, disse Rodolpho, brindo a Angela !

O sol poz-se durante esta festa da idade de ouro ; o crepusculo aproximou as distancias, os convivas beberam seu tanto no mesmo cópo.

A Taciturna nunca esteve tão eloquente. Embrulhava as suas quatro phrases com a mais formosa desinvoltura deste mundo.

A Dama de Ouros começava a ver tudo duplicado e asseverava que o seu vinho não fazia mal.

M^{lle} Cleopatra levantou-se e desapareceu solitaria por uma alameda. Pensava em tornar ao seu carro e voltar para Pariz, quando de repente sentiu a sua mão na mão de Rodolpho.

Estremeceu.

— O senhor ? disse recolhendo a mão. Contava não ter de vê-lo mais.

— Angela ! Angela ! não me falles assim. Eu morria longe de ti. Amo-te e estou a teus pés.

— Pois que ! senhor, a mulher de quem o senhor fez uma cortezã ! a mulher a quem o senhor já não amava quando lhe pertencia, será capaz de amá-la quando pertence a todos ? Olhe, eu, eu odeio-o, porque o senhor é um infame.

— Angela, Angela, demasiado amava-te para condemnar-te a meus olhos a essa vida de miseria que te aparelhára.

— E' isso mesmo, o senhor atirou-me nos braços do primeiro homem que me apparecesse, para que outrem completasse a sua obra, e volta hoje para mim porque sou uma rapariga em voga.

— Angela ! para que esta injuria ? Deus é testemunha de que eu só tinha um ficto, enriquecer e di-

zer-lhe : Fiz o mal, mas faço o bem. Em Argel o duque de Malakoff fez a minha fortuna. Voltei para depôr minha vida a seus pés, mais a senhora havia deixado Pariz. Na minha dor, tenho corrido o mundo, chego de Jerusalem, com o coração mais digno, tendo apenas esta palavra nos lalios : Para a vida e para a morte !

— E' muito tarde, senhor ; si me houvera amado, não me entregára assim aos azares do dia seguinte ; de nós dous quem amava devéras era eu ; eu estava prompta para tudo, até para tornar-me sua serva, para viver com o senhor em um pardieiro, para matar a minha belleza sob o peso do trabalho, para consagrar minha mocidade a seu grado ; não quiz dispôr da mulher pura, não lhe darei a mulher maculada.

Cleopatra tomava a sua desforra.

Rodolpho já não tinha os seus modos byronicos ; o seu tom zombeteiro e impertinente desapparecêra sob a sua emoção ; esse homem que sempre havia-lhe dominado o coração, dominava-o o seu coração agora.

— Angela ! Angela ! si soubesses quanto eu soffro ao pensar que a que foi meu bem, minha vida, minha alma... ao pensar que és a amante de outrem... juro-te que ficarei doudo !

— Atreve-se a fallar-me no seu soffrimento, o senhor que em nada crê, nem na sua alma ; mas então não sabe quantas lagrymas derramei antes de precipitar-me de cabeça para baixo neste inferno cuja porta o senhor abriu-me !

— Pesa-me e choro. Eu estava louco, suppunha que as mulheres riam-se sempre, não sabia que te amava ; mas quando vi o abysmo entre ti e mim, despertou-se-me o coração mordido pelas serpes do ciume.

— Declamação ! mera declamação ! Parece-lhe que eu deva responder tambem com declamações ? Acabe-

mos com isto, tenho horror a toda essa moxinifada em estylo de folhetim ; ameio-o, já não o amo. Foi o senhor quem escreveu-mo, encontramos-nos na mesma hospedaria, foi isto hontem ; hoje cada qual segue seu caminho. Adeus.

— Angela, por misericordia, não me falle assim !

— O que quer que eu lhe diga ? Creio que não supporá que o vou mandar entrar pela escada secreta ; sabe que tenho um amante ?

— Matá-lo-hei !

— Prohibo-lho, porque amo-o.

— Cala-te, que me dás a morte !

Rodolpho tornou a tomar a mão de Cleopatra e apertou-a com raiva.

— Supplico-te, murmurou com voz charinhosa, dize-me que te lembras, dize-me que me perdôas, dize-me que te ficou o reverso do amor, a amisade.

— O reverso do amor chama-se odio.

— Não, tu não me odeias, sinto-o pelo pulsar de meu coração.

— Pois bem, senhor, si se contenta com um pouquinho de amisade, não desejo a morte do peccador.

Rodolpho sentia-se desconsiderado no coração de Cleopatra. Preferiu apanhar cobardemente a esmola de amor que ella lhe atirava com tanto desdem a ir por deante com a sua altivez.

— Pois bem ! sim, disse-lhe o moço, dá-me a tua amisade, já que me negas o teu amor.

A grande questão para elle era reatar relações ainda que com a mais fragil cadeia :

— Vê-la-hei, fallar-lhe-hei : quero reconquistar o futuro por meio do passado.

E para começar este rude e suave trabalho, disse-lhe com voz supplice :

— Dá-me um logar no teu carro para voltar a Pariz.

Cleopatra sorriu.

— Eis ahí, disse ella, uma amisade arriscada; mas como não a temo, consinto em voltar com o senhor para Pariz.

Continuára a ser mulher e queria divertir-se com as luctas da sua paixão e da sua virtude.

Esta palavra requer explicação.

O poeta disse que a mulher tornava a encontrar a sua virgindade pelo milagre do amor; pudera também dizer que ella tornava a encontrar a sua virtude. Não conheço rapariga perdida que, em circumstancias dadas, não reivindique todos os thesouros da mulher.

XXIV

BRINCAR COM A VIRTUDE

Durante o trajecto de Bougival a Pariz Rodolpho mostrou-se discreto como um namorado que confia no dia seguinte, que receia perder tudo tentando adiantar terreno, que guarda todo seu jogo para as occasiões propicias.

Cleopatra não pôde occultar a surpresa que experimentava ao vê-lo tornar-se de repente terno, triste e resignado, elle, a quem conhecêra zombeteiro, jovial e despotico; olhava-o furtivamente e a si propria perguntava si seria aquillo uma comedia, mas reconheceu dentro em pouco que essa physiognomia aberta não podia cobrir-se com uma mascara.

— Amar-me-ha elle realmente? perguntava com sigilo.

Rodolpho fallava pouco, contemplava Cleopatra com profundo sentimento de melancholia; era a imagem da sua passada ventura, dessa ventura que elle não havia querido.

— Quando penso, disse com colera, tomando a mão de Cleopatra, que apenas soube amar-te ao perder-te; quando penso que te consolaste e que com isto hei de morrer...

Chegavam ao Arco de Triumpho da Estrella; como unica resposta a esse grito partido do coração, Cleopatra, que não queria tornar-se elegiaca, disse-lhe:

— Sr. de Marcillac aonde quer que o leve?

— A' sua porta, disse Rodolpho.

— Está bom, deixá-lo-hei na minha porta, disse Cleopatra tentando rir-se.

— Quem sale? disse Rodolpho; talvez a senhora leve a sua abnegação até ao ponto de offerecer-me uma chavena de chá.

Cleopatra, querendo provar a si mesma que não tinha medo do despertar da sua paixão, respondeu com desembaraço:

— Tudo quanto o senhor quizer.

E quando chegaram a rua do Circo:

— Está dito, continuou Cleopatra; quer que lhe offereça chá?

— Quero; disse Rodolpho offerecendo-lhe a mão para apeiar-se do carro.

Custou-lhe muito a conter o furor do ciúme, quando um creado abriu a porta e elle percebeu o luxo accusador de Cleopatra, — esse luxo que tinha previsto, — esse luxo que tinha sonhado! Profunda tristeza apoderou-se de ambos; ella conheceu que elle não estava em sua casa, elle houvera desejado que a moça não estivesse na casa della.

— Está acceso o fogo na camara da senhora, disse Leontina encarando com o recémchegado.

— Manda accender fogo no salão, disse Cleopatra.

Não queria, quer por amor de Max, quer por amor de Rodolpho, que este lhe entrasse na camara.

Accenderam o fogo no salão e trouxeram o chá.

— Bonitas chavenas, disse Rodolpho.

— São, são de porcellana de Sèvres, finissimas. Gosta de muito assucar?

— Nunca tomo chá, disse Rodolpho que gostava muito de chá.

Cleopatra entendeu e atirou a chavena á chaminé.

— Perdõe-me, disse Rodolpho, não tenho o direito de ter virtudes tão brutaes.

Cleopatra tinha os olhos rasos de lagrymas.

— O senhor comprehende, não é verdade? quanto tenho soffrido com a minha altivez; ha continuamente duas mulheres em mim; mas ha principalmente a que se rebella; embalde lanço-me no meio do turbilhão, embalde tento fascinar-me com o luxo dos olhos, o meu primeiro luxo é ter coração. Não me achas boa para ir para Petites-Maisons? O senhor quiz vir á minha casa, ai de mim! comprehende que está em casa dos outros. Vá-se embora, Rodolpho, e não volte mais!

— Sim, irei, mas com a senhora.

E Rodolpho, que suppunha que o coração de Cleopatra se lhe tornava a abrir um pouco, readquiriu de subito as suas mais fortes seducções: tornou-se como outr'ora, encantador, espirituoso, imprevisto, porém mais terno, mais apaixonado, mais seductor.

Cleopatra mal pôde defender-se contra a poesia do passado, resuscitava inteira e potente e cerrava-a nos braços de rosas e de chammas.

Rodolpho possuia a belleza soberana da mocidade, da raça, e da intelligencia; tinha, sem o saber, a verdadeira eloquencia que prende as mulheres, o estylo imaginoso, a turbulencia da paixão, a logica do demonio que consorcia a loucura e a rasão e que derrama sobre o mal as côres do bem; possuia prin-

principalmente a eloquencia dos olhos, esses olhos em que Cleopatra, mais moça, via a um tempo o inferno e o paraíso, tão profundos eram, tão ardentes, tão meigos.

Quando viu que Cleopatra o escutava, quando sentiu estremecer-lhe sob a mão a mão da sua antiga amante, não desesperou de tornar a ganhar a batalha.

Cleopatra que aos primeiros ataques do moço simulára indiferença, parecia já não se dominar, cahiu-lhe o pente e os cabellos desprenderam-se-lhe como um mólho desatado. Rodolpho tomou-os com violencia e beijou-os com paixão, mas não passou dahi. Cleopatra desatou a rir.

— Realmente, disse, o senhor suppõe que os seus tres annos de ausencia não passam de um sonho e que acorda demanhã nos meus braços. Então nunca me ha de conhecer? Sou uma mulher a quem se toma, mas a quem se não torna a tomar. Fique-o sabendo, vae mais distancia, agora que o senhor está a meus pés, de Rodolpho a Cleopatra que de Cleopatra ao primeiro individuo que ella encontrará. Adeus, vou deitar-me; adeus, meu amigo.

Cleopatra accentuou esta ultima palavra.

Rodolpho viu que tudo estava perdido, ao menos por essa noite. Não lhe restava mais do que bater em retirada, sem parecer vencido.

— Conto, disse tomando o chapéu, que não recusará jantar amanhã commigo; a senhora comprehende que amo-a demasiado para voltar aqui.

— O senhor comprehende que o amo demasiado para jantar com o senhor.

— Não gracieje, nem ria-se, isto é triste.

— Sim, é triste, e porisso rio-me; porque si eu chorasse...

Rodolpho atirou o chapéu ao chão e agarrou violentamente em Cleopatra.

— Cleopatra! torno a encontrar-te; dize-me que me amas, e morrerei a teus pés.

Embalde a moça voltou a cabeça, sentiu os labios do moço em seus olhos.

Pela segunda vez desatou a rir.

— Isto não é verdade, exclamou Rodolpho com furor.

— Não e verdade? perguntou ella; porventura não me rio direito?

Rodolpho tomou o chapéu e sahiu sem voltar a cabeça.

Quando chegou á escada, quiz voltar atraz.

— Não, disse, amo-a muito, a lucta é desegual.

Passou duas horas embaixo das janellas de Cleopatra com as fontes febricitantes e o coração a bater-lhe fortemente.

— Quando penso que ella está acolá e eu aqui, quando penso que ha hi um abysmo que eu talvez não possa transpôr...

Cleopatra não dormia, abrira um romance, mas não o lia; tinha querido orar, mas não orára.

— Aposto, disse de repente, que Rodolpho está na rua.

Ergueu-se, affastou a cortina e viu Rodolpho.

Foi-lhe preciso nesse momento mais virtude para não abrir a janella, do que mostrára desatando a rir para occultar o coração.

Tornou a metter-se no leito e envolveu-se na sua altivez, — podia-se talvez dizer na sua virtude.

XXV

A PEROLA NEGRA E O VINHO QUE ADORMECE

Max estava retido na Hollanda. Escrevia todas as manhãs, e mandava um telegramma todas as tardes. Cleopatra não estava muito impaciente, entregue

completamente á lucta com Rodolpho que se mostrava obstinado e não a vencia.

Um dia Cleopatra via-se presa de uma dessas tristezas indiziveis que muitas vezes se apoderavam della depois de alguma festa — uma dessas festas que aturdem a alma e não deixam apoz si mais do que o fumo do fogo de artificio. — Tomou as mãos de Rodolpho :

— Não quero mais tornar a vêr-te, não quero mais ver a luz, não quero mais vêr-me a mim mesma.

Cleopatra tinha frequentemente esses momentos de sombrio arrependimento.

— Ouve-me, continuou com uma expressão singular, supponho-me destinada a morrer moça ; não me queixo. Bemaventurados os que morrem moços, porque são pranteados ! Eu não tenho certeza de ser pranteada ; mas o que eu amo é á minha belleza. Pois bem, confesso-te, ser-me-hia mais doloroso perder a minha belleza que perder a vida.

— Mas, minha Cleopatra, inquietas-me seriamente ; não has de perder nem a belleza, nem a vida ; mas o que supponho que vás perder é a razão.

— Eu continuo. Ha já muito tempo que Max offereceu-me uma perola sem igual para pôr no meio do meu collar de perolas brancas. Não tenho querido acceitar a sua perola negra, porque é de um preço exorbitante ; mas quero agora que vás á casa de algum fãbricante de perolas falsas...

— Perolas falsas ! Queres dar algum presente á tua cosinheira ?

— Não, é para mim.

— Fizeste alguma aposta.

— Talvez. Não queiras saber o meu segredo e traze-me o mais breve possivel uma perola negra que pareça tão verdadeira como si não fosse falsa.

Cleopatra era tão caprichosa que Rodolpho obedeceu sem dar tractos ao espirito para adivinhar o segredo

de semelhante desejo. Não lhe foi preciso muito tempo para trazer a perola negra. Era uma dessas maravilhas de imitação que illudem a todos e são o desespero dos joalheiros.

No dia seguinte Rodolpho, indo cumprimentar Cleopatra em uma primeira representação, não ficou pouco sorprendido reconhecendo a sua perola negra no collar miraculoso.

— Não posso crer no que estou vendo, disse o moço ; então que mysterio é este ?

— Silencio ! disse Cleopatra ; nada de fallarmos na perola negra.

Embalde Rodolpho instou e supplicou, não obteve uma palavra de explicação.

Todos em roda de Cleopatra ficaram igualmente sorprendidos de ver esta perola negra no collar. Cada qual contou a seu modo a lenda da perola negra para mostrar-se bem informado, mas ninguem adivinhou a verdadeira historia.

Cleopatra havia guardado alguma cousa de todos os seus amantes : de um, um ramalhete murcho ; de outro, uma carta ardente que acordava-lhe n'alma dias já esquecidos ; deste, um retrato ; daquelle, um livro lido ha dous annos na floresta de Saint-Germain. O marquez Cavoni deixára uma lembrança sem o saber. Era um veneno indiatico, encerrado em um frasco inperceptivel. Perguntára muita vez ao marquez qual a efficacia desse veneno. Para convencê-la melhor, havia um dia, á sua vista fulminado um gato derramando sobre elle uma gotasinha do liquido, chamado pelos indios « o vinho que adormece ».

A perola negra no pescoço de Cleopatra encerrava esse terrivel veneno que, n'algum dia de derrota, podia ser decisivo.

— Agora, dizia a moça sorrindo, de nada tenho medo ; tenho a morte commigo.

XXVI

CLEOPATRA NO BANHO

Cleopatra continuava a ter os seus momentos de virtude contra Rodolpho como ha algumas que têm os seus momentos de devoção. Rodolpho conhecia de sobra Angela para erguer as suas baterias em frente della. Contava sorprendê-la não na sua fraqueza, mas na sua força, ou antes contava que ella tornasse a abrir-lhe resolutamente os braços. Quem foi que disse : *Contra a força não ha resistencia?* Este não póde ser axioma em amor, que resiste sempre á força, e vive do que é imprevisto e do que é fraco.

Rodolpho sabia que Cleopatra revoltar-se-hia contra toda a violencia, por mais suave que fosse.

Uma manhã sorprendeu-a na sua sala de banho, no momento em que ia entrar na banheira. A moça havia já posto um pé no escabello de marmore — o pé de marmore roseo em cima do marmore niveo ; — um movimento mais, e teria entrado. O penteador, nuvem de cambraia e rendas tão fina e transparente que faria desesperar uma fada — a fada das agulhas de ouro, — beijava-lhe castamente as espaduas, os seios e as cadeiras, trahindo aos olhos de Rodolpho os divinos contornos da mais maravilhosa esculptura humana. Rodolpho conteve-se a custo, a custo deixou de tomar Cleopatra nos braços. A moça olhava-o com expressão a um tempo surpresa e zombeteira.

— Meu charo, disse-lhe, o senhor sabe que eu não recebo visitas aqui.

— Quero crê-lo; tambem não é uma audiencia que venho pedir-lhe, é um espectáculo. Vi hontem na officina de Clésinger uma Venus que sahe das ondas, vejo hoje Juno a occultar-se n'agua. Eis tudo. Mera questão de arte.

— *O senhor sabe*, meu amigo, que nem a arte nem o amor conseguiram nunca despir-me. Só a candura tem direito de mostrar-se nua. Lembre-se de Eva antes e depois do peccado. Consequentemente faça-me o favor de olhar para o outro lado.

Rodolpho obedeceu.

— Oh! meu Deus! exclamou Cleopatra, ha alli um espelho!

— No espelho é como si a visse dentro d'agua.

— Pois bem, vire a cabeça.

Cleopatra entrando no banho, envolveu-se com o seu penteador e deitou-se voluptuosamente no seu leito liquido, espalhando o cabello em madeixas opulentas.

— E agora, senhor meu amigo, conte-me alguns desses lindos contos que aninavam-me tão bem no tempo em que os seus cabellos negros faziam erguer-se os meus cabellos louros.

Não sei bem que conto contou Rodolpho. Elle disse-me que fallou com paixão dos dias afortunados em que Cleopatra amava-o. E, emquanto fallava, inclinára a cabeça para tocar com os seus cabellos negros os cabellos louros da banhante: ella estremeceira; mas olhando de repente para elle com um tom inquebrantavel, disse-lhe:

— Sr. Rodolpho, o senhor esquece-se de que já não temos o mesmo travesseiro. Ande, levante a cabeça!

Rodolpho levantou duas vezes a cabeça e sahio para esconder o seu furor.

— Basta, disse ao sahir. De sobejo tenho humilhado o meu coração, não tornarei a vê-la.

Mas á noite tornou a encontrá-la no Circo e foi sentar-se-lhe ao lado emquanto Crockett brincava com os seus leões.

— A féra não é o leão, é a mulher, disse-lhe.

— Já está impresso, meu rico. Mas si a mulher é a féra, é porque o homem deu-lhe garras.

XXVII

IMBROGLIO Á ITALIANA

Foi então que M^{lle} Cleopatra jogou consigo mesma este jogo singular. Quiz que Rodolpho, que amava Cleopatra, se puzesse a adorar a marquesa Cavoni; quiz que o Sr. de Chavailles, que adorava a marquesa Cavoni, ficasse loucamente apaixonado por Cleopatra.

Foi com Guy que começou o maravilhoso imbroglio.

Uma manhã o duque recebeu esta cartinha :

« O senhor disse um dia, não sei a quem, que tinha medo de mim : pois bem, eu não tenho medo do senhor. »

Guy volveu vinte vezes a cartinha, como si não comprehendesse esta provocação. O seu primeiro movimento foi ir ter direito com Rodolpho e dizer-lhe : Eis o que Cleopatra me escreve. Mas o genio máu que mata a amizade sob o poder do amor demoveu o desse bom pensamento. A belleza de Cleopatra fascinou-o.

— Irei por curiosidade, disse.

A lembrança da marquesa Cavoni fê-lo parar de subito nesse bonito intento.

— Não, não vou, continuou. Seria trahir a marquesa. Demais, para quê ir, si não amo Cleopatra?

Atirou a carta em cima da chaminé. Mas tornando a apanhá-la immediatamente :

— O que ella propõe-me é um duello sem tréguas, disse passeiando agitado; não se recusa um duello, não se foge deante do perigo.

Parou deante de uma photographiasinha da marquesa Cavoni.

— Como ella é formosa ! disse com expressão de jubilo amoroso.

A marquezeta estava retratada com um véu transparente que dava-lhe ainda mais encanto á belleza a um tempo severa e risonha.

Tomou o retrato, pôz nelle os labios e disse resolutamente :

— Não, não vou á casa de Cleopatra.

Mas apenas acabára de proferir estas palavras, já não podia deixar de olhar ainda uma vez para a carta. Olhou para o fecho, e nelle descobriu em characteres turcos esta sentença dos fatalistas : « *Está escripto lá emcima.* »

— Está escripto lá emcima, murmurou.

E, como si obedecesse a uma força invisivel, pôz o chapéu na cabeça, tomou a bengala e sahiu.

Morava na rua de Lille juncto da ponte da Concordia. Bastavam-lhe dez minutos para atravessar os Campos Elyseos e chegar á casa de Cleopatra.

— Eu o esperava, lhe disse ella jovialmente.

— Quiz provar-lhe, que não tinha medo da senhora.

— Si o senhor não tivesse medo de mim, não teria vindo.

— Mas as creanças quando têm medo de phantasmas, nunca sahem ao encontro delles.

— E o senhor suppõe que eu sou apenas uma sombra !

— Talvez. Será o mundo outra cousa mais que a comedia das sombras ? Mas não vim aqui para abrir curso de philosophia. Queria dizer-lhe, senhora, que achava-a muito bella, e que si a rainha do Egypto, outra sombra, resuscitasse no meio de nós, não seria digna de atar os laços das suas chinellas.

E com a ponta da bengala Guy ergueu de leve o vestido da cortezã para melhor vêr-lhe o pé.

— No Egypto, senhor duque, si um nobre como o senhor se lembrasse de tomar uma bengala para medir os pés de Cleopatra, o que imagina que ella lhe diria ?

— Prefirirá a senhora que eu me prostre como os orientaes no pó das suas chinellas?

— Prefiro que o senhor deixe-me os pés embaixo do vestido e que falle-me do estado de sua alma. Está apaixonado?

— E póde perguntar-m'o quando estou em sua presença?

E o duque approximou a poltrona do sophá em que estava sentada Cleopatra.

— Tenho horror ás phrases já feitas. — Responda-me sem rodeios. — Está apaixonado?

— A's vezes, nos dias chuvosos.

— Si eu conhecesse a marquezia Cavoni, não deixaria de contar-lhe isto. Nos dias chuvosos! ali está um culto que deve lisongeá-la.

— Quem lhe fallou na marquezia Cavoni?

— Quem? todos. Eu já o suppunha casado. E' aliás uma mulher encantadora, a julgar pelo que sei, pois mal a tenho visto.

— Foi Rodolpho quem fallou-lhe nella e em mim!

— Rodolpho, o senhor não o conhece, apesar de ser amigo d'elle. Quando está commigo, só me falla de si.

— Diga-me, senhora, porque o faz desesperar assim? Será possível que a senhora já o não ame, a elle que ama-a com paixão mais elevada que as torres de Notre-Dame?

— Não posso amar Rodolpho nos dias em que lhe convêm. E além disso tenho eu lá tempo de amar? Si o senhor soubesse tudo o que eu tenho de fazer: corridas em que entram sempre cavallos meus; theatros, em cujas peças ha sempre algumas palavras commigo; Bade e Monaco, onde jogo sempre e muito.

O duque interrompeu Cleopatra.

— Mas o amor é como o ar que a gente respira, não é nenhum trabalho; vive-se com elle si é suave, morre-se por causa d'elle si é ardente. Rodolpho, si a

senhora o amasse, não a impediria de tomar parte em todos esses divertimentos.

— Engana-se; Rodolpho não quer ouvir fallar si não em um divertimento, no que dar-me ha perpetuamente, no que o senhor quer dar á marquezia Cavoni. Os homens são todos assim: « *Eu só, e é bastante.* » Eis o que dizem a todas as mulheres, como si fossem feitas de barro diverso. Em compensação prégam a necessidade da pluralidade das mulheres. Falle francamente; não é verdade que o senhor adora a marquezia Cavoni, e que si eu lhe dissesse que voltasse esta noite para tomar chá á meia noite, não cuidaria a essa hora de passar melancolicamente defronte do palacio della?

Guy tinha demasiado espirito para não continuar o duello; por maior que fo-se o seu desejo de tomar parte no festim de Cleopatra, respondeu com desembaraço:

— Não sei, só me aconselho com a minha phantasia. Talvez me aferrasse mais ardentemente á minha paixão pela marquezia.

— Pois bem, senhor duque, tenho a honra de convidá-lo a vir tomar uma chavena de chá esta noite depois do espectáculo da Opera; aviso-o de que estarei só.

— A senhora suppõe decididamente que eu lhe tenho medo. Então não conhece a minha divisa?

— Não.

— Quando fôr a Versalhes, lerá na salla das Cruzadas, no escudo dos Chavailles: « EU CAMINHO ».

— Bonita divisa, exclamou Cleopatra, mas já não lhe cabe. Outrora os Chavailles caminhavam para deante, hoje o senhor caminha para traz.

— Senhora, acceito o desafio.

O duque beijou a mão de Cleopatra.

— A deus, ou antes, até meia noite.

— Até meia noite !

Apenas o duque sahiu, Cleopatra tomou a penna e escreveu esta carta :

« Senhor duque,

« Estarei em casa esta noite, si não perder o trem da estrada de ferro ; si puder, venha á meia noite tomar uma chavena de chá.

« A duqueza estará comnosco, pois irei buscal-a ao passar.

« Consequentemente, até meia noite.

« VITTORIA CAVONI ».

Esta carta foi mandada a Martha com algumas palavras em italiano, ordenando-lhe que a entregasse pessoalmente ao Sr. Guy de Chavailles.

Eram cinco horas quando Martha appresentou-se em casa do duque ; encontrou-a na escada, leu a carta e dirigiu algumas perguntas á napolitana. Mas a nenhuma das suas perguntas Martha respondeu. Embalde fallou-lhe no mais correcto italiano, a creada tornou-se impenetravel : como a sibylla de Cumas, escondeu o seu ramo de ouro.

— Meia noite e meia noite ! disse o namorado quando Martha sahiu. — Aqui, a marquezia que dar-me-ha uma chavena de chá e que consentirá, deante de testemunhas, que eu diga-lhe amabilidades ; alli, Cleopatra com todas as phantasias do imprevisto. — Aqui, o Amor fiando aos pés de Omphalia ; alli, todas as novidades e todos os azares da paixão.

A' meia noite o duque foi á casa de Cleopatra.

— Eu não o esperava, disse-lhe ella.

-- Foi porisso que vim.

XXVIII

EM QUE SE VÊ QUE A MARQUEZA CAVONI ERA MENOS
CRUEL QUE MARGARIDA DE BORGONHA

Mas no dia seguinte ao meio dia Guy de Chavailles appresentou-se em casa da marquiza Cavoni.

Martha veio á antecamara.

— A senhora marquiza está doente, disse-lhe; aqui está uma carta para o senhor.

O duque abriu-a e leu á toda pressa :

« Sei tudo. Sei que á hora em que o esperava, o senhor não se fazia esperar em outro tecto mais hospitaleiro que o meu. E o senhor dizia-me que o homem é um cão fiel que nunca trahe o dono. O homem é um cão, é certo, mas um cão que deixa-se levar por todas as caricias. Já que poz outro nome na sua colleira, não venha mais ganir á minha porta. »

A marquiza não assignára esta carta, nem siquer com o nome de Vittoria.

— Minha chara Martha, diga á marquiza que o seu cão está na porta.

Guy esperou a resposta com anciedade. Amava muito a marquiza. O receio de não tornara vê-la era para elle um golpe tremendo

Martha voltou quasi immediatamente.

— A senhora marquiza não quer receber o senhor duque; aconselha-o que vá á casa de M^{lle} Cleopatra.

— Quem lh'o diria?... E' preciso a todo custo que eu falle á marquiza... Martha, explique-me este enigma.

— Não sei decifrar enigmas, graças a Deus! pois do contrario teria muito que fazer em Pariz.

— Mas em summa, diga-me...

— O que quer que eu lhe diga?

— Si aqui veio alguém hoje, si a marquezia recebeu cartas.

— Já que o senhor quer saber de tudo, disse Martha rindo-se, vieram dous homens todos vestidos de preto, o Dr. Cabarrus, medico da senhora marquezia, e o Sr. Delapalme, seu tabellião. Mas tranquillise-se, o Dr. Cabarrus disse-lhe que ainda era cedo para fazer testamento.

— Tudo isto é um conto, disse o duque. Vou procurar Cabarrus, que ha de dizer-me a verdade.

Guy sahio furioso, sem saber o que fazer, mas não querendo criar raizes, como um chorão, na antecâmara da marquezia. Resolveu para logo ir á casa da prima perguntar-lhe si na vespera fôra tomar chá com a amiga. Mas a duquezia acabava de sahir.

Entrou em casa de Rodolpho.

— O que tens? Nunca te vi tão pallido.

— Ouve, vou fazer-te uma confissão. Não suppunha que o amor fosse cousa tão séria.

— Já t'o disse; é a unica cousa séria da vida.

— Sabes como amo a marquezia Cavoni; pois bem! esta noite fui não sei onde...

Guy queria dizer tudo a Rodolpho, mas recebeu perder a amisade de seu amigo no dia em que suppunha ter perdido o amor da marquezia; não confessou pois, o seu crime de lesa-amisade.

— Deixei-me levar, continuou, por não sei mais que rapariga que não tinha o que fazer. A marquezia soube disso e não quer mais vêr-me. Estou desesperado.

— Pois bem! disse Rodolpho, confidencia por confidencia. Já que digo-te sempre tudo, não posso occultar-te isto. A marquezia pede-me que vá á casa della ás quatro horas. Será para fallar-me de ti? Desconfio, porque pede-me segredo.

O duque calculou com vivo pezar que a marquezia revelaria a sua aventura com Cleopatra.

— Sim, disse ao amigo, é para fallar-te de mim. Mas toma cuidado com o que ella te disser, pois não te dirá uma só palavra verdadeira.

— Tens bem certeza de conhecer essa mulher?

— Como em geral conhecemos as mulheres. Vi-a em Roma, tornei a encontrá-la em Pariz. E' muito bella e tem muito espirito; ninguem falla mal della e frequenta a melhor sociedade.

— O que te disseram da sua fortuna?

— Confesso-te ingenuamente que tractei de sabê-lo quando quiz casar-me com ella. Tem vinte cinco mil libras de renda á luz do dia; é verdade que á luz do dia italiano. Mas não pede dinheiro a pessoa alguma e dá esmola aos pobres.

— Que diabo querer-me-ha ella? continuou Rodolpho, que mal prestava attenção a este panegyrico.

A's quatro horas tocava a campainha em casa da marqueza; o creado grave abriu-lhe um salão cujas persianas estavam fechadas. A marqueza chegou dahi a pouco. Não se atrevêra a affrontar a luz do dia deante do amante.

— Sente-se, disse a Rodolpho indicando-lhe uma poltrona defronte de si. Não olhe para mim, estou com enxaqueca, estou feia que meto medo.

E agitou o leque, como para perturbar melhor o olhar de Rodolpho.

— Pelo amor de Deus, minha senhora, disse-lhe, não precisa elogiar-se.

— Adevinha o senhor a razão porque pedi-lhe que viesse á minha casa? Depois que estou em Pariz dizem-me todos que pareço-me com uma M^{lle} Cleopatra que ahi ha. O senhor póde dar-me informações acerca disto, pois foi amante della.

— Eu, minha senhora?

— Supponho não irrogar-lhe uma injuria, pois que nisto procedeu como procedem todos. Ter

sido amante da Cleopatra, não é nenhum crime.

Rodolpho não sabia bem como *haver-se*. Queria agradecer, mas o coração venceu-lhe o espirito.

— Estou vendo, senhora, que não conhece aquella de quem falla, disse com alguma amargura. As senhoras da boa sociedade suppõem sempre que são feitas de massa differente da das mulheres que não pertencem á boa sociedade. Essa M^{lle} Cleopatra, como a senhora a chama, só commetteu uma falta: amar-me e acreditar em mim no momento em que ia tornar-se uma senhora honrada. Todas as suas demais faltas eu é que tomo-as á minha conta. Depois de tê-la raptado, abandonei-a ás más paixões, julgando que já a não amava; confessar-lhe-hei que tenho sido duramente punido dessa infamia; mas para que contar-lhe tudo isto?

— Falle, falle, ouço-o de todo meu coração.

E a marquiza descuidando-se um tanto, apertou vivamente a mão de Rodolpho, que estremeceu e levou-a aos labios.

— O que quer que eu lhe diga? continuou contemplando a marquiza. Não quero fazer parada de sentimentalismo em 1863; si a gente deixa de ser do seu tempo, deve occultar o seu coração e rugir com os lobos. A senhora perguntou-me si havia alguma parecença entre a senhora e Cleopatra, creio que sim, pois tenho quasi tanto prazer em vê-la como em ver a ella.

— Quasi tanto?

— Ah! eu sou franco como o seu sol de Roma, que não se esconde sob um véu de nuvens. Demais, de que servir-me-hia não dizer-lhe a verdade? Si eu fosse bater ao seu coração, a senhora dir-me-hia que tinha lá alguém.

— Então quem?

— Guy de Chavailles.

— Foi elle quem lh'o disse?

— Não, foi a Sra. d'Armailly. Ora, a duqueza nunca se engana.

— Pois bem! disse a marquesa levando a mão ao coração, não ha ninguem aqui, juro-lh'o.

E depois de algum silencio :

— E si algum dia houver alguem, não ha de ser o duque.

— Porque ?

— Porque o duque zombaria commigo. Não sabe onde elle está a esta hora ?

— Não, creio que foi ao Bosque.

— Foi á casa de Cleopatra, porque lá vae dia e noite.

Rodolpho não pôde dominar um movimento de ciúme.

— Mal a conhece, disse.

— Meu charo Sr. Rodolpho, o senhor não conhece nem os homens nem as mulheres. Não é com o coração que se julga o coração humano. Ora, é com o seu coração que o senhor vê seu amigo e sua amante.

— Sei o que digo, minha senhora. Guy não é capaz de ser amante de Cleopatra, porque é meu amigo, e Cleopatra não pôde ser amante de Guy, porque sabe que ainda amo-a.

— Amante de Guy ou de outrem, vem a ser o mesmo !

— Pois a senhora não vê que ha varios degraus no crime? Cleopatra sabe que eu tenho apenas um amigo; ella desejará vêr-me no inferno da paixão, mas não quereria que eu traspassasse com uma estocada o unico coração a quem posso abrir o meu.

A marquesa passou o leque sobre o rosto.

— Sabe, disse a Rodolpho, que o senhor é o coração mais leal que tenho encontrado depois que estou em Pariz? Sabe que estou encantada de ouvi-lo? Sabe que si alguma vez apaixonar-me será pelo Sr. Rodolpho de Marcillac?

— E' singular, eu ainda não havia reparado, mas a senhora tem na voz, quando exalta-se, alguma

cousa do timbre de ouro de Cleopatra. Decididamente ha razão em dizer se que parecem-se.

— Que idade tem ella? perguntou a marquezia dando á voz o sotaque italiano.

— Que sei eu? vinte quatro annos.

— Oh! eu não sou tão moça.

— Uns cinco minutos mais, disse Rodolpho.

— Ahi se torna o senhor galanteador. Isto não é bonito, pois o senhor já sabe que o amo.

— Talvez.

— Sou curiosa. Olhe, Sr. de Marcillac, tenho ciu-
mes dessa Cleopatra. Na Italia não conheço um ho-
mem que não deixasse a amante por mim, em Pariz
vejo com raiva que as mulheres de boa sociedade não
levam a melhor.

— E' isso o que constitue o seu melhor elogio,
minha senhora.

— Não gracejemos. Si eu lhe dissesse...

A marquezia callou-se.

— Pois bem, diga, senhora.

— Cuidado!

— Si eu lhe dissesse que vou deixar Pariz, que
vou voltar para Roma e que lá quero viver com o
senhor, o que ouzaria responder-me?

Rodolpho olhou para a marquezia, que arrostou
animosamente esse olhar.

— Responder-lhe-hia, minha senhora, que neste
mundo tudo anda ás avessas; que meucs do que
ninguem nasci para a felicidade, pois que a felicida-
de seria a senhora si eu não estivesse atado á minha
desventura que chama-se Cleopatra.

— Então ama muito a essa mulher?

— Muito, minha senhora, mortalmente.

Houve uma pausa. A marquezia estava a um tempo
offendida e altiva com as palavras de Rodolpho. Via-
se humilhada e triumphante.

Como não queria que o Sr. de Marcillac tomasse demasiado ao serio essa declaraçãc, tornou a tomar os seus ares motejadores.

— Eis ahi como somos nósoutras que não podemos desempenhar papel activo nas paixões, contentamo-nos com a comedia dellas, e, não podendo habitar o castello da felicidade, limitamo-nos a edificar castellos no ar.

— Entendo, disse Rodolpho. A marquezia Cavoni acaba de representar o papel da egypcia, e, como José deixei-lhe nas mãos a minha capa, porque sabia que queria gracejar commigo.

— E si fosse serio?

— Teria tambem deixado a capa.

— Ora graças a Deus! o senhor não é como o Sr. de Chavailles. Hei de escrever isto nas minhas notas: « Em 1863, a 13 de Julho, encontrei em Pariz um homem fiel á sua amante. »

— E essa será a verdade, si a senhora refere-se á fidelidade do coração.

Rodolpho tomou meigamente a mão da marquezia, beijou-a duas vezes e sahio como entrára — apaixonado por Cleopatra.

— E' singular, disse ella, não julgava que elle me amasse tanto. Misero Rodolpho! mais dias menos dias tornarei a cahir-lhe nos braços.

E a marquezia poz-se a chorar.

Nesse dia o Sr. de Chavailles voltou á casa de Cleopatra.

Recebeu-o de pé na porta da antecamara e perguntou-lhe o que queria.

— E' bem simples, quero amá-la.

— A mim! Eu não o conheço, disse fechando-lhe a porta.

E Cleopatra poz-se a chorar.

XXIX

DISTRACÇÕES DE M^{LLE} CLEOPATRA

Vendo de perto a vida de Cleopatra, Rodolpho perdia a esperança de arrancá-la a si propria.

Cleopatra tinha ainda sobejo prazer em dominar todos os espiritos. E não era unicamente pelo encanto da sua belleza, era pelo imprevisto e pela surpresa. Com a sua curiosidade de verdadeira filha de Eva, tudo queria saber. Lia, e lia bem. Uma vez por semana presidia á sua mesa aos homens de letras, pintores, diplomatas, que, maravilhados, com o seu espirito, fallavam della como da rapariga mais bem dotada do mundo. Nada lhe era extranho, quer sciencias quer artes. Perguntava-se onde achava ella tempo de aprender tudo. Si ella sabia ler, sabia tambem ouvir; si sabia fallar, sabia tambem calar-se. A sua juventude, passada a estudar, creára a mulher na moça; tivera o cuidado de preservar-se da posição ridicula da mulher pretenciosa, mas sacudira sósinha a arvore da sciencia. Era a primeira a reconhecer que a mulher deve apenas conhecer o seu coração, mas não queria que o homem a subjugasse pelo espirito. Quando o amor exaltava-a, pouco se lhe dava do mais, preferindo a indolente voluptuosidade á inquietação febril; mas quando fallavam diante della, queria provar que estava presente. Porisso o Sr. Babinet disse um dia que Newton nunca se comprehendêra a si proprio melhor do que M^{lle} Cleopatra houvera comprehendido Newton, e accrescentou rindo-se:

— Essa rapariga é todo um mundo mais inexplicavel que o outro.

Uma manhã vi em casa della Diaz a fazer-lhe o re-

trato. Diaz não é retratista, é um pintor nascido de Murillo e de Corregio, que joga com a luz e com a perspectiva como um mago. Cleopatra seduzira-o com esse não sei que de luminoso e de velado ao mesmo tempo, que faz o desespero dos pintores e que foi o triumpho de Prud'hon. Queria tentar o milagre de traduzir a expressão divina e perversa da bella encantadora. A moça punha-se em attitude de ser pintada sem parecê-lo, tomando o seu chocolate, lendo jornaes, respondendo ao pintor.

— Consegui? perguntou-me Diaz.

— Sim e não, respondi-lhe.

— Espere, disse Cleopatra levantando-se.

Pedi a Diaz que lhe dêsse a palheta e os pinceis, e, sem olhar duas vezes para a tela, poz-se a retocar o retrato com uma firmeza de mão que poz-nos admirados.

— Eu tambem sou pintora, disse ella, vendo a nossa surpresa. Passei um anno inteiro em Troyes a pintar flôres, fructos, virgens e Magdalenas; só cruzei os braços vendo um dia uma madona de Raphael. O que communicára genio ao pintor de Parma, fez-me cahir o pincel da mão. Elle o divino artista, sentira-se capaz de egualar Raphael. Eu, misera profana, que nada tinha de divino, conheci que não era digna de borrar taboletas.

E emquanto assim fallava, Cleopatra, que continuava a pintar, provava-nos que eram-lhe familiares os toques mais delicados, os contornos indecisos, a *morbidezza*.

Cleopatra não pintava só a pastel, miniaturava com verdadeira sciencia do colorido e do relevo, o que dava ás suas miniaturas vida e luz. Não fallo de faltas de desenho e de composição. Possuia umas *horas latinas e francezas* do XV seculo com uma encadernação de marroquim encarnado, semeado de flores de lis, em

que mandára estampar o seu brazão de familia. Esse volume, prodigio de illuminuras de algum discipulo effeminado do Verocchio, estava por acabar; muitas paginas de fundo de ouro, em molduradas com plantas, passaros e insectos, esperavam ainda figuras de apóstolos ou de sanctas. Cleopatra pintara nellas com sentimento mais corregiano que evangelico a *Paixão de Magdalena*. Aqui Magdalena peccadora, alli Magdalena arrependida, mais adeante Magdalena no deserto. Mas na ebriedade do peccado ou nos extases do arrependimento, era sempre a paixão que dominava.

Sabia escrever como sabia pintar, montava a cavallo como a Sra. de Montespau, esgrimia como M^{lle} de Maupin, patinava como M^{lle} de Camargo. Em summa, era a mulher mais perfeita -- e mais imperfeita que havia em Pariz no anno da graça de 1863.

Cleopatra punha confundidos os jcalheiros quando examinava perolas e diamantes. Punha confundidos todos os amadores de curiosidades quando explicava faianças, bronzes, terras cosidas.

Um dia que o celebre Sr. *** estava em casa della:

— Não é permitido a todos ir a Corintho, disse-lhe, mas é-me permitido offerecer-lhe vinho de Chypre no mais antigo vaso de Corintho.

Era um vaso globular ornado no bojo com um friso em que o artista pintára algum dos heroes da *Iliada*. Winckelmann e de Witte haviam-no descripto e commentado. Na opinião delles, era o mais antigo que revelava um nome de artista: estava assignado ΚΑΡΕΣ ΜΕΡΡΑΥΕ.

— Não acha, disse Cleopatra ao celebre homem de Estado, que o vinho de Chypre só é bom em um vaso de Corintho?

— Seria ainda melhor, disse o Sr. ***, si se pudesse carregar com o vaso.

Não dá pouco trabalho sustentar em Pariz a realleza da moda.

Uma mulher em moda, quer seja da boa sociedade quer não, é uma actriz a representar que mal tem tempo de entrar para os bastidores para mudar de roupa ou para mudar de papel. Si não, vejamos: aqui, dirige o cotilhão; alli, aposta nas corridas; hontem guiava no Bosque dous cavallos de pura raça, levantando as bridas com a graça de Apollo a dirigir o carro do sol; hoje, depois de uma noite passada em um coupé de estrada de ferro em que jogou-se o lansquenet, preside em Bade o trinta e quarenta, em que arriscaria o seu quinhão de paraiso si ha muito tempo não houvesse perdido a chave delle; amanhã, si é uma senhora de boa sociedade, tirará esmolos no sermão do padre Felix; si é uma mulher da peor sociedade, arrastará a cauda do vestido no Château des Fleurs. Faça o que fizer, precisa continuamente de uma moldura de ouro em plena luz: si se deixasse invadir pelas meias-tinctas, seria dentro em pouco apenas uma lua velha.

Depois de Cleopatra, pela sua belleza, pelo seu espirito e pela sua extravagancia, conquistara esse sceptro, não consentia que alguém fosse mais bella, mais espirituosa, mais extravagante. Assistia a todas as festas de Pariz, de dia e de noite. Viam-na em toda parte, até nos sermões; tinha camarote na Opera e nos Italianos; ia a todas as primeiras representações, o que a arruinava. Haviam querido prohibir-lhe a entrada na Opera e nos Italianos, mas não era das que dão-se por vencidas deante do fical da moralidade publica. Ella dizia; «Hei de triumphar por meio da minha força ou da minha fraqueza.

Cleopatra tinha de mais a mais amigos por toda parte. Embalde dizia-se: *esta rapariga*. bastava apresentar-se para desarmar a todos.

Os seus amigos diziam que ella riscára a palavra *impossivel* do seu dictionario. Como recebia principes e duques, homens illustres de toda casta, M^{lle} Submissa, que tinha fumaças de fidalguia, disse-lhe uma vez :

— Com tudo isto, terás homens no teu salão, mas não mulheres.

— Deixa te disso, quando me der na phantasia, alugarei mulheres da boa sociedade. Si quando muito é preciso pagar-lhes as dividas para tê las em casa, pagar-lh'as-hei.

Cleopatra não duvidava de cousa alguma, não perdêra a esperança de mudar as leis do mundo. Até conseguio-lo, contentava-se com ter uma côrte em casa. De resto tinha demasiado espirito para ir violentamente de encontro áquillo que chamava preconceitos mundanos. Posto que achasse logar em toda parte, conservava-se sempre no seu, nos Campos Elyseos e no arrabalde Saint-Germain. Por exemplo, neste ultimo inverno todos viram-na patinar sobre o lago de Longchamp, um dia marqueza Cavoni, no outro Cleopatra, cruzando-se quasi só pelo seu lado com todas as bellezas heraldicas, com todas as virtudes de trinta e seis quilates que são o orgulho do Pariz official, ninguem lembrava-se de dar-se por offendido com a visinhança, tão adoraveis erão os arabescos que ella descrevia no gelo.

Não era só no gelo, no Bosque, nos banhos de mar, na missa, que misturava-se com as fidalgas. Haviam-na reconhecido em um baile de phantasia em casa de um alto personagem, onde havia revolucionado toda a sociedade á custa de gracejos. Armada até aos dentes, ferira os mais encouraçados, sabendo sempre por onde atacar.

Fôra a duqueza d'Armailly quem levára-a a esse baile de phantasia. Estavam ambas de dominó. O dono da casa, que erguia as mascaras á entrada dos

salões, não pediu, ao ver a princeza, para erguer a mascara de Cleopatra. Demais, talvez soubesse do segredo. E' um homem de muito espirito para offender-se com ver uma mulher decahida no meio de tantas mulheres que occultam a sua quéda.

A duqueza e Cleopatra foram a alegria e a alma da festa. Quantas paixões repentinas serviram-lhes de sequito! Mas pertenciam ao numero das que se importam bem pouco com o damno que causam: preferiam o damno que lhes faziam. A duqueza dizia: « Prefiro o amor que me inspiram ao que eu dou. »

E Cleopatra invertêra o proverbio: A mais bella moça do mundo só póde dar o que tem. — Que tolice! dizia ella; a mais bella moça do mundo póde dar o que não tem; o amor.

XXX

NA OPERA

Cleopatra jantou uma noite com Rodolpho no Petit-Moulin-Rouge, cousa que escandalizou aos amigos de Max.

Cleopatra nunca submettia-se á opinião publica; desde que estivesse contente com ella, pouco se lhe dava do que dissesse; queria tudo ou nada; importava-lhe pouco que a julgassem um tanto mais ou um tanto menos perdida. Ficava mais satisfeita com lhe notar aspirações para o bem, do que com ouvir dizer que ella tinha os seus momentos de Lucrecia.

Nessa noite Rodolpho nem porisso sahiu-se melhor. Quanto mais approximava-se de Cleopatra, mais via que estava longe della.

— Senhor meu amigo, disse-lhe a moça erguendo-se da mesa, agradeço-lhe ter lançado algumas flôres

sobre a minha viuvez, mas aviso-o de que meu amante chega amanhã, e que é preciso resignar-se a não encerrar mais commigo, porque elle é ciumento como um hespanhol.

— Seu amante! disse Rodolpho quebrando o copo; tenho-me mostrado até hoje muito indulgente, mas é-me impossivel brincar por mais tempo com o fogo; declaro-lhe que a senhora não terá outro amante além de mim, para a vida! e para a morte!

— E eu declaro-lhe que o senhor está doudo; que si agora mesmo não se tornar philosopho, zombando com as paixões como com puerilidades de mulher, fujo-lhe para sempre.

Cleopatra tocou a campainha.

Rodolpho conseguiu dominar-se pouco e pouco e resignou-se a tudo esperar do tempo.

— Jure que já me não ama, disse-lhe Cleopatra.

— Porque?

— Porque si já me não ama, consinto que me acompanhe á Opera para vêr Maria Vernon.

Rodolpho que já via Cleopatra fugir-lhe e que queria conservá-la mais tres horas, disse-lhe devorando-a com os olhos:

— Não, já te não amo.

Apenas entraram na Opera, Max bateu á porta do camarote.

Foi Rodolpho quem abriu: reconheceu o amante de Cleopatra.

— O senhor enganou-se com a porta, disse-lhe.

— Nunca me engano com a porta, disse Max querendo entrar.

— O senhor não ha de entrar, disse-lhe Rodolpho.

— E quem mo impedirá?

— Eu! pois prefiro sahir com o senhor.

Cleopatra não interveio, porque já era tarde: a honra para o homem assim como a virtude para a

mulher, é um lençol de neve que se macula com o mais leve toque. Cleopatra amava talvez Max e tinha amado Rodolpho; não queria corar nem por amor de um nem por amor de outro.

No dia seguinte bateram-se á espada e feriram-se ambos.

-- Que tenho eu com que elle viva ou morra? disse Rodolpho que podia matar Max. E' no coração de Cleopatra que é preciso matá-lo.

Em Pariz os ciumes e odios não se arraigam nos corações. Semelhantes a essas plantas ephemerass que apenas duram um dia, germinam, florescem e cahem ao mesmo tempo. Não são essas vegetações potentes que na Italia e na Hespanha fazem rebentar os vasos antes do que atrophiarem-se. Rodolpho e Max não apertaram as mãos depois do duello; mas como viviam na mesma sociedade, como iam aos mesmos passeios e ás mesmas festas, acabaram por ter um pelo outro uma dessas vagas intimidades em que o coração não toma parte. Não esqueceram entretanto que Cleopatra era o abysmo que os separava. Amavam-na apaixonadamente. Max não deixava de inquietar-se com isso, e Rodolpho de impacientar-se. Rodolpho procurava em vão occultar a si proprio o soffrimento, soffria em silencio, mas consolava-se com o presentimento de que tornaria a conquistar e fruir essa passada ventura cujos prazeres não experimentára todos.

Max luctava á custa de muito amor e de muito ouro. Eram prodigios sobre prodigios. Cleopatra esquecia ainda uma vez que dispendia mil francos por dia, emquanto reconstituia a sua divida publica. E' verdade que ás vezes dizia consigo que essas bonitas loucuras não durariam mais que uma estação; não acreditava no dia seguinte; mas á espera de um momento de criterio, derramava dinheiro ás mancheias; por isso já não havia imprecações bastantes para assa-

car-lhe quando levava os seus cavallos ao Bosque ou quando entrava estrepitosamente no seu camarote da Opera. Dizia-se em voz alta que ella arruinava vinte mancebos. A verdade é que ella apenas arruinava Max.

A verdade é que Max estava bem arruinado. Tinha respigado nas perolas e diamantes comprados na Hollanda com que da: um enfeite de phantasia a Cleopatra, mas estava mais do que nunca sem vintem.

XXXI

O DOTE DA CONCERTADEIRA DE RENDAS

Não era só na rua Saint-Dominique que Cleopatra conservára o culto pela virtude. Toda a vez que encontrava uma rapariga que trazia estampada no semblante a sua candura, pedia a Deus que a salvasse.

Uma manhã que Cleopatra e Max almoçavam jovialmente junctos como passarinhos namorados que se beijam depois de cada caçada, Leontina annunciou a concertadeira de rendas.

— Manda-a entrar, disse Cleopatra.

Endireitou os cabellos em desalinho e fechou o vestido de cachemira que, até então, tinha ficado um tanto entreaberto.

— Mas, disse Leontina, não é a velha, é uma mocinha que vem no logar della...

— Pois bem, disse Max, mais uma razão para mandá-la entrar.

Leontina trouxe no mesmo instante para juncto da meza uma rapariga toda vermelhinha, de uma timidez e acanhamento sem exemplo em uma pariziense.

— Senhora, minha tia mandou que eu viesse, porque ella está doente.

— Como! disse Cleopatra sorprendida, sorrindo

com um sorriso encantador que fascinava a todos, como! pois sua tia tem uma sobrinha tão bonita?

A mocinha já muito envergonhada, voltou um tanto a cabeça, como si quizesse esconder a sua belleza. Adoravel sentimento que na mulher menos casqui'ha nunca dura mais que o espaço de uma manhã.

Cleopatra olhou para Max, que olhava para a concertadeira de rendas.

— Então, Max, ha muito tempo que vê tamanha perfeição!

E voltando-se para a mocinha:

— Menina o que faz com tamanha formosura?

A mocinha respondeu com tocante simplicidade:

— Minha senhora, eu concerto rendas.

— Isso diverte-a? perguntou Max.

— Não, senhor, mas tambem não me aborrece. Si ao menos tivéssemos sempre o que concertar! Ha algum tempo que minha tia e eu soffremos bastante... Não sei porque estou a dizer-lhe isto...

— Falle, falle, minha menina.

— E' tão pouco engraçado contar a gente as suas miserias! Entretanto o que é verdade é que, a não ser um excellente moço que é nosso visinho, ter-nos-hiam posto fóra de casa.

— Esse excellente moço é bonito? perguntou Max.

— Não sei, senhor, respondeu a mocinha com certa dignidade.

— E eu suppunha, continuou Cleopatra, que era muito bom o officio de concertar rendas.

— Oh! minha senhora, o trabalho não paga a pena. Já no inverno passado estive para entrar para os chóros da Opera Comica.

— Será possivel! disse Cleopatra. Seria uma desgraça que fosse cair lá.

— E o que diria o visinho? perguntou Max.

— Elle nada tem com isso, respondeu a mocinha

com um acento de tamanha candura que não deixou a minima duvida no espirito de Cleopatra e de Max.

A certezã admirava essa belleza tão virginal.

— Parece vêr-me assim no passado, disse comsigo. Conservei a belleza, é certo, mas perdi o bem mais precioso. E quando penso, continuou ella, que esta menina está talvez no seu ultimo dia de virtude; quando penso que hoje seria possivel salvá-la, e que amanhã terá talvez atirado com a sua linda touca de renda por cima dos moinhos de Montmartre!

A concertadeira de rendas voltára a buscar a sua caixa de papelão, para tirar um chale finissimo que havia concertado.

— Max, disse Cleopatra ao amante, eis ahi já bastantes dias que perdemos junctos; si fôres bom, não perderemos este.

— Queres representar de Tito? Dize.

— Pois bem, ouve o que vou dizer a esta mocinha:

— Menina o seu visinho tambem concerta rendas?

— Não, Senhora, toca violino na Opera Comica.

— Ah! entendo; é elle que quer levá-la para os chóros.

— A principio fallou-me nisso; mas depois não quiz mais.

— Porque?

— Porque estimava-me muito, disse-me elle.

— Está bem, pensa bem. E quem o impede de desposá-la?

— Oh! elle bem queria, mas não é mais rico do que eu, e minha tia não quiz.

— E a senhora?

— Eu, eu não disse nada.

— Si lhe cahisse do céu uma herança, queria ainda desposá-la?

— Oh! por certo.

— E a senhora?

— Uma herança! sou orphan.

— Pois bem! menina, si me promette nunca ir cantar nos chóros da Opera Comica, ha de casar com o seu visinho.

— Eu! por que milagre?

— Pelo milagre do dinheiro. Dou-lhe um dote.

— Um dote! Ah! minha senhora, não esteja a gracejar commigo, pois ia quasi acreditando na felicidade.

— Pois bem, acredite nella, minha filha. Mande o seu visinho ter commigo, e dar-lhe-hei o dote que lhe destino.

E dirigindo-se a Max:

— Quanto, Max?

— Ora, minha chara, cabe-lhe marcar a somma.

— Dez mil francos pelo senhor, e dez mil francos por mim.

M^{lle} Cleopatra tomou a penna e assignou um vale de vinte mil francos, a pagar no dia do casamento. Max endossou. Depois do que, entregou graciosamente o papel á concertadeira de rendas, que não quiz a principio tomar isso ao serio, mas que acabou por comprehender a bonita acção de Cleopatra.

— Ah! minha senhora, fico-lhe muito obrigada! disse beijando-lhe a mão.

— Não me agradeça, disse a cortezá abraçando a mocinha, pois ha muito tempo que não me sinto tão feliz como hoje.

E quando a mocinha sahiu:

— Não achas, Max, que ella era demasiado formosa para conservar-se pobre em Pariz? Supplicante, diz-me bem alto que foi uma innocencia que eu salvei.

— Ainda és assim tola? murmurou Max.

E deixou Cleopatra, calculando que teria de dar-se a perros para descobrir o dote promettido.

XXXII

O JOGO

A' noite Max jogou em casa da Dama de Ouros. Jogou fiado e perdeu. Insistiu e perdeu ainda. No dia seguinte constava por todo Pariz que, em casa de uma cortezã, um moço havia perdido 200.000 francos em uma parada de lansquenet.

Esse famoso jogador era Max.

Cleopatra não estava presente. Ella gostava da audacia e do perigo, mas impediria que Max jogasse assim.

Elle não dormiu. A' noite ella tambem devia dar uma festa. Sorprehendeu-a demanhã ao levantar-se.

— Venho dizer-te adeus, disse-lhe occultando a emoção sob apparente desembaraço.

— Adeus! Onde vás?

— Saio para Londres.

— Que idéa! sahirás amanhã. Então esqueces-te de que hoje dou uma ceia?

— Não me esqueço, mas...

— Irás amanhã. Sabes que é o destino que falla pela minha bocca.

— Sim, murmurou Max, o destino...

— Almoças commigo,

— Não, meu pae espera-me. Vim trazer-te o dote da concertadeirinha de rendas.

E Max atirou negligentemente com vinte notas brancas atadas com uma fita.

— Ahi está uma cousa bonita, disse Cleopatra; ainda nada me déste que me causasse tamanho prazer.

— Não achas que é bom fazer bem?

— Então ganhaste hontem?

— Não, contar-te-hei depois; dá-me um abraço bem apertado, adeus.

Max desappareceu á toda a pressa, como si receiára deixar adivinhar a sua angustia.

— Acabou-se, disse elle antes de fechar a porta.

— O que terá elle? perguntou a si mesma Cleopatra.

E levantou as notas na mão como em uma balança :

— Coitadinha! como vae ser feliz!

XXXIII

A FAMILIA DE MAX

Max voltou á casa do pae, entrou na sua camara, poz a cabeça nas mãos, e perguntou a si mesmo como iria pagar a divida do jogo, elle que havia tanto tempo já a ninguem pagava.

Tinha feito de manhã um milagre para achar o dote promettido.

— Isto traz-me-ha felicidade, dizia.

A irmã emprestara-lhe oito mil francos. O Monte de Soccorro fizera o resto.

Estava resolvido a seguir para Londres.

— Mandarei um telegramma a meu pae: não me perdoará, mas pagará. Perder-se-ha tudo, menos a honra.

Não ousava affrontar a colera do Sr. Auvray.

— Demais, calculava, é impossivel que me perdôe, si eu lhe contar tudo. Si lhe fallar de longe, confessar-lhe-hei as minhas faltas uma por uma. Daqui a um anno virei lançar-me a seus pés e tudo será esquecido. Mas Cleopatra? Viver sem ella, é morrer mil mortes. Ama-me e voltará... E si ella não voltasse?...

O amor para esse coração fraco era a primeira e a

derradeira palavra. Receioso de deixar para sempre Cleopatra, procurou na sua mente salvar a honra sem deixar Pariz.

Disseram-lhe que o pae o esperára para almoçar. Já não dava pelas horas : tinha a cabeça perdida.

Sahiu e andou de um para outro lado como si tivesse de encontrar com a fortuna . Tinha dous amigos serios; abriu-se com elles . O primeiro offereceu-lhe mil francos para a viagem . O segundo não podia dar-lhe mais que a sua firma . Formaram conselho . Decidiram que era mister tomar o trem da meia noite .

Seguir viagem era para Max a morte, pois só vivia por amor de Cleopatra .

Pudera tudo dizer ao pae ; mas não ousava, no meio da sua agitação, affrontar o olhar do homem honrado que devia tudo ao trabalho e que de continuo profligava a ociosidade da juventude de seu tempo . O Sr. Pedro Auvray possuia a virtude antiga dos corações de ouro, não era nem de sua terra nem de seu seculo . Não puzera uma unica vez os pés no solo movediço dos nossos costumes e das nossas opiniões . Era inteiriço . Não conhecêra siquer as nossas paixões, verdadeiras tempestades em um copo de agua . Amára pae e mãe ; amava os filhos . Fóra disso o mundo não passava de um mar encapellado que apenas lhe tocava os pés nas horas do fluxo . Dava esmola aos pobres, mas sem se commover com a miseria delles : dizia que um bom operario deve o dizimo aos enfermos e aos máus operarios ; pagava o dizimo, mas sem açodamento e dizendo como Fontenelle : *Deve-se fazer isto* .

Nas suas officinas temiam-no porque era severo, mas estimavam-no porque era justo . Quando elle passava, os operarios tremiam ao som dessa voz um tanto rude que quasi sempre erguia-se para censurar . Era o seu modo de ensinar . — Tudo isto está pesado e mal comprehendido . — Estas linhas estão indecisas . — Ande, dê

ar a estas folhas.—As flôres estão afogadas neste ramalhete.

E tomando o buril com mão dextra e firme, com a mão que creára tantas obras-primas de ourivesaria, corrigia, accrescentando aqui, tirando alli, dando em um momento graça e phantasia á joia que parecia amassar nos dedos.

Os operarios toleravam-lhe o arrebatamento, orgulhando-se de serem discipulos de tal mestre. Demais, sabiam bem que o Sr. Auvray considerava-os como seus eguaes.

Nesse dia o ourives passou pelas suas officinas, mais preocupado e severo que de costume.

— Em que pé está o bracelete da princeza Maritzin? perguntou ao seu melhor official.

— Está com o Sr. Max, senhor.

— Ha quanto tempo?

— Não me lembro bem.

— Ouça o que lhe digo. Ha quinze dias que o bracelete devia estar acabado, e Max não apparece na officina ha tres semanas. Si toda vez que Max ausentar-se, o senhor não mo disser, zangar-nos hemos. Trabalho demanhã no meu gabinete, o senhor é quem me substitue aqui, não se esqueça disto.

O operario inclinou-se sem responder.

— Exijo que Max fique todos os dias na officina até duas horas. Que vá depois ao Bosque, que faça das suas noites o que quizer, está feito; mas deve-me as suas manhãs inteiras. Então, o senhor não me ouve? Para o que está olhando?

— Para alguma cousa, senhor, que lhe vae provar que o Sr. Max não perde inutilmente o tempo como o senhor parece acreditar; é um broche que elle cinzelou para M^{lle} Branca.

— Para sua irmã? Deixe ver.

E o operario mostrou ao Sr. Auvray uma joia—uma

maravilha—que fez desabotoar um sorriso no rosto carregado do artista.

— Ora graças a Deus ! Ah ! si elle quizesse ! o rapaz tem excellente *munheca*, disse, servindo-se de uma expressão que lhe era familiar.

E o Sr. Auvray continuou em sua visita sem ralhar com pessoa alguma, cousa que não succedia havia quinze dias.

Quando voltou para o gabinete, tornou a achar a filha, uma encantadora menina de dezoito annos, que lhe appresentou a testa para receber um beijo.

— Ainda estás só, Branca ?

— Estou, meu pae, disse a moça, indo continuar o seu bordado.

— Então Max ainda não voltou ?

— Que eu saiba, não ; mas não é tarde.

— São seis horas na Municipalidade, disse o Sr. Auvray tirando o relógio.

Era uma balda que o celebre ourives tinha, como outros burguezes, de regular o relógio pelo do palacio da Municipalidade.

— São seis horas, continuou, e Max não está aqui.

— Ah ! meu pae, para que diz isso ? o senhor está sempre a accusá-lo.

— E tu sempre a defendê-lo.

— Estou no meu direito. Quando o senhor tinha a idade de Max não ficaria bem contente, si tivesse uma irmãsinha para tomar a sua defesa, si seu pae ralhasse com o senhor ?

— Quando eu tinha a idade de Max, já não tinha pae, nem mãe, nem pessoa alguma no mundo que se interessasse por mim. Ah ! Deus nem sempre deitou-me em um leito de rosas !

— E' verdade. Lembra-se, meu pae, do que contou-me relativamente ao tempo em que o senhor era

aprendiz na casa Callot, na rua da Grande-Truanderie ?

— Ah ! disse o artista, nesse tempo eu não me pavoneava como hoje em um salão dourado da rua Real. Morava em umas aguas-furtadas, onde tinha como vizinho um misero tragico que se atirou uma noite de cima do telhado para representar ao menos uma vez uma tragedia real. Como eu tiritava de frio no inverno com minha ruim sobrecasaca côr de vinagre, ao atravessar a Ponte Nova para ir levar as minhas joias ao fiscal da moeda !

Nisto o Sr. Auvray tornou a tirar o relógio.

— Vamos, disse consigo a moça, é preciso ganhar um quarto de hora.

E abraçando o pae :

— Mas como pôde o senhor, meu pae, de simples e pobre operario tornar-se um dos primeiros ourives do mundo ?

Branca sabia que, levando o pae para esse terreno, o tempo corria sem que elle dissesse se apercebesse.

— Ah ! minha filha, disse elle, deu-me muito trabalho.

E contou pela decima vez um dos episodios de sua mocidade charos á sua memoria.

Mas chegou no fim da narração.

— Emfim, senhor, ei-lo ahí ! E' a ultima vez que o espero. A minha paciencia está esgotada. Si não fosse sua irmã, o senhor não jantava nesta mesa.

O jantar foi silencioso como um jantar de funeraes. O pae não queria olhar para o filho, o filho não ousava erguer os olhos para o pae. Branca olhava alternativamente para o Sr. Auvray e para Max com a sua meiguice que fallava ao coração. Ariscava a espaços alguma expressão vaga que cahia no meio do silencio. Barafustava por achar tudo bom, mas a coitada mal tocava no que lhe punham no prato. ○

Sr, Auvray comia por habito, mas apressado, como homem que tem outra cousa a fazer. Max nada comia absolutamente.

XXXIV

A MIRAGEM

Nesse momento o creado veio dizer ao Sr. Auvray que o Sr. Williamson queria dar-lhe uma palavra.

— Diga-lhe que entre, disse o Sr. Auvray.

E voltando-se para a filha :

— O Sr. Williamson tem-me comprado mais de cinco milhões de joias que correm ambos os mundos. Estamos á sobremesa : posso bem offerecer-lhe café.

— Tem razão, meu pae, disse Branca.

E a moça deu ordem que trouxessem uma meia chicara da melhor porcellana de Sèvres.

O Sr. Williamson entrou e sentou-se familiarmente á mesa a pedido do Sr. Auvray ; mas recusou o café offerecido por Branca, a pretexto de não ter ainda jantado ; o que não impediu de encher com a sua propria mão um calice de rum.

Max levantou-se. Foi respirar á janella, enquanto ouvia a conversação.

— Chego de Londres, meu charo Sr. Auvray disse o Sr. Williamson ; mas depois que o deixei, fiz a volta do mundo. Não preciso dizer-lhe que de todas as suas joias só tenho esta.

E o ourives inglez mostrou um anel de arcebispo, trabalhado no melhor estylo do XVI seculo.

— Este anel quero levar commigo para o tumulo, pois si tiver de acordar no outro mundo, quero que conheçam immediatamente em mim um ourives. Demais, apesar de inglez, não tenho herdeiro. Ah ! o

senhor é feliz, meu charo Sr. Auvray, tem um filho e uma filha ; eu não tenho nada disso.

— E' a minha verdadeira fortuna, disse o Sr. Auvray.

— Tem muita razão ; estar em casa e ser adorado ! Ao passo que eu, cidadão do universo, apenas sou estimado por amor do meu dinheiro.

Dizendo estas palavras, o Sr. Williamson tirou a carteira e abriu-a encima da mesa.

— E a proposito de dinheiro, aqui estão, si contei bem, oitocentos mil francos que lhe trago.

— Mas o senhor não me deve mais nada, disse o Sr. Auvray.

— Venho comprar-lhe joias ; breve tem de haver uma exposição em Londres, quero ganhar nella um nome, pois confesso-lhe francamente que, agora que estou rico, subiu-me o orgulho á cabeça. Conseguentemente desta vez o senhor vender-me ha as suas joias com o direito de assigná-las com o nome de Williamson, si me aprouver.

— Confesso-lhe, disse o Sr. Auvray, que não padeço de anglomania, e que ser-me-hia muito desagradavel vêr-me vencido por mim mesmo na Exposição de Londres. Mas enfim ha occasiões em que a amizade deve supplantar o amor proprio.

O ourives inglez apertou fraternalmente a mão do ourives francez.

— Já que tem tanta bondade, disse Williamson, far-me-ha mais um favor. Tenho aqui oitocentos mil francos que lhe são destinados, vou começar por entregar-lhos ; pois nesta boa cidade de Pariz, não deixo de estar inquieto, tanto mais que o Sr. conhece as minhas excentricidades inglezas quando ponho-me em intimidade com o vinho de Champagne.

Branca poz-se a conversar com o irmão, como si não ouvira esta confissão do Sr. Williamson.

— Oitocentos mil francos! murmurava Max com febre.

— Não, não, respondeu o Sr. Auvray, não quero hoje o seu dinheiro; volte amanhã, verá o que tenho feito nestes ultimos mezes, e escolherá as joias que quizer.

O Sr. Williamson insistiu; o Sr. Auvray mostrou-se inabalavel.

— Então está bom, até amanhã, continuou Williamson; haverá recita na Opera esta noite?

— Ha, canta-se o *Trovador*.

O Sr. Williamson puchou pelo relógio e murmurou:

— Mal tenho tempo de ir jantar.

Tinha-se levantado; o Sr. Auvray levou-o até a porta e sentou-se perto de Branca.

— Então, meu pae, disse a moça, é um excellente dia.

— Vou dizer uma tolice antiga, disse o pae, mas é tão verdadeira quanto velha: o dinheiro não dá felicidade.

E olhou severamente para o filho que não achou uma palavra para dizer.

Branca tomou a palavra sem saber bem o que ia dizer.

— Eu bem sei que a tua felicidade não está nisso, disse abraçando o pae.

Max ficou commovido com esse espectáculo, mas não pôde deixar de murmurar ainda.

— Oitocentos mil francos!

XXXV

A MATANÇA DAS ROSAS

O pae e os dous filhos estavam ainda á mesa, quando um famulo trouxe a Max uma carta em cima do jornal da tarde.

— Toma, disse-lhe a irmã.

Receiava que o pae reparasse na carta que trazia talvez no bojo mais alguma tempestade.

Max acabou por comprehender, tomou a carta e envolveu-a na mão, murmurando :

-- O que mais será ?

Reconheceu a letra de Leontina. Esperou no entanto, encobrindo a sua impaciencia, que o pae se levantasse para levantar-se tambem e ler a carta.

O Sr. Auvray entrou para o seu gabinete sem dizer palavra.

— Vêr-te-hei esta noite ? perguntou Branca ao irmão.

— Talvez, respondeu elle sem saber o que dizia.

Ella appresentou-lhe a testa.

— Si soubesses, meu querido Max, como te amamos e como tu nos esqueces !

— Coitada da minha Branca, disse o moço beijando-a á pressa, não comprehendes que estou no meio do turbilhão. Por mais que queira, já não sou senhor de mim. E' preciso viver como um seminarista, ou viver a vida de Pariz. Meu pae persiste em não comprehendê-lo. De que serve o dinheiro, si é só para enthesourar ?

Max não acabára estas palavras e já estava na escada.

— Coitado do meu Max ! disse Branca. Preferirá

morrer por essa Cleopatra a viver por nós. O que virá então a ser amor ?

E a moça abriu tremula a porta do gabinete do pae, para consolá-lo com o seu suavissimo semblante e as suas encantadoras palavras.

Eis a carta que Max leu na escada :

« Sr. Max, a senhora teve o seu ataque de nervos ; acaba de pôr em pedaços as suas flôres, nunca se viu semelhante matança de rosas. Si o senhor quer que a festa seja alegre, tracte de correr á casa dos quatro mercados do boulevard e de mandar-nos de novo o jardim que a senhora acaba de atirar pelas janellas fóra.

« LEONTINA ».

« P. S. Graças a essa matança, os nervos da senhora vão melhor. »

— Entendo, disse Max, algum credor que lhe appareceu á ultima hora. Misera Cleopatra ! nasceu duqueza e eu regateio-lhe o pão, pois o pão della é o luxo.

Max descêra a escada como um homem que já não conhece o caminho.

Chamou o seu cocheiro e disse-lhe que puzesse o carro o mais depressa possivel e fosse ter com elle no boulevard de Capucines, onde ia fumar um charuto.

Passando pela praça da Magdalena devastou as duas floristas.

O cocheiro demorou-se um tanto.

Max, que estava com febre, caminhava apressado pelo boulevard de Capucines.

XXXVI

MAX DÁ A ALMA AO DIABO

Entretanto Max procurava na imaginação pervertida o meio de poder pagar os duzentos mil francos da sua divida do jogo, e dar a Cleopatra alguns mil napoleões de que sempre carecia em casa.

Desceu os boulevards e encontrou um dos amantes da Dama de Ouros.

— Para onde vás?

— Para a California.

— Pois bem, traze-me um milhão, pois suspendi os meus pagamentos. E, si não é alguma grave indiscrição, dize-me onde collocas a California, pois não sou bom geographo.

— Eu sei lá. A California é a minha estrella.

— Já está levantada?

Max olhou para o céu.

— Está, disse o amigo rindo-se, mas só a encontro quando está deitada.

— Ah! entendo, a tua estrella é a tua amante. Toma cuidado, não ceies ao relento.

— Esqueces-te de que ceiamos junctos em casa de Cleopatra.

— O que fazes esta noite com o teu phaeton?

— Vou dar uma volta pelo Château des Fleurs.

— E' lá que esperas encontrar a mina de ouro?

— Quem sabe?

— Pois bem, que estas quatro rodas sejam para ti as rodas da Fortuna, como diz o meu segeiro. Quanto a mim vou fumar no Tortoni.

Antes de entrar no phaeton, Max olhou para o café

Foy a vêr si algum outro amigo estaria ali jantando essa noite. Não foi sem alguma surpresa que reconheceu á primeira vista o Sr. Williamson, á mesa, em galante companhia, defronte de meia duzia das mais perversas garrafas de vinho do Rheno, de Constança, Champagne, Xerez, Chypre, Tockay, todos os formatos e todas as fumaças da embriaguez.

Max ficou muito surpreendido quando reconheceu que a donzella que enfrentava com o esforçado bebedor era a Dama de Ouros.

— Bravo! disse, eis em boas mãos o coitado do Sr. Williamson. A Dama de Ouros póde escrever com elle um tractado ácerca das joias francezas, pois tem uma loja dellas em casa. Então, estava com medo de não saber o caminho. Supponho que não tem mais medo de perder-se.

Max não pôde deixar de sorrir.

— Que homem singular! Que bonito nariz de purpura e que bonitos cabellos de ouro! Nelle tudo é rico. Quando imagino que si elle quizesse emprestar-me metade dos oitocentos mil francos que tem no bolço, eu dansaria esta noite sem cuidados um bom minuete na rua do Circo...

Ao dizer estas palavras, o seu cocheiro fez-lhe signal de estar ás suas ordens. Deu um passo para o seu phaeton, mas nessa occasião a Dama de Ouros sahiu do café.

— Ah! és tu!

— Sou. Dize-me de que provêm estares — não digo em boa veia — mas em veia?

— Eu lá sei? A alliança da França com a Inglaterra, o jogo do destino, os astros que se encontram.

— Então não vás esta noite á rua do Circo?

— Eu! prefiro ir no encalço deste insular.

— Já te vás vestir?

— Oh! não, ainda não tocou a recolher. Vou pes-

soalmente á casa de Brion escolher uma caleça de oito molas para levar agora mesmo ao Bosque as melancholias do Sr. Williamson.

— Porque não mandas algum escravo?

— Porque tenho de avisar a Brion que metta no preço deste passeio ao Bosque, que os antigos teriam chamado uma viagem a Cythera, o preço de um mez do meu carro.

— Não te suppunha tão forte em mathematica. Escuta.

Uma idéa satanica atravessou a mente de Max, mas teve medo della e continuou:

— Não, nada tenho com isso.

— Vamos, o que ias dizendo? Sempre me pareceu que tomavas o partido das mulheres, essas coitadas sempre sacrificadas. Max, os tempos correm estereis, dá-me algum conselho, algum verdadeiro conselho de irmão.

— Pois bem, minha chara, o homem que tens na mão não é um homem, é um barra de ouro: tem oitocentos mil francos no bolso.

— Oitocentos mil francos! Grande Deus! eu podia comprar um marido para os dias da velhice.

A Dama de Ouros suspirou.

— Sim, mas não se dão assim oitocentos mil francos pelos meus bonitos olhos, ainda quando se tem bebido os vinhos mais generosos.

Si a Dama de Ouros houvesse então olhado para Max, ficaria muito sorprendida ao vê-lo empallidecer subitamente. Embalde procurava forrar-se á sua idéa, o demonio do mal apoderava-se-lhe do coração e dizia-lhe ao ouvido que com oitocentos mil francos podem-se fazer dous quinhões.

— E onde roubaria elle tanto dinheiro? perguntou a Dama de Ouros.

— Em toda parte, correndo mundo, no meio dos

pampas dos mares do Sul, onde vendeu perolas de dous soldos por perolas verdadeiras.

— Ah! foi no trafico das perolas brancas e das perolas negras! Fazes bem em dizer-mo; vou vingar todas as suas victimas.

— Pois não sabes, disse Max suppondo gracejar ainda, vamos levá-lo ao Bosque de Bolonha, e, sob as arvores frondosas, accusá-lo-hei de desencaminhar menores; pois és menor ha muito tempo...

— E depois?

— Pois não comprehendes?

Max tentou rir-se.

— Pois não vês que nos dará os oitocentos mil francos para não ir ao jury.

— Sabes que estás fallando como em um pateo de prisão!

— Pensas que estou fallando serio!

Max tentou ainda rir-se, mas ao passar a mão pela testa sentiu nella bagas geladas.

— Afinal de contas, continuou, não me venhas contar historias de virtude? Não tens mais que um pensamento, ha uma hora que alli estavas, sentada á meza com esse amavel bebado—tirar-lhe a maior somma de dinheiro que pudesses.

— Só penso em tirar-lhe o dinheiro que me é devido.

— Então não avalias a tua virtude em oitocentos mil francos?

— Não, em metade, porque temos de repartir.

A Dama de Ouros olhou profundamente para Max, que esteve quasi a dizer-lhe:

— O pacto está assignado!

Mas teve medo della, e de si.

— Queres ver, disse-lhe, divirtamo-nos com a embriaguez delle. Conheço-o muito, restituir-lhe-hei o dinheiro, mas demos-lhe uma boa lição. Um ci-

dadão inglez não deve vir divertir-se em Pariz com raparigas como tu. Vamos ver si desempenhariamos bem o nosso papel no Ambigu-Comique.

A Dama de Ouros reflectiu em silencio.

— Mas quando lhe restituíres o seu dinheiro, o que ficará para mim?

— O que tu quizeres, minha chara. Comprehendes que um homem que torna a encontrar oitocentos mil francos perdidos não regateia um punhado de notas do banco.

— Isso é verdade.

— E depois, olha: si succedesse que, atterrado, elle voltasse para o meio dos pelles-vermelhas e não tornasse cá, herdarias muito naturalmente.

— Quatrocentos mil francos?

— Não, oitocentos mil francos. Si ficar com metade, será apenas por emprestimo; bem sabes que sou rico.

— Que has de ser rico, pois quasi foste dormir esta noite em Clichy.

— Vamos representar esta comedia? perguntou Max segurando na mão da Dama de Ouros.

— Por minha vida, respondeu ella, que se não póde representar uma comedia em melhor companhia!

— Pois bem, não percamos um momento. Não vás á casa de Brion. Entrem ambos no primeiro carro de aluguel que encontrarem. Vou mandar embora o meu cocheiro. Irão ao Bosque, acompanhá-los-hei de perto. Descerão para passeiar como namorados em alguma avenida solitaria, e eu executarei o meu lance theatral.

— Olha que não creio em tudo isto.

— Nem eu tambem, mas has de ver. Então suppões que não tenho valor bastante para isso? Ou és tu que não serás capaz de desempenhar o papel da virtude perseguida?

— Quem? eu! tenho representado todos os papeis. Não tenho medo de cousa alguma. Mas o Sr. Williamson é capaz de esquecer-se de mim.

A Dama de Ouros tornou a entrar no café.

Até então, embora se deixasse levar da tentação, Max conservara-se com a retirada garantida. Podia, até o último momento, dizer que estava gracejando. Mas quando viu quasi immediatamente a Dama de Ouros sahir com difficuldade com o Sr. Williamson, arrastá-lo até á proxima estação de carros, empurrá-lo para dentro de um coupé e entrar nelle rapidamente, dando ordem ao cocheiro que seguisse para o Bosque, Max comprehendeu que ella estava de posse do seu segredo.

— Oh! não, disse elle, é impossivel. Dir-lhe-hei que estive zombando com ella.

Sem querer tomar uma resolução, despediu o cocheiro e tomou as redeas saltando no assento do phaeton.

— Vamos ver si vão ao Bosque, murmurou pondo os cavallos no encalço do coupé.

Nesse momento a Dama de Ouros metteu a cabeça na portinhola para vêr si Max a seguia.

— No fim de contas, não seria um roubo, seria um emprestimo. Vamos em todo caso ao Bosque, verei si devo jogar esta terrivel partida de lansquenet ou passar o baralho.

XXXVII

NUVENS SOBRE A LUA

Enquanto subia a avenida dos Campos Elyseos recordava as ultimas phases de sua vida de Filho prodigo.

— Si eu não obtiver dinheiro, minhas letras de cambio levar-me-hão fatalmente a Clichy. Uma vez lá, meu pae perdôa-me, mas conheço-lhe as intenções, faz-me embarcar para Constantinopla, e perco Cleopatra. Prefiro morrer. E não é tudo, pode-se morrer quando se tem coragem, mas eu morreria deshonrado, pois esses duzentos mil francos que perdi esta noite e que hoje não paguei deitam-me a perder amanhã.

Max não via, no meio da sua perturbação, que entre dous perigos era preferivel supportar o que provinha do jogo a correr o que proviria do crime. E já o crime apoderara-se d'elle a tal ponto que não tinha mais consciencia da acção que ia praticar.

— E o que faz o Sr. Williamson do seu dinheiro? Vem comprar-nos o nosso genio; pois bem, dar-lhe-hemos o nosso genio, e restituir-lhe-hei o seu dinheiro. Ora que grande crime, afinal, utilizar-me d'elle por algum tempo para salvar-me da infamia em que me vejo prestes a cahir!

E Max ruminava os mais bonitos projectos: jurava tornar-se prudente, não jogar mais, moderar a lista civil da amante, trabalhar e reconquistar o coração do pae; tão certo é que o pensamento mais sombrio tem luminosas investidas para o bem!

— De amanhã em diante, dizia consigo, vou re-

começar o trabalho desse maravilhoso bracelete que encommendou-me a rainha de Hespanha. Os grandes artistas não são Éliacins! Salvator Rosa, que vivia com os saltadores, não teria alguma vez parte no despojo? Benvenuto Cellini era capaz de tudo, até de uma boa acção. Um espadachim que mata um homem em um duello, depois de havê-lo insultado, é tido em conta de cavalheiro. Quanto a mim, si contraio este empréstimo forçado, não tenho que responder por mim sinão perante mim mesmo, pois ninguem o saberá.

Max estremeceu.

— E si esta moça contasse? Mas porque havia de contar? Mas elle! si ficar em Pariz e reconhecê-la? E' preciso que ella saia amanhã para a Italia.

O céu estava encoberto, Max encontrava poucos passeiantes no caminho. Já havia passado a estação do Bosque. Iam todos para o Circo e para o Château des Fleurs. Max achou-se quasi só atraz do coupé na avenida da Imperatriz.

Quando chegou á porta do Bosque, alguns pingos de chuva cahiram-lhe nas mãos.

— E' singular, disse, ha decididamente potencias occultas que trabalham em favor do crime. Si o céu tivesse ficado claro, ou si eu houvesse encontrado algum amigo, teria parado no caminho; mas agora irei até ao fim.

Max sentiu que o frio o dominava.

— O que é isto? disse parodiando o dito celebre, tremerei de medo? Não, si tremo, é de frio.

No entanto a Dama de Ouros acabava de parar em uma alameda escura. Deu a mão ao Sr. Williamson e disse-lhe:

— Vamos beber vinho de Champagne.

Era o que desejava o ourives inglez, que estava morrendo de sede.

— Não vejo onde, disse elle.

— E' porque o senhor está vendo dobrado. Venha aqui embaixo destas arvores.

Depois de haver despedido o cocheiro com uma moeda de cem soldos, sem que o Sr. Williamson o visse, a Dama de Ouros deu o braço ao seu companheiro e arrastou-o quasi apezar seu.

Max saltou no chão e acariciou os seus cavallos, como si quizesse dar-lhes paciencia para o esperarem.

— Já não é tempo de reflectir, disse.

Certificou-se de que ninguem o via, nem mesmo o cocheiro de praça que ia-se embora contente, sem pedir molhadura.

Quando pôz os pés na alameda, Max sentiu as pernas como si foram de chumbo, como succedêra-lhe muitas vezes em sonho.

— Não irei adeante, disse.

Esteve quasi a voltar para o phaeton, mas a Dama de Ouros, voltando-se, animou-o a acompanhá-la.

Pouco e pouco ganhou terreno, caminhando cauteloso.

O coração batia-lhe agitado e mal respirava. Era todo ouvidos, receiando ouvir alguém andar juncto de si.

O rumor do vento nas folhas fê-lo parar subitamente.

Viu então erguer-se-lhe em frente o crime com todo o seu horror. Duas outras visões passaram-lhe pela mente: a figura severa e triste do pae, a figura angelica e virginal da irmã.

— Oh minha irmã! oh meu pae!

A visão da irmã houvera-o salvado, mas apagou-se para só deixar-lhe defronte o semblante inflexivel do Sr. Auvray. Max voltou os olhos.

— Em balde implorá-lo-hia, disse, não se deixaria commover.

Deu um passo para deante.

— Vamos, disse, muitas vezes é forçoso violentar o destino. O mundo pertence á força e não á doçura. Só os tolos resignam-se. O mundo está cheio de preconceitos. Chama-se heróe ao homem que leva a fogo e a sangue uma cidade.... Sim, mas a cidade defende-se.... Quem impedirá o Sr. Williamson de defender-se?

Max interrompeu-se no meio das suas extranhas reflexões.

— Por mais que faça, por mais que diga, por mais que espalhe flôres no meu caminho, o crime aqui está, toco-o com o dedo, sinto-o apossar-se de mim, e no entanto vou por deante.

XXXVIII

A DAMA DE OUROS

A Dama de Ouros era uma dessas creaturas pervertidas desde o berço, que sugam o vicio no leite materno; por isso dizia com alguma rasão:

— Não é culpa minha si não tenho virtude nem pudor.

Não pertencia ao numero das que perdem, na alvorada da juventude, esses dous inapreciaveis thesouros que fazem da mulher o anjo da familia. Como nunca possuira esses thesouros, não podiam accusá-la de havê-los perdido.

Algumas cortezãs conservam até nas suas orgias como que o phantasma de sua virtude e de seu pudor. Essas chamar-se-hão Aspasia, Ninon ou Maria Duplessis. Si o amor que sanctifica, entra-lhes no coração, salvam-se. Ha muito poucas mulheres perdidas

que não entrevejam a través das tormentas e das brumas um canto do céu em que brilhe a estrella do seu destino. Umas têm continuamente perspectivas abertas sobre a terra natal, um horisonte perdido em que uma mãe e uma irmã esperam-nas e choram de jubilo vendo-as voltar. Outras, as que não têm passado, procuram no porvir algum horizonte salutar onde Deus radiará, onde practicarão o bem, onde lavarão os peccados nas lagrymas do arrependimento.

Por exemplo Cleopatra, embora vivesse sem garantia de futuro no meio dos transportes das alegrias e soffrimentos da paixão, achava sempre uma hora, demanhã, para ter saudade dos paraísos fechados e para estender os braços para as miragens dos dias melhores.

A Dama de Curoz não era dessas mulheres. Acreditava ingenuamente que as mulheres só vieram á terra para divertir os homens e para divertirem-se com elles. Ria-se sempre, ria-se de tudo, sem suppôr nunca que isso fizesse mal. Tinha talvez uma alma, mas nunca tivera consciencia. Admirava-se muito de ver chorar uma das amigas:

— Porque choras?

— Porque este homem tracta-me como a uma mulher perdida.

— E então! o que tem isso? Has de naufragar com os teus principios. A vida não vale a pena de ser tomada ao serio.

Depois de muito correr de aventura em aventura encontrára algumas vezes os abalos e habitos da paixão; como tantas outras tinha tido suas horas de ciume e desanimo, mas deitava para logo a rir ás gargalhadas exclamando:

— E não ia quasi chorando!

Não tinha uma hora sua, um momento sequer

para descer ao fundo do seu coração. Levava todo o tempo a vestir-se e a despir-se, quasi continuamente no leito ou á mesa, — á mesa do jogo quando deixava a mesa do festim. — Si ia ao Bosque para estender as suas conquistas, ainda chamava a isto deitar-se. Tanto que um dia, indo passar por deante della uma Magestade, um dos seus amantes gritou-lhe: — Levante-se!

Diziam della: — E' uma boa rapariga! E tinham razão. Estivesse o seu aposento bem estofado, estivessem as suas jarras cheias de flôres, fosse o seu jantar delicado; comesse ella aspargos no mez de Dezembro, ervilhas no mez de Janeiro, morangos no mez de Fevereiro e uvas no mez de Março; fossem os seus vestidos pesados e as suas plumas leves, os seus espectaculos sempre acompanhados de um ramalhete e de um embrulho de pasteis; renovassem-se os seus amantes frequentemente para poder renovar os seus prazeres e a sua lista civil, que ella não fazia mal a ninguem.

Não tinha inveja das senhoras de boa sociedade, porque tinha pena dellas. Não comprehendia como se pudesse viver sempre na mesma casa e com o mesmo homem. Chamava a isto viver uma vez só. Suppunha multiplicar a sua existencia.

Um de seus amantes, loucamente apaixonado, que sabia não ser possível conservá-la por muito tempo e que tinha receio de perdê-la, fallou-lhe seriamente em casamento. Ella respondeu-lhe com uma dessas risadas homéricas que assignalam uma época na vida dos namorados.

Não era bonita, mas, como diz-se no theatro, tinha sal.

Ha duas bellezas do diabo: a que só apparece nos raios da juventude e a que conserva sempre um não sei quê de satânico. Ao ver passar uma mulher des-as,

jurar-se-hia que ella tinha feito algum pacto com o inferno. O olhar, que vacilla como o fogo n'agua, o sorriso, que mostra os dentes, mas dentes que mordem, o gesto revolucionador, tudo nellas falla do inferno. A sua sahida só se explica pelo facto de haver apaixonados que preferem o inferno ao paraíso.

Narrava sem vexame as suas primeiras impressões de viagem na Terra do Galanteio, mais ou menos como um soldado conta as suas primeiras façanhas.

Nascida em Saint-Cloud no fundo de uma loja de modas, fôra aos quinze annos para Pariz para a casa de uma de suas tias, que tomava conta de uma loja de fumo. Desde o primeiro dia foi um fogo relante de madrigaes achavascados. Achou isso encantador. Tinha bom pé, bons olhos e boas sahidas. No fim de oito dias tinha quatro amantes. A tia achou que quatro tambem era demais. A adolescente meditou uma noite inteira para despedir tres; mas como gostava tanto do primeiro como do segundo, tanto deste como daquelle, ficou com todos quatro.

— São os mais antigos de que me lembro, dizia fallando dos seus quatro apaixonados. Não os conhecia nem pelos nomes nem pela lettra, amava a todos quatro, mas aborrecia-me com cada um delles. O que prova que eu não nasci para casar-me, é que o que me encantava no meu quarto amante era o prazer que eu tinha de enganar com elle os outros tres.

Assim a Dama de Ouros começára pelas complicações e depravações das ingenuas.

Esse nome de Dama de Ouros não era um nome de baptismo. A madriaha, judia como ella, dera-lhe o nome de Rachel. Não era ponto ellucidado, — pois essa historia perdia-se na noite dos tempos, — si haviam-na cognominado Dama de Ouros porque gostava de cartas e chamava-se Rachel.

Haviam-na tambem cognominado a Ruina, porque

arruinava aos amantes ou porque arruinava-se a si propria. O que é certo é que ella passava por toda a parte, como o furacão pelas searas, deixando apoz si apenas a devastação. Conhecia tanto menos o valor do dinheiro quanto nunca o tinha. Pagavam-lhe, qual o jantar, qual o vestido, qual a casa. Tinha em toda a parte um banco, menos em casa. Tolerava o cognome de Ruina tanto por habito como por indiferença. Mais de um de seus amantes chamava-a minha Ruina. Um dia em que estava aborrecida, rebellou-se: Tua ruina! tu nunca me déste um soldo!—Esse homem despendêra com ella cem mil francos em alguns mezes, sem ter-lhe dado nunca um só punhado de ouro. — Tua ruina! accrescentou ella, si és o meu amante favorito!

XXXIX

QUANDO SE DEU UM PASSO PARA O ABYSMO

Talvez Max houvesse parado, si de repente a Dama de Ouros não tivesse injuriado o Sr. Williamson.

O que se havia passado nessa alma pervertida? Como Max, fôra por deante, sem plano preconcebido, pensando alternativamente que quatrocentos mil francos eram uma bonita presa, mas que o tribunal do jury era um terrivel despertar. Já tinha a exprobrar-se de alguns peccadilhos. Passára algum tempo em S. Lazaro por haver comprado muito bonitas rendas e tê-las posto no Monte de Socorro antes de pagá-las. Mas não se reputava culpada, porque vira fazer o mesmo a todas as suas amigas. Nessa noite o que a tranquillisava era a cumplicidade de Max; dizia comsigo que um homem de tão bonita posição

na sociedade não podia cair nas mãos da justiça. E além disso calculava que no fim de contas, si conseguisse esconder bem os quatrocentos mil francos, o tribunal do jury podia passar por ella sem reduzi-la a completo desespero, visto que compraria uma fortuna mediante cinco annos de prisão.

Desde o boulevard de Capucines que percebia que Max a seguia e a impellia ao crime. Interrogára ao Sr. Williamson ácerca da sua generosidade. Ora, em uma alameda transversal, perto da cruz Catelan, o ourives inglez tinha-a exasperado dizendo-lhe que tudo quanto podia fazer pelas mulheres era ceiar com ellas, mas que julgar-se-hia deshonrado si pagasse o culto de lady Venus.

Fora a essa confissão que a Dama de Ouros o apostrophára com algum epitheto malsoante.

O Sr. Williamson ficava eloquente quando bebia. Respondeu como quem provou o sal das jovieas comadres de Windsor.

— Soccorro, gritou a Dama de Ouros, que tinha suas razões para tomar a cousa pelo lado tragico.

— Não ha retroceder, disse comsigo Max.

E, sem importar-se com os seus cavallos, correu para o Sr. Williamson. Vendo-o ás mãos com a Dama de Ouros, atirou-se sobre elle, prostrou-o no chão.

— O senhor insulta uma mulher!

O Sr. Williamson, mais morto do que vivo, não soube o que responder. Olhou para Max como si acordasse de um profundo somno.

A Dama de Ouros ficára de pé, tambem aterrada com o que se estava passando a seus pés. Max voltou-se para ella, travou-lhe da mão e fê-la ajoelhar violentamente deante do Sr. Williamson.

— Então, disse-lhe, a senhora não exige deste homem uma reparação?

Desta vez o Sr. Williamson debateu-se com força. Acabava de vencer a embriaguez, comprehendia a cilada. Max conteve-o, mas na lucta a cortezã recebeu um pontapé.

— Então a senhora quer deixar-se matar? disse Max desesperado sem duvida por vêr que ella não se apoderava da carteira.

Desta vez ella comprehendeu e tirou-lhe a carteira dizendo :

— Torno a tomar o meu retrato.

Max não pôde deixar de notar que a Dama de Ouros tinha presença de espirito.

Apenas tirou a carteira, deitou a correr.

— Estou roubado! exclamou o Sr. Williamson.

Max quiz fallar, mas a voz morreu-lhe nos labios.

Queria erguer-se e fugir tambem, mas o Sr. Williamson prendia-lhe as mãos.

— Sim, fui roubado por essa ladra, mas o senhor é cúmplice della, disse o ourives.

Max teve medo de ficar pregado alli e ser sorprendido por algum guarda do Bosque ou algum passeiante retardado : conseguiu repellir violentamente o Sr. Williamson. Levantou-se de um salto e fugiu por sua vez.

A cabeça do ourives fôra bater em uma arvore : perdêra os sentidos.

Max alcançou a Dama de Ouros no fim da alameda.

— Oh meu Max! disse-lhe ella, o que fizemos? Aqui está a carteira do coitado. Eu não quero um soldo.

Max viu na sombra a pallidez e o terror da cortezã.

— Pois então, disse-lhe com colera, vae levar-lha. Si tu não queres, nem eu.

— Mas então não suppões que elle nos reconheça?

— Então julgas que se depara semelhante fortuna assim de mãos beijadas. Amanhã seguirás para a Italia com quatrocentos mil francos. Quando te vires em Veneza ou em Napoles em um palacio de marmore, verás que compraste a tua liberdade.

— Oh! que importa, disse a Dama de Ouros entrando no phaeton, nunca mais virei dar uma volta pelo bosque de Bolonha.

XL

CHATEAU DES FLEURS

Max e a Dama de Ouros voltavam silenciosos. De tempos a tempos Max arriscava uma palavra para distrahir a volta, mas a cortezã não ouvia os seus funebres gracejos.

— Faças o que fizeres, disse-lhe ella na altura do Arco do Triumpho, não quero ficar com esta carteira.

— Pois bem, disse-lhe Max, irei amanhã demanhã á tua casa levar-te os teus quatrocentos mil francos com um passaporte para a Italia.

— Si suppões que me diverte o expatriar-me!

— Não, é muito mais divertido tolerar todas as manhãs a visita dos teus credores. Tu nunca possuiste vinte cinco luizes sem deveres cincoenta. Agora serás senhora de ti.

-- Tens razão, de sobejo tenho sido senhora dos outros.

A estrella do Château des Fleurs fascinava os trans-euntes. Era o ultimo divertimento da noite, todo Pariz ocioso devia estar alli.

— Parece-me, disse Max, é preciso que vás ao Château des Fleurs, onde dirás com desembaraço que

segues amanhã para a Italia. Hão de perguntar-te porque, responderás que fazes leilão e que um banqueiro milanez offerece-te um palacio em Veneza. Bem vêes que depois disto nunca te irão accusar de ter fugido. Ter-te-hão raptado, eis tudo. Mas não te esqueças de deixar que vendam quanto tens em casa.

— As joias tambem ?

— Tambem, é preciso saber fazer sacrificios.

— Tens razão, mas levarei as perolas e os diamantes.

Max fez parar os cavallos na rua de Vignes, a cinquenta passos do Château des Fleurs.

— Adeus, disse estendendo a mão á moça. Encontrar-nos-hemos daqui a pouco em casa de Cleopatra. Conto vêr-te lá mais esplendida e mais douda que nunca.

Quando a Dama de Ouros, dama de alta grimpa, dignava-se entrar no Château des Fleurs, punha tudo em movimento. O vestido della tinha tamanha cauda que, para não andar-lhe por cima, conservavam-se todos em respeitosa distancia. Todos temiam-na, porque ella era forte de lingua e continuava no Château des Fleurs os lazzi do baile da Opera.

Nessa noite quiz ostentar audacia, como que dispondo-se a preparar um alibi. Um jornalista bem conhecido abalroara-a ao passar; a moça voltou-se, tomou ares de grande personagem e disse-lhe:

— O senhor tocou-me!

— Tocar não é offender.

— Ha de dar-me uma satisfação; aqui tem o meu cartão.

— Não é possível dizer a moradia á gente mais acertadamente, disse o jornalista,

— O senhor tem testemunhas? Lembre-se de que é uma questão de honra.

— Sim, minha senhora, levarei á sua casa como padrinhos cinco luizes.

A Dama de Ouros parodiou insolentemente um dito sublime que nunca foi dito :

— Cinco luizes ? Não é com isso que sobe-se ao céu da minha cama. Cinco luizes ? então conheces o preço da minha creada grave ? Suppões que vás á rua dos Dous Escudos !

Alguns rapazes e algumas mulheres tinham-se aproximado.

— Ah ! aqui está a Dama de Ouros que vira a sua carta.

— Tu nunca viste as costas da minha carta, disse ella com arrogancia.

— Vi que tinhas bom jogo.

— Sim, mas não tenho bom dinheiro, meu capuchinho ! Faz-se amanhã leilão em minha casa ; irás comprar os espelhos que me déste.

— Velha cantiga ! penhoram-te todos os mezes, mas nunca te vendem.

— E' porque não chegam ao preço.

Passava um russo.

— Aqui ! disse a Dama de Ouros ; fazia-te na Russia com M^{lle} Cossaca ! Essa innocente creatura irá incendiar Moscow ? Temos muitas saudades della : mas não no-la tragas !

— Levou a cidade a ferro e fogo ; mas acaba de casar-se.

— Coitada ! ei-la duas vezes na Russia. Em summa, já se tinha casado tantas vezes que se tornára nella um habito. Quem boa cama faz nella se deita.

Nesse momento entrava furiosa no grupo uma moça.

O Château des Fleurs tem a sua sala de conversação, como Bade e Hamburgo.

— Esta é que é a Dama de Ouros ? perguntou a recémchegada a uma das amigas.

— E', em carne e diamantes

— Espera : vou puxar-lhe as orelhas.

— Então a senhora quer tirar-me os brincos? perguntou a Dama de Ouros que tinha ouvido.

— Os seus brincos? foi o meu amante quem lhos deu. Quem o alheio veste na praça o despe.

— Teu amante? exclamou a Dama de Ouros pondo-se na ponta dos pés. Mercê de Deus não apanho as sobras da mesa de uma esfomeada como tu. Si dizes mais uma palavra, faço-te voar em pó.

E voltando-se para um dos seus:

— Leonel, livra-me desta mulher, vae jogar carra-peta com ella.

— Cala-te, boneca!

— Bico! ou mando metter-te no xadrez. E não ha de ser Oliveiro Métra que ha de jogar nelle.

— Eu? sou conhecido.

— E's, bem conhecido; não precisas mostrar o teu cartão.

— O meu cartão? não é marcado como a tua carta, Dama de Ouros.

— Ora vamos, disse o Sr. Leonel, eis as cartas a baralharem-se; as senhoras estão aqui, minhas senhoras, para fazer a felicidade dos homens, e não para irem ás guellas umas das outras.

— Não ha de quê, disse a Dama de Ouros deitando um olhar desdenhoso para os golfos e promontorios da rival e dando meia volta para o lado dos amigos.

Como em todas as comedias, ha no Château des Fleurs a scena capital e a scena trivial. Si alli vos levasse por toda uma noite, far-vos-hia ouvir outros dialogos. Ha lá todos os dictionarios, até o das *Preciosas ridiculas*. Mas como não posso mais do que passar pelo Château des Fleurs para melhor estudar a Dama de Ouros, dou apenas um episodio da noite, deixando algum Balzac jnramentado os dedalos desse castello e extravagante.

Consequentemente, no meio desse carnaval em pleno

verão, desse turbilhão de fogo sob as arvores verdes, dessa musica do inferno e do paraíso, debaixo dos ninhos dos melros e dos rouxinol's, no meio dessas paixões febris em que se ouvem tinir os copos e os luizes, em que se vêem os vestidos rodopiarem, os diamantes brilharem como si fossem verdadeiros, os peitos palpita-rem como si fossem corações, os olhares tornarem-se languidos como si os movêra amor; nesse harem, nesse sport, nessa balburdiã, a Dama de Ouros atravessou jovial, com a cusadia no olhar e a palavra nos labios: dir-se-hia que ella acabava de jantar no Petit-Moulin-Rouge, no meio da paz de espirito e um pouquinho de vinho de Champagne.

No entanto não tinha tanta confiança em si como apparentava: em certa occasião, batendo-lhe uma das amigas no hombro, voltou se aterrada, como si a mão da justiça a houvera tocado.

XLI

AS NOTAS CÔR DE ROSA

Quando dous criminosos estão junctos, exaltam-se e fortalecem-se mutuamente; mas apenas separam-se e descem silenciosos ao fundo da propria consciencia, ficam acobardados, aterrados. A reacção vem com o frio da morte. Foi o que succedeu á Dama de Ouros, foi o que succedeu a Max. Emquanto a cortezã subia tremula a escadaria do Château des Fleurs por onde até então passára altiva e contente, Max deixava cair as redeas e perguntava a si mesmo si teria valor bastante para affrontar o seu crime. Por um momento lembrou-se de seguir tambem para a Italia e ir occultar a sua

vergonha em alguma região ignorada. Mas Cleopatra amá-lo-hia bastante para exilar-se com elle?

— Vamos, continuou, erguendo a cabeça, porque aterrar-me dest'arte? Só a Deus devo conta das minhas acções, e só Deus viu-me. Não ha de ser a Dama de Ouros que ha de trahir-me o segredo. Quanto ao Sr. Williamson, quando despertar da embriaguez, não entenderá uma palavra dessa scena de melodrama, que facilmente tomaria por sonho si tornasse a encontrar a carteira.

Em vão queria Max lutar com a sua abominavel acção, ella erguia-se-lhe em face. Os culpados estão continuamente em face do crime, combatem-no para affastá-lo; mas o crime é como a hydra de Lerna, que desafia todos os golpes com as suas cem cabeças sempre renascentes.

Max, ao passo que dizia a si mesmo que ninguem lhe conhecia o segredo, olhava em roda de si com terror.

Chegando ao canto da rua Real, viu-se obrigado a segurar nas redeas um instante, deante de uma complicação de ornibus, calçada e pedras. Um de seus amigos, Alberto Henryet, gritou-lhe:

— Boa noite, Max.

Ficou assustadissimo com esse grito muito natural, que vinha sorprendê-lo emquanto o seu espirito errava ainda na escura alameda do Bosque de Bolonha. Quasi gritou:

— Não sou eu!

— Donde demonio vens tu tão cedo e tão tarde? perguntou-lhe Alberto Henryet.

Max esperava tão pouco por semelhante pergunta que não respondeu.

— E tu, o que fazes aqui? Fazia-te no Château des Fleurs.

— Meu charo, fumo um charuto inspirador que dir-me-ha talvez o que devo fazer da minha noite.

— Mas então não vás á casa de Cleopatra?

— Vou, sim; mas a melhor gente só estará lá á meia noite. Até lá ha um seculo. E depois, sabes que não fui muito mais feliz do que tu a noite passada, perdi sete a oito mil francos. Ainda era capaz de dar batalha, mas estou como o rei da Araucania, sou general sem soldados.

— Vamos lá, exclamou Max, é nos dias de desespero que deve-se affrontar pela ultima vez a má fortuna. Consequentemente, até meia noite. Acabo de occupar-me com flôres, vou occupar-me com o festim.

— Alguma orgia romana!

Os cavalloos tinham andado. Os dous amigos já estavam separados pela multidão.

Max foi á casa vestir-se. Tocou a campainha devagar, atravessou a antecamara sem dizer palavra.

— O senhor está incommodado? perguntou-lhe o creado dando-lhe um castiçal.

— Eu, disse Max dominando a sua emoção, estás doúdo?

Tomou vivamente a luz.

— Não tens cartas para mim? Não vieram procurar me?

— Não, senhor.

— Si vierem, não estou em casa.

Max entrou no seu quarto e fechou a porta apoz si.

— Emfim, disse, ninguem me vê.

Tirou a carteira e abriu-a emcima da cama.

— Ei-las pois aqui, murmurou, as formosas notas côm de rosa de cinco mil francos, que o inglez folheava com tanto desembaraço! Magico livro! quantos romances não ha nestas paginas assetinadas!

E Max, apezar dos seus terrores, tentou um dito mais ou menos espirituoso:

— Que bonitas notas côr de rosa! Mas uma nota de cinco mil francos é sempre mais côr de rosa que outra qualquer.

Approximou da luz a nota de quinhentos mil francos do Banco de França.

— Meio milhão em semelhante trapo de papel! Eis um papelote para Cleopatra! Marco Antonio nunca deu eguaes á rainha do Egypto.

XLII

CAIM REVOCADO AO PARAISO

Max continuava a olhar para a nota do Banco.

— Por quem mandarei eu receber isto amanhã? E' preciso que eu tome uma resolução e vá pessoalmente.

Max foi subitamente ferido por uma idéa que fê-lo ficar frio como gelo.

— Oh! meu Deus, não tinha pensado nisto. Ia entregar-me como uma creança. A primeira idéa do Sr. Williamson ha de ser pôr-se de sentinella no Banco para pôr a mão em quem se atrever a appresentar-se em seu nome. Quinhentos mil francos perdidos! Ficam-me pois tresentos mil francos para repartir com a Ruina. Não valia a pena que eu e ella nos mettessemos a salteadores.

Tornou a pôr a nota na carteira e prometeu a si mesmo mandá-la ao Sr. Williamson, como objecto achado, conservando o anonymo. Até então, escondeu a carteira entre o colchão e o enxergão da cama; depois do que tornou a guardar as sessenta notas e met-teu vinte na charuteira sem amarrotá-las muito.

Estas eram para jogar á noite.

Pôz as outras no bolço da scbrecasaca para a divida da vespera.

Nesse momento teve ainda um desses terrores infernaes que já não podia dominar. Viu-se ao espelho e suppoz á primeira vista que não era a si que via.

E com effeito já não era o mesmo. Em menos de uma hora a sua má acção havia-lhe alterado profundamente a physiognomia, cujo verdadeiro character era a indiferença. O aspecto sombrio, a pallidez lugubre, a idéa sinistra que lhe corria sobre a fronte, os olhos desvairados que se moviam para uma e outra parte incessantemente, receiosos do temido espectáculo, nada disso representava já a sua mocidade e alegria.

Quasi deixou cahir a charuteira,

Não quiz confessar a sua fraqueza, pensou que o desanimo provinha-lhe de ter jantado mal. Deu-se pressa em vestir-se, tenciovando ir ao café Durand comer uma fatia de figado lardeado e beber meia garrafa de vinho de Champagne, para expellir as suas hallucinações.

Ao sahir, encontrou a irmã na antecamara.

— Esperava por ti, disse-lhe ella appresentando-lhe a testa.

Até então Max tivera medo de si. O aspecto da irmã, rosto de anjo, alma divina, coração de ouro, fez-lhe de improviso a mais viva ferida que até então sentira. Uma dôr immensa atravessou-lhe o espirito e fê-lo desesperar. Compreendeu então que tudo estava para elle perdido.

Que bello symbolo não é a historia de Adão e Eva expulsos do paraiso! Quantos dentre nós não têm pela misericordia de Deus o seu paraiso na terra: o sentimento do bem, a paixão do bello, o amor da justiça! Quantos não passam humildes, mas com a

fronte erguida, entregues ás grandes aspirações, mas que, no dia em que o espirito do mal os domina, deixam-se cahir do alto da sua consciencia, e que logo depois da primeira quédia vêem-se para sempre banidos dessa patria, que o espirito de Deus protege. Ter um quinhão de paraíso na terra é ter na alma esse canto do céu que é já a vida futura. Manchar a propria alma com uma acção baixa, não será vêr-se expulso do paraíso? não é já metter um pé no inferno?

Disse que Branca appresentára a testa aos beijos do irmão; Max, porém, com um movimento de horror por si proprio, achou os seus labios indignos desse casto e meigo semblante.

— Boa noite, Branca, disse distrahido.

E estendeu-lhe a mão, — a mão que havia despojado o Sr. Williamson. — E indo ella a tomá-la, retirou-a, sob pretexto de tomar a capa.

— Adeus, adeus, disse ainda.

Abriu-se uma porta. Era o Sr. Auvray, que havia conhecido a voz do filho.

— Onde vás, Max? perguntou-lhe adoçando a voz tão severa algumas horas antes.

— Vou á Opera, meu pae.

— Entra no meu gabinete, não te demorarei mais de cinco minutos.

Max obedeceu em silencio.

— E eu devo me ir embora? perguntou Branca.

— Tu! disse o pae dando-lhe na frente o beijo que o irmão retivera nos labios: tu tens sempre direito de estar em toda parte.

O pae e os dous filhos atravessaram a sala de jantar e entraram em um aposento um tanto sombrio cujo tecto era estrellado e cujas paredes eram revestidas de tapeçarias dos Gobelinos, representando scenas mythologicas.

Dous aparadores de ébano com filetes de ouro, poltronas de carvalho esculpido forradas de couro da Russia, uma grande mesa de Boule, mas de Boule-Luiz XIV, uma cabeça de virgem de Schildonne, uma Sacra Familia de Palma Senior e uma pagina amorosa do Giorgione; um tapete de Smyrna e um pendulo Luiz XVI — obra-prima de ourivesaria, — eis a mobilia, eis o aspecto desse gabinete, cujo estylo a mais severa critica houvera apreciado.

Ha em Pariz alguns coitados que gyram com milhões, e que suppõem que com muito dinheiro póde-se organizar o interior de uma casa de modo a dar na vista e captivar o espirito. Mas ha bem poucos que possuam a arte peregrina de tirar um mundo do chaos. Em casa da mór parte dos millonarios encontra-se o chaos, não se encontra o mundo. E' preciso possuir grande intuição do desenho e da côr para transportar a vida para dentro de quatro paredes, ainda que se disponha das maravilhas do luxo. Consegue-se ás mais das vezes formar uma loja de belchior. Disse um poeta:

A propria arte em excesso mata a arte.

Póde-se dizer a mesma cousa do luxo; si perde o talismã da simplicidade, o luxo passa a ser apenas orgia de seda, de setim e de velludo, de bronze, de ouro e de prata.

O Sr. Auvray era artista profundo em tudo. Um moralista que entrasse no seu gabinete veria logo que, em sua vida como em seu talento, tudo respirava simplicidade e grandeza. E o moralista não se teria enganado.

Apenas o pae chegou á mesa, voltou-se para o filho e estendeu-lhe um charuto.

— Queres fumar? disse-lhe com a bondade que quasi sempre fechava comsigo para não acoroçoar em demasia as loucuras do filho.

Max olhou para o pae e pareceu não comprehender. Tomou o charuto, mas não se atreveu a accendê-lo.

— E para mim? disse Branca. Eis o que é não ter máus habitos, não me offerecem cousa alguma.

— O que te hei de eu dar? disse o pae. Pois Deus não te deu tudo! Quando offereço-te joias, não as queres.

— Pois bem, meu pae, vás ficar admirado. Quero que trabalhes para mim. Precisas cinzelar-me um bracelete, que has de fechar-me no braço e que levarei commigo á sepultura, para ter-te sempre commigo.

— Está dito! Escolhe o desenho entre estes modelos que acabo de esboçar.

E o Sr. Auvray indicou com o dedo uma folha de papel em que desenhára a lapis, nessa noite, quatro braceletes pompeianos.

— Está bom! é isto mesmo, disse Branca, braceletes encontrados em Herculano depois de uma eternidade de dous mil annos. Escolho o primeiro. Daqui a dous mil annos, torná-lo-hão a encontrar no meu tumulo e lerão: *Auvray fecit.*

— Prefiro o segundo, disse Max que queria dizer alguma cousa.

— Meu charo amigo, disse-lhe o pae, amanhã desenhars mais quatro, e mandaremos fazer todos oito; depois do que cinzelaremos cada qual os seus e os mandaremos á Exposição de Londres.

— Sim, disse Branca gracejando, e has de ficar bem atrapalhado, meu charo papae, si Max vencer-te; e has de ficar ainda mais atrapalhado, si venceres, Max.

— O que tem isso? disse o pae. Si elle obtiver a grande medalha, dar-t'a-ha, cousa que eu tambem farei, si ella me couber, — a menos, continuou, que não seja concedida ao bom Sr. Williamson, que quer pagar á vista para ter genio.

— O Sr. Williamson! murmurou Max.

— Ha de voltar amanhã, continuou o pae. Reflecti esta noite na proposta d'elle. E' muito natural fazê-lo pagar a gloria. Como tu é que vás trabalhar para isso, resolvi que o dinheiro que elle dêsse seria teu. Assim, mãos á obra e dicta as tuas condições. Visto que tens os teus dias de filho prodigo, é um achado para ti. Quando elle vier, chamar-te-hei.

— Obrigado, meu pae.

— Ouve-me, Max. O trabalho é um amigo que dá bons conselhos. Esta noite fui talvez injusto. E' preciso que a mocidade pague o seu tributo. Lembrei-me do pezar que eu tinha quando meu pae mostrava-me o aspecto severo. Puz-me a trabalhar. Quando não estou contente, trabalho, e quando estou contente, trabalho tambem. Ha de ser o teu refugio algum dia. Pois bem! o trabalho tornou-me mais brado e melhor. Chamei e perguntei si estavas em casa. Acabavas de sahir; mas felizmente achei Branca para apertá-la ao meu coração.

Nesse momento Branca inclinava-se ao ouvido do irmão e dizia-lhe:

— Anda, atira-te nos braços de papae.

Max estava immovel e gelado. Acabou por comprehender que devia responder a estas consoladoras palavras com uma expansão filial, mas não ousou lançar-se nos braços do pae. Segurou-lhe na mão e poz-se a soluçar.

— Vamos, vamos, disse o Sr. Auvray apertando a mão do filho e erguendo-se para abraçá-lo, vae á Opera. Só te fiz perder um acto.

— Um entreacto, disse Branca, o que é cousa muito mais grave; pois meu irmão, denunciou-to, costuma ir á caixa do theatro.

— A' caixa do theatro! disse o pae sorrindo; oh! quem lhe disse isso, senhora minha filha?

— Foi o seu amigo Alberto Henryet?

— Que certamente nunca vae á caixa do theatro ; não? disse o pae.

— Nunca. Si lá foi uma vez, foi por errar o caminho.

Max já havia sahido. Branca ficou a sós com o pae.

— E acreditas, disse o Sr. Anvray á filha, que o Sr. Alberto Henryet não tornará a pôr os pés na caixa do theatro?

— Acredito, disse ella, affianço.

— E porque não ha de tornar?

— Porque?

Branca veio, graciosa e meiga como uma pomba, sentar-se nos joelhos do pae, e disse-lhe ao ouvido, abraçando-o :

... Porque elle ama-me.

XLIII

PORQUE BRANCA AMAVA ÁS ROSAS DA SUA JANELLA

Não era por mero acaso que Alberto Henryet, amigo de Max e futuro embaixador, passeiava essa noite, ás oito horas pela praça Luiz XV e rua Real.

Tem-se zombado muito com os auctores de idyllios em prosa e verso. Entretanto não ha um homem, ainda entre os que zombam, que não tenha feito o seu idyllio ao menos uma vez; desde o zagal que colhe na montanha, emcima de alguma rocha inacessivel, um galho de rosas amarellas para a morena ceifadora, até o pariziense da Bolsa e do Tortoni que cultiva na sacada rosas que virá colher, uma noite, envolta num véu, alguma amante anonyma. Pariz

principalmente, que falla constantemente no seu scepticismo, que jura pelo Sr. de Voltaire e por lord Byron, conservou-se em segredo o povo mais romantico do mundo. Mas, semelhantes aos beatos timidos que só ousam commungar escondendo-se, os parizienses dariam o cavaco si fossem sorprendidos em flagrante delicto de bucolica amorosa, — á sombra inspiradora do roble, onde o suave Virgilio suspirava na flauta siciliana :

Malo me Galatea petit, lasciva puella...

Alberto Henryet passeava frequentemente, á mesma hora, nessas paragens respondendo invariavelmente : — Estou fumando, — a quantos perguntavam-lhe : — O que estás fazendo ?

Ora, succedia-lhe muita vez deixar apagar o charuto ou deitá-lo fóra com impaciencia, conforme o espectáculo que procurava com a vista. Contemplava incessantemente com curiosa anxiedade uma janella do primeiro andar, cuja sacadazinha fechava um vaso de porcellana ingleza, cheio de roseiras crescidas. Alberto nem sempre olhava para esse jardimzinho babilonico, postoque estivesse sempre com rozas. Procurava distinguir, atravez dos vidros da janella e das cortinas bordadas, a fórma esbelta de uma moça.

Tudo era para elle uma emoção, quer a luz lhe annunciasse a chegada da moça, quer a janella se abrisse e a moça viesse dar boas noites ás suas amadas flôres. Ha quem corra o mundo inteiro para achar o seu mundo, ha quem o ache em um jardim de rosas. Bernardim de Saint-Pierre não o achou uma manhã no seu morangal? Nenhuma duqueza, atravessando o seu parque, sentiu maior prazer com os seus mil canteiros floridos que essa moça ao respirar e beijar as suas rosas. Cada uma dellas era uma amiga, cada

uma dellas fallava-lhe de sonhadas regiões, de plagas desconhecidas: uma, dos jardins de Saadi; outra, dos castellos que as moças edificam no reino das Hespanhas; esta, das fadas que dão á Borrallheira as chinellas e o carro de Pelle de Burro; aquella, das legendas douradas em que o roxinol casa-se com a rosa. Via-as nascer com jubilo, via-as morrer com pezar. Só o vento tinha direito de colhê-las. Quanto á moça, nunca lhes punha mão sacrilega.

Como succederia no entanto que um dia uma das rosas cahiu á rua, exactamente na occasião em que Alberto Henryet passava por baixo da janella? Deus me livre de suppôr que houvesse nisso uma dessas premeditações que alguém poderia chamar um convite do coração. Entretanto Alberto apanhou a rosa, e a moça desapareceu da janella, vermelha como a Aurora quando avista o sol.

Alberto poz a rosa sobre o coração, depois de furtivo beijo. Não creio que Cesar, depois da batalha de Pharsalia, voltasse a Roma mais satisfeito comsigo do que Alberto Henryet nessa noite ao entrar em casa.

Mas si julgaes Alberto Henryet algum collegial que nada conhece da vida e que se admira com a primeira rosa que lhe cahe emcima, andaes errado, leitor. Pertencia ao numero dos que começam por viver como scepticos, frequentando as cortezãs, não acreditando no amor, pela só razão de não terem-no encontrado; semelhantes a esses navegantes que, antes de Christovam Colombo, haviam percorrido os mares durante seculos, sem desconfiarem que a America existisse; ou melhor ainda semelhantes aos hebreus que negavam a existencia da terra da promissão, quando Moysés mostrou-a de cima do Sinai.

A moça que mostrou a terra da promissão a Alberto Henryet, já a conheceis, chamava-se Branca Auvray.

Branca amava Alberto Henryet; era a primeira vez que deixava fallar o seu coração. Com a sua adoravel ingenuidade, era incapaz de tomar uma mascara deante do pae. Achava facil confessar aquillo que, ha oito dias, era a alegria de sua alma. Alberto Henryet encontrara-a em varios logares, na Magdalena, em Saint-Germain, onde ambas as familias tinham a sua *villa*, nos Italianos, unico theatro a que o Sr. Auvray consentia que a filha fosse. Uma noite que Alberto Henryet se demorára de proposito na camara de Max, o Sr. Auvray convidara-o a tomar chá. Nessa noite Branca entendeu os versos que havia lido demanhã, e murmurou estas palavras que o pae abria tantas vezes em arabe nas suas joias:

— Está escripto lá emcima!

O ourives conhecia Alberto Henryet de longa data. Era um moço addido de legação que não suppunha destinado a grandes prosperidades, mas julgara-o homem de bem e de espirito.

— Que importa, disse nessa noite, que não chegue a embaixador? O que desejo para minha filha é antes um homem que um diplomata. Tem, como Max, os defeitos da mocidade. E' exaltado, generoso, prodigo: defeitos que os paes censuram em voz alta e apreciam baixinho. Para o que me serviria então ter ganho tanto dinheiro, sinão para ajudar a pagar essas bonitas loucuras dos vinte annos de que não deixamos de ter saudades nos annos de juizo?

— Papae, queres que te leia o jornal? disse de repente Branca, que nessa noite queria ficar mais tempo que de costume com o pae.

— O jornal! Quando termino o meu trabalho do dia e vens abraçar-me, que tenho eu com os rumores do mundo? Queres, saber, minha filha, a gente deve esconder a sua vida, não deve desperdiçar o seu coração.

— Não comprehendo bem, disse Branca, mas sinto que é verdade o que está dizendo.

— Ah! meu Deus, continuou o Sr. Auvray, ha profundos politicos que se interessam vivamente por uma revolução no Japão ou por uma guerra na Oceania, que deitam fogo e chammas aqui contra protestantes, alli contra catholicos. Quando acabam de ler o seu jornal, têm gaste o derradeiro pulsar do coração; mas si têm algum amigo que soffre, si a mulher é infeliz, si os filhos estão expostos aos perigos da vida, não o sabem, não querem sabê-lo, collocam-se ácima de semelhantes ninharias. Eu vivo para os meus e rendo graças a Deus que, ferindo-me no coração quando levou minha mulher, deixou-me dous filhos que são a minha vida.

O Sr. Auvray tomou o jornal e pô-lo no fogo.

— Não quero, proseguiu, que cousa alguma de fóra venha perturbar-me esta noite. A felicidade está aqui, não a assustemos.

Ao proferir o pae de familia estas palavras, ouviu a campainha soar tres vezes.

— Oh meu Deus, disse Branca, estavamos aqui ambos tão bem! Si fosse o infortunio que nos estivesse batendo á porta?

O creado grave annunciou o Sr. Williamson.

XLIV

O HOMEM QUE FOI ROUBADO

O Sr. Auvray ficou um tanto sorprendido ao ver voltar o Sr. Williamson ás dez horas da noite. Ergueu-se, empurrou uma poltrona para defronte da chaminé, e disse ao ourives inglez que se sentasse.

— Só esperava que viesse amanhã, disse-lhe.

O transparente chinês da lampada impediu-o de ver para logo o gesto singular e as roupas desordenadas do Sr. Williamson.

— E eu não contava tornar a procurá-lo hoje; mas dão-se em Pariz cousas tão singulares...

— Não o entendo.

— Depois de ouvir, ainda me entenderá menos.

— Este homem está doudo, pensou Branca, que, apoiada na mesa do pae, contemplava furtivamente a physiognomia tragicamente ridicula do ourives inglez.

A' primeira vista o nariz vermelho, os cabellos cõr de ouro e as suissas eriçadas do Sr. Williamson oppunham-se a que o tomassem ao serio. Mas era muito peor quando se não estava habituado com o seu sotaque impossivel, pois fallava o francez — como um inglez.

— Imagine, continuou, que no boulevard da Magdalena, ao deixar o senhor ás seis horas, perguntei o caminho á Dama de Ouros que já conhecia de Londres.

— A Dama de Ouros? não entendo.

— E' o pseudonymo de uma rapariga de má vida.

O Sr. Williamson começou a passeiar a passos largos, como que levado pelas suas recordações.

— Em Londres, continuou, ella dissera-me que era duqueza em Pariz, mas que repudiára o marido.

O Sr. Auvray voltou-se para a filha, que já tinha prevenido o seu desejo e levantara-se para ir-se embora.

— Supponho ter ouvido a falla de meu irmão, disse ella, volto já.

— Vae, minha filha, disse o Sr. Auvray.

— Seu irmão! interrompen o Sr. Williamson: não lhe diga que estou aqui.

— E' singular, murmurou Branca sahindo.

— Continue, senhor, disse o Sr. Auvray indicando pela segunda vez uma poltrona ao inglez.

— Continúo, senhor. Ia eu pois pelo boulevard da Magdalena. Uma rapariga, que voltava do Bosque, apeia-se defronte de mim de uma saladeira e levanta o pé com as saias ruidosas. Já lhe disse, era uma verdadeira duqueza improvisada que eu havia encontrado em Londres, nos choros da Opera. Representava então o papel de ingenua nos bastidores, e deixei-me levar por ella. O que quer? voltava eu do Senegal. Ora no boulevard ella reconheceu-me e disparou a rir. « Não ha motivo para rir, disse-lhe. — Também não ha motivo para chorar, respondeu-me. — Para onde vae a senhora? — Por ahi adiante. — Já que vamos para o mesmo lado, tome o meu braço. » Não se fez de rogada. Sou desconhecido, não me compromettia, e ella é muito conhecida para poder comprometter-se.

O Sr. Auvray teve um momento de impaciencia.

— Dê-me tempo de exprimir-me palavra por palavra, como tenho de fazê-lo perante o juiz formador da culpa.

— O juiz formador da culpa! o que quer o senhor dizer?

— Pois não vê que estou mais morto do que vivo?

— Não, mas não o acho com a mesma physiognomia da nossa primeira entrevista.

— Continúo. Daqui a pouco a minha narração ha de ter para o senhor algum interesse. Na esquina da rua de Chaussée-d'Antin, avisto um café em que já tinha almoçado. « Quer jantar? » digo á moça. Não gosto de jantar sósinho. Ella não se fez de rogada, apesar de, a dar-lhe credito, sacrificar-me uma entrevista com um alto personagem. Eis-nos á meza. Quando janto, é para beber. Já viajou no mar?

— Não senhor, fui a Londres, mas foi como si atravessasse um rio.

— E' que si o senhor houvesse como eu vivido durante seis mezes em cima d'agua, apreciaria o vinho. Não sou nenhum beberão, mas aguento quatro garrafas. Parece que esta noite bebi seis, pois embriaguei-me. Eis uma cousa indigna de um homem civilizado, que acaba de ser nomeado vice-presidente da Sociedade de Temperança. Mas não sou em Londres o mesmo homem que em Pariz. Por mais que digam que o vinho viajado é melhor, sustento que os vinhos de França devem ser bebidos em Pariz. Em summa, eu estava embriagado. O que lhe hei de dizer? Queria respirar um pouco. Convidei a rapariga a ir conmigo ao bosque de Bolonha. Ella sahio para tomar um carro, ao menos foi esse o pretexto, pois supponho que já tinha premeditado a horrivel cilada de que fui victima.

— Falla serio?

— Pois pareço-lhe algum doudo? Consequente-mente supponho que apenas sahio para procurar um cúmplice, o que não lhe custou, pois voltou dez minutos depois e fez-me entrar num simples carro de aluguel. Não devia ter perdido tempo em procurá-lo. Eis-nos correndo para o Bosque, puchados por dous sendeiros problematicos. A bella fallava-me da lua e das estrellas, da chuva e do bom tempo, de homens cavalheiros e de mulheres sacrificadas. Mal a ouvia, estava meio dormindo, só desejava voltar para deitar-me. Perguntou-me quanto lhe pagaria pelas horas que me tinha con agrado. « Mas, minha chara, disse-lhe, estimo-a muito para ir agora pagar-lhe. Amor com amor se paga »

O Sr. Aurray, impaciente, levantou-se e passeiou por seu turno.

— Eis nos chegados, continuou o Sr. Williamson. Esquecia-me dizer-lhe que nos haviamos apeado do

carro e passeavamos, como lunaticos, sob uma das sombrias alamedas do Bosque, tanto mais sombrias quanto, si bem me lembro, o céu acabava de cobrir-se de nuvens tempestuosas. Perguntei-lhe que idéa era essa de entregar-se assim á bucolica. Respondeu-me que era romantica e que de nada gostava tanto como de sentir durante a tormenta as gotas da chuva molharem-lhe a fronte. Sou dos mais accomodados e submetto-me de boa mente aos caprichos das mulheres, principalmente quando isso nada custa. Mas a sacripante sabia o que fazia, tornou-me a fallar em dinheiro. Tenho culto pelas mulheres. Nunca quiz entregar-me ao trafico dos negros, nunca quiz entregar-me ao trafico dos brancos. Bebo, mas sou delicado. O senhor não é capaz de acreditar que sou o homem mais romantico dos tres reinos.

— Acredito.

— E no entanto andaria mais avisado si lhe dêsse um punhado de ouro, pois eis o que succedeu. Quando viu que eu fazia ouvidos de mercador, fallou mais alto, e seu cumplice, que sem duvida nos seguia a pouca distancia, atirou-se violentamente sobre mim accusando-me de insultar uma mulher. Eu! insultar uma mulher! Conhece a minha profissão de fé. Mas é aqui que o negocio torna-se grave. Fui derribado no chão, em vão defendi-me, o homem e a mulher sacudiram-me rijamente. Suppunha estar sonhando, as fumaças da embriaguez atordoavam-me ainda. Todavia tinha razão bastante para perceber que não era para darem-me uma lição de polidez que me haviam civilmente atirado ao chão. O bonito par tirou-me a carteira e o senhor sabe o que a minha carteira continha.

— Entendo, disse o Sr. Auvray em tom amigavel, exprobra-me o não ter querido receber os seus oitocentos mil francos?

- Exprobrou-lhe, disse o Sr. Williamson levantando a voz, ter tido um filho...
- Um filho?...
- Um filho que me roubou!
- Meu filho roubou-o!...

XLV

EM QUE MAX PRECISARIA DE UM ADVOGADO

Nesse momento um grito que vinha de fóra soou no gabinete; era Branca que acabava de desmaiar: ouvira tudo da porta.

O Sr. Auvray reconheceu o grito da filha, mas não correu para ella.

— Meu filho roubou-o! exclamou segunda vez querendo agarrar o Sr. Williamson pelas guellas.

— E' verdade, roubou-me. Como quer que eu lhe diga isto? preciso calçar luvas? Suppõe que a minha emoção provêm de eu ter perdido oitocentos mil francos? Mercê de Deus, estou ácima desse algarismo. O que me indigna é ver um cavalheiro, como o senhor, pae de semelhante filho.

-- Senhor, prohibo-lhe...

— Ouça-me, senhor.

O ourives inglez revestiu-se de verdadeira dignidade.

— Fallei-lhe em juiz formador da culpa. Demasiado o estimo para arrastar o seu nome perante um tribunal. O tribunal ha de ser o senhor.

Desta vez uma luz terrivel atravessou o espirito do Sr. Auvray. Duvidava ainda; mas o Sr. Williamson acabava de fallar com tamanha convicção que sentiu-se empallidecer e vacillar.

— Meu filho, disse passando a mão pelos olhos.

Segundo grito soou-lhe aos ouvidos.

— E minha filha! continuou correndo para Branca. Abriu a porta com mão já febril. Encontrou a filha estendida no tapete do salão, mordendo o lenço e com espasmos.

Levantou-a e levou-a para um sophá. Accudiu então a creada grave com saes.

— Minha querida Branca, peço-te, disse o Sr. Auvray, torna a ti, fazes-me desesperar.

— Não é verdade, não é assim, meu pae?

— Não, minha filha, este homem está doudo; deixa-me ouvi-lo, vae deitar-te, irei abraçar-te daqui a pouco.

— Sim, meu pae, depois que o senhor fallou-me, sinto voltar-me a força. Fique tranquillo, mas não dormirei sem vê-lo, não é?

A creada grave levou Branca consigo. O pae voltou a ter com o Sr. Williamson.

— Senhor, disse-lhe tornando a entrar no gabinete, sentirá daqui a pouco reconhecer que trouxe a desolação a esta casa calumniando meu filho.

— Juro-lhe, senhor, que não sinto menos do que o senhor o que succedeu. Afinal o senhor soffre apenas a repercussão, ao passo que eu soffri o primeiro abalo.

— Mas ainda uma vez, senhor, o que o auctorisa a accusar meu filho?

— E' muito simples. O moço que ás seis horas estava aqui sentado á mesa era o mesmo que duas horas depois se atirava a mim para roubar-me como um salteador.

— E' suppõe tê-lo reconhecido?

— Meus olhos nunca me enganam.

— Mas si eu quizesse descer a defender meu filho, dir-lhe-hia que elle jantou commigo e que ás nove horas ainda estava em casa, vestindo-se para ir á Opera.

— Sim, mas ás oito horas estava no Bosque de

Bolonha tractando de roubar-me. Esta expressão offende-o, mas não ha outra.

— Cautella, senhor, si o senhor não fosse estrangeiro, ha muito que a minha paciencia estaria esgotada.

— Estimo muito vêr que o senhor comprehende melhor a hospitalidade que seu filho.

— Senhor, nada de gracejos, pelo amor de Deus. Já que o senhor obstina-se em ver a mão de meu filho neste crime, vou pô-lo face á face com elle ; mas ai do senhor si estiver enganado, pois si respondo pela minha colera não respondo pela delle.

— Nada receio, aqui já não estamos no bosque de Bolonha.

O Sr. Auvray tocou a campainha e ordenou que fossem chamar-lhe o filho na Opera.

O creado bem sabia que Max não estava na Opera. Foi direito a rua do Circo.

XLVI

EMQUANTO DANSAVAM

Quando Max chegou á casa de Cleopatra, dansava-se em um salão, jogava-se noutro, fumava-se na estufa. Elle não dansou, não fumou.

Foi direito a Cleopatra, que via jogar o lansquenet.

— Porque está o Sr. Rodolpho de Marcillac aqui, Cleopatra.

Foi a primeira cousa que disse.

— E' tudo quanto achaste para dizer-me? respondeu Cleopatra. Si o Sr. de Marcillac está aqui, é que isso lhe apraz.

— Pois isso desagrada-me.

— Então vae-te embora.

Cleopatra tinha demasiado espirito para gostar de discussões; sabia de mais a mais que Max não lhe pegaria na palavra.

— E' uma crueldade; obrigar-nos-has a bater-nos segunda vez.

Pois bem, digo-te que então tornar-me-hei de novo sua amante. Não é possível corrigir os homens da sua toleima; têm ciumes quando não devem ter, não têm quando os enganam. Está impresso.

— Pois bem, sim, sou tolo, mas amo-te.

— E é porisso que me amas? Que importa! o amor, venha de onde vier, é sempre para ser recebido. Mas não estás com cara de enamorado esta noite.

— Passei por uma scena de familia; mas tranquilisa-te, vou já pagar a minha divida de jogo. Enguerrand já chegará?

— Ainda não o vi, mas ha de vir.

— Desta vez não virá por tua causa, mas por amor dos seus duzentos mil francos.

— Conto que nunca mais has de jogar.

— Nunca mais, disse Max com tom solemne.

Nesse momento uma dama passava o baralho. Pegou nas cartas e deitou negligentemente uma nota de cinco mil francos na mesa.

— Oh! oh! disse um de seus amigos. Eis Max de novo rico.

— Nunca estou pobre no dia seguinte, replicou com alguma altivez. Dir-se-hia que já se não póde perder duzentos mil francos em Pariz.

Havia mil e duzentos francos de entrada; as cartas foram favoraveis a Max. Travou-se uma bonita batalha. A segunda mão que lhe coube, permittiu-lhe salvar dos azares cerca de quarenta mil francos, sem porisso abandonar o campo de batalha.

As cartas tinham dado tres ou quatro voltas em torno da mesa; o jogo estava mais animado do que nunca; Max, que estava de veia, houvera talvez tornado a ganhar o que perdêra na vespera, si um dos lacaios não o avisasse de que um creado de seu pae o esperava na escada.

Ergueu-se e disse para occultar a sua inquietação:

— Banco!

Tornou a perder metade do lucro.

— O que me quer meu pae? perguntou ao famulo chegando ao patamar.

Não sei, senhor, supponho que M^{lle} Branca está doente, desmaiou ainda ha pouco.

Em outro qualquer dia semelhante nova houvera causado grande pezar a Max; mas tal era o estado de seu espirito que deu-se quasi por feliz ao saber que se tractava apenas de uma syncope na irmã.

Chegou á casa apressado e correu para a camara de Branca.

Ao atravessar a sala de jantar, o Sr. Auvray conheceu-lhe o andar.

Abriu uma porta e disse-lhe que entrasse.

— O que ha? perguntou Max, sem ver a principio o Sr. Williamson.

O pae não respondeu, occupado em perscrutar a physiognomia do filho deante do homem que o accusava.

Vendo de repente o Sr. Williamson na sombra, Max parou e sentiu dobrarem-se-lhe os joelhos. Acalnou-se quasi immediatamente como si tivesse consciencia do perigo que corria em mostrar a sua emoção. Chegou a ter a audacia de cumprimentar o ourives inglez.

XLVII

O INTERROGATORIO

— Max, disse o pae com severidade, o Sr. Williamson accusa-te da facção mais odiosa que um cavalheiro, — que digo? — que um tractante póde practicar; pois eu antes quizera um assassinato em um momento de colera ou de paixão que tão infame cilada.

— Não comprehendo, meu pae disse Max que se havia completamente dominado.

— O senhor está vendo, disse o Sr. Auvray dirigindo-se ao Sr. Williamson, o senhor está vendo que se enganou. Nem siquer atrevo-me a repetir a sua accusação.

— Pois bem, eu, disse o ourives inglez, atrevo-me a dizer-lhe tudo, pois quanto mais olho para elle mais convencido fico de não me haver enganado. Ainda uma vez, accuso este homem de ter-me roubado oitocentos mil francos.

— Senhor, disse Max mostrando indignação theatral, si não fosse o respeito que tenho a meu pae...

— Sim, fazia como ha pouco, atirar-me-hia ao chão, mas dessa vez não me roubaria mais, pois que tirou-me quanto eu tinha.

Max cruzou os braços:

— Está bom, senhor, insulte-me; mas pelo amor de Deus dê-me a decifração do enigma.

— A decifração do enigma é esta. O senhor estava presente quando eu quiz ás seis horas entregar a seu pae os oitocentos mil francos que eu lhe destinava para joias. Esses oitocentos mil francos fascinaram-no sem duvida. Ha ahi um mysterio que não comprehen-

do. O senhor seguiu-me como a uma presa. Essa mulher que em Londres chamava-se a Duqueza, que em Pariz foi baptisada não sei com que alcunha,— Dama de Ouros ou Ruina, creio eu,— foi sem duvida o senhor quem pô-la no meu caminho. Ah! a comedia foi bem representada; o seu unico defeito foi esquecer-se de pôr uma mascara, e, apezar de estar bem escuro, reconheci-o. O senhor está vendo que Deus, que unico vê as boas acções, derrama sempre a luz sobre as más.

Max começava a perder pé. Voltêra audazmente o olhar em torno de si, mas pouco e pouco abaixou a cabeça.

— Realmente, disse, a mim mesmo pergunto si estou em Charenton. Lembro-me, com effeito, de que o senhor quiz pagar adeantado as joias que temos de fazer-lhe, mas isso não é rasão para accusar-me como á creada da *Gazza ladra*.

— Max, disse o pae, não é assim que a gente se defende.

E voltando-se para o Sr. Williamson:

— Deixe-me, como o senhor disse, ser o juiz formador da culpa.

— Juiz formador da culpa! mas eu já disse tudo, murmurou Max á toda a pressa.

— Escuta, Max, já é demais ter sido suspeitado, cumpre que o Sr. Williamson não saia daqui sinão depois de te haver dado uma satisfação. Dize-me, em que empregaste o tempo, desde o jantar até á hora da Opera, pois sahiste, não?

— Sahi, meu pae.

— Aonde foste?

— Accendi um charuto, e encontrei Alberto Henryet.

— Mas aonde?

— No canto da rua Real, elle póde dizer-te.

— E a que horas?

— Não sei bem. Para fumar um charuto, a gente não vê que horas são.

Si o Sr. Auvray quizesse apenas salvar o filho, ter-se-hia contentado com as mais vagas explicações; mas o que elle queria era a verdade. Não podia acreditar que Max fosse culpado; mas quando pensava nas accusações terminantes do ourives inglez, quando pensava em todas as loucuras desse filho prodigo, a quem chamava algoz do dinheiro, tinha medo.

— Parece-me que sahiste de carro, disse-lhe.

A esta pergunta imprevista Max respondeu mal.

— Entrei no meu phaeton para ir ao Circo; mas lembrei-me de que cantava-se o *Propheta* na Opera, e voltei pelo boulevard.

— Como foi então que fumaste com Alberto Henryet, elle a pé e tu de phaeton?

— Sahi antes do carro.

O Sr. Auvray tocou a campainha e perguntou si o cocheiro ainda estava na cavalhariça.

— Talvez, disse o creado grave.

— Mande-o subir, preciso fallar-lhe.

Max fez um signal imperceptivel ao creado grave. O creado grave comprehendeu, isto é, suppoz que Max não queria que o pae soubesse que elle tinha ido á noite á rua do Circo. Porisso recommendou ao cocheiro, que esperava Max para tornar a levá-lo á casa de M^{lle} Cleopatra, que não dissesse palavra disso.

— Aonde levou esta noite o Sr. Max? perguntou o Sr. Auvray quando o cocheiro entrou.

O cocheiro olhou para Max.

— Falle, disse o moço com uma calma bem representada.

— Acompanhei o senhor pelo boulevard.

— Até onde?

— Não sei bem. O Sr. Max seguia a pé fumando.

— Eu não lhe disse, meu pae? disse Max.

— E depois?

— Depois? apressou-se Max a dizer, voltámos para casa.

— Não é ao senhor que estou interrogando, disse severamente o Sr. Auvray ao filho.

— E' como está dizendo o Sr. Max, proseguiu o cocheiro.

— A que horas voltaram?

— O Sr. Max deve saber melhor que eu, pois não tenho relógio.

— Realmente, meu pae, já o não comprehendo. Estivemos muito pouco tempo fóra.

— Diga-me, João, foram primeiro ao Circo?

João, que julgou que fallava-se da rua do Circo e que sabia que o Sr. Auvray não perdoava ao filho a sua paixão por M^{lle} Cleopatra, suppoz salvar Max dizendo:

— Não fomos, não, senhor.

— Mas então aonde levou o Sr. Max? disse o Sr. Auvray com colera.

O cocheiro, que já não sabia o que dizer, respondeu com tom grosseiro:

— Ora, foi o Sr. Max que levou-se a si mesmo, pois mandou-me embora.

— Onde estava elle quando mandou-o embora?

— Em frente ao café Foy.

O Sr. Auvray e o Sr. Williamson repetiram ao mesmo tempo:

— Em frente ao café Foy!

Foi subito clarão.

— Nada mais tenho a dizer-lhe, exclamou o ou-rives inglez tomando o chapéu.

O Sr. Auvray mandou embora o cocheiro e pediu ao Sr. Williamson que esperasse ainda. Até então não fôra senhor de seu pensamento. Embalde dizia a

si mesmo que não estava dormindo, julgava se ludibriado de um sonho. A realidade mais palpitante nem sempre tem poder em nós. Somos como os crianças que só acreditam ver as cousas depois de tocar nellas. Mas depois de muito repetir: — Isto é impossivel! — o Sr. Auvray concebêra afinal sérias duvidas ácerca da probidade do filho. E depois que o cocheiro fallára, o semblante de Max, de onde desapparecêra toda a audacia, de sobejo confirmava as duvidas do pae.

— E' impossivel, murmurou, mas é assim.

E entreviu com horror o abysmo onde tudo quanto lhe restava de ventura ia desapparecer.

— Oh meu Deus! murmurou com profundo suspiro, que fiz eu para ser assim ferido mortalmente.

Deu um passo para o Sr. Williamson.

— Suppõe, senhor, que a minha firma valha oitocentos mil francos?

— Creio que sim, senhor; porque mo pergunta?

— Porquê? Visto que o senhor crê que meu filho teve parte na cilada do bosque de Bolonha; visto que meu filho, não sei ainda porque, defende-se tão mal, meu dever é restituir-lhe immediatamente o que lhe foi tirado. O senhor constituiu-me supremo juiz nesta causa singular, agradeço-lho. Quando ficar a sós com meu filho, julgá-lo-hei, e julgá-lo-hei sem appellação nem aggravo.

O Sr. Auvray pronunciou estas palavras com tal energia que fez estremecer Max.

Sentou-se á mesa, tornou a pensar e escreveu estas tres linhas:

« Pagarei amanhã ao Sr. Williamson a quantia de oitocentos mil francos, que recebi do mesmo senhor em deposito.

« Pariz, 8 de Outubro de 1863.

« P. AUVRAY. »

Depois de passar este documento pelo calor da lampada para seccá-lo, o ourives entregou-o ao Sr. Williamson. Este recebeu-o, correu por elle a vista e rasgou-o.

— O que faz ? perguntou-lhe o Sr. Auvray sorprendido.

— Admiro-o, respondeu o Sr. Williamson. Quando vim pela primeira vez procurá-lo, conheci immediatamente que entrava em casa de um homem de bem. Tudo aqui, moveis e physiognomias, fallou-me dessa elevada probidade que, tanto em França como em Inglaterra, domina as grandes industrias. Tudo, excepto no entanto o semblante deste moço, a quem os prazeres de Pariz de sobejo hão effeminado. Emquanto conversava com o senhor, estava pensando que seu filho não seria seu continuador.

— Meu pae, disse Max simulando ainda indignação, o senhor submete-me a um insulto cruel.

— Senhor, continuou o inglez, acabei, entrego-o aos seus remorsos, visto que o senhor não tem lagrymas nem arrependimento.

— Não o condemne ainda, disse o pae que queria que o Sr. Williamson levasse ao menos uma duvida. Ha nisto um mysterio que quero desvendar. Tornaremos a ver-nos amanhã, mas, peço lhe, deixe-me passar-lhe segunda vez um documento de deposito de oitocentos mil francos.

— Senhor, si a sua firma vale oitocentos mil francos, a sua palavra vale milhões. Fique sabendo que não vim procurá-lo como um homem que grita : *Perdi a minha bolça*, para que lha restituam. Quiz fallar ao pae de familia, clamei vingança contra um crime.

— E fez bem, senhor. O senhor é meu hospede em Pariz e tem direito á toda a protecção da amizade.

O Sr. Williamson saudou silenciosamente o Sr. Auvray, olhou friamente para Max e sahiu grave.

— Então, senhor, disse o pae ao filho quando a porta tornar a fechar-se, o que me diz em sua defeza?

— Mas, meu pae, não fui eu, disse Max.

XLVIII

A PISTOLA

O pae, porém, já não duvidava.

— Onde estão os oitocentos mil francos? continuou com voz terrível.

— Como quer que eu saiba?

— Pois bem, sei eu. Não foi á Opera que o senhor foi esta noite, foi á casa dessa rapariga que se chama, creio, a Cleopatra. Disseram-me que ella dava uma festa, era preciso pagar as flôres e a musica; era preciso pagar os vestidos, os brilhantes, a ceia, o jogo... que sei eu? Não podendo já tirar daqui ás mãos cheias, o senhor tirou do bolço de um cavalheiro que viera aqui dizer-me que tinha dinheiro. E sem duvida a Cleopatra entrava de parceria nesta abominável accção.

— Cleopatra! oh meu pae, o senhor não a conhece!

— Eis afinal um grito partido do coração. Assim o senhor defende essa rapariga, mas não defende-se a si. Com que creatura roubou então o senhor esse homem?

— Meu pae, juro-lhe...

O pae atirou-se sobre o filho e fê-lo cahir a seus pés.

— Miseravel! exclamou, diz ao menos uma vez a verdade. Basta de mentiras. Só Deus e teu pae te ouvem.

Max ficou silencioso.

— Afinal sempre confessas?

O moço levantou-se e tornou a tomar algum alento.

— Não, meu pae, disse.

— Mas então dize-me onde estiveste ás oito horas?

— Estive em casa de Cleopatra. Foi por querer ir á casa della que mandei embora o cocheiro.

— Porque não disseste isto ainda agora?

— Esperava que esse homem se fosse embora. Admiro-me de que o senhor que é tão altivo lhe permittisse accusá-lo assim na pessoa de seu filho.

O Sr. Auvray resfolegou e disse consigo:

— Si elle não fosse culpado!

Olhou para o filho com dous sentimentos oppostos. Procurava o culpado e procurava o innocente:

— Não sei, mas parece-me que tu não tens nem a attitude nem a expressão de um homem a quem a consciencia não acabrunha.

— Meu pae, nenhuma parte tive na infamia que o senhor lançava-me em rosto ainda ha pouco. Mas nem por isso tenho menos culpa de que pedir-lhe perdão. E' este invencivel amor pela Cleopatra, é tanto dinheiro tão mal gasto, são as minhas perdas ao jogo, são essas más noites que me têm tomado tantos dias preciosos. Mas o senhor sabe melhor que eu quanto sou culpado.

— Malaventurado filho! Porque deixaste sahir esse homem que te accusava em rosto, sem convencê-lo de que não foste tu?

— O que queria o senhor que eu respondesse a um homem ainda meio bebado que talvez tenha sonhado tudo quanto estava dizendo?

— Mas parecia tão convencido quando disse: « Reconheci-o ao cahir. »

— Ha muito tempo que não vou á noite ao bosque de Bolonha, mas creio que a esta hora, debaixo dos

carvalhose e debaixo dos castanheiros, ser-nos-hia impossivel distinguir um do outro, elle que tem os cabellos louros e eu que tenho a barba preta.

O Sr. Auvray bateu na testa e deu uma volta em torno da mesa.

— E' para fazer perder a cabeça! murmurou entre dentes.

Max, completamente senhor de si, tomára de cima da mesa os desenhos dos braceletes destinados á Exposição de Londres. O Sr. Auvray olhou para elle furtivamente, indagando o que haveria de sincero nesse movimento. Max, para illudir completamente o pae, poz-se a discutir a fórma e os ornatos, indicando os entalhes e as gregas, a disposição das pedras, o consorcio dos topazios com as saphyras.

— Ah! si eu ainda pudesse abraçá-lo, disse comsigo o Sr. Auvray, tornaria a encontrar toda a minha felicidade,—minha felicidade com oitocentos mil francos de menos, continuou amargurado. Parece-me que acceitei esse compromisso um tanto levianamente. Porque estaria eu convencido do crime de Max quando o Sr. Williamson aqui estava? Porque estou agora convencido...

O creado grave entrou.

— Uma carta para o Sr. Max, disse estendendo uma salva por cima da mesa.

O Sr. Auvray apoderou-se da carta. Max tornou a cahir em todas as suas inquietações.

— Porque toma-me esta carta, meu pae?

— E' a primeira vez que isto succede, mas affigura-se-me que é a verdade quem manda-ma. Esta carta vae dizer-me o que me occultas, presinto-o.

— Alguma carta de mulher sem duvida, disse Max com indifferença.

Tinha reconhecido a letra da Dama de Ouros.

— Sim, é letra de mulher, disse o pae pondo a carta deante do globo da lampada.

— Meu pae, pelo amor de Deus... tenho vergonha em sua presença das loucuras que o senhor tivesse de ler...

— Estou resolvido a tudo.

Max estendêra a mão para tomar-lhe a carta. O Sr. Auvray, que se havia abrandado, tornou a tomar o aspecto grave e triste.

— Senhor, sou senhor de minha casa. Não terá esta carta sinão depois que eu a houver lido.

O Sr. Auvray abriu-a e deitou fóra o sobrescripto.

— O que me escreverá ella ? perguntou Max a si mesmo com anxiedade.

A carta estava datada :

« Da orgia de Cleopatra, a 8 de Outubro, entre onze horas e meia noite. »

Eis agora a carta inteira :

« Meu charo cumplice, corre o boato de que te foste deitar. Seja-te o somno leve ! Quanto a mim, continuo a jogar e continuo a perder. A virtude nunca será então recompensada ? Como não quero ficar em penhor, abanço-me a mandar discretamente á tua casa pela escada secreta, para pedir-te que me dês algumas dessas notasi-nhas côr de rosa que ganhámos junctos nessa terrivel partida de lansquenet em que vimos o espectro de Banquo.

« Tua amiga para a vida e para a morte. »

— Senhor, disse o Sr. Auvray com voz terrivel, rasão tinha eu em dizer que era a verdade quem mandava-me esta carta. Permite que a leia em voz alta, para forçá-lo a confessar afinal esta torpe e infame accção ? Olhe, bastam as primeiras palavras para condemná-lo.

O Sr. Auvray mostrou a carta a Max e disse em voz alta : « Meu charo cumplice ! »

Terrível silencio seguiu-se a estas palavras. Dir-se-hia que a morte passava entre o pae e o filho.

Foi a Cleopatra quem escreveu-te esta carta, não?

— Não, meu pae, condemne-me, mas não a accuse.

— Como chama-se então esse moastro que prestou-lhe auxilio, como faria um forçado evadido das galés? Não atreveu-se a assignar esta carta que deita a perder ao senhor e a ella. Vamos, depressa, diga! Diga-me immediatamente onde estão os oitocentos mil francos. Visto que esta mulher pede o seu quinhão, é que o senhor está com o dinheiro. Conhece-me, mas, não me exaspere mais.

— Meu pae! meu pae! eu havia perdido a cabeça, já não sabia o que fazia, fui dominado pela influencia dessa mulher, foi ella quem tirou a carteira.

— Infame coração! disse o pae; nem sequer tem já dignidade para defender a sua cúmplice. Nada mais quero ouvir. Dê-me o que ainda lhe resta dos oitocentos mil francos, pois calculo que a orgia desta noite custa lhe caro.

— Meu pae, eu era ha alguns dias preso da loucura, já não era senhor de mim, tinha hallucinações. Essa mulher disse-me que o Sr. Williamson devia-lhe esse dinheiro, não considerei. O que lhe direi? não sabia si era um gracejo, não sabia si era serio. Via apenas nisso um emprestimo que me salvava a honra!

— Que lhe salvava a honra?

— Sim, meu pae, havia perdido na noite anterior duzentos mil francos a credito. Iam passar-se vinte quatro horas sem que tivesse pago minha divida de honra; meu crime unico foi ter jogado.

— Como! senhor, quando o senhor vê-me trabalhar de noite e de manhã, quando o senhor tem uma irmã para casar, joga duzentos mil francos numa cartada! Fazia máu conceito do senhor, mas não o suppu-

nha tão depravado. E porque não me disse que tinha perdido?

— Não é de agora que o mal está feito!

O pae regalava os olhos.

— Mas falle, falle!

— No inverno passado já eu jogava. A sorte sempre foi me contrária, eu não queria perturbar a paz domestica, nada lhe disse, dei a minha assignatura para obter dinheiro, e quando a minha firma não correu mais na praça...

— Então, senhor, o que fez?

— Dei a sua, disse Max curvando a cabeça.

— O senhor deu a minha firma? mas eu não lhe dei.

Max calou-se.

— Miseravel, roubou-ma! Antes de ser ladrão, era falsario!

— Continuava a acreditar que o jogo...

— O jogo! interrompeu o pae, si ao menos o senhor dissesse o trabalho... Mas então no senhor está tudo perdido? o senhor não é mais uma alma, o senhor não é mais um coração, o senhor não é mais um homem! Ah! tenho vergonha do senhor!

O Sr. Auvray abriu um dos armarios e tomou, dentre as excellentes armas postas no mostrador, uma pistola de combate.

— Esta pistola serviu-me uma vez, disse. Um homem, um cobarde como o senhor, insultara-me no que eu possuia de mais charo. Matei-o, contaram-lho, não?

— Contaram-me, meu pae, disse Max tremendo.

— Pois bem, esta arma que me vingou a honra, dou-lha. O senhor insultou-se a si mesmo, vingue-se por suas mãos.

O Sr. Auvray appresentou a pistola a Max.

— Mas, meu pae...

— Como ! não comprehendes?... Entra no teu quarto, pede perdão a Deus, e eu esquecer-me-hei de que tive um filho.

E como Max não tomasse a pistola :

— Toma, digo-te, é o unico amigo que te posso dar nesta hora !

Desta vez Max não ousou recusar a pistola ; mas não era o valor que o fazia estender a mão, era o medo. Conhecia o pae, receiava que o Sr. Auvray armasse a pistola e fizesse justiça. Affastou-se a recuar, contando que o pae tornasse a chamá-lo.

Quando chegou á porta, ergueu os olhos com gesto supplice.

Mas inflexivel o Sr. Auvray disse-lhe com voz secca :

— Adeus, senhor !

Max sahiu lentamente, e antes de tornar a fechar a porta :

— Adeus, meu pae ! disse com voz abafada por um soluço.

A porta tornou a fechar-se. O pae deu um passo para abri-la e para perdoar.

— Não, não, disse cahindo de joelhos deante da Virgem de Schildonne ; embalde perdoar-lhe-hia, não lhe apagaría o crime, é preciso que elle morra !

XLIX

O SOMNO DE BRANCA

Max não foi direito ao seu quarto, pensou na irmã, e entrou no quarto della occultando a pistola.

Branca dormia no seu leito branco. A camara era um como paraíso. O tecto era um céu estrellado com grupos de anjos que pareciam proteger-lhe o somno. Um magnifico Christo de marfim, esculpido por esses sublimes desconhecidos de Pisa que cuidam muito mais de ser grandes artistas que de deixar nomes famosos, estava suspenso por baixo de um espelho de Veneza, uma maravilha de Murano.

O Sr. Auvray, que puzera toda a sua alma e toda a sua arte na disposição e arranjo desse quarto, dissera comsigo que, collocando o Christo por cima do espelho, impediria a filha de extasiar-se demasiado com a propria belleza. A faceirice não teria poder sobre ella, o amor do peccado não lhe entraria o coração.

Max ao entrar respirou esse suave perfume de moça, não sei que frescos aromas de violetas e de primavera.

Havia muito que não entrava no quarto da irmã; porisso, por mais habituado que estivesse aos complicados perfumes do gabinete de vestir de M^{lle} Cleopatra, ficou encantado com esta atmospherá tão casta e pura.

Approximou-se do leito. Depois de todas essas emoções da noite, a moça dormia com esse formoso somno das moças que adormecem orando a Deus e que pensam em Deus ao acordarem.

Max entrára para fallar á irmã, para desafogar o coração nessa alma virgem ; mas vendo-a a dormir tão socegada, teve o valor de não despertá-la.

— E no entanto, disse contemplando-a, quem sabe si ella não alcançaria o meu perdão ?

Esteve quasi a segurar-lhe na mão :

— Não, disse, não, seria mais uma infamia.

E como lhe parecesse que um bonito sentimento, o primeiro que ha muito tempo lhe passava pela alma, remia-o por um momento de todas as suas culpas, inclinou-se e beijou suavemente os cabellos da moça.

— Adeus, minha irmã, disse.

Duas lagrymas cahiram-lhe dos olhos. Affastou-se á toda pressa.

— Meu pae está á espera, disse.

Entrou no seu quarto.

— No quarto de minha irmã está o paraiso ; aqui o inferno.

Effectivamente essa camara era um inferno pela desordem, pelos máus livros, pelos quadros licenciosos ; respirava-se ahi um odor de charuto, de flôres murchas, de patchouli. O vicio tem o seu perfume como a virtude.

Depois de haver fechado a porta, Max poz a pistola em cima do seu velador, contemplou-a largo tempo e ergueu os olhos para o céu.

— E' horrivel, disse. Não tenho ainda vinte quatro annos. Arruinado como estou, ainda sou rico, sou formoso, sou amado. Oh Cleopatra !

Tirou da secretária uma photographiasinha representando a amante. Era um dos melhores retratos de Nadar. Estava com as roupas da manhã, cabellos soltos, sorprendida em um desses raros momentos em que as mulheres esquecem se de tomar uma attitude. Porisso estava encantadora.

— Cleopatra, minha chara Cleopatra, disse Max

beijando o retrato, será possível que eu morra longe de ti?

Prestou ouvidos como si ouvisse o pae vir. O pae não veio.

Armou a pistola.

L

COMO MAX PAGÁRA A SUA DIVIDA

Quando ouviu-se a detonação, o Sr. Auvray que se conservára ajoelhado ergueu-se e disse:

— Obrigado, meu Deus, perdoe-me como eu lhe perdôo!

Em menos de alguns segundos o Sr. Auvray vira passar-lhe diante dos olhos a vida inteira do filho, o menino, o adolescente, o moço. O pensamento é tão rapido que viu desdobrarem-se vivos, sob as côres mais variadas, os mil e um quadros desse periodo domestico em que os filhos desempenham o papel principal.

— Coitado do meu Maxzinho! murmurava o Sr. Auvray. Quando tinha seis annos e brincava como soldado e saltava-me sobre os joelhos tão alegre e tão vivo; quando mais tarde ainda, desenhava sem eu vêr e sorprehendia-me com um retrato da mãe...

O Sr. Auvray suspirou.

— Retrato que conservo aqui, disse abrindo a gaveta da mesa. Quando mais tarde ainda, prosequiu, ensinava-me historia de que me esquecêra; quando sentava-se aqui, á minha mesa, tomando-me o buril e continuando com mão firme a obra por mim começada, quem diria, ai de mim! que havia de acabar assim?

E a natureza dominando afinal essa alma estoica, o Sr. Auvray rompeu em soluços.

— Preciso ir abraçá-lo, disse ; agora que justiça foi feita, já não ha culpado.

Foi direito ao quarto de Max. Atravessando a sala de jantar, suppunha estar vendo o filho banhado no proprio sangue.

Entrou sem atrever-se a olhar. Mas subitamente viu Max de pé com a pistola na mão. Toda a sua ternura paterna transmudou-se em indignação. O furor subiu-lhe ao coração.

— Não acredito no que estou vendo, disse com desdem ; o senhor enganou-me mais uma vez. Em quem então atirou o senhor ?

Max arrastou-se aos pés do pae e pediu-lhe misericordia.

— Meu pae, meu pae, não tenho animo de morrer !

— E teria a cobardia de viver ? E eu ainda fui tão simples que me enterneci até chorar ao ouvir a detonação. Diga ! em quem atirou o senhor ?

Max mostrou os pedaços de um espelho que junca-vam o soalho :

— Meu pae, depois de armar a pistola, estando defronte deste espelho, vi-me nelle, tive horror de mim e o tiro sahiu. Ha mais de um homem em um homem. Ha o bem e ha o mal. Ferindo a imagem daquelle que representava o mal, não terei eu matado em mim tudo quanto constituiu a minha vergonha e o meu desespero ?

— Realmente, senhor, admiro-o. Não custaria caro lavar cada qual as suas maculas. A dar-lhe credito, o senhor está agora um sancto.

— Acredite-me, meu pae, torno a achar-me como era outrora. Esse odioso Max que o senhor condemnou, está morto. Esse não resuscitará. Juro perante o senhor, meu pae, e perante Deus...

— Mais uma blasfemia ! tenho vergonha de ouvi-lo mais tempo. Siga-me, senhor.

Max, ainda nos seus dias de desvario, supportára

sempre com terror religioso o dominio do pae. Seguiu-o sem adivinhar para onde o Sr. Auvray queria levá-lo. Contava de mais a mais que a hora da morte havia para elle passado. Mas apenas tornou a entrar no gabinete do Sr. Auvray, o medo tornou a apoderar-se d'elle.

Seus presentimentos não o enganavam. O pae foi buscar a outra pistola.

— Esta tambem está carregada, disse o Sr. Auvray. Era a minha salvaguarda contra os ladrões.

E com um motejo vingador:

— E não está aqui um ladrão?

Max ficou pallido como a morte. Começava a perder o vigor da rasão. Como o afogado que sente a agua rodomoinhar-lhe por cima da cabeça, debatia-se para submergir-se adeante.

— Meu pae, exclamou, meu pae, o senhor não quererá ser o algoz de seu filho.

— Senhor, ainda sabe historia? Bruto tinha dous filhos. Haviam conspirado contra a Republica. Condemnou-os á morte e assistiu-lhes ao supplicio. O senhor julga-se menos culpado que elles, o senhor que roubou?

— Meu pae, nós não somos romanos.

— Pedro o Grande tinha um filho que ameaçava destruir a sua obra. Fê-lo condemnar á morte, e mostrou-se inflexivel deante dos executores. Quer outros exemplos? O doge Foscarì....

— Um romano, um imperador, um doge! mas o senhor é pae, interrompeu Max atirando-se ainda de joelhos.

— Tambem não é para ter uma pagina na historia que eu o condemno na minha justiça de pae; sem tractar de saber como os mais têm julgado os filhos.

— Mas o senhor, meu pae, não é um ambicioso, não quer fazer praça, deante da posteridade, dessas

virtudes ferozes : o senhor é essencialmente um homem sensível, tem entranhas, tem lagrymas.

— Sim, senhor, sou um homem sensível, tenho entranhas, tenho lagrymas. Ha pouco chorei porque suppunha-o morto. As lagrymas não cégam a justiça. Quando Sampietro visitou na prisão a mulher que o trahira e que era sua esposa, chorou muito tempo com ella ; mas ao sahir, como essa mulher não podia occultar o seu crime sinão com a morte, deu ordem ao carrasco que a executasse.

— Então suppõe que elle não seria muito maior si perdoasse ?

— Só Deus tem direito de perdoar.

— Só Deus tem direito de vida e de morte.

Max dissera estas palavras erguendo a cabeça como si estivera resolvido a não tolerar mais a vontade do pae.

— Senhor, sou responsavel por meu filho perante Deus e perante os homens. E' preciso que eu arme esta pistola ?

— Não quero morrer! gritou Max recuando um passo.

O Sr. Auvray caminhou para elle com a pistola na mão.

Max recuou ainda.

— Mate-me, si quizer.

— Irei até esse ponto, antes do que vê-lo sobreviver á sua infamia.

Max recuára até a porta.

— Encommenda tua alma a Deus, disse-lhe o pae armando a pistola.

— Quero poupar-lhe um crime, disse Max.

E occultou-se cobardemente na sombra.

LI

A ORGIA ROMANA

Sabe-se que Rodolpho estava na festa de Cleopatra.

— Continúas a ir á casa della? dissera-lhe Guy de Chavailles.

— Como todos.

— E és capaz de fazer com que eu acredite que continúas a suspirar por esse reino perdido?

— Não sou capaz de fazer-te acreditar em cousa alguma; nunca me falles em Cleopatra. Nada tenho a fazer: gosto de amá-la, eis tudo.

— E ella gosta de zombar com o teu coração.

— Eu sou tolo como um namorado; mas tu, depois que a tua marqueza Cavoni fechou-te a sua porta, como o quê és tolo?

— Mais ou menos como tu. Felizmente ha mulheres que consolam, si ha mulheres que façam desesperar.

— Ha. Infelizmente o amor que se tem por uma mulher não dá felicidade com outra.

Rodolpho jurava todos os dias não tornar a vêr Cleopatra, mas os namorados levam a vida a quebrar os juramentos. Cleopatra era a sua existencia. A paixão metamorphoseára esse motejador que em nada acreditava. Diziam perto delle, diziam perto de Cleopatra, que si elle tornava a visitá-la era porque de novo se tornára amante della; enganavam-se: Cleopatra continuava a resistir a si mesma.

A' ceia Rodolpho sentara-se entre a Taciturna e uma actriz do theatro das Variedades.

— A Taciturna não o impedia lá muito de conver-

sar com a comica, que lhe fallava dos seus papeis e das suas dividas.

Entretanto Cleopatra, inquieta por não vêr voltar Max, deu ordem que servissem a ceia para livrar-se mais depressa dos seus convivas.

— Já! exclamou a Dama de Ouros. Não tenho mais um soldo: mandei ha pouco á casa do meu banqueiro, mas elle não quer honrar a minha firma. Tranquillisem-se, senhoras e senhores, devo dinheiro a todos, mas dentro em vinte quatro horas, terei pago as minhas dividas ou ter-me-hei atirado no Sena.

— Preferes a morte á deshonra, disse Chantilly.

— Já me aconteceu preferir a deshonra á morte, não foi, principe?

— Ah! nessa noite, era depois da ceia.

— E no entanto, continuou a Dama de Ouros, não era occasião asada para perder, pois hoje sequestraram-me. Mas o que vae sorprendê-los, senhores, o que ser-lhes-ha muito agradável, senhoras, é que amanhã raptam-me.

— Raptam-na! Para que?

— Ha muitas razões. Raptam-me, primeiro porque me amam, e eu deixo-me raptar para não ser guardavellos.

— Mas não lhe sequestraram tudo em casa, a lei respeita os instrumentos de trabalho.

— Sigo para a Italia com um conde veneziano que me dá um palacio de marmore. Ingrata patria! não possuirás os meus ossos!

— E' pena! disse o principe Elim contemplando as bellas espaldas da Dama de Ouros.

— Mas, minha rica, disse o visinho da cortezã, a senhora me faz ter vontade de expatriar-me tambem. O que ha de ser de nós? Quando a senhora se fôr embora, a gente não saberá mais em que empregar as suas paixões e o seu dinheiro.

— Quem? os senhores! paixões! Os senhores têm talvez dinheiro, quando perco ao jogo.

— E o que vae fazer no seu palacio de marmore?

— Hei de receber visitas de duquezas, cortar pedacinhos de pão para os pombos de S. Marcos e ter meu gondoleiro.

— Não é máu.

— Ia-me esquecendo, continuou a Dama de Ouros, cuidarei da minha salvação.

— Então o conde veneziano tem muito dinheiro?

— Tem, tem uma galeria de quadros que herdou dos seus antepassados, obras primas de arte, que se vendem de paes a filhos ha um seculo.

— Como podem vendê-las continuadamente? perguntou um neophyto da vida pariziense.

— Oh candido Éliacin, disse a Dama de Ouros, pois não sabes que, quando se possui um Ticiano em Veneza, possui-se uma fortuna, porque é facil multiplicá-lo como os pães da Escriptura?

— Isto me faz lembrar, disse o principe, que um dia não dei grande surpresa a um excellente veneziano dizendo-lhe: « Senhor, poderá tornar a me vender a *Eva* do Tintoreto que me vendeu o anno passado?— Si, signor, » disse-me immediatamente. E levou-me á sua galeria. No mesmo logar de onde tirára a *Eva* que eu levára commigo, achei uma *Eva* inteiramente semelhante, na mesma moldura e até com as mesmas teias de aranha.

— Vamos, disse a Dama de Ouros atirando com as cartas, não posso achar uma mão propicia esta noite.

— Senhora, offereço-lhe a minha, disse o principe, pois a ceia está na mesa.

— Sua mão não tem dentro cousa alguma, disse a Dama de Ouros. Quando eu lhe dizia que não acharia uma mão propicia esta noite!

Passaram, não sem alguma desordem, á sala de jantar.

— Que mouta de caranguejos! disse Chantilly; prefiro esta a uma mouta de rosas.

Cleopatra, com o gesto soberano, designou a todos logar.

— Chantilly, sente-se alli defronte de mim! O Sr. Rodolpho sentar-se-lhe-ha á direita.

— E á minha esquerda? perguntou Chantilly.

— A' sua esquerda, deixaremos um logar para os ausentes.

— E' verdade, Max não voltou.

— Oh meu Deus! exclamou um jornalista espirito forte, si Max vier seremos treze.

— O senhor não conta com a cintura destas damas, disse um esculptor de bacchantes.

— E eu, perguntou a Dama de Ouros, deixam-me na antesala?

— Já lhe tinha dito que se sentasse ao lado do moço Éliacin.

— Oh meu Deus, disse o principe, esta maravilhosa pyramide de fructas impede-me de ver todas as beldades.

— Como estão contentes por verem-se vestidas de prata estas garrafas de vinho de Champagne! disse a Dama de Ouros estendendo a taça.

— Si não bebesse, disse consigo mesmo, acabaria por ter medo. Embalde aqueço a cabeça, ha momentos em que tremo apezar meu.

No Château des Fleurs e em casa de Cleopatra a Dama de Ouros estava continuamente receiando ver entrar o Sr. Williamson. Não deixava de estar um tanto inquieta com a ausencia inexplicavel de Max. Não comprehendia principalmente que não lhe houvesse respondido, tanto mais quanto o famulo de Cleopatra dissera-lhe ao voltar que ia ter a resposta.

A mesa estava posta com muito luxo, mas com muito gosto. Cleopatra nascêra para duqueza.

Os homens mais doudos e as mulheres mais levianas conservavam sempre em casa della certa dignidade. Fallava-se das festas que ella dava, mas a palavra orgia nunca fôra pronunciada. Amava o prazer, mas presava essencialmente o espirito.

Nessa noite, entretanto, embalde encheram os copos e fallaram alto; as gargalhadas, verdadeiros foguetes da alegria, não atravessavam a mesa. Tentava-se um dito, começava-se uma historia, dizia-se uma pachuchada, mas a melancholia mal dissimulada de Cleopatra e a ausencia de Max derramavam a frieza nos convivas, como no theatro quando os actores presentem que a peça vae ser pateada.

— O que é isto, minha chara amiga? disse Cleopatra á Dama de Ouros, nunca a vi tão meditativa; a senhora que é a alma e o garfo de uma ceia, não falla nem come. Passem uma lagosta alli á senhora, afim de que veja a vida côr de rosa. Afoguem-na em vinhos do Rheno e de Champagne; ponham-lhe nos cabellos estes cachos de uva e estes pampanos. Transformemo-la em uma bacchante, já que se esquece de ser mulher.

— Cleopatra tem rasão! exclamou a Dama de Ouros. Ia ficando séria, como si assistisse a uma missa nupcial. Esquecia-me de que estava na sociedade mais illustre e mais jovial de Pariz. O principe não tem no seu brasão uma chimera que ri continuamente? O Sr. Mario, que esculpe incessantemente Venus e Dianas, nunca esculpirá tumulos. Deu vida e voluptuosidade ao marmore. M^{lle} Chantilly, — saudae-a, senhores! — tem espirito até nas suas parvoices. O Sr. ***, que deseja conservar o anonymo, que nas suas horas vagas escreve para o *Figaro* ou para o *Anão amare!lo*, — saudae-o, senhoras! — tem um brio para

escangalhar tudo--- a cinco soldos a linha e cem o dito!

— Nunca lhe pagam sinão por linha! exclamou a Cometa, uma Berenice descabellada.

— A gente nunca é bem paga, disse M^{lle} Jacintha.

— Tens rasão, continuou a Dama de Ouros, pois a ti, que tens belleza para dar e vender, pagam apenas meio logar na tua cesta de alface.

A Taciturna, sempre espirituosa como uma pintada, só entendeu meia hora depois.

— E' verdade, disse Jacintha, a Rosa dá uma festa pelo anniversario natalicio da filha. Convocou todas as damas — loureiras — de seu conhecimento.

— E' que julgou que, para festejar os annos da filha, devia fazer dansar todas as de Pariz.

Era uma quasi recatada quem o dizia.

M^{lle} Cleopatra perguntou-lhe com summa ingenuidade:

— A senhora vae?

A Dama de Ouros continuou a esboçar com dous traços todas as figuras da ceia. Referiria mal todos os seus lazzi. Passava facilmente da insolencia á caricia. Possuia a arte de ferir e pensar as feridas que abria. Temiam-na, mas gostavam do seu papaguear. Incapaz de escrever uma carta, conversando tinha uma felicidade de expressão incrível. Atirava-se á redea solta pelo desconhecido e trazia dessas excursões a toda a brida as jovialidades mais inesperadas e peregrinas. Lera um pouquinho de tudo, ora em casa do um amante jornalista, ora em casa de um amante actor, pois tinha cultivado os galãs. O theatro, a que ia frequentemente, creara-lhe um repertorio, mas devia principalmente a somma e a variedade de seus conhecimentos ao numero e á diversidade dos seus adoradores.

Cleopatra proferia a espaços um dito espirituoso com ares distrahidos. Não estava no meio dos seus convivas. Não sabia porque, mas já não sentia prazer algum nessas loucuras. Lamentava ter dado semelhante festa; quizera fugir para a rua Saint-Dominique, recolher-se dentro em si mesma e aplacar o coração com uma lagryma de penitencia.

O seu olhar encontrou o olhar de Rodolpho. Estremeceu e imaginou que talvez, si quizesse humilhar-se e lançar o seu orgulho aos pés do homem a quem amára, — e a quem amava talvez ainda, — depararia a redempção do amor.

LII

AS COBARDIAS DO CRIME

Um famulo veio enclinar-se ao ouvido de Cleopatra e disse-lhe que Max a esperava no gabinete de vestir.

Em outro dia qualquer Cleopatra conservar-se-hia á mesa, mas nesse dia ergueu-se sem reflexão:

— Principe, transmitto-lhe a presidencia. Si eu não voltar, recommendo-lhe libações funebres.

— Retira-se, disse Chantilly com malicia. Haverá algum perigo em casa?

Chantilly não sabia que acertava: havia perigo em casa.

Quando Cleopatra já inquieta entrou no gabinete, Max atirou-se lhe nos braços chorando.

— Max, o que é isto? perguntou-lhe.

— Vou morrer e venho dizer-te adeus.

— Morrer? adeus?

M^{lle} Cleopatra que se desprendêra dos braços de

Max, olhou para elle com olhos desvairados. Operou-se nella uma revolução.

— E's tu realmente? Max, o que me estás dizendo?

— Digo-te que vou morrer.

— Então bateste-te em duello? vás bater-te? falla, Max, falla!

Max não fallava. Ella travou-lhe da mão, entreabriu-lhe a sobrecasaca como si fosse vêr sangue.

— Mas estás pallido como a morte. Estás ferido, não?

— Estou, disse Max, estou mortalmente ferido.

— Ah! estás n atando-me tambem, falla, pelo amor de Deus.

— Cleopatra, amas-me?

— Porque mo perguntas?

— Quando eu tiver morrido, has de pensar algumas vezes em mim, não? Pois si soubesses quanto te adoro! Ah! sinto-me feliz por ver-te ainda uma vez.

E Max tomou nas mãos a cabeça de Cleopatra e beijou-a com frenesi, nos olhos, nas faces, nos cabellos. Quasi que a afogou com os beijos.

— Quero que me digas toda a verdade, disse Cleopatra erguendo os cabellos quasi desatados; estou vendo que vás bater-te, mas num duello nem sempre se morre. E depois para que esse duello?

Max dissera a si mesmo, correndo á casa de Cleopatra sem saber bem o que ia fazer, que confiaria tudo á amante. Mas tinha horror de si proprio e receiava tanto o desprezo de Cleopatra que resolveu-se a uma mentira mais.

— Este duello, disse, é um duello de morte e tenho certeza de ficar estendido.

— Bateste talvez por minha causa?

— Nada te direi, mas não é meu dever bater-me por ti?

— Eu não sabia que me houvessem insultado, disse Cleopatra procurando nas suas recordações.

— Escuta, continuou Max, tenho uma pergunta a fazer-te. Posso viver, mas ser-me-hia impossível viver sem ti. Responde-me com a mão no coração. Si te dissessem que eu havia commettido um crime e uma infamia, ainda me amarias?

— Depois de um crime, talvez; depois de uma infamia, não!

Um arrepio glacial apoderou-se de Max.

— Então é preciso que eu morra?

— Não, não quero que morras! Adeantei-me muito para que possa voltar atrás, mas ainda não me mergulhei tanto nas trevas que não possa ver a luz. Oh Max! a morte da honra é a única morte que mata.

M^{lle} Jacintha começara uma canção, mas a sua voz era coberta com ruidosas gargalhadas.

— Bem se vê que já não estou presente, disse Cleopatra que entreabriu a porta do gabinete. Eu os comprimia com a minha tristeza.

E tornando a Max:

— Dize-me que tudo isto é uma loucura em que não devo crêr. Quizeste vêr si eu te amava bastante, não foi?

— Não, minha querida Cleopatra, si tive uma hora de loucura, estou agora de posse de toda a minha razão. Repito-te, venho dizer-te: *adeus!*

Dir-se-hia que a vida o abandonava, tão vacilante e demudado estava. Sem querê-lo, cahiu sentado em uma conversadeira — confidente e cúmplice dessas horas adoráveis em que se falla para nada dizer, e em que se diz tanto quando se não falla.

— Creio que te comprehendi, disse-lhe a moça. Tens

um duello, tens medo de ser morto e vens propôr-me fugir contigo?

Max olhou para a amante como que interrogando-a.

— Pois bem, meu amigo, eis a minha resposta. Fujo de boamente contigo, mas ha de ser depois de te haveres batido.

Max tornou a levantar-se.

— Oh! não supponhas que tenho medo de bater-me, tenho medo é de não tornar a vêr-te.

— Não ha duello em que a morte seja inevitavel. Disseram-me que te batias muito bem. Sei que á pistola és excellente.

— A' pistola, murmurou Max com amargura.

— Logo depois do duello juro acompanhar-te a toda a parte, ainda que não seja por minha causa que te batas. Mas sabes, meu charo, si te amo é porque és espirituoso, porque és singular, porque és valente. Quando se não admira o homem a quem se ama, já se não ama.

Max beijou a mão de Cleopatra, como o cão lambe a mão que o bate.

— Ai de mim! murmurou elle fallando comsigo, si ella soubesse quem sou eu agora!

Escondeu a cabeça no seio da amante e reflectiu em silencio.

O que faria? Morrer! Vêr-se levado ao tumulo aos vinte quatro annos! E a idéa de não ser chorado ao menos por quem na vespera o adorava! Morrer com a maldicção do pae! Morrer sem um epitaphio que lhe dissesse o nome! Em summa, morrer duas vezes! Enterrar-lhe-hiam a memoria de par com o corpo.— Viver! mas como? Viver com a vergonha de uma acção infame! Viver occulto, sem que uma alma amiga chorasse pelos seus soffrimentos! Viver sem esperanza de perdão, e sem que o arrependimento pudesse nunca lavar o crime, ao menos aos olhos dos homens!

E no entanto Max não queria morrer. Sobre o proprio seio de Cleopatra occorreu-lhe a idéa, visto que a amante não queria fugir com elle, de ir-se embora com a Dama de Ouros. Era alguma cousa da sua existencia nos tempos prosperos. Ella fallar-lhe-hia de Cleopatra. Seria para elle Pariz na terra extranha. Tal era a sua perversão que quasi o consolava a idéa de viver com essa rapariga que fôra sua cumplice.

— Quizera fallar á Dama de Ouros, disse a Cleopatra.

— Então ella sabe mais do que eu? perguntou a cortezã.

— Não, não, ella de nada sabe. Si eu pudesse fallar, dir-te-hia tudo, só a ti.

— Mas o que vás então dizer a essa rapariga?

— E... é uma cousa bem simples, disse Max tentando com um sorriso forçado dissimular a emoção, devo-lhe algum dinheiro de jogo. Escreveu-me e eu não lhe respondi.

— Ah! é verdade, recordo-me, disse Cleopatra. Pois bem! volto por alli e vou dizer-lhe que a esperas aqui.

LIII

OS DOUS CONVIVAS

A Dama de Ouros entrou no gabinete cantando o estribilho da canção de Jacintha.

Max fechou a porta sobre ella.

— Pois estás cantando! disse-lhe.

— Pois pensas que vou pôr-me a chorar? Vem um pouquinho cá por fôra, verás como a gente ri. Esta Jacintha é de uma estupidez que mette medo. E' pre-

ciso que te ponhas na mesma afinação. Bebe-me uma garrafa de vinho do Rheuo e uma garrafa de vinho Champagne, como eu fiz.

— Derramaste bem uma metade fóra?

— Não importa, verás como te acharás feliz.

— Não tenho a tua philosophia, disse Max.

— Realmente estás com uma cara de coveiro. Então como estarias si, em vez de deitar o Sr. Williamson em um macio leito de hervas e flôres, o houveras deitado no fundo do lago?

— Cala-te! Não falles assim!

— Não me disseste que era um modo mais ou menos francez de contrahir um emprestimo? Restituir-lhe-hemos o seu dinheiro. E' verdade, sabes que perdi tudo quanto me havias dado? Joguei a minha palavra, joguei a minha honra, joguei a minha virtude, joguei a minha ultima camisa. Has de ver-me amanhã percorrendo a cidade sem a minha parra.

-- Horrivel mulher! pensou Max. Quando imagino que vou pedir-lhe a mercê de ir-me embora com ella!

— Quanto me vás dar?

— Quanto quizeres. Mas deixei o thesouro em casa, suppondo não tornar a encontrar-te esta noite. Amanhã demanhã, muito cedo, estarei em tua casa. Sabes o que resolvi?

— Vamos fazer saltar a banca de Monaco?

— Adivinhaste, quero ir-me embora contigo.

— Não é má idéa. E Cleopatra?

— Voltaremos breve, quando eu houver pago ao Sr. Williamson, para que elle não conserve má lembrança de ti.

— Mas quem te ha de dar dinheiro?

— A rainha de Inglaterra. Fiz maravilhas para a Exposição de Londres. Está assentado, não? Estarei

amanhã em tua casa e seguiremos para Genova pelo trem expresso.

— Está dito. Assigno.

E abraçou Max passando-lhe o braço pela cintura, ao que elle correspondeu.

— Vamos recommençar o lansquenet; sahirei ás cinco horas, metterei na bolça as minhas rendas e as minhas joias, tu levarás muito dinheiro e sahiremos a conquistar o mundo. Ah! quanto estimo que vás commigo! pois és excellente companheiro de viagem. E demais estamos casados.

— Casados! disse Max com um resto de dignidade.

— Anda lá, um segredo que une um homem a uma mulher é um casamento indissolúvel, e rasão tiveste e dizer-me lá: Para a vida e para a morte!

A Dama de Ouros abraçou ainda uma vez Max e desapareceu torvellinhando.

— Ir-me-hei embora? perguntou elle a si proprio deixando cahir a cabeça nas mãos.

A indiferença dessa rapariga, a alegria fingida ou real, a canção nos labios, a ebriedade nos olhos, as faces incendidas, o collo orgulhoso e provocador, os cabellos que escapavam do pente em ondas rebeldes, tudo isso superexcitára o espirito de Max.

Voltára a si. Visto que essa rapariga não se julgava absolutamente culpada, sê-lo-hia elle alguma cousa? visto que ella não lamentava ter ido ao bosque de Bolonha, porque deixar se dominar pelo remorso? Não fôra ella sua cumplice na cilada?

— Pois bem, sim, disse Max resolutto, ir-me-hei embora com ella.

LIV

ECHO DA TERRA DA PROMISSÃO

Quando Cleopatra tornava a entrar na sala do convívio, o creado grave, ao vê-la inquieta, disse-lhe :

— Esqueci-me de entregar á senhora uma carta pela qual sem duvida espera.

— Dê-ma, disse Cleopatra com curiosidade.

Nos momentos criticos da vida a gente suppõe sempre que uma carta que chega é uma mensagem do destino. Era uma carta da duqueza.

« *Minha bella,*

« *O que é feito da senhora? Como passo aborrecida, quando a senhora já não irradia nas nossas regiões! Quem foi que comparou a belleza com o sol? Tornei-me completamente nocturna; venha depressa, sinão perco a luz. A propria marechala já está sem espirito, e o cura de Sancta Clotilde sem fé.*

« A DUQUEZA D'A*** »

— Irei, disse Cleopatra lendo a carta.

E depois de haver tristemente contemplado Rodolpho :

— Irei, continuou, e não tornarei cá. Já é bastante.

E Cleopatra, esquecendo-se da hora, entrou na sua camara e respondeu á duqueza por estas poucas palavras escriptas com lapis encarnado :

« Chara amiga,

« A sua carta chega-me como um echo da Terra da Promissão.

« Como é consoladora a amizade, de perto ou de longe! Disse-se que era o luar do amor. Já não acredito no sol. Só acredito na senhora. Como estimarei amanhã dar-lhe meu coração, consagrar-lhe meu tempo! Aqui estão todos e todas a rir sem saber porque, e a dar-me vontade de chorar. Continuo a vir á rua do Circo nos meus dias de curiosidade e de loucura; mas a loucura traz-me o amor da prudencia, e a curiosidade traz-me o amor da solidão. Consequentemente espere-me amanhã, quero passar lá uma boa temporada.

« Abraço-a de todo o meu coração. A sua carta chegou opportunamente, vae dar me valor para atravessar uma má noite. Adeus, adeus, contur-lhe-hei isso amanhã.

« CLEOPATRA. »

LV

O BRINCO DAS ROSAS

Apenas Max ficou só no camarim de Cleopatra, idéa machiavelica accudiu-lhe á mente.

— Em vez de morrer no meio da ignominia da minha culpa, disse consigo, porque não morrer com a cabeça alta, no combate da vida? Um duello, eis a minha porta de salvação! eis o que salvará meu nome, o nome de meu pae, o nome de minha irmã. Mas com quem poderia eu bater-me?

Um só homem ergueu-se deante de Max : Rodolpho.

— Sim, o Sr. de Marcillac, disse. Demais é elle quem torna-me infeliz. Hontem estava defronte de mim quando eu perdi esses duzentos mil francos; e si eu hontem não tivesse perdido, não estaria hoje deshonrado.

Não levou muito tempo a pesar esse bonito intento na falsa balança do seu destino. Sahiu do camarim e entrou na sala de jantar.

O acaso foi-lhe favoravel. Rodolpho, que aborrecia-se com a ceia, havia por desfastio puchado para si a corbelha de flôres, e divertia-se a atirar as ultimas rosas nessas raparigas. Quando Max olhou para elle, acabava de atirar um punhado de petalos bem no rosto de Cleopatra.

Max caminhou direito a Rodolpho.

— Senhor, estes brincos não me agradam; respeito as mulheres, ainda quando estou ebrio.

— Senhor, disse Rodolpho erguendo a cabeça com o seu aspecto fidalgo, si o senhor respeita as mulheres, do que duvido, não sabe respeitar-se a si mesmo.

— Senhor, é de mais!

— Senhor, tenho aqui dous amigos: o senhor não poderia dizer outro tanto.

— Senhor, não me deitarei sem castigar as suas basofias.

— Apraz-me crêr, senhor, que não perturbará a festa dos pastores e que deixar-me-ha ceiar em paz; depois do quê, iremos vêr levantar a aurora.

— Está dito!

— Não, não está dito, exclamou Cleopatra; si eu é que fui magoada, — com a dobra de um petalo de rosa, accrescentou sorrindo, — cabe-me exigir reparação. Condemno o Sr. Max Auvray e o Sr. Rodolpho de Marcillac a beberem cada um uma garrafa de vi-

nho de Tokai, com a esperança de que fiquem mais alegres.

E a ceia continuou, sem que este incidente influísse muito no espirito dessa gente para quem tudo é comedia, até o drama.

LVI

RODOLPHO

Rodolpho estava furioso por ter vindo á ceia. Queria todas as manhãs fugir de Cleopatra, mas o seu coração, mais forte que o seu espirito, tornava-o a lançar todas as noites aos pés da sua antiga amante. Por mais que motejasse de si mesmo por causa do papel, tão singular em tal sociedade, de amante que não pôde reconquistar uma rapariga de vida airada, não conseguia sacudir o jugo da sua cobardia.

Esperava todo dia a desforra do dia seguinte. Dizia que Max não passava de um accidente na vida de Cleopatra; com uma palavra ella devia acabar com isso. Não podia crer que ella amasse semelhante homem. Não adivinhava a dupla existencia de sua antiga amante, e nada sabendo dos seus dias de lagrymas no arrabalde Saint-Germain, contava que tomaria dentro embreve horror á sua existencia, e que tornar-lhe hia a cahir nos braços com um grito de amor e de arrependimento,

E seria a felicidade — a verdadeira felicidade, essa de que gozariam depois de haverem-na perdido. — o que faltaria a Rodolpho? Estava quasi rico depois da sua estada na Argelia, onde o duque de Malakoff dera-lhe uma concessão de exploração de madeiras, para logo realisada, a qual garantia-lhe uma renda de cerca de vinte cinco mil francos; havia pois tra-

zido de Argel a mesma fortuna que Cleopatra trouxera de Italia.

O irmão pedia-lhe continuamente por cartas que voltasse para juncto delle, mas via-se tão torturado pelo seu amor que já não tinha animo para cousa alguma, postoque houvesse nelle uma alma esforçada e uma intelligencia energica.

O amor é assim: desde que vence quem delle motejava, torna-se cruel com a victoria; vingase lentamente; condemna aos passos do martyrio aquelles que, si não se houveram rebellado, houveram percorrido indolentemente os passos da voluptuosidade.

LVII

O DECIMO TERCEIRO CONVIVA

Cleopatra reassumira a presidencia do convivio. Mas agora já não dominava a sua gente. A loucura arrebatára todos os convivas como em uma dansa infernal. Era o mais bello tinir de bons ditos que jámais havia soado. Todos tinham espirito, mas era espirito que se perdia, pois fallavam todos a um tempo. Jacintha queria deitar-se emcima da mesa e Chantilly estava em risco de cahir embaixo della. As outras mulheres mostravam-se mais fortes. O principe estava ebrio a ponto de fazer gravemente beber os dous negros de ebano que seguravam nos candelabros. Um poeta transviado tomava por encosto o seio da Aurora, a quem chamava aurora boreal. Dizia que isso era pescar á linha. Um esculptor esculpia uma Galatée e queria á fina força levantar o nariz e diminuir as espaldas de M^{lho} Revoquer. Éliacin recitava parvoices com rimas dobradas. Um pintor desenhava na toalha torsos phan-

tásticos, desafiando ás mulheres que lhe provassem que a natureza desenhara melhor. E as mulheres provavam-lho. O musico Offenberg tomava nota de cacophonias para a sua opera: *O juizo final*.

Cleopatra, por mais distrahida que estivesse, dirigiu a palavra a todos os seus convivas. Quando fallou á Taciturna, notou que a rapariga continuava com as suas phrases stereotypadas:

- Não bebes, Chantilly?
- *Estou desarmada.*
- Andas apaixonada?
- *Nem sim, nem não.*
- Creio que esta noite carregam-te.
- *Acceito o augurio.*
- Então quem te inhiibe de te inflamares e ser um dos luminares da festa?
- *Questão de dinheiro.*

O príncipe disse a Cleopatra que a Taciturna tinha tanto espirito como Sophia Arnauld, mas que repetia-se um tanto.

— E o senhor? não está sempre a dizer a mesma cousa? *Amo-te, não me amas, tu o amas, elle não te ama.* Não fallo do que já está impresso. Assevero que a Taciturna é a rapariga mais espirituosa do mundo.

- E' verdade.
- Não importa, pensou Cleopatra, amanhã dar-lhe-hei quatro phrases novas.

E continuavam a despejar os vinhos de Aï e de Johannisberg, de Chypre e de Malvasia, as perolas e os rubis, as chammás e as lagrymas do Vesuvio, o sol da Hespanha e os raios do Cabo. Bebiã sem conhecer o vinho, chegavam a misturar tres delles, o que é sacrilegio indigno de gente que sabe beber; haviam chegado a tal ponto que, si em vez de beberem preciosidades, lhes houvessem dado um vinho qualquer, ninguem o houvera notado, nem mesmo a Dama de Ouros, que,

na sua expressão, tinha-se em conta da mais delicada e valente guella de uma ceia.

Chegára o momento em que a propria creadagem, ebria de ver beber e de ter dado a beber, mas ebria principalmente por ter bebido metade das garrafas, imitava os amos, mettendo-se a dizer extravagancias e a cantar as canções em voga.

Um homem que não era esperado, subia então a escada.

Achando a porta entreaberta, transpoz o limiar sem tocar a campainha. Não achou pessoa alguma na antecamara, mas foi por deante, sem pensar em mandar-se annunciar. Ouvia o tinir dos copos, as gargalhadas e as cantigas que soavam na sala de jantar e que echoavam na cópa. Nunca ouvira semelhante symphonia. Abriu de improviso a porta da sala de jantar e mostrou-se de subito, vestido de preto, com a cabeça branca, a fronte carregada, o olhar terrivel.

A Dama de Ouros, que foi a primeira a vê-lo, deixou cahir a taça cheia de vinho de Champagne e de vinho de Chypre.

LVIII

OS CABELLOS BRANCOS

Restabeleceu-se o silencio como por milagre. O aspecto de Samuel resuscitado, as feiticeiras de Macbeth, as palavras flamejantes do convivio de Balthasar não infundiram tamanho terror.

— Então, disse o principe, quem é que entra assim sem mandar-se annunciar?

— Caluda! disse a Dama de Ouros que queria tornar a si do medo que se apoderara della, é um meirinho.

— Conheces essa gente? perguntou Chantilly.

Mas foram as unicas palavras que ousaram pronun-

ciar. M^{lle} Cleopatra erguêra-se para impôr silencio. Inclinou-se respeitosamente deante do recémchegado.

-- E' o pae de Max, murmurou. Quasi o não conheci. Porque estará com os cabellos completamente brancos ?

— Peço-lhes perdão, senhores, disse o Sr. Auvray dirigindo-se aos homens e fingindo não ver as mulheres, é a primeira vez que perturbo taes festas. Supunha encontrar aqui Max.

Ninguem respondeu.

Como conhecia o principe, o Sr. Auvray dirigiu-se directamente a elle.

— Principe, perguntou-lhe, meu filho não está nesta ceia ?

— Não, senhor, disse o principe erguendo-se um pouco, tanto respeito infundia essa figura imponente de pae.

Cleopatra continuava de pé com a sua natural altivez, mas humilde deante do pae do amante.

— Talvez, disse, o Sr. Auvray olhando para ella, talvez a senhora possa dizer-me onde está Max.

Cleopatra acabava de comprehender que o duello terrivel de que lhe fallára o amante devia ser entre o pae e o filho.

Devia-se-lhe fazer a justiça de declarar que ella nunca mentira. Porisso, não querendo responder ao Sr. Auvray, fingiu não ter ouvido a pergunta e refugiou-se como uma sombra no seu gabinete.

O Sr. Auvray quiz acompanhá-la, mas estava do outro lado da mesa e achou-se para logo impedido em caminho por um grupo de mulheres que umas ás outras perguntavam si deviam ir-se embora. Como não queria pedir-lhes que o deixassem passar, nem roçar nellas ao passar, deu uma volta. Perdeu assim mais de um minuto, o que deu tempo a Cleopatra de

avisar Max, e o que deu tempo a Max de tirar a chave do gabinete de vestir e pô-la pela parte de dentro.

— Teu pae! disse Cleopatra a Max.

— Ah! eu não suppunha que elle viesse cá.

— O que fazes?

— Fecho a porta.

— Não, é preciso recebê-lo. Então sentes-te muito culpado para com elle?

— Estou perdido, murmurou Max com a mão crispada nos cabellos.

O gabinete de vestir era separado da sala de jantar pelo salão. Todas as velas ardiam ainda nos candelabros.

Quando o Sr. Auvray achou-se no salão de jogo, olhou e viu quatro portas, uma que dava para a sala de jantar, uma para a camara de dormir, uma para o grande salão e uma para o gabinete de vestir. Abriu primeiro a porta da camara de dormir, forrada de damasco branco com rosaceas de ouro, apenas allumiada com bugias azues e côr de rosa que davam uma luz suave e frouxa. Porisso, depois do deslumbramento do salão de jogo, o Sr. Auvray vendo no leito, na sombra do cortinado, as sahidas de baile e os chapelinhos das damas, suppoz que Max estivesse deitado.

Foi direito á cama com a resolução subita de matar o filho.

Quando viu que se havia enganado, voltou ao salão e encaminhou-se para a porta do gabinete de vestir.

— Desta vez não me engano, reflectiu.

Reconhecêra comeffeito a voz de Max. Quiz abrir a porta, mas estava fechada. Esteve para deitá-la abaixo. Cleopatra, mais forte que Max, arrancara-lhe a chave das mãos.

— Eu abro, disse ella.

E abriu a porta.

Max, mais morto do que vivo, viu entrar o pae com olhos desvairados.

— Senhora, disse o Sr. Auvray a Cleopatra, vá ter com os seus convivas. Max não quiz ouvir-me em minha casa, forçoso é que me ouça aqui.

Cleopatra obedeceu, mas apenas no meio do salão, retrocedeu silenciosamente.

O Sr. Auvray não proferiu palavra, entreabriu a sobrecasaca, tomou a pistola e appresentou-a a Max; Max porém fingiu não ver o gesto do pae. Olhou para a porta que ficára aberta, como si a sua salvação estivesse alli.

— Ah! disse o Sr. Auvray levantando a pistola até a altura dos olhos do filho, pensou que podia fugir! mas a justiça do pae é como a justiça de Deus, achasse em toda a parte.

Entretanto, na sala de jantar todos haviam cobrado a rasão. Em poucos momentos os convivas atropellavam-se na escada, mandando ao diabo os paes de familia.

Ouviu-se dahi a pouco no pateo o patear dos cavallos, o ruido das rodas e as pragas dos cocheiros. E foi tudo. A festa estava terminada. Engano-me, as luzes não deviam apagar-se ainda.

Cleopatra tornou a entrar no gabinete.

— Senhor, disse ao ourives, agora que estamos os tres a sós. pois todos se foram embora, póde fallar deante de mim.

— Senhora, nada tenho a dizer a M^{lle} Cleopatra, disse o Sr. Auvray com gesto altivo.

M^{lle} Cleopatra ficou ferida no seu amor proprio.

— Senhor! estou em minha casa, tenho direito de ouvir tudo.

— A senhora está em sua casa? Sei quanto isso me custa! Nada mais tenho a dizer-lhe.

A pistola que o Sr. Auvray apontára para Max, voltou-se para Cleopatra.

A cortezã contemplou altiva o Sr. Auvray sem pestanejar.

— Então suppõe que temo a morte?

— Esta arma não é para a senhora. Seria realmente pena, accrescentou o Sr. Auvray com ironia, privar os Max futuros de uma creatura como a senhora.

Era a primeira vez que Cleopatra soffria semelhante injúria. O seu primeiro movimento foi reagir; mas sacrificou subitamente o seu orgulho, cahiu de joelhos e desfez-se em pranto.

LIX

O PAE E A AMANTE

Leontina, que vacillava ebria, veio então receber ordens.

— Só tenho uma ordem a dar, disse Cleopatra é que vão todos deitar-se.

E fechou a porta violentamente.

Leontina atravessava o salão, sem saber bem para onde ia, quando viu Rodolpho approximar-se.

— Caluda! disse ella, estão representando tragedia. O pae do Sr. Max está alli e pareceu-me tyranno de melodrama. Vá-se embora, Sr. Rodolpho, pois poderia succeder-lhe alguma desgraça.

— Não, fico para proteger Cleopatra.

— Protector! eis o seu papel na peça.

Rodolpho esteve para dar um pontapé em Leontina. Achou mais prudente dar-lhe cinco luizes, mediante o que ella dignou-se ir deitar-se com um sorriso nos labios.

No entanto o pae, o filho e a amante continuavam uns defronte dos outros.

— Senhor, disse Cleopatra, peço-lhe perdão, não sei de que é culpado Max. Por certo que é muito culpado, pois vejo ao senhor tão torturado. Mas pelo amor de Deus diga-me o que fez elle.

O Sr. Auvray olhou para Cleopatra a principio com desdem, mas logo depois com compaixão. Estava tão bella e tão eloquente com a sua dor, que deixou-se arrastar pelas suas lagrymas.

— Será possível que este miseravel não tenha ousado confessar-lhe o crime? Ha então ainda um abysmo entre os dous?

— De nada sei, disse Cleopatra.

— Que! a senhora não sabe que...

— Meu pae! exclamou Max, por compaixão, não me imponha o supplicio de ouvi-lo dizer a esta mulher, a quem amo, quanto sou indigno do seu perdão!

— Então, senhor, puna-se a si mesmo disse o pae mostrando a pistola posta em cima da mesa.

Max curvou a cabeça em silencio.

— Está vendo disse o pae; nada póde levantá-lo da sua abjecção. E' indigno de viver, e não quer morrer!

— Pois que! murmurou Cleopatra erguendo-se, o senhor tem o triste valor de ser algoz de seu filho?

— Tenho, porque trazendo-lhe a morte, restituo-lhe a honra.

— Mas eu suppunha que era um duello e que elle recusava bater-se.

— Não, não é a morte para dous, é a morte para elle só.

— E o senhor não quer dizer-me qual é o crime d'elle?

— Precisava de dinheiro, de sobejo o sabe, senhora.

— E não tendo-o já, tirou-lho!...

— Si fosse só isso! Ha muito que me tirava dinheiro e que eu não me importava. Mas hoje...

Max, aniquilado, soltou um gemido. Presentia que o seu amor ia finir-se no coração de Cleopatra. Deitou um olhar supplice ao pae e segurou na pistola.

— Afinal! murmurou o pae.

Mas como Max não tivesse animo de matar-se, o pae continuou:

— Hoje ajustou-se com alguma infame creatura, — peço-lhe perdão, senhora, supuz um momento que fosse a senhora. — Attrahiram, de noite, um homem para baixo das arvores do bosque de Bolonha, e despojaram-no como ladrões descarados. E esse homem era meu hospede; pois foi á minha vista que Max viu que o Sr. Williamson trazia oitocentos mil francos na carteira.

Cleopatra empallidecêra. Descahiram-lhe os braços. Como Max presentira-o, a morte atravesou-lhe o coração.

— Max fez isto!

Deu um passo para o amante.

— O senhor fez isto, Max?

O moço não respondeu. Estava atterrado.

— Pois bem, senhora, seja o juiz delle!

— Obrigada, disse a cortezã cobrando alento.

Chegou-se para bem perto do amante.

— Max, disse-lhe com voz grave, seu pae tem razão, é preciso morrer.

Max não encontrou uma expressão.

— Meu amigo, continuou ella, então o que tem medo de perder morrendo? Não é o amor de um pae, que já não póde amá-lo sinão morto.

— O que receio perder é a ti, murmurou Max para só ser ouvido por Clopatra.

— A mim! Então ainda não me conheces? Então suppões que quero sobreviver a ti?

— Morrerás também? perguntou Max a Cleopatra, suppondo não ser ouvido pelo pae.

Mas o Sr. Auvray escutava.

— Não, senhora, a senhora não ha de morrer. Si vim aqui, foi por causa d'elle, não da senhora.

— Senhor, disse a cortezã com gesto supplicante, conceda-me a consoiação de morrer com elle. Dar-lhe-hei animo, pois não receio a morte!

Os formosos olhos de Cleopatra incenderam-se.

— Si o senhor soubesse quanto tenho soffrido debaixo desta formosa mascara de cortezã que ri de continuo! Eu atravessava a multidão com orgulho; era a couraça que se põe sobre o coração para entrar em combate. Eu preferia despertar a colera a despertar a compaixão. Eu andava com a cabeça erguida, mas quão humilhada estava commigo mesmo!

O Sr. Auvray mostrou-se impaciente, como si não quizesse ouvir a confissão de Cleopatra.

— Ouça-me, disse-lhe ella, pois o senhor julga-me sem ouvir-me. Não sou uma mulher da rua.

-- Pois bem, senhora, o seu crime é por isso ainda maior.

— Não quero attenuá-lo. Minha mãe morreu de pezar, meu pae renegou-me. Já não existo para elle. Ah! si eu houvesse podido, como tantas outras, esmagar o coração sob os pés, esquecer de onde sahira e ir sempre por deante, com a ebriedade da juventude e com a loucura das paixões! Mas os turbilhões que me arrebataram não me impediram de voltar a cabeça e olhar para traz. Quantas vezes não disse eu commigo no meio das minhas festas e dos meus triumphos: A felicidade não está aqui, estava lá, na casa em que minha mãe morreu de pezar!

— E então o que a impediu, senhora, de voltar

para lá, para lá onde sua mãe chorava? Depravação do coração, depravação do espirito, sede insaciavel de luxo, loucura do jogo, todos os arrastamentos do demonio!

— O senhor tem rasão, desde que a rasão embarca-se sob o vento das más paixões, a terra foge sempre, vem a tempestade, o naufragio, a morte!

Cleopatra voltou-se para Max.

— Tambem eu sou sua cumpllice, Max, mas cumpllice insciente. Não imaginava que atirando o dinheiro pelas janellas fóra, trá-lo-hia a este desenlace.

— Não foi por sua causa, disse Max, foi pelo jogo.

— Mas não foi por amor de mim que jogaste?

— Têm ambos direito de accusarem-se, não de justificarem-se, disse o Sr. Auvray, que não queria deixar-se commover.

— Só uma cousa quiz dizer, continuou Cleopatra; procurei provar ao pae de Max que, si arruinei seu filho, não foi para enriquecer-me.

Cleopatra voltou-se para Max.

— Ainda tens medo da morte? perguntou-lhe.

— Tenho, porque a morte é-me horrivel com a maldicção de meu pae!

E disse baixinho á amante:

— Não, não quero morrer, porque tu a quem tanto amei, tu a quem amei mais que a honra, entregarte-has amanhã a esse Rodolpho a quem amas. A minha verdadeira morte é lembrar-me de que reconquistar-te-ha de todo.

— Ah! não tens animo de morrer!

— Acabemos com isto! disse o pae batendo com o pé.

— Ainda um momento, disse Cleopatra, vou ensinar-lhe como se morre.

Tomou a pistola e appresentou-a a Max.

Depois, com a outra mão pegou no collar e levou á bocca a celebre perola negra.

— O que fazes? exclamou Max.

Como unica resposta, appresentou-lhe segunda vez a pistola.

— Cleopatra!

Quiz arrancar-lhe das mãos a perola negra.

— Ainda a não mordi: queria ensinar-te a morrer, eis tudo, disse ella com o seu sorriso mais encantador, deitando ao amante um olhar apaixonado mais doce que um beijo.

E deixando cahir a perola sobre o peito:

— Vês que não me farei esperar.

Como ella conservára até nos seus dias de desvario certo sentimento de pudor que não é extranho á mulher ainda mais depravada, envolveu-se nas suas ondas de renda.

Max, desvairado, quiz abraçá-la ainda, mas entre si e ella deparou o pae. O sentimento do dever apoderou-se d'elle e illuminou-o; pareceu procurar o perdão nos olhos do Sr. Auvray.

— Perdôo-te, disse o pae, pois vejo que te voltou o animo.

Era o momento solemne. Ao Sr. Auvray subiram-lhe as lagrymas ás palpebras.

— Adeus, disse.

E sahiu apressado.

LX

O SEGREDO DE CLEOPATRA

Quando o Sr. Auvray atravessou o salão visinho, por pouco que não encontrou Rodolpho.

Cleopatra, que acompanhára com o olhar o pae de Max, viu passar uma sombra.

Deu um passo e reconheceu Rodolpho.

Encaminhou-se para elle.

— Silencio! disse-lhe. Pelo amor de Deus, Rodolpho, vá-se embora!

Elle travou-lhe da mão e arrastou-a violentamente até a sala de jantar.

— O que ha? Falla!

— Cousa muito simples, respondeu-lhe a moça tentando sorrir; o pae de Max veio cá, está furioso, e só.

— Não é assim, disse Rodolpho imperiosamente; quero que me digas a verdade; já a sei. Si Max....

— Rodolpho, nem uma palavra mais, é meu amante.

— Teu amante? E' teu infortunio!

— E porque estás aqui?

— Porque velo por ti, porque presinto que o abysmo a que desces é mais fundo do que nunca. porque esse Max é um bandido, porque quero arrancar-te das mãos d'elle e quero arrancar-te das tuas proprias mãos.

— Ah! velas por mim? *Mais vale tarde que nunca*, dizes tu; mas eu digo: *Mais vale nunca que tarde*. E com que direito demais a mais velas por mim?

— Com o direito do meu amor, com o direito do meu arrependimento. Angela, si soubesses como te

amo! si soubesses como tenho medo da tormenta que surge para ti!

Esse meigo nome de Angela, murmurado com tanta emoção, fez estremecer Cleopatra.

— Deixa-me, Rodolpho, deixa-me. Já não tenho o direito de furtar-me ao meu destino, como tu não tens o direito de arrancar-me a elle; entreguei-me em corpo e alma a outro homem, esse me espera.... adeus!

Mas Rodolpho reteve Cleopatra e apertou-a ao coração.

— Não, tu não voltarás lá; sei tudo, digo-te, queres representar o papel de heroína de romance. Ha um filho que attentou contra a honra, ha um pae que condemnou esse filho á morte, ha uma mulher que suppõe amar esse miseravel, que vae talvez...

— Não, Rodolpho, tu nada sabes, mas eu nada te direi.

— Digo-te que sei tudo.

— Pois bem! si sabes tudo, sabes que tudo está perdido.

Cleopatra tentou desvencilhar-se dos braços de Rodolpho para correr para Max, mas elle deteve-a e cerrou-a mais vivamente.

— Ah! si tu me amasses! si tu me houveses amado! disse o moço pondo os labios nos fornosos cabellos da cortezá.

Até então Cleopatra, completamente entregue ás suas anciedades e agonias, apenas pudera pensar em despedir Rodolpho, para morrer com Max; mas nessa hora suprema, tão cheia e tão rapida, teve tempo de escutar o bater de seu coração, teve tempo de olhar pela ultima vez para os suaves horisontes do passado, teve tempo de olhar ternamente para Rodolpho.

— Ah! disse ella com um accento de profunda

saudade, si eu pudesse apagar tres annos de minha vida !

— Então amaste-me ? continuou Rodolpho.

Não viu que nesse instante Cleopatra tomou com mão febril o collar e levou a perola negra aos labios.

— Está acabado, disse ella ; agora posso dizer a verdade. Perguntas-me si te amei ? — Si te amei ! — só a ti amei, só a ti amo !

— Eu bem o sabia, disse Rodolpho cobrindo de beijos o rosto de Cleopatra.

Mas, de subito, vendo a perola quebrada, comprehendeu.

— Angela, Angela, o que fizeste ?

— Angela morreu, morreu por ti ; só existe Cleopatra : Cleopatra vae morrer por outro.

E dizendo estas palavras, arrancou-se dos braços de Rodolpho, correu para o gabinete e encerrou-se nelle com Max.

LXI

O VINHO QUE ADORMECE

Cleopatra encontrou Max de pé, com a pistola na mão.

— O que te disse meu pae ? perguntou-lhe, como si interrogasse ao seu segundo juiz.

Max não desconfiava que Cleopatra houvesse encontrado Rodolpho ao atravessar o salão ; imaginava que não fizera outra cousa mais do que fallar ao pae e interceder por elle.

Cleopatra teve o cuidado de não desilludi-lo.

— Vamos, disse-lhe a moça, pois si elle voltar cumpre que não nos accuse de cobardia.

Nesse momento Rodolpho abalava violentamente a porta.

— Quanto a mim, continuou ella mostrando a Max a perola negra quebrada, vês que já está feito.

Rodolpho deu um violento pontapé na porta e fez saltar um dos batentes.

Max esperava ver entrar o pae.

— Ah! é o senhor! disse a Rodolpho.

Cleopatra quiz interpor-se entre os seus dous amantes; mas, já fulminada pelo veneno, vacillou e cahiu sobre si mesma.

Rodolpho, sem importar-se com Max e a sua arma, ajoelhou-se deante de Cleopatra e ergueu-a nos braços.

— Angela! Angela! disse-lhe com um brado do coração, quero morrer contigo!

— Nem morrer nem viver com ella! exclamou Max querendo repellir Rodolpho.

— Oh! agora, disse Rodolpho com desdem, não será mais o senhor quem ha de impedir-mo.

— Não serei mais eu?

Max, tão pallido a tanto tempo, ficou vermelho de colera.

— Não, não será mais o senhor. Esta mulher, que o acaso lhe deu, pertence-me a mim, não ao senhor.

Cleopatra olhava vagamente e parecia não comprehender: extorcia-se nos espasmos da morte.

— Cleopatra? disse Max. Si morre, é por mim; si eu morro, é por ella.

— Ella não o amava e o senhor não a ama, continuou Rodolpho com voz forte.

— Eu não a amo?

— Não, porque em vez de socorrê-la, tracta apenas de dizer basofias.

Dizen lo estas palavras, Rodolpho ergueu-se e quiz carregar Cleopatra.

— Onde vai o senhor? disse Max interceptando-lhe a passagem.

— Sei lá? procuro um contra-veneno. Haverá café lá dentro?

Então Max comprehendeu que a primeira cousa a fazer era salvar Cleopatra. Triumphou do seu cobarde egoismo, que queria esta nobre victima no seu tumulto, correu á salla de jantar e touxe urna taça de café bem cheia.

Era a taça que tinha sido dada á propria Cleopatra. Sabe-se que havia presidido á ceia, mas que apenas tocára em algumas fructas.

Rodolpho havia deitado Cleopatra em um canapé. Tomou a taça da mão de Max e levou-a aos labios de Cleopatra.

Ella respirava ainda, com os olhos desvairados, a bocca entreaberta.

Rodolpho derramou-lhe nos dentes toda a taça de café. Mais de metade cahiu no tapete; mas, posto que recussasse beber, tomou apezar seu algumas golfadas. Rodolpho, sem importar-se com a presença de Max, repetia-lhe no seu desespero as palavras mais ternas e mais exaltadas.

Era singular espectaculo para Max, que se acreditava presa de horrivel sonho. Posto que a realidade fosse formidavel, via ainda erguer-se a figura do pae e a sombra do Sr. Williamson. Enbalde dizia a si mesmo que ia tambem morrer, mais de um projecto agitava-lhe ainda o espirito. Pensava vagamente no seu duello com Rodolpho, na sua viagem com a Dama de Ouros.

— Mas si ella está morta, disse consigo, vou morrer.

Foi então que Rodolpho exclamou com desespero:

— Angela! Angela! dize-me que não estás morta...

E como Max debruçava-se sobre Cleopatra, murmurou com voz surda:

— Está acabado!

Max quiz por sua vez tomar nas mãos a cabeça de Cleopatra.

— Não, disse Rodolpho repellindo-o com mão desdenhosa. Agora que ella está morta, a nós!

Rodolpho tinha uma bonita cabeça e magnifico aspecto; a altivez de raça estava-lhe estampada no semblante. Max experimentava, apezar seu e embora indignado, o predominio do rival; Rodolpho dominava-o tanto no corpo como no espirito. Dominava-o principalmente porque era melhor. Tinha sem duvida muitas faltas de que exprobrar-se, muitos peccados da mocidade amontoavam-lhe nuvens no passado; mas guardára intacta essa virtude de familia que fórma os homens de coração, essa altivez do nome que é uma egide no meio das tormentas, esse amor de Deus que salva o homem das procellas. Max só acreditava no momento presente; para elle a religião não passava de um catechismo para uso das creanças; dizia de beamente, como todos que têm lido mal Voltaire, que o philosopho de Ferney acabára com esses phantasmas do passado. Ia assim de dia para dia, importando-se tanto com a vespera como com o dia seguinte. Só com duas cousas preocupava-se: amar Cleopatra e obter dinheiro; o mais não entrava para elle em linha de conta. O seu horizonte começava na rua do Circo e acabava no Bosque de Bolonha. O infinito para elle era Bade ou Epsom. Perdido de vontades por todos, salvo pelo pae, suppunha-se o homem mais encantador e espirituoso de Pariz. Possuia aliás todos os dotes que constituem o orgulho do Pariz moço: montava a cavallo como ninguem; boleava artisticamente quatro caval-

los, charuto nos dentes, luneta nos olhos, cumprimentando para uma e outra banda com a mais perfeita quietude; entrava em todos os assaltos de armas, jogava forte e tinha cavallos para corridas; em summa era continuamente citado entre os meninos bonitos que só *trabalham* para as mulheres.

Cleopatra deixara-se levar a principio por todas essas exterioridades, suppondo encontrar nelle charater e coração. Não encontrava mais que um basofio, um louco, um apaixonado. Mas como elle era complexo, extravagante, tenebroso, ella não o conheceu á primeira vista; suppoz muito tempo que fosse o amor que ella lhe inspirava que o fazia cahir-lhe aos pés sem animo e sem idéas. Havia nelle tantos começos que não podia imaginar que não houvesse nelle um homem para o futuro.

Comprehende-se facilmente qual a rasão por que Max não podia libertar-se da superioridade de Rodolpho. Os scepticos embalde motejam dos crentes, têm-lhes medo, como si os crentes tivesse os olhos de Deus para verem os crimes ou as fraquezas que occultam.

— Acabemos com isto, disse Max a Rodolpho, não quero esperar mais tempo; devemos bater-nos em duello ás oito horas, são quatro, batamo-nos já.

— Batermo-nos aqui! e as testemunhas? e as espadas?

Max provocou mais uma vez Rodolpho:

— Testemunhas! Dar-se-ha acaso que o senhor tenha medo de mim?

— Medo do senhor! exclamou Rodolpho.

E o seu olhar altivo cahiu sobre Max como um insulto.

— Não ha aqui espada, disse Max erguendo a cabeça, mas ha uma pistola.

— Uma pistola?

— Sim, estou resolvido a matá-lo ou a morrer.

— Pela minha parte, senhor, disse Rodolpho, viva eu ou morra, é-me bem indiferente que o senhor viva ou que morra. Sou o offendido, devo atirar primeiro. Perdão-lhe.

E como Max quizesse fallar, Rodolpho impoz-lhe silencio com um gesto imperioso :

— Sim, senhor, perdão-lhe ; mas o senhor vai neste mesmo instante deixar esta casa para nunca mais tornar a ella.

— Deixar esta casa, e o senhor pretende ficar nella ?

— Pretendo, senhor ! si esta misera moça está morta, tractarei das suas exequias ; si não está morta . . .

Rodolpho tornou a cahir de joelhos defronte de Cleopatra e abafou os soluços nos cabellos esparsos della.

— Não, o senhor não ficará aqui sem mim ; ou antes, eu é que aqui hei de ficar. Afinal de contas, estou em minha casa.

Rodolpho levantou-se furioso para pôr Max pela porta fóra.

— Senhor ! exclamou Max, eu suppunha-o um homem bem educado. O senhor acceitou um duello, não um pugilato.

— Tem razão, murmurou Rodolpho refreando-se. Mas acceitei um duello e não um assassinato.

— Deixemo-nos de palavrões, senhor. Ha aqui uma pistola : qual de nós atirárá ? A sorte vae decidi-lo. Si quizer, por-nos-hemos distantes, o salão é grande.

Dizendo estas palavras, Max tomou a pistola e mostrou-a a Rodolpho.

Postoque a proposta lhe parecesse louca, Rodolpho acceitou :

— Que me importa ? dizia comsigo, si a sorte deu-me o direito de matar este homem, perdoar-lhe-hei, mas dessa vez com a condição de deixar-me só

aqui. E si pelo contrario for elle quem matar-me, está feito! não sobreviverei a Cleopatra.

Haviam entrado ambos no salão.

— Olhe, disse Max, esta peça tem mais de vinte pés de comprimento.

— Pois bem! está dito. Mas quem atirará? O que tiver cruz ou cunho?

A mesa de lansquenet, ainda illuminada pelo lustre e candelabros, parecia convidá-los pela ultima vez.

— Eis o oraculo! disse Max levantando as cartas.

— Só faltava uma mão de lansquenet para o desenlace de todas estas miserias, disse Rodolpho com amargo sorriso.

Max, jogador infrene, apoderou-se das cartas com derradeiro impulso de paixão.

— Até hoje tenho jogado tudo, disse, vou jogar a vida.

LXII

A DERRADEIRA MÃO DE LANSQUENET

Max appresentou as cartas a Rodolpho:

— Côte, disse-lhe.

Rodolpho adeantou a mão e retirou-a; parecia-lhe impossivel que aquillo fosse serio.

— E no entanto, reflectiu, terei de bater-me ás oito horas, si agora recusar.

Batera-se tres vezes; pensou no encommodo que ia dar ás suas testemunhas.

— Côte o senhor mesmo, disse a Max.

Max não se fez rogar.

— A segunda mão não vale.

— Não.

Max ia cortar com a mão direita; mas, supersti-

cioso como todo o jogador, cortou com a mão esquerda. Rodolpho voltou a primeira carta; era a dama de ouros.

— Entretanto não nos batemos pela Dama de Ouros, disse Max pensando no bosque de Bolonha.

A segunda carta era um dez de páus; a terceira, um az de espadas; a quarta um dous de ouros.

Rodolpho voltava as cartas com uma rapidez febril.

— O senhor vae muito depressa! disse Max. A entrada vale bem a pena de respirar-se um tanto.

— Quem sabe? disse Rodolpho mostrando um valete de espadas.

Conforme o desejo de Max, Rodolpho voltou as cartas com extrema lentidão. Dis-se-hia pelo seu modo descuidoso que estava jogando por outro.

— O senhor verá, disse Max que é a dama de copas que vae sair.

— A dama de copas, murmurou Rodolpho, não está aqui.

— Sempre fui infeliz ao jogo, continuou Max: sinto approximar-se uma dama.

— Pois bem, disse Rodolpho, o senhor morrerá por uma dama.

Então Rodolpho voltou um dez de copas.

— Perdi, disse atirando com as cartas na mesa sem colera e com o desdem de um cavalheiro que não gosta do jogo.

Foi abraçar Cleopatra e disse a Max:

— Ande, senhor; está bem certo de que a pistola está carregada? pois isto tudo não é um brinco de creança, creio eu?

— Tenho certeza, disse Max.

E armou a pistola.

Rodolpho fectou-o com a calma estoica de um homem que nunca teve medo.

— Aviamo-nos!

Max ergueu a pistola e apontou para Rodolpho.

Tres imagens appresentaram-se subitamente deante de Rodolpho: o pae no leito da morte; Cleopatra dizendo lhe: Só a ti amei; e a aureola do Christo consolador, que o quadro de Ary Scheffer gravara-lhe na mente.

Suppunha não ter mais de um segundo.

— Então o que faz? disse a Max com impaciencia.

Max illuminara-se de improviso, como si a redempção lhe houvera unguido a cabeça, — essa cabeça que haviam disputado, depois das oito horas da noite, o crime, a humilhação, o amor, o remorso, o jogo, as anciedades da morte e da vida.

O que se havia passado em seu espirito? Sem duvida julgava no momento supremo que era mais uma infamia desfechar o tiro em Rodolpho. O que faria da vida depois dessa façanha? Via Cleopatra morta: morrer era talvez tornar a encontrá-la.

Voltou a pistola contra si, puxou o gatilho e desfechou o tiro

— Não entendo, — ou antes, entendo, disse Rodolpho.

Max vacillou sob a mão da morte e foi cahir aos pés de Cleopatra.

Rodolpho olhava pasmo.

De repente, ao soltar Max o ultimo alento, Rodolpho viu agitarem-se as mãos, as palpebras e os labios de Cleopatra. Os seus gritos, os seus soluços os seus beijos não tinham conseguido reanimá-la: a detonação da arma homicida provou-lhe que não estava morta.

Tomou-a rapidamente nos braços, louco de alegria no meio de tamanha dor.

— Angela! Angela! falla-me!

A esse meigo nome de Angela, Cleopatra respondeu com estas duas palavras: « Eu morro. »

E abriu os formosos olhos com terror.

— Ah! como padeço! murmurou com voz entrecortada, como si lhe faltasse o ar.

Rodolpho carregou-a rapidamente, para não deixá-la ver Max.

— Para onde me levas? perguntou entregando-se a Rodolpho.

— Angela! amo-te! amo-te!

Tomára um frasco inglez de sobre a chaminé; fê-la respirar saes.

— E Max? perguntou ella de repente, como que despertando.

— Max? Foi-se embora.

Ella olhou em torno de si.

O sangue de Max manchara-lhe o vestido, — um vestido de garça branca, recamado de violetas, — exclamou como no dia em que fôra raptada:

-- Sangue no meu vestido!

LXIII

O SEGUNDO RAPTO

O café obra como antidoto. Cleopatra cahira inanimada, quasi fria, tanto sob a acção dos espasmos nervosos como do *vinho que adormece* da perola negra; mas, postoque ella luctasse com valor, Rodolpho conheceu para logo, pelas contracções dos labios, pela sua pallidez mortal, pelos olhos alternativamente brilhantes e apagados, que o veneno corroia-a. Tocou a campainha.

— Vou morrer disse-lhe ella.

— Pois bem, morreremos ambos; mas não quero que morras aqui.

— Nem eu! nem eu! não quero morrer aqui!

— Levo-te para minha casa! Meu carro espera-me.

— Oh! leva-me! viva ou morta!

Postoque Cleopatra pesasse com todo o seu peso sobre Rodolpho, postoque a escada estivesse escura, Rodolpho carregava a amante com uma força nova; sentia que ella lhe pertencia totalmente, como outrora. ia talvez morrer; mas preferia-a morta em seus braços á vê-la viva nos braços de Max. E depois, quem sabe si ella não triumpharia do veneno? A esperança luzia-lhe no meio das angustias.

Não foi muito facil a Rodolpho conseguir que lhe abrisse a porta um porteiro tres vezes ebrio; foi ainda mais difficil accordar o cocheiro tres vezes ebrio e tres vezes adormecido. Conseguiu sentar Cleopatra no coupé e sentar-se juncto della sem deixar pender-lhe a cabeça.

O cocheiro, para provar-lhe que não estava ebrio nem dormindo, disse-lhe:

— O senhor esqueceu o chapéu.

Os cavallos, impacientes havia algumas horas, chegaram á rua de Varennes em menos de dez minutos.

Bonita carreira, si Angela pudesse sobreviver a Cleopatra!

LXIV

A AURORA COM SEUS DEDOS ROSEOS

Não sei si já vistes algum festim nocturno aos primeiros albores da aurora,—a aurora, virgem matutina, que faz corar o jogador e o libertino, quando os sorprehende em meio da sua pallidez.

A Dama de Ouros entrava em casa ás tres horas da madrugada, alquebrada pelas emoções, pelos terrores e pelas ebriedades da noite.

Deitava-se recommendando á creada grave que a acordasse ás cinco horas. Recommendação superflua, pois semelhante, nisso, a todos que estão de viagem, despertára, sem rumor algum, á hora marcada. Porisso foi ella quem acordou a creada grave.

— Nunca vi a senhora madrugar tanto. A senhora vae fazer alguma peregrinação á Nossa Senhora das Victorias.

A Dama de Ouros contou não sei que historia á creada, emquanto tirava das commodas as joias, as rendas, os bordados, todos esses mil nadaes que constituem a vida, o luxo e a fortuna de uma mulher de vida airada.

Custou muito a encontrar um carro de aluguel. A Dama de Ouros impacientava-se á espera de Max.

— O que terá succedido? perguntou a si mesma; terá o pae atrapalhado tudo ou estará elle bebado? A coitada da Cleopatra deve ter passado máus momentos.

Conhecia Max, sabia que o dominava a sua posição, imaginou que depois de haver passado por alguma violenta scena paterna, ficára sem duvida em casa de Cleopatra, não querendo deixá-la para empreehender

uma longa viagem sem despedir-se della durante toda a noite.

— Está bom, disse, já que elle não vem buscar-me, irei eu procurá lo. Prometteu-me o passaporte e dinheiro. Si não me der nem passaporte nem dinheiro, vá ao menos commigo. E' um homem de recursos, que ha de ter um dia uma bonita fortuna; a gente pód^e embarcar-se com elle.

O carro que devia levá-la á estação do caminho de ferro, fôra afinal encontrado. Vestira uma roupa de viagem, mettêra o chale por baixo da capa, só deixava atraz de si cousas sem valor e os moveis penhorados.

Quando chegou á rua do Circo, o porteiro, apenas vestido, lia já o *Monitor*. Depois que os porteiros lêem-nos os jornaes, occupam-se menos com os nossos negocios. E' sempre assim. Este nada sabia de quanto se passára em casa de Cleopatra.

— Já estão acordados lá emcima? perguntou a Dama de Ouros.

— Acordados! Então a senhora não esteve hontem cá? Deitaram-se muito tarde.

— O senhor Max ficou?

— Ficou, pois o cocheiro delle esperou-o até quatro horas e afinal foi-se embora sem elle.

Chegando defronte da porta da antecamara, a Dama de Ouros ia tocar a campainha; mas notou que a porta estava aberta.

Foi direito á camara de dormir.

— Bons dias, meus namorados! disse antes de olhar para a cama.

Imaginem qual não foi a sua surpresa quando abriu o cortinado. A sua primeira idéa foi que Max, em lugar de fugir com ella, fugira com Cleopatra.

— Hei de vingar-me! disse.

Chamou pela creada grave. Mas Leontina, que se deitára, como os mais, mas ebria, dormia profunda-

mente. Impaciente, a Dama de Ouros ergueu o reposteiro que separava a camara de dormir do gabinete de vestir.

Sabe-se já o espectaculo que se lhe offereceu aos olhos: Max, banhado em sangue, cahido no tapete.

Como não lhe tinham fechado os olhos, parecia viver ainda, mas da vida ignota do outro mundo.

A cabeça, apoiada na pistola, não exprimia a formosa serenidade que brilha no semblante dos mortos.

O sangue, que lhe espadanára do peito, tingira larga porção do tapete da Persia de fundo branco com flôres de ouro.

A Dama de Ouros soltou um grito e quasi cahiu de costas; mas o medo de que a sorprendessem sósinha deante do cadaver deu-lhe forças para fugir.

Ao vê-la assim ao crepusculo da manhã, precipitando-se para a escada, com a cabeça voltada para traz, tomá-la hiam pela horrivel respondencia do quadro de Prudhon: *O crime perseguido pela Vingança Divina.*

LXV

UMA CAUSA QUE NÃO SERÁ CELEBRE

A morte de Max foi um acontecimento notavel.

Só os iniciados conhecem mais ou menos todas as scenas do drama, — o jogo, — o roubo, — o estoicismo do pae, — o envenenamento de Cleopatra, — o duello a lansquenet.

O promotor publico começou uma inquirição; mas depois de ter ouvido o Sr. Auvray e Rodolpho, disse-lhes que não queria fazer mais uma causa celebre, visto que *justiça estava feita.*

A Dama de Ouros está a esta hora em S. Lazaro.

O Sr. Williamson, posto que nada perdesse dos seus

oitocentos mil francos, jurou nunca mais voltar a Pariz.

As taes senhoras continuam nas alamedas do Bosque a caçar Endymiões a pé e a cavallo. Mas a formosa Diana já lá não está !

M^{lle} Chantilly tornou-se mais do que nunca Taciturna : o seu repertorio está gasto como a canção do mez passado. Quem lhe ensinará um quinto dito ?

LXVI

O QUE SE PASSOU NA RUA DE VARENNES ?

Todos os medicos celebres foram chamados.

Rodolpho appresentou Cleopatra como uma de suas irmãs que se envenenára por descuido.

Ao cabo de oito dias, estava menos envenenada, porém mais doente.

Um medico homœopatha declarou que ella não morria do veneno, mas da medicina.

A enferma um domingo demanhã foi despertada pelo toque dos sinos.

— Os sinos de Sancta Clotilde! disse ella com meigo sorriso. Oh! que vontade tenho de ir á missa ?

Ergueu-se e tornou a cahir no travesseiro.

— Iremos domingo, disse Rodolpho.

— Domingo... estarei morta.

— Cala-te! prohibo-te que falles na morte! Sabes quando havemos de ir á missa? Ha de ser no dia em que te tornares Sra. de Marcillac.

Duas lagrymas brotaram nos olhos de Cleopatra.

— E' bonito o que me estás a dizer, mas é insensato.

— E' tudo quanto quizeres, mas os pregões já correram. Juro-te que não tenho perdido tempo e foi-me preciso ser eloquente nas minhas cartas a teu pae para obter o seu consentimento sem as intimações dos tabelliães e officiaes de justiça. Ainda não perdi a esperança de que o Sr. d'Hercigny venha assistir ao nosso casamento.

— Oh! meu pae! disse Cleopatra pondo as mãos.

Rodolpho divertiu-se a pintar a largos traços o quadro da sua vida futura. Deviam refugiar-se em algum antigo castello, só pedindo a felicidade á solidão, á leitura, aos passeios a sós, ás obras pias, só pedindo a felicidade a si proprios.

— Como tudo isto seria bonito si não fosse demasiado tarde! disse tristemente Cleopatra. Como isto seria bonito si se pudesse fechar o passado como um máu livro e atirá-lo ao fogo!

— O que importa o passado a quem tem ainda o futuro?

— Misero Rodolpho, disse Cleopatra a si mesma. Visto que vou morrer, deixemo-lo com o seu formoso sonho.

Cleopatra não havia uma só vez tornado a fallar á Rodolpho na rua do Circo. Na mesma noite em que ella fôra para a casa delle, o moço contára, por pedido della, que, suppondo-a morta, tinham tido esse singular duello que terminára pela morte voluntaria de Max.

Entretanto a doente não melhorava; cobrara alguma força, mas o estomago estava queimado pelo veneno: já não comia, mal podia tomar um pouco de leite gelado.

— Havia já dez dias que os pregões tinham corrido.

— Não te esqueças que é amanhã, disse-lhe Rodolpho; porisso tracta de melhorar.

Dissera-lhe que o maire do setimo districto consen-

tia, em attenção ao estado da doente, em casá-los ás onze horas da noite, e que da municipalidade iriam á capella de l'Abbaye-aux-Bois, onde o abbade Deguerry, amigo de Rodolpho, devia ir á meia noite dar-lhe a bençã nupcial.

A' noite Rodolpho sahiu, completamente entregue aos preparativos desta cerimonia que, por mais á capucha que fosse, exigia muita sollicitude.

Deixára Cleopatra muito reanimada, e fôra jantar com as suas testemunhas.

— Nobre Rodolpho ! pensava ella apoiando-se no travesseiro, como se desconheceu e como até eu desconheci-o ! Si eu lhe dêsse ouvidos, commetteria no entanto a horrivel loucura de desposar uma cortezã, o que torná-lo-hia para sempre infeliz. Mas emquanto elle vela por mim, eu velo por elle. — E entretanto, si meu pae tivesse vindo, quem sabe si eu não me resolveria ? Mas visto que meu pae não me perdôa, o mundo não me perdoaria.

Pedi a irmã de charidade que lhe servia de enfermeira com que escrever uma carta. Traçou estas palavras com mão tremula.

« Minha bella duqueza, já não suppunha tornar a vê-la, mas não quero morrer sem a senhora. Estou só toda a tarde em casa do Sr. de Marcillac. Venha ver-me immediatamente. »

A duqueza recebeu esta carta ao sentar-se á mesa para jantar. Apezar de ter dous convidados, pediu o chapéu, e foi a toda a pressa ter com Cleopatra.

Experimentaram ambas a mesma alegria ao tornarem a ver-se, como si houvera um tanto de amor nessa amisade.

Cleopatra possuia a arte de dizer muita cousa sem fallar muito ; por isso depressa contou á duqueza quanto se passára depois que estivera pela ultima vez na rua Saint-Dominique.

— E agora, chara amiga, vê porque não posso desposar Rodolpho. Espero da senhora uma ultima prova de amisade : mande-me Martha com um vestido, um chale e um chapéu. E amanhã vá ver o marquez á rua Saint-Dominique.

— E Rodolpho ? perguntou a duqueza.

— Demasiado o amo para vê-lo por mais tempo e para ter animo de resistir á sua loucura. Rodolpho está moço, tem um bonito nome, está quasisrico ; tem um destino inteiro e eu nem tenho o dia de amanhã. Si eu me sentisse bem cheia de vida, talvez não tivesse animo para o sacrificio ; mas para que se ha de elle comprometter por amor de uma misera creatura que vae morrer ?

— Mas si desposasse Rodolpho, ficaria em pouco tempo boa.

— E' verdade : nada ha para curar como a felicidade, mas não sou digna da felicidade e quero morrer.

LXVII

QUANDO SE PROCURA UMA MULHER

Quando Rodolpho voltou as dez horas, já não achou Cleopatra.

Interrogou a irmã de charidade ; ella contou-lhe que Cleopatra havia escripto uma carta, que tinha vindo uma senhora de alta sociedade, que uma creada italiana trouxera roupas para Cleopatra.

— Depois ? depois ? perguntou Rodolpho com agitação.

— Depois, não sei mais ; sahi, a pedido da enferma, para ir comprar perolas de ether. Quando tornei a

subir, ella tinha sahido. Parece-me agora que a vi passar em um carro de aluguel com a italiana.

— Onde a viu passar ?

— Subia a rua do Bac.

— Terá voltado para a rua do Circo ? perguntou a si mesmo Rodolpho.

O presentimento de não a tornar mais a vêr despedaçou-lhe o coração e arrancou-lhe um grito.

Foi á toda pressa á rua do Circo.

— Onde vae o senhor ? gritou-lhe o porteiro.

E reconhecendo-o, disse-lhe :

— Já não ha M^{lle} Cleopatra. Dizem que embarcou no Havre no mesmo dia em que o Sr. Max suicidou-se. Veja : vae haver leilão ; aqui estão os cartazes.

Rodolpho retrocedeu sem proferir palavra. Quando chegou á rua do Bac, na altura da rua de Grenelle, lembrou-se de que a duqueza d'Armailly visitava algumas vezes Cleopatra ; era talvez a senhora da alta sociedade de que fallava a religiosa.

Entrou no palacio e fez-se annunciar.

Acabavam de trazer o chá. A duqueza comprehendeu ao que vinha o Sr. de Marcillac e disse-lhe com a maior calma :

— Fez bem em vir tomar chá commigo, Sr. de Marcillac. Ha quanto tempo não nos vemos ! Então está mal com Guy ?

— Não, minha senhora, ha um mez Guy tem estado quasi sempre fóra.

— Não importa, ha alguma cousa, e os inseparaveis estão separados.

Rodolpho suppoz que se havia enganado :

— Não é a duqueza, murmurou.

— Deram-se muitas cousas na rua do Circo, disse a duqueza. Eu conhecia essa formosa Cleopatra que desapareceu como uma sombra ; conhecia-a dos banhos de mar. Era uma verdadeira mulher ! *Honni*

soit qui mal y pense, mas eu achava-lhe mais virtudes sérias que em muitas mulheres da nossa sociedade. Havia muito que via-a ainda aqui e acolá, no theatro, no Bosque, no concerto dos Campos Elyseos; era um prazer para os meus olhos, tão bella a achava e tão boa era.

— Sim, minha senhora, tem rasão. Imagine si devo ter a mesma opinião, eu que devo desposá-la amanhã.

Rodolpho ardia de impaciencia.

— E' verdade, disse, lembro-me de que esqueci...

Não acabou a phrase e desapareceu.

Suppunha encontrar Cleopatra em casa; encontrou apenas a irmã de charidade que orava. Orou tambem.

Eu narraria mal todas as suas angustias. Tornou a sahir; foi segunda vez á rua do Circo; e na volta quando passou defronte do palacio da duqueza, tocou a campainha e interrogou o suiso.

— Olha, disse, dando-lhe dous luizes, dize-me uma cousa muito simples: a duqueza sahiu alli pelas sete horas?

— Não, senhor, disse o suiso suppondo dizer a verdade: a Sra. duqueza tinha gente em casa para jantar e não sahiu.

Comeffeito a Sra. d'Armailly, para chegar mais depressa á casa de Cleopatra, passára pela portasinha do jardim.

Rodolpho voltou para casa mais desesperado que nunca.

E esse desespero por haver perdido Cleopatra enterrou-se-lhe cada dia mais no coração. Foi em vão que procurou e interrogou Pariz inteiro, desde o filho do Auvergne da esquina, até a perfeitura de policia.

Interrogou os amigos de Max; chegou a interrogar-lhe o tumulto, para ver si a mão de Cleopatra não teria andado por alli: parecia-lhe que era capaz de

reconhecê-la em algum ramalhete que tivesse flôres de que ella gostava.

Postoque a tivesse deixado doente, suppunha reconhecê-la a todo o momento nas ruas de Pariz. Escrevia todos os dias para Troyes, mas todos os dias respondiam-lhe que a filha do Sr. d'Hercigny não tornára a apparecer.

Aquelles que têm procurado uma amante que não queria que a tornassem a encontrar são só os que podem conhecer as dôres dessa alma afflicta.

LXVIII

AS EXEQUIAS DA MARQUEZA CAVONI MORTA COM CHEIRO DE SANCTIDADE

Rodolpho achou um dia em cima da sua meza uma carta tarjada de preto. Abriu-a e leu-a febricitante.

« O senhor é convidado a assistir ás ceremonias do sahimento, encommendação e enterro da marqueza Vittoria Cavoni, morta no seu palacio á ruu Saint-Dominique a 15 de Novembro de 1863, na edude de vinte quatro annos, com todos os sacramentos da sancta madre egreja,

« Que far-se-hão quarta-feira, 17 do corrente, ás 11 horas da manhã, na egreja de Sancta Clotilde, parochia da finada.

« O prestito sahirá da casa mortuaria. »

Rodolpho ficou muito sorprendido com esta morte repentina.

Appresentou-se em casa da duqueza, que não o recebeu.

Foi ao officio funebre da marqueza.

Encontrou na egreja Guy de Chavailles, que voltára expressamente para isso do seu castello onde estava caçando.

— Meu infortunio é igual ao teu, pois eu adorava esta mulher, disse lhe o duque.

Rodolpho apertou-lhe a mão.

— Não tornaste a encontrar Cleopatra? continuou Guy. Quem diria ha alguns mezes que a vida de nossos corações acabaria tão depressa? Mas, afinal, tu não és tão desventurado como eu; Cleopatra não morreu.

— Quem sabe? disse Rodolpho com tristeza.

Nesse momento Guy complimentou a duqueza, que contemplava Rodolpho com sentimento de compaixão.

A Sra. d'Armailly bem conhecia que o mais ferido dos dous era Rodolpho.

O Sr. de Marcillac estava tão distraído, que nada via em derredor de si. Foi, por assim dizer, acordado para o mundo exterior pela conversação das pessoas visinhas que admiravam a pompa das exequias.

— Tambem, dizia uma dellas, não ha como as senhoras do arrabalde Saint-Germain para enterrarem-se com semelhante solemnidade.

— Quer saber? disse outra, a marqueza Vittoria Cavoni morreu em cheiro de sanctidade. O cura de Sancta Clotilde disse-me que nunca mais esqueceria tudo quanto ella lhe disse de bonito na hora derradeira.

— De que morreu?

— Porventura sabe-se alguma vez de que morrem as mulheres.

— Pois eu sei perfeitamente, disse um La Rochefoucauld: morrem do que as faz viver.

LXIX

O TUMULO ANONYMO

Atravessava eu o cemiterio do Père Lachaise, indo do tumulo de Alfredo de Musset ao tumulo de Balzac; vi passarem Alberto Henryet e Branca Auvray.

Haviam-se casado na vespera, mas estavam de lucto. O amor, diz o proverbio, põe sempre flôres funereas no seu ramalhete. Alberto e Branca não queriam ser felizes sem chorarem.

Fui-lhes ao encontro.

— E' bonito o que estão fazendo, disse-lhes. Cumpre consolar os vivos, mas cumpre tambem chorar os finados.

— Malaventurado Max! murmurou Branca.

— Seu pae é que é digno de lastima, disse Alberto.

— Seja-lhe filho, disse-lhe eu, para não deixá-lo morrer de pezar.

E encaminhamo-nos todos tres para um tumulo isolado.

— E' aqui, disse Branca, que ahi fôra muitas vezes.

Vi uma grade de ferro emmoldurando dous metros de herva.

— Nem uma flor! disse a irmã de Max.

Ajoelhou-se e orou.

— E' um tumulo anonymo, disse eu a Alberto.

— E', respondeu-me. O Sr. Auvray não quiz que lhe puzessem nem um nome, nem uma flor. Só nascerá aqui o que Deus quizer.

Branca levantou-se apanhando um punhado deervas e levandø-as aos labias.

LXX

VITTORIA CAVONI, CLEOPATRA, ANGELA

Rodolpho ia seguir para Troyes, obstinando-se a crer, em certos momentos, que Cleopatra se escondia em casa do pae.

Um famulo, de libré rica, entregou-lhe um bilhete da duqueza, que lhe pedia que fosse vê-la.

Cinco minutos depois estava em casa della. Ficou admirado por vê-la de lucto pesado.

Apezar de ter nos labios o nome de Cleopatra, conteve-se e perguntou á duqueza por quem estava de lucto.

— Por uma tia avó, disse a Sra. d'Armilly depois de hesitar um momentto. Já que está aqui, entrará connigo no meu coupé, e iremos junctos ao cemiterio do Mont-Parnasse onde estou mandando levantar um tumulo.

A Rodolpho não accudiu a idéa de que ia ver o tumulo de Cleopatra. Fallamos continuamente nos nossos presentimentos: quantas vezes o imprevisto zomba delles!

Entraram uo carro.

Rodolpho não se atrevia a interrogar a duqueza, que pela sua parte não se atrevia a dizer-lhe palavra, tanto medo tinha de trahir-se antes de tempo.

Entretanto Rodolpho abalançou-se a dizer-lhe:

— Suppunha, minha senhora, que a sua sepultura de familia estava no castello d'Armailly.

— Está e não está. Os mortos devem enfastiar-se demasiado no castello. Gosto deste cemiterio Mont-Parnasse, em que o pôr do sol é tão formoso; tenho

aqui alguns amigos, e mostrar-lhe-hei daqui a pouco a terra em que quero dormir.

E depois de uma pausa :

— Esquecia-me, Sr. de Marcillac, de dizer-lhe a razão por que pedi-lhe que fosse á minha casa. Mas já que me acompanha na minha peregrinação, temos deante de nós uma hora para as minhas confidencias. O senhor conhecia a marquiza Cavoni ?

— Vi-a apenas duas ou tres vezes.

— Sabe que morreu ?

— Sei, minha senhora; não viu-me em Sancta Clotilde ?

— Ah ! sim, recordo me. Morreu como uma sancta. Deixou edificado o cura de Sancta Clotilde, dando aos pobres tudo quanto possuia.

— Porque morreria tão moça ?

— E' o seu segredo ; só Deus o sabe. Chamou-me, porém nada me disse.

— Si deu tudo aos pobres, isto reconcilia-me com ella.

— Tudo, tudo, tudo. Apenas deixára com que ser enterrada como os pobres ; eu é que me incumbi das suas exequias, eu é que incumbi-me do seu tumulo.

— Pois Guy não cumpriu esse pio dever ?

— Guy ? O senhor conhece-o bem ! Tres dias depois da morte da marquiza, tinha voltado á caça. Quiz seriamente desposá-la ; mas amanhã não tenho mais que fazer-lhe um aceno electrico, quererá desposar-me tambem seriamente.

— E porque recusou ella a mão de seu primo ?

— Porque amava a outrem.

— Quem ?

— Dir-lho-hei.

Os cavallos haviam parado á porta do cemiterio. Rodolpho e a duqueza caminharam lentamente, quasi silenciosos, por sob as arvores despidas.

— E' aqui! disse de repente a duqueza indicando com a mão um tumulo de marmore branco, onde nenhum nome estava escripto. E' aqui: ajoelhe-se, pois era uma verdadeira mulher.

— E' o tumulo de sua tia?

— Não, é o tumulo da marquezia Cavoni.

Rodolpho tirou o chapéu.

— Porque não lhe inscreveram o nome?

— Foi porque queria pedir-lhe um conselho.

A duqueza olhou para Rodolpho, que ficára de pé e parecia não comprehender.

— Querias, continuou a Sra. d'Armailly, perguntar-lhe qual destes dous nomes devia ser gravado aqui.

Tomou um lapis e escreveu:

A MARQUEZA VITTORIA CAVONI,

e adeante:

CLEOPATRA.

Subito clarão fez Rodolpho empallidecer e vacillar. Caiu ajoelhado abafando um soluço.

A marquezia ajoelhou-se tambem e orou.

— Agradeço-lhe, disse-lhe Rodolpho, tê-la amado, quer se chamasse Vittoria Cavoni, quer se chamasse Cleopatra. A senhora, a quem calumniaram, é uma alma nobre. Ella, a quem o meu amor deitou a perder, conservara-se digna da senhora.

Nesse momento uma moça vestida como filha do povo veio, triste e meditativa, depôr uma corôa de violetas de Parma emcima do marmore branco. Saudou discretamente a duqueza e ajoelhou-se distante.

— Quem é esta mulher? perguntou Rodolpho á duqueza.

— E' uma noiva que deve a sua felicidade áquella que morreu.

A Sra. d'Armailly narrou em poucas palavras a historia do dote da concertadeira de rendas.

— Fôra, continuou, levar rendas á marquezia Cavoni, que quiz vê-la. A moça reconheceu Cleopatra. Foi uma scena cruciante. Pediu para servir-lhe de enfermeira, e estava presente, commigo e o cura de Sancta Clotilde, quando a marquezia morreu.

Pausa.

— E o que lhe disse ella ao expirar? perguntou Rodolpho.

— Murmurou o seu nome apertando-me a mão. Mas silencio! eu havia jurado não dizer-lhe isto. E demais a mais, não foram as suas ultimas palavras.

— Quaes foram?

— As suas ultimas palavras foram estas: olhou para esta mocinha, que orava como hoje, e exclamou com effusão para Deus: QUANTO É BELLA A VIRTUDE!

Rodolpho tomou o lapis das mãos da duqueza.

— Eis, disse, o nome unico que se deve gravar neste tumulo:

ANGELA.

A duqueza apertou a mão de Rodolpho e disse-lhe com lagrymas nos olhos:

— Rodolpho, venha vêr-me muitas vezes para pranteá-la.

Vi hontem Rodolpho em casa da Sra. d'Armailly: consolá-lo-ha ella?

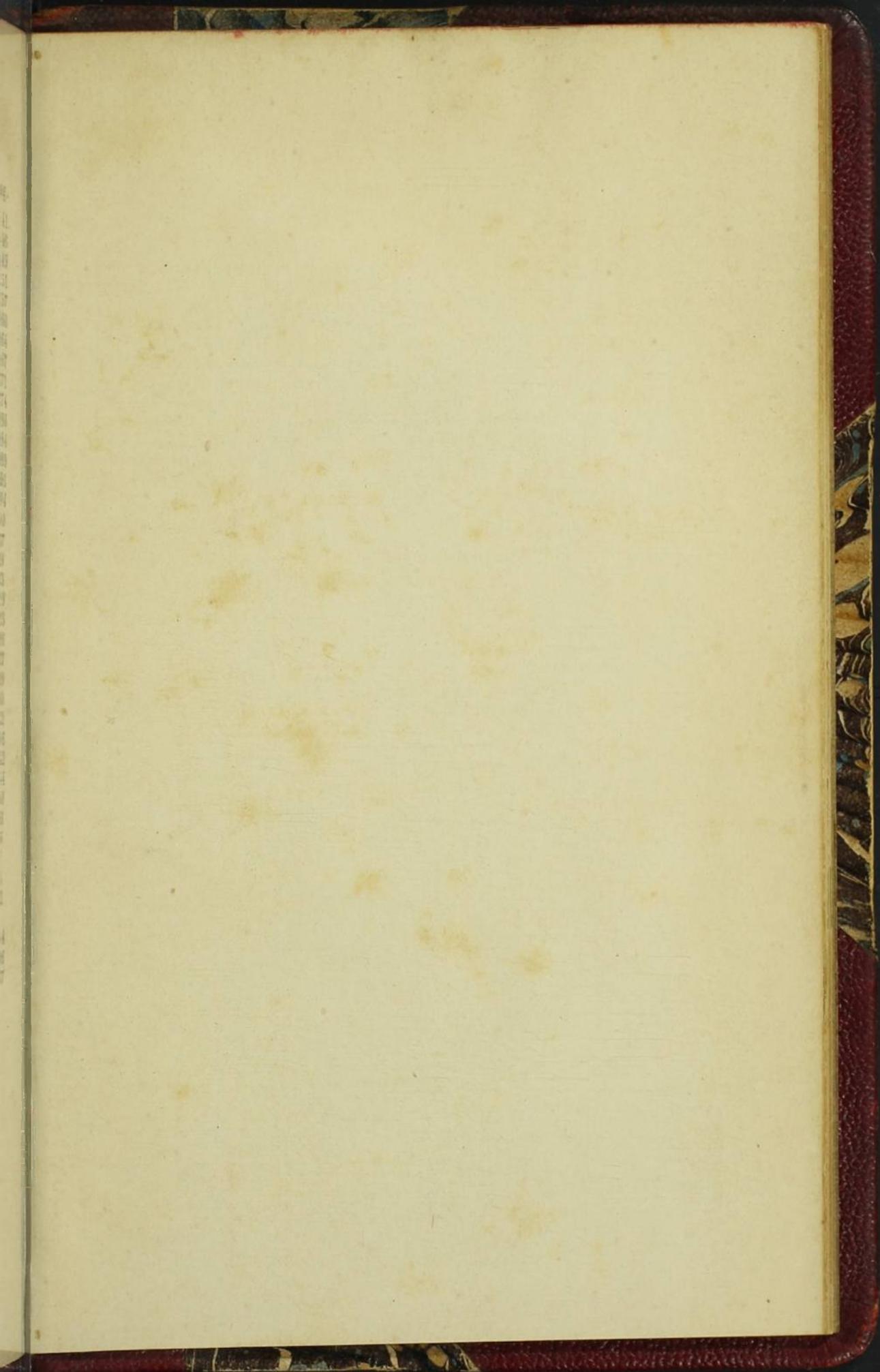
Em um romance que termina ha sempre um romance que começa.

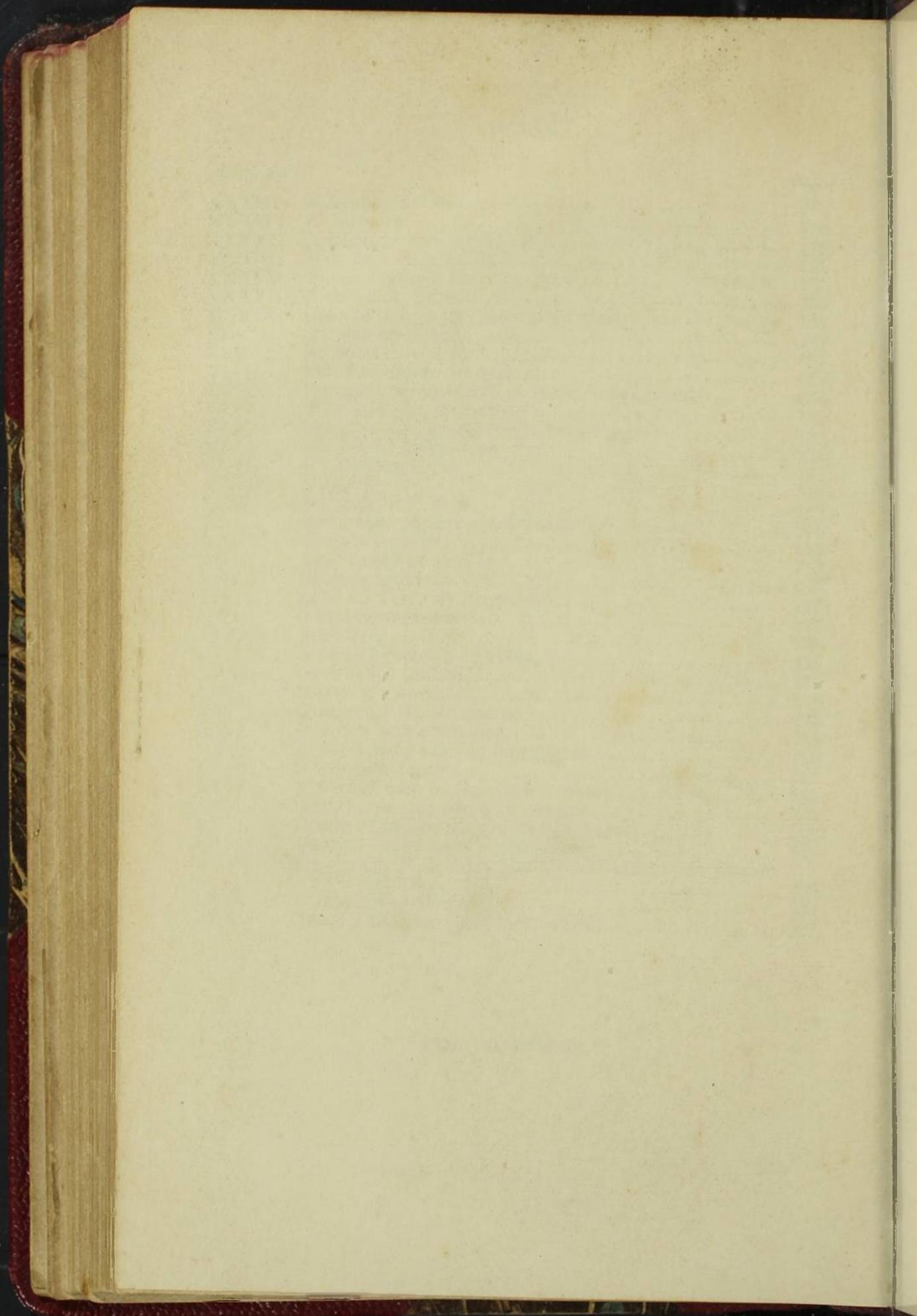
FIM.

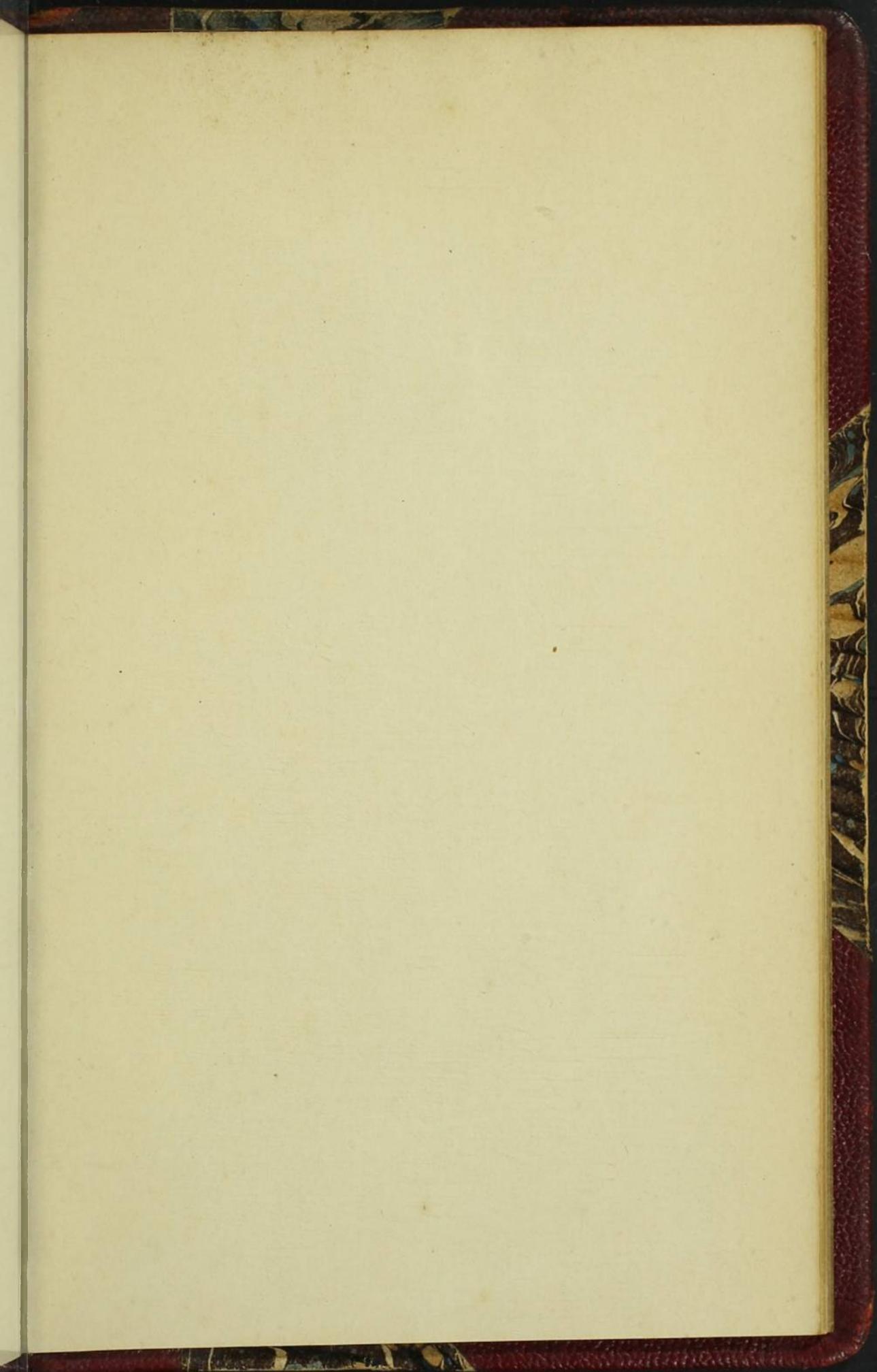
INDICE

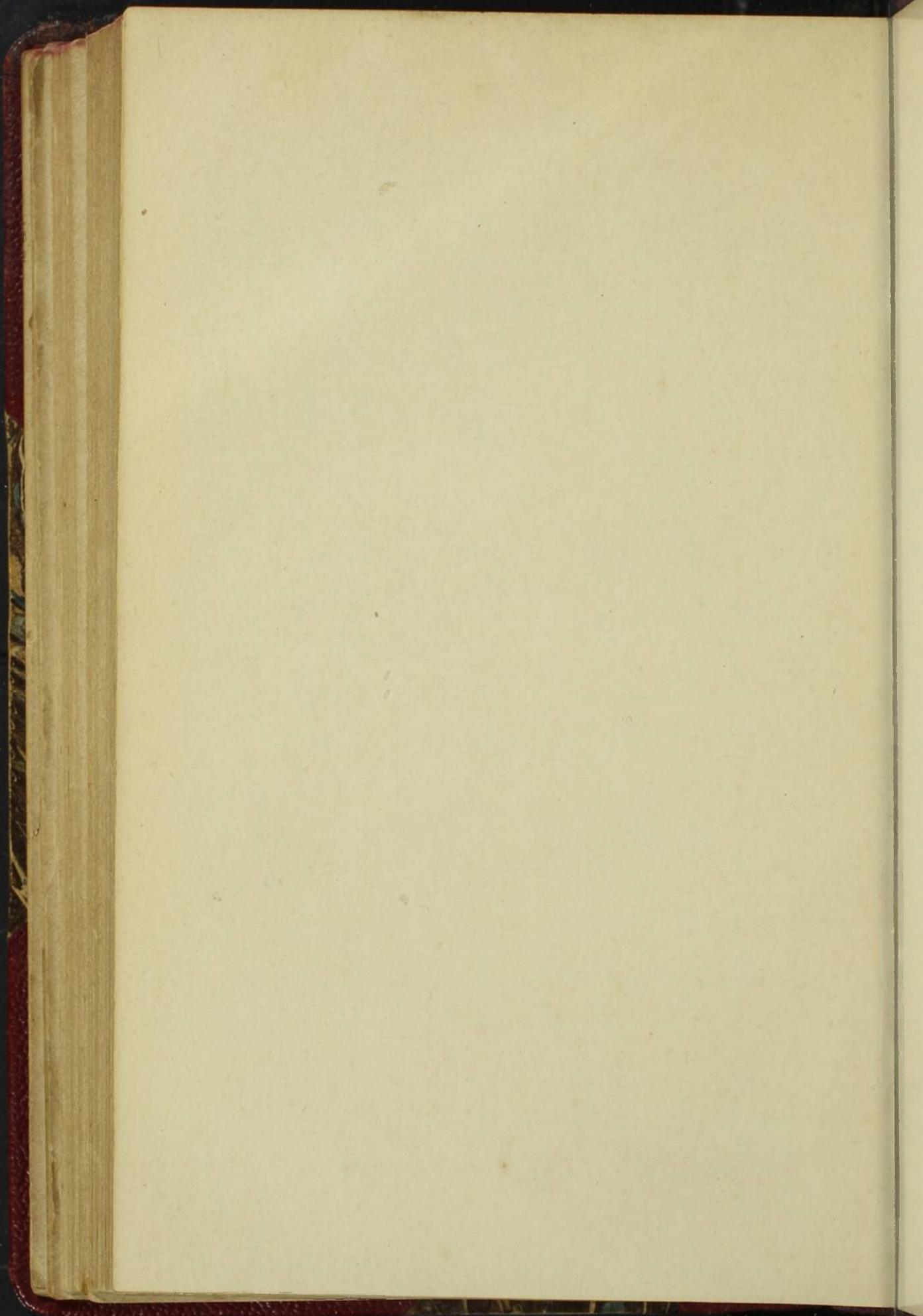
Capitulos	Pags.
I. Stradella e A-chuva-que-anda.....	9
II. Em que para conhecer a historia do Sr. Rodolpho de Marcillac era preciso conhecer a historia de M ^{lle} Cleopatra	14
III. Retrato de M ^{lle} Cleopatra.....	17
IV. O ultimo salão de Pariz.....	21
V. Como as raparigas tornam-se espirituosas.....	23
VI. Em que encontram-se um carro de aluguel e uma berlinda.....	27
VII. Um filho do seculo.....	33
VIII. O cofresinho.....	35
IX. A taboa de salvação.....	38
X. Olhar para o paraizo perdido.....	45
XI. Jogo de azar e de amor.....	47
XII. Como Cleopatra passava o dia quando ia ás suas terras.	51
XIII. Porque Cleopatra vivia duplamente.....	60
XIV. Almas penadas.....	63
XV. A duqueza d'Armailly.....	68
XVI. Cleopatra recusa dar a mão da marquezza Cavoni....	72
XVII. Porque M ^{lle} Cleopatra chamou pela creada grave ás sete horas da manhã do dia 2 de Julho de 1863....	74
XVIII. Em que nem todas as cortezãs são o que o povo frivolo suppõe.....	77
XIX. O jantar sobre a relva.....	80
XX. Em que apparecem de novo o Sr. conde Rodolpho de Marcillac e o Sr. duque de Chavailles.....	81
XXI. Confissão de M ^{lle} Cleopatra.....	86
XXII. O premio grande no Derby de Epsom.....	102
XXIII. Viagem de Bougival a Pariz.....	103
XXIV. Brincar com a virtude.....	107
XXV. A perola negra e o vinho que adormece.....	111
XXVI. Cleopatra no banho.....	114
XXVII. Imbroglío á italiana.....	116
XXVIII. Em que se vê que a marquezza Cavoni era menos cruel que Margarida de Borgonha.	121
XXIX. Distracções de M ^{lle} Cleopatra... ..	128
XXX. Na Opera.....	133
XXXI. O dote da concertadeira de rendas.....	136
XXXII. O jogo.....	140

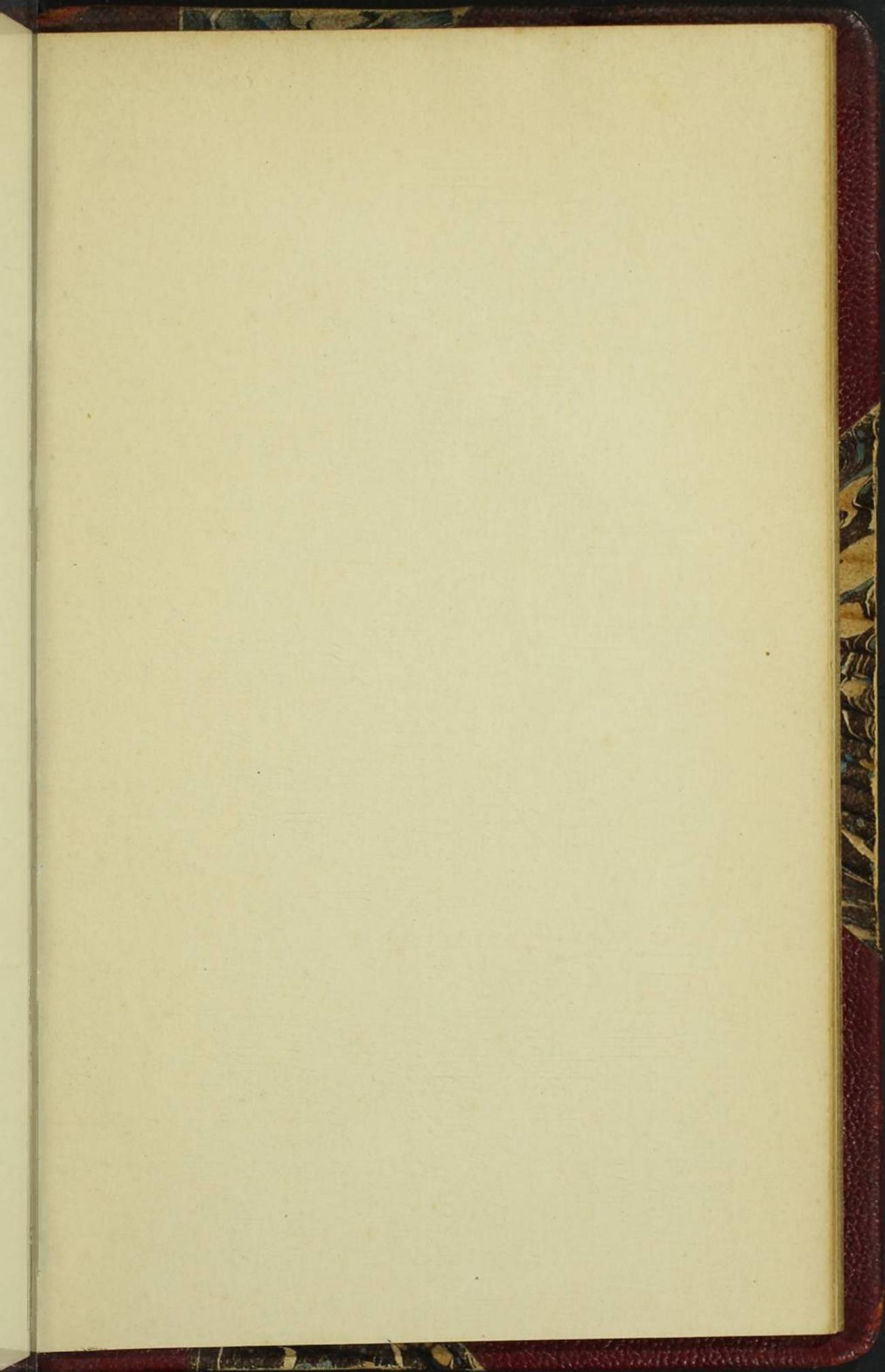
Capitulos	Pag.
XXXIII. A familia de Max.....	141
XXXIV. A miragem.....	146
XXXV. A matança das rosas.	149
XXXVI. Max dá a alma ao diabo.....	151
XXXVII. Nuvens sobre a lua.....	157
XXXVIII. A dama de Ouros.....	160
XXXIX. Quando deu-se um passo para o abysmo.....	164
XL. Château des Fleurs.....	167
XLI. As notas côr de rosa	171
XLII. Caim revocado ao paraíso.....	174
XLIII. Porque Branca amava as rosas da sua janella.....	180
XLIV. O homem que foi roubado.....	184
XLV. Em que Max precisaria de um advogado.....	189
XLVI. Emquanto dansavam.....	191
XLVII. O interrogatorio.....	194
XLVIII. A pistola.....	200
XLIX. O somno de Branca.....	207
L. Como Max pagára a sua divida.....	209
LI. A orgia romana.....	213
LII. As cobardias do crime.....	219
LIII. Os dous convivas.....	223
LIV. Echo da Terra da Promissão.....	226
LV. O brinco das rosas.....	227
LVI. Rodolpho	229
LVII. O decimo terceiro conviva.....	230
LVIII. Os cabellos brancos.....	232
LIX. O pae e a amante.....	236
LX. O segredo de Cleopatra.....	242
LXI. O vinho que adormece.....	244
LXII. A derradeira mão de lansquenet.	250
LXIII. O segundo rapto.....	253
LXIV. A aurora com os seus dedos roseos.....	255
LXV. Uma causa que não será celebre.....	257
LXVI. O que se passou na rua de Varennes.....	258
LXVII. Quando se procura uma mulher.....	261
KXVIII. As exequias da marquezia Cavoni morta com cheiro de sanctidade.....	264
LXIX. O tumulto anonymo.....	266
LXX. Vittoria Cavoni, Cleopatra, Angela.....	267

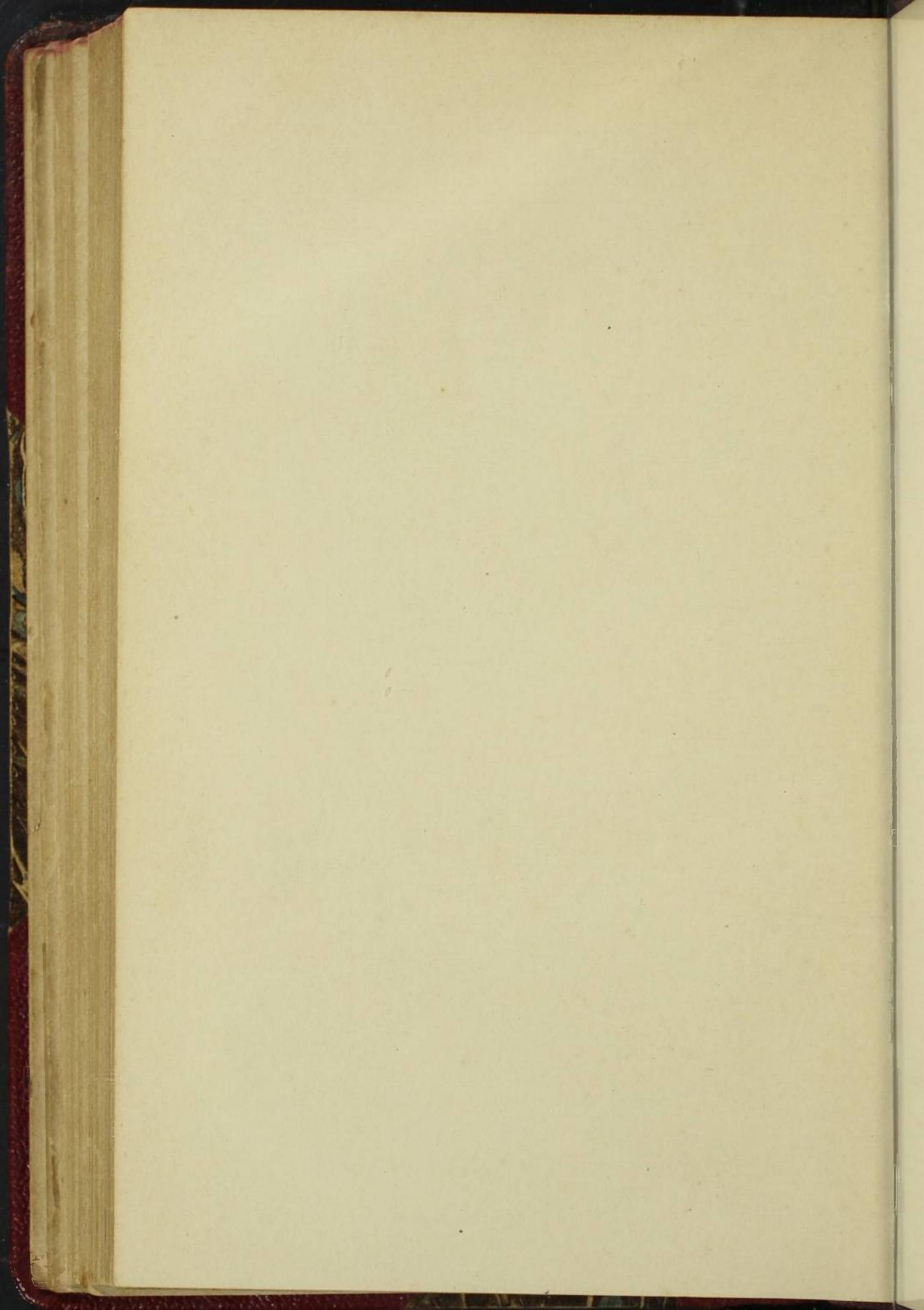


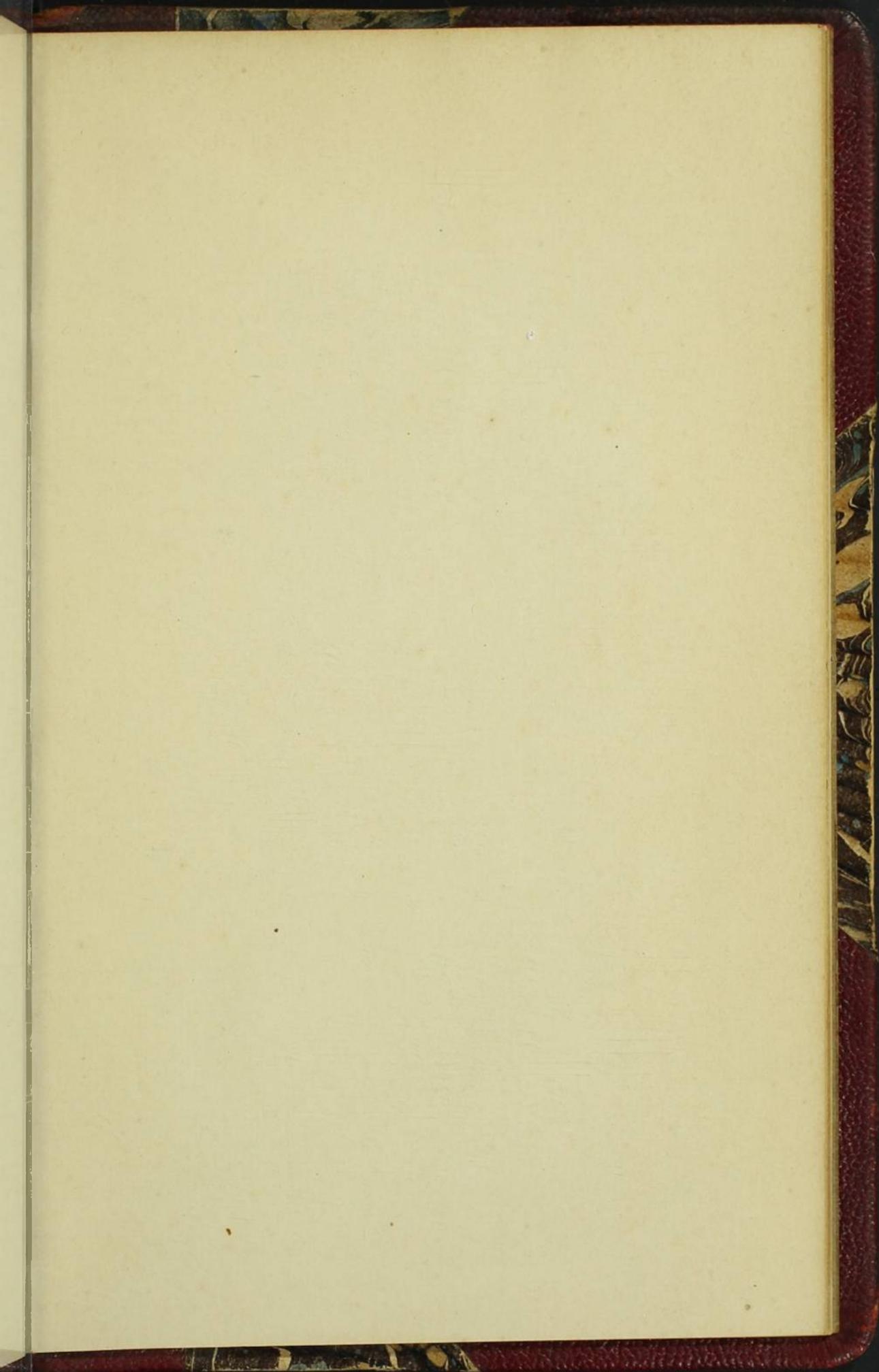


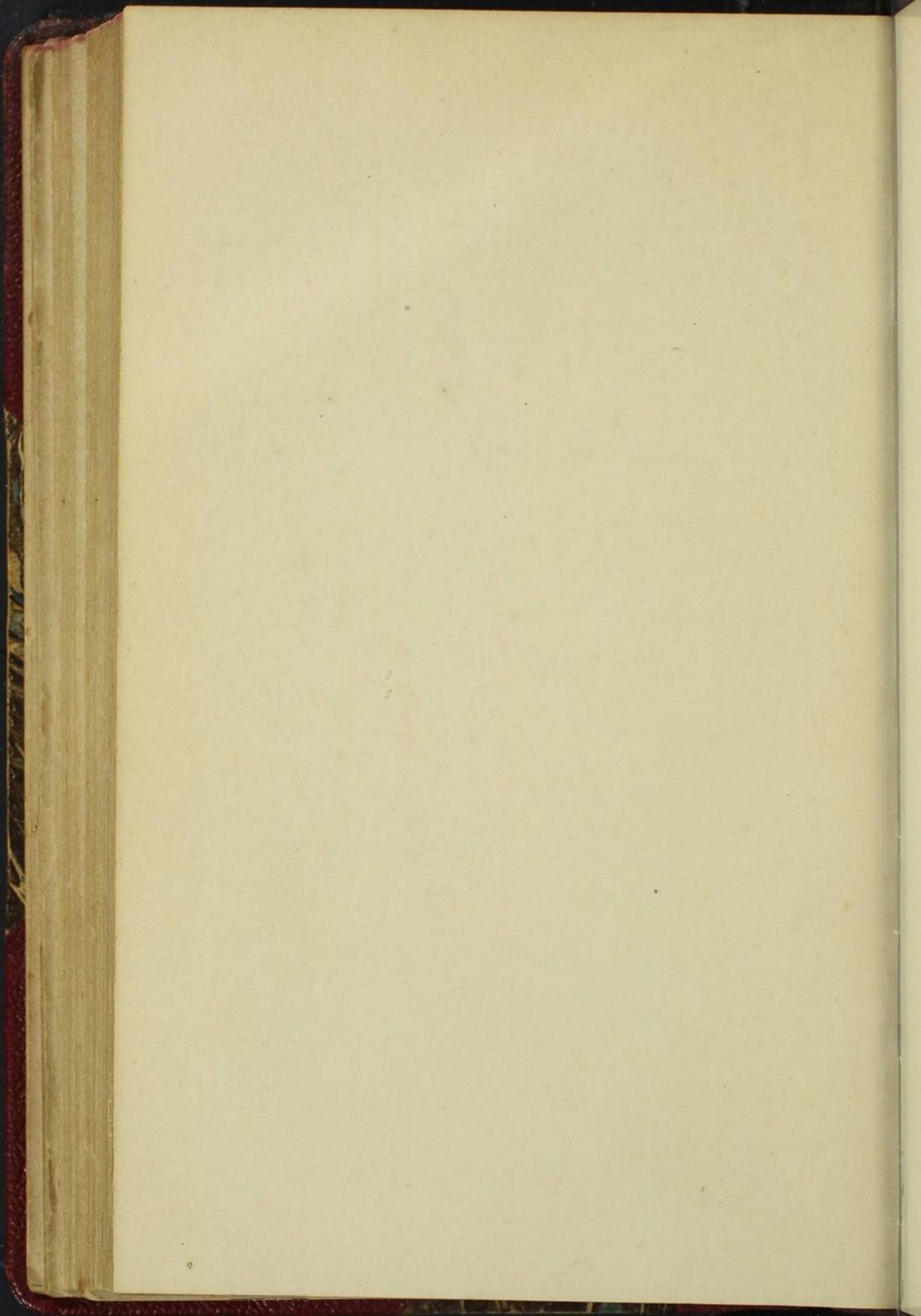


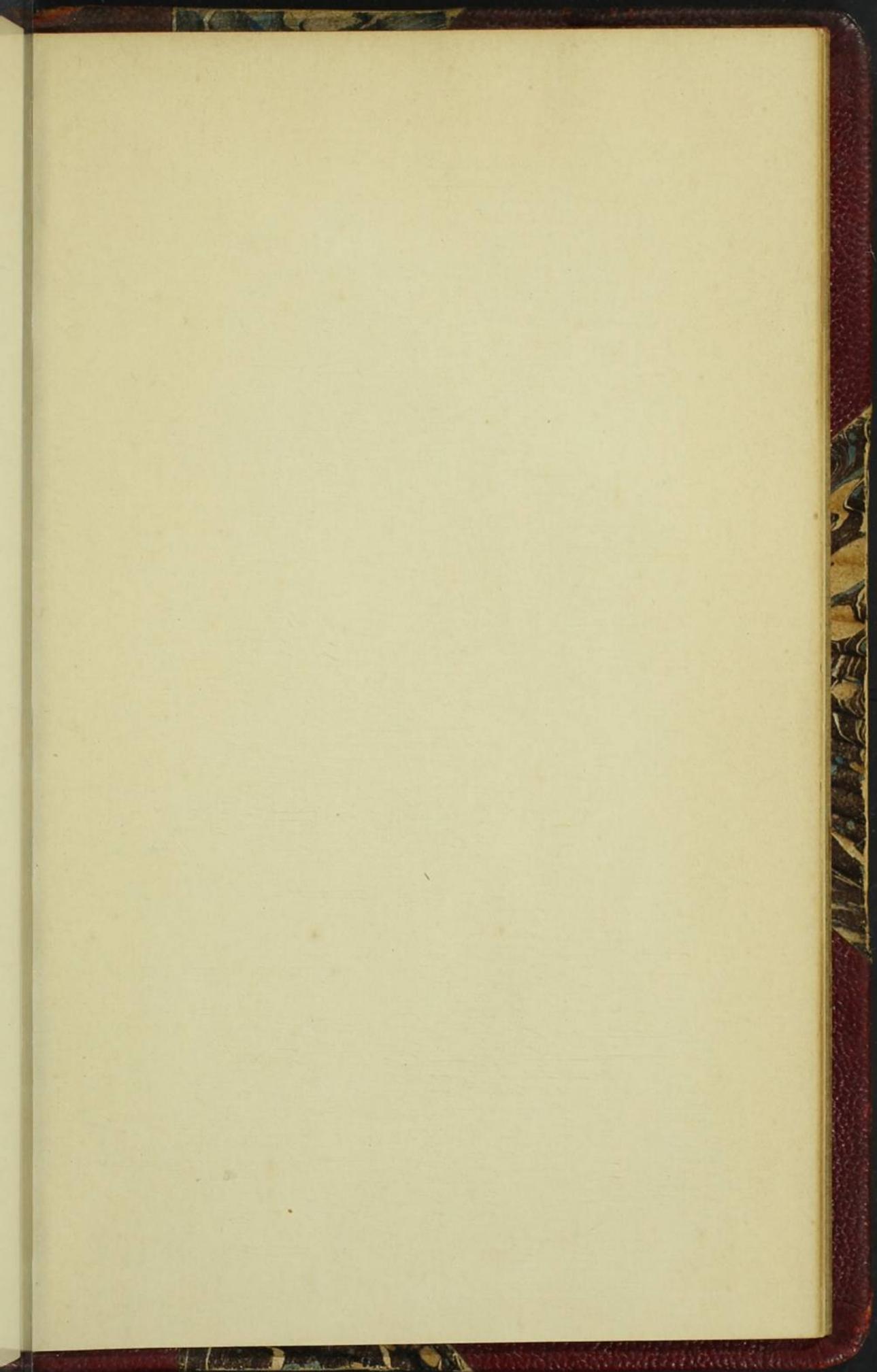


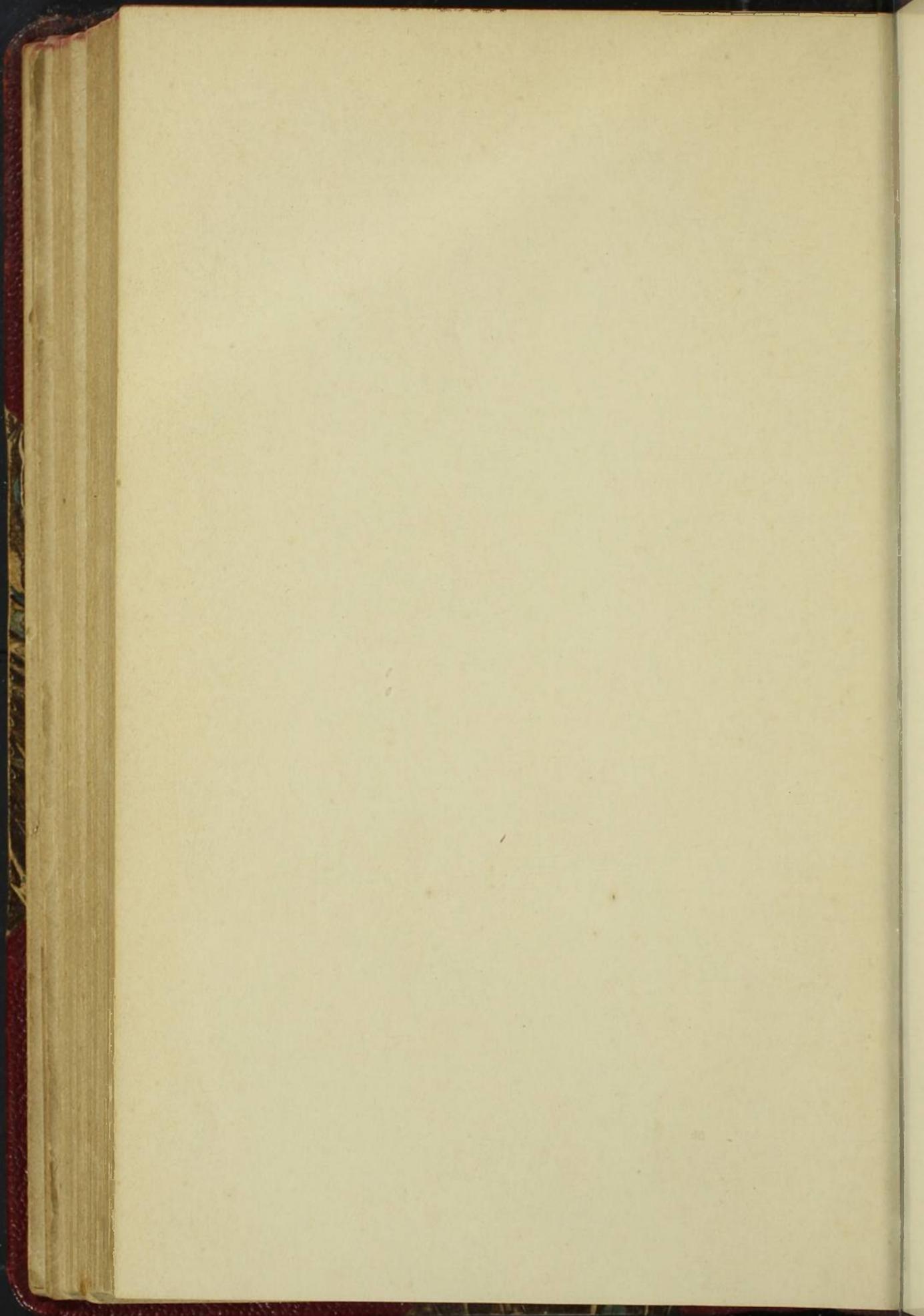


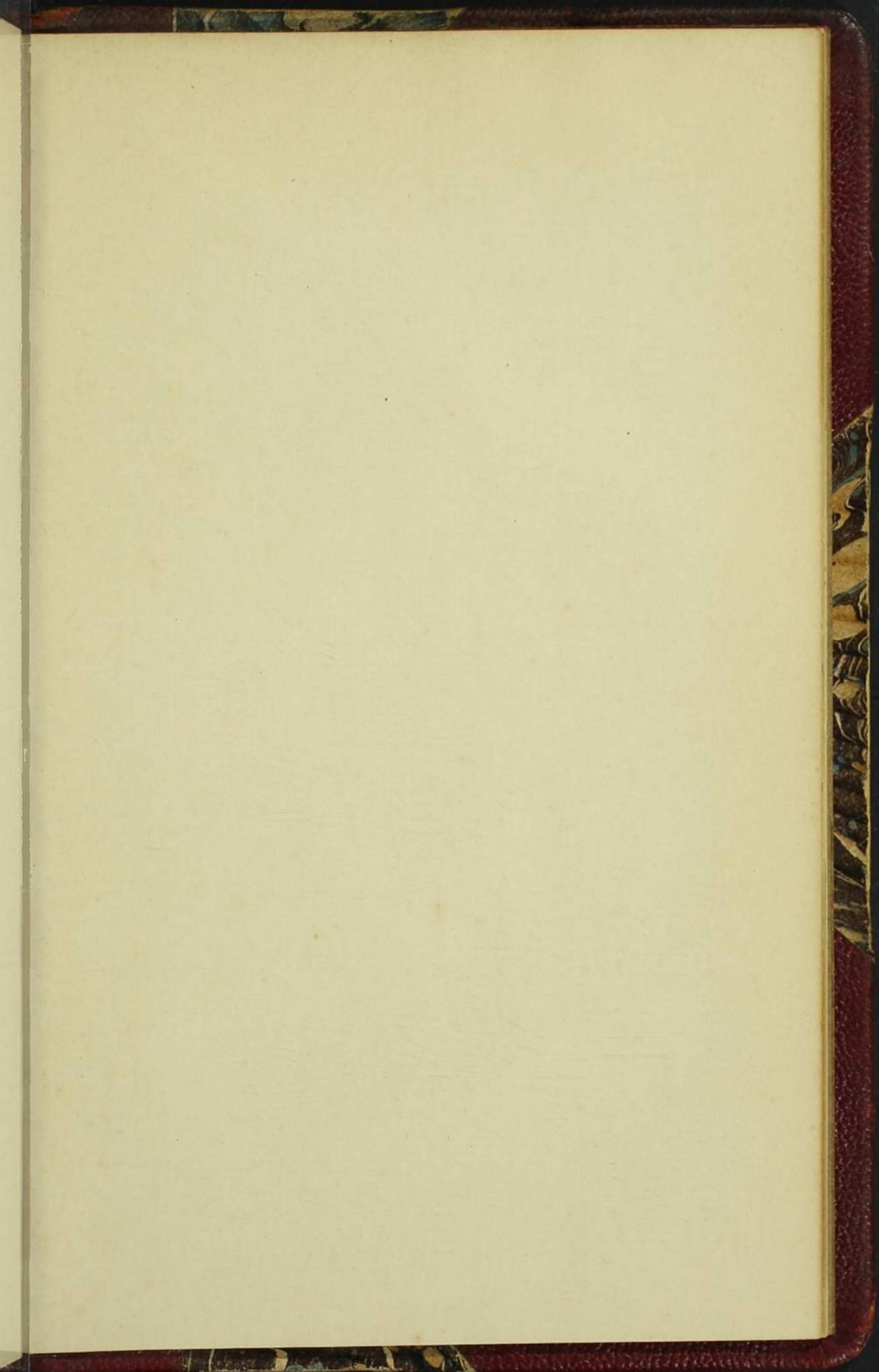


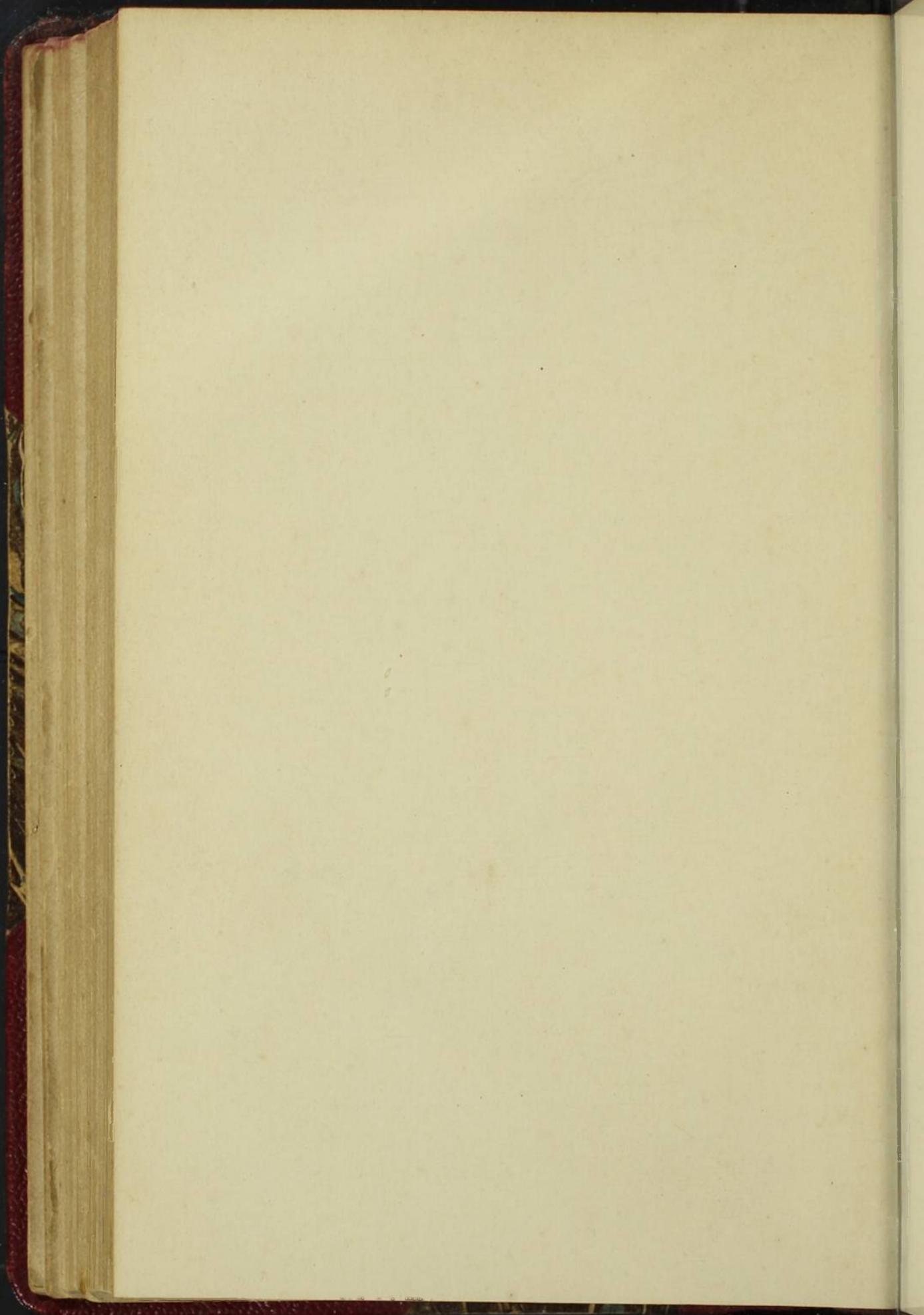


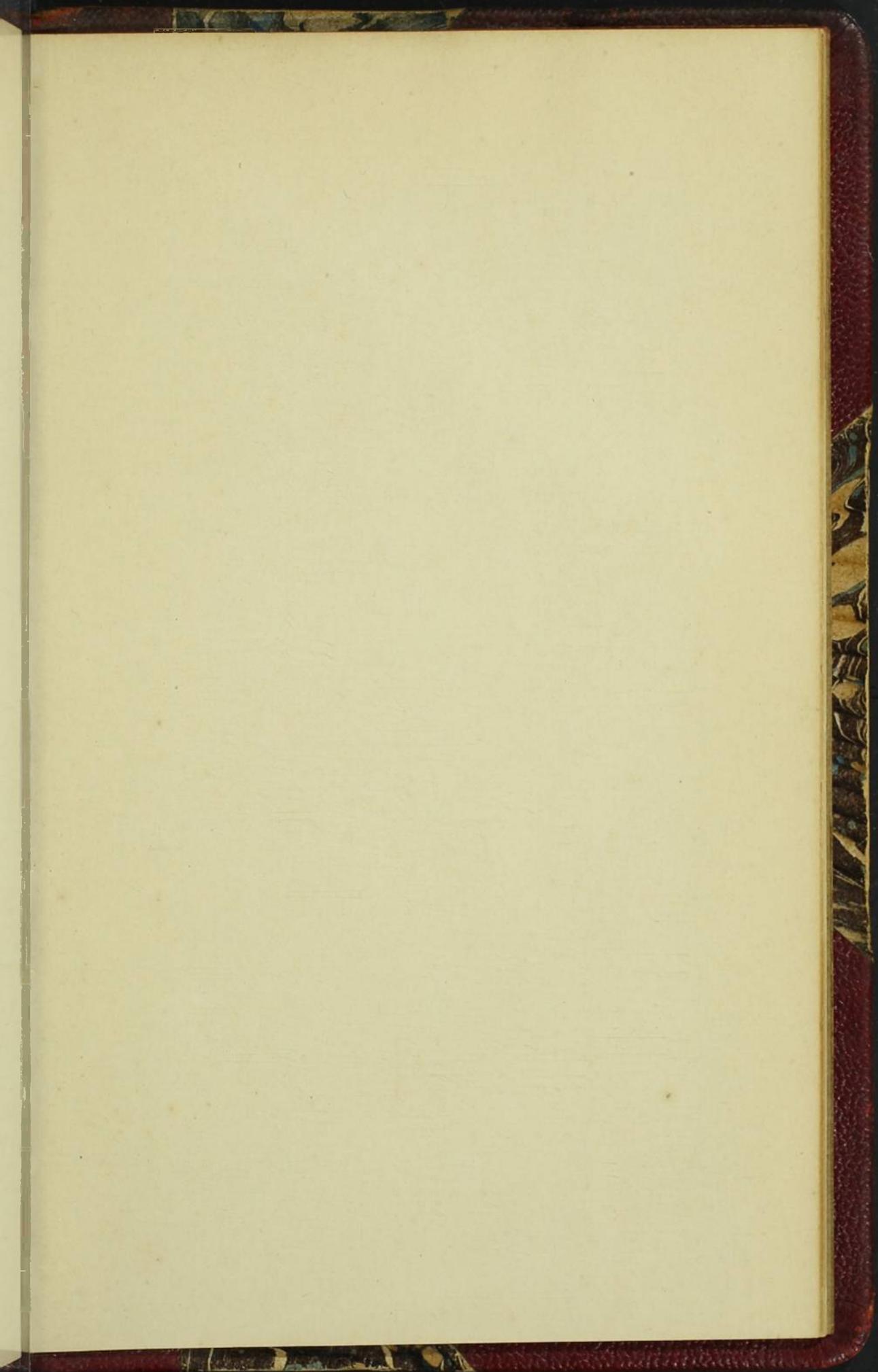


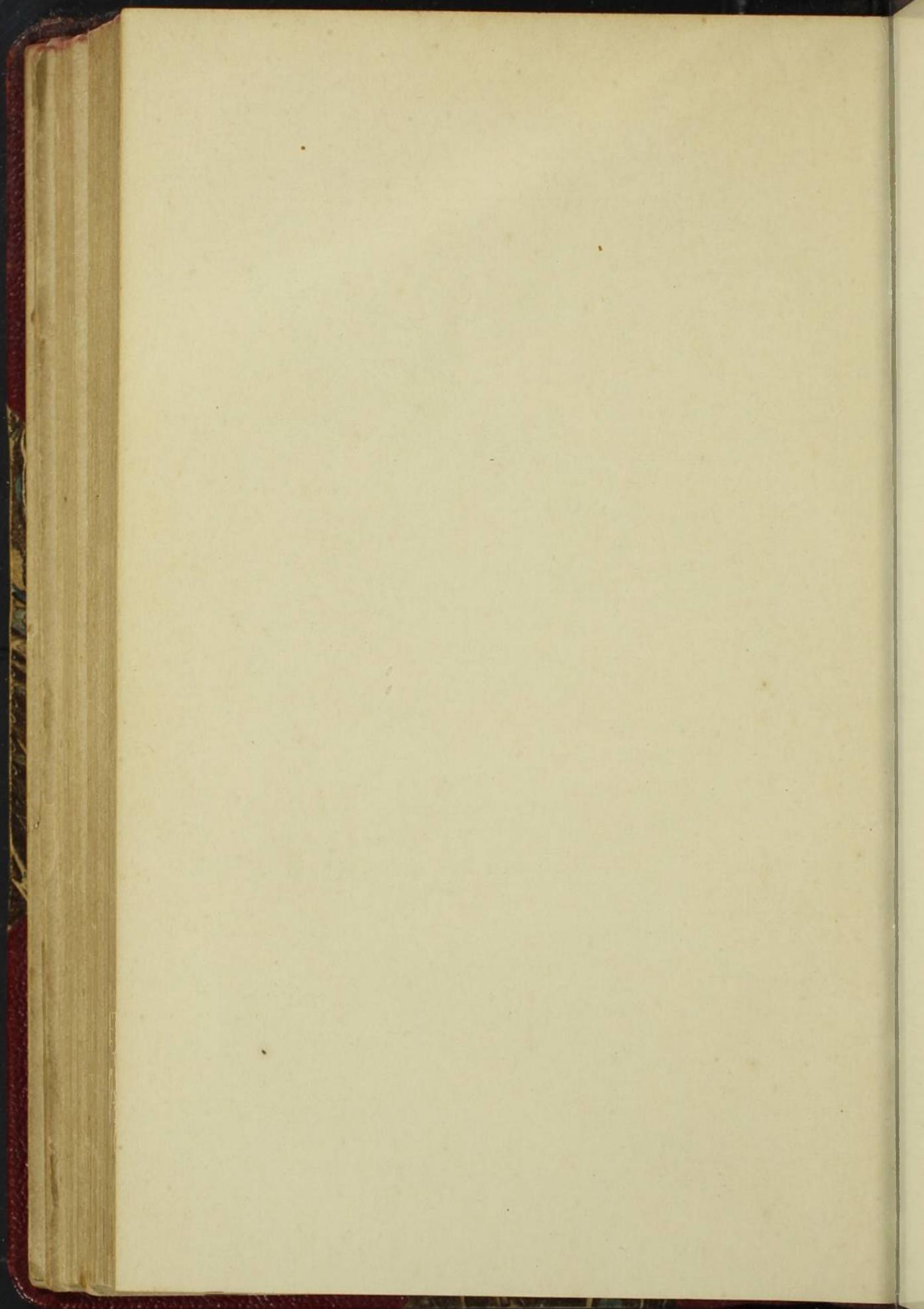


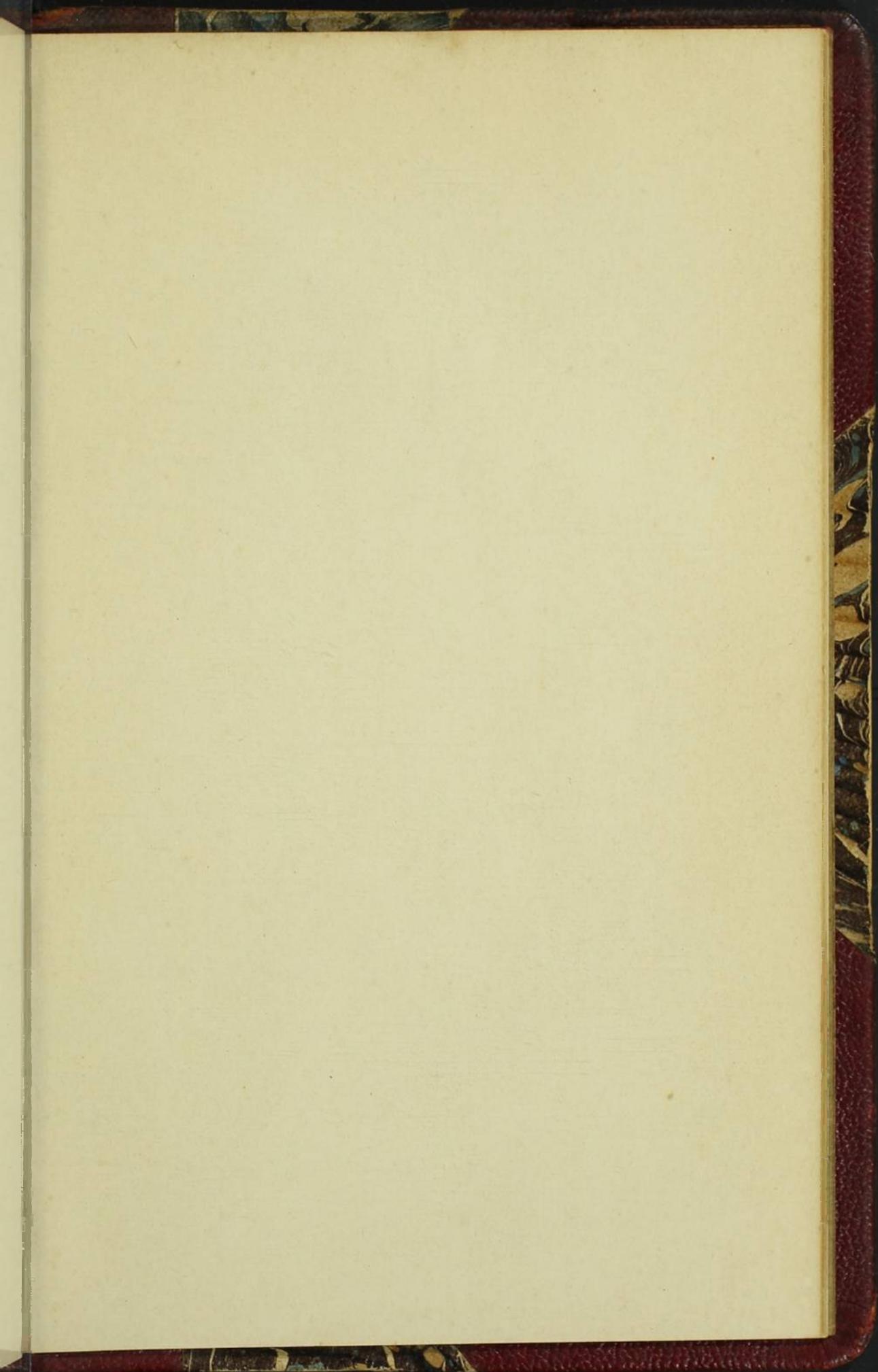


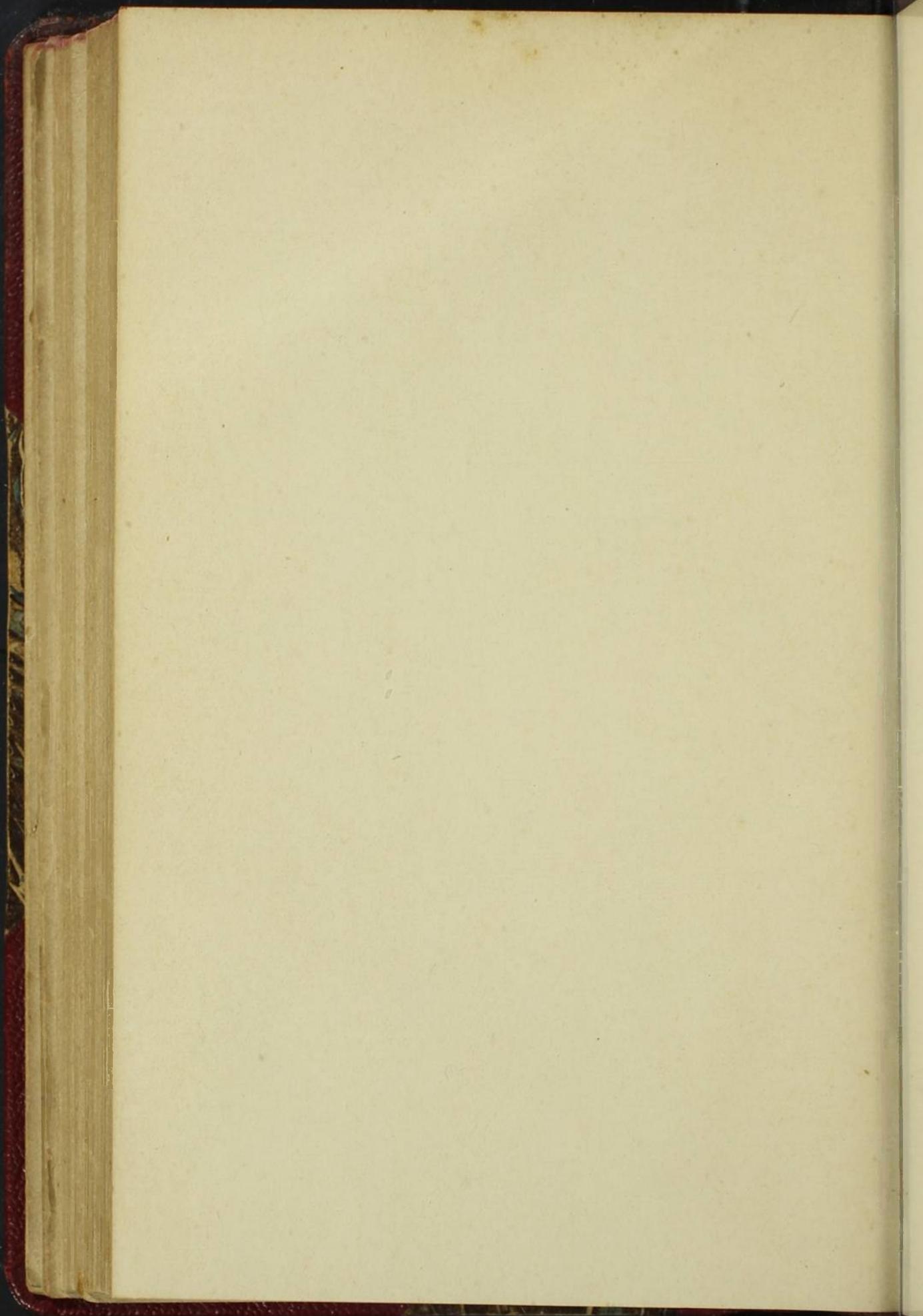


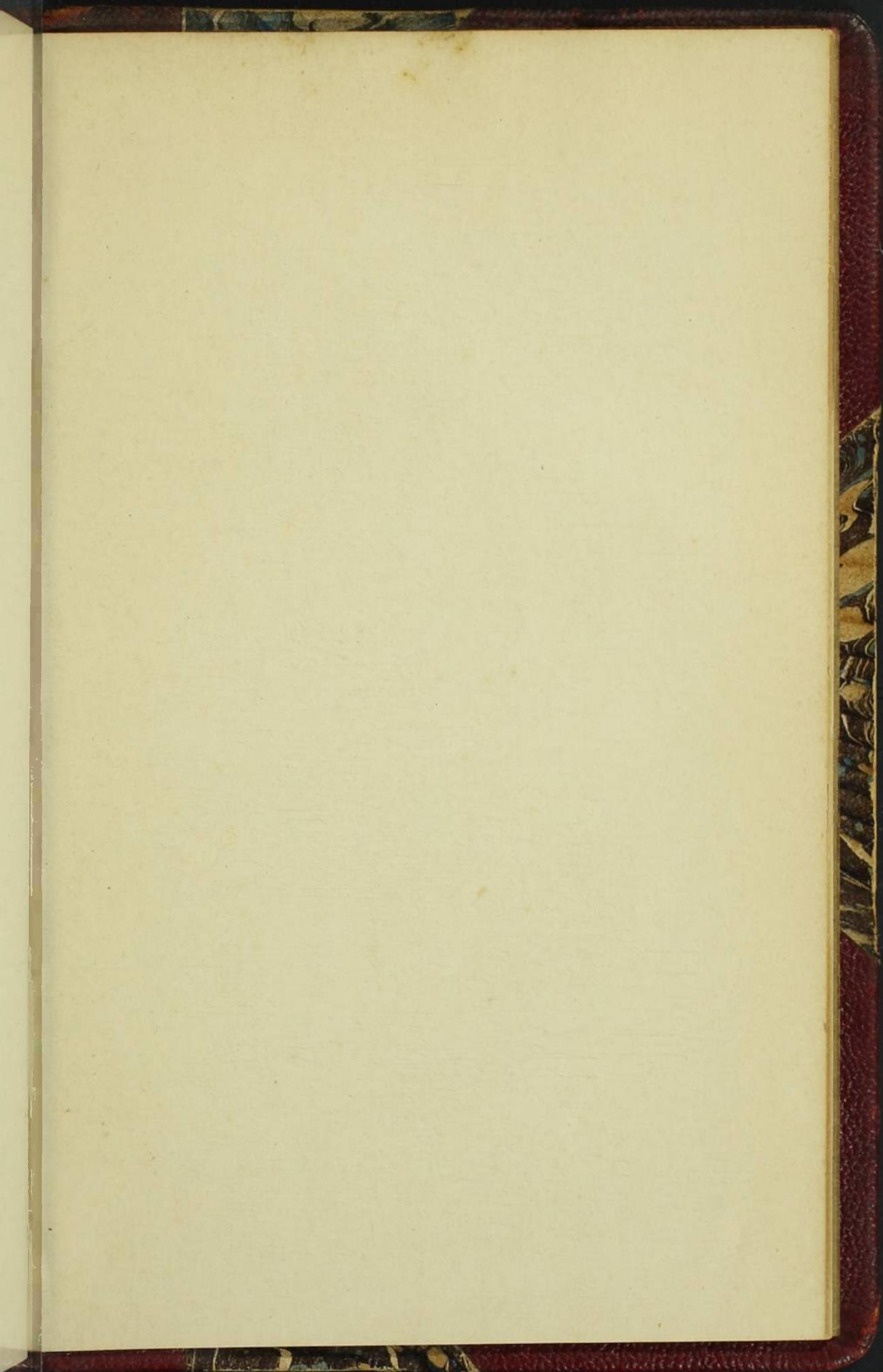


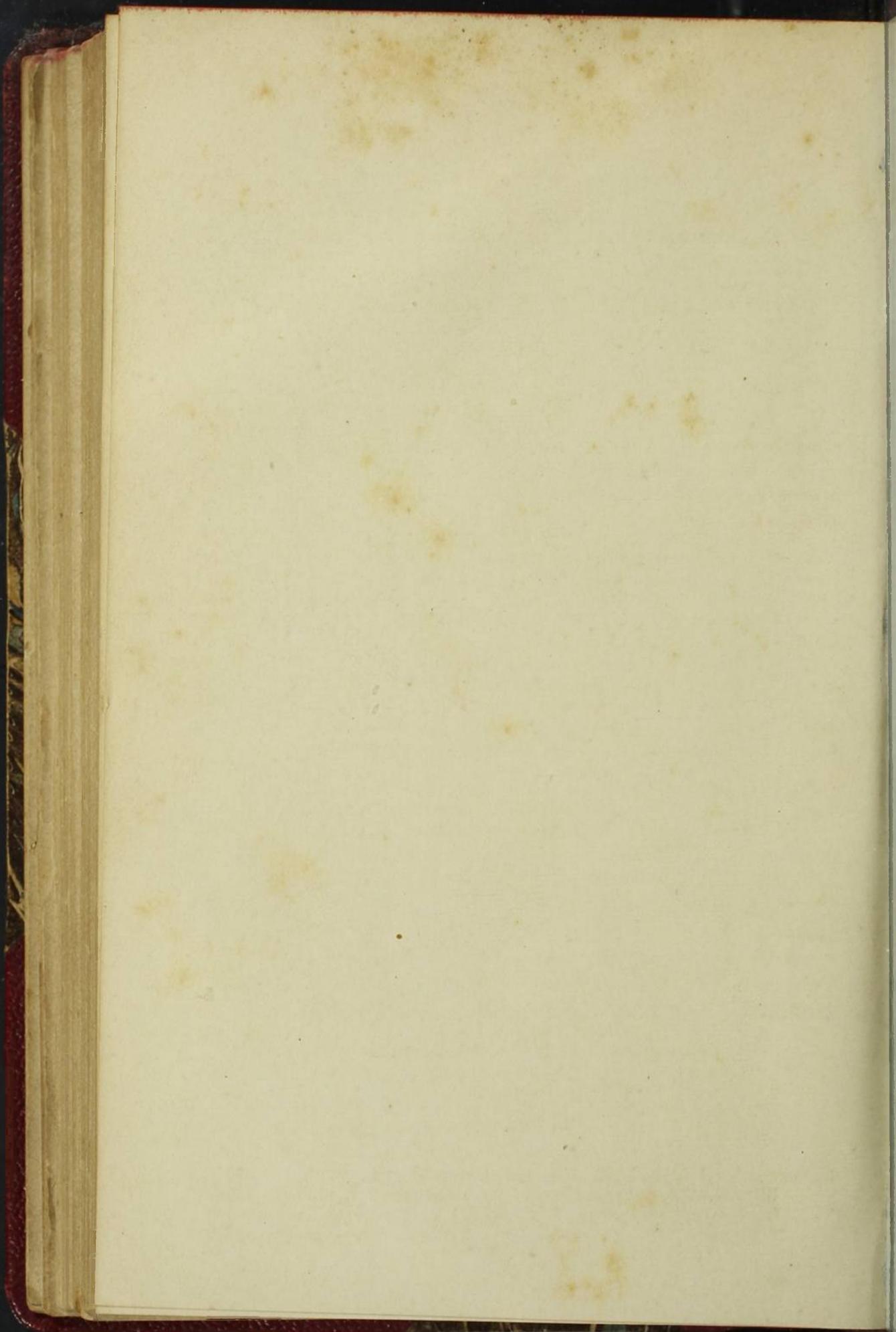












BIBLIOTHECA UNIVERSAL

COLLECCÃO EM 8° A 2\$000

O VOLUME BROCHADO

Gautier (Theophilo) Mademoiselle de Maupin, trad. de Salvador de Mendonça 1 v. enc.....	3\$000
Lucio de Mendonça. Alvorada 1 v. br. 2\$000 e enc.....	3\$000
Alencar (J. de) Ermitão da Gloria, A Alma do Lazaro. 1 v. enc.....	3\$000
— O Garatuja, chronicas dos tempos coloniaes. 1 v. enc..	3\$000
— Iracema, lenda do Ceará, 2ª edição. 1 v. enc.....	3\$000
— Viuvinha e os cinco Minutos, 2ª edição. 1 v. enc....	3\$000
— As Minas de Prata, rom. historico. 6 v.....	16\$000
Senio. Guerra dos Mascates. 2 v. enc.....	6\$000
— O Gaúcho, romance brasileiro. 2 v. enc.....	6\$000
— A Pata da Gazella, romance brasileiro. 1 v. enc.....	3\$000
— O Tronco do Ipé, romance brasileiro. 2 v. enc.....	6\$000
— Sonhos d'ouro, romance brasileiro. 2 v. enc.....	6\$0 10
Azevedo (M. de). Os Francezes no Rio de Janeiro, romance historico. 1 v. enc....	3\$000
— Lourenço de Mendonça, rom. historico. 1 v. enc....	3\$000
— Criminosos Celebres. Episodios historicos. 1 v. enc...	3\$000
— Curiosidades Brasileiras. 1 v. enc.....	3\$000
Dinarte (Silvio). Mocidade de Trajano. 2 v. enc.....	6\$000
— Historias Brasileiras. 1 v. in-8° enc.....	3\$000
Gontran Borys. Os Vadios de Paris. 2 v. enc.....	68000
Gabriel Ferry. O Mateiro ou os Bandeirantes. 3 v. enc..	9\$000
Pinheiro Junior, Primicias, poesias. 1 v. enc.....	3\$000
Gaborian (E.). O Crime d'Orcival. 1 v. enc.....	3\$000
Guimarães (Bernardo). O Seminarista, romance brasileiro. 1 v. enc.....	3\$000
— Lendas e Romances. Uma Historia de Quilombólas, a Garganta do inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. enc...	3\$000
— O Garimpeiro, romance. 1 v. enc.....	3\$000
— Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes. A Cabeça do Tira-Dentes. A Filha do Fazendeiro, Jupyra. 1 v. enc.....	3\$000
Guimarães Junior. Historias para Gente Alegre, 2 v. enc.	5\$000
— Curvas e Zig-Zags, caprichos humoristicos. 1 v. enc.	3\$000
— Contos sem pretensão. 1 v. enc.....	3\$000
— Filagranas. 1 v. enc.....	3\$000

Liais (Emm.) Supremacia intellectual da Raça Latina, res- posta ás allegações germanicas. Versão de Abran- ches Gallo. 1 v. enc.....	3\$000
Macedo (J. M.). Um Noivo a duas Noivas, romance. 3 v. enc.	8\$000
— A namoradaira, romance. 3 v. enc.....	8\$000
— Nina, romance. 2 v. enc.....	5\$000
— As Mulheres de Mantilha, romance historico. 2 v. enc.	5\$000
— A Luñeta Magica, romance. 2 v. enc.....	5\$000
— A Moreninha. 1 v. com estampas, enc.....	8\$000
— Culto do Dever. 1 v. enc.....	3\$000
— Memorias do Sobrinho de meu Tio. 2 v. enc.	5\$000
— O Moço Loiro. 2 v. enc.....	5\$000
— Os Dous Amores. 2 v. enc.....	5\$000
— Nina. Romance. 2 v. ia-8º enc.....	5\$000
— Romances da semana. 1 v. enc.....	3\$000
— Rosa. 2 v. enc.....	5\$000
Machado de Assis . Resurreição. 1 v. enc.....	3\$000
— Historias da Meia-Noite. 1 v. enc.....	3\$000
— Chrysalidas, poesias. 1 v. enc.....	3\$000
Pereira da Silva . Aspasia, romance. 1 v. enc.....	3\$000
— Jeronymo Côte Real. 1 v. enc.....	3\$000
— Manoel de Moraes. 1 v. enc.....	3\$000
Rozendo Moniz . Favos e Travos, 1 v. enc.....	3\$000
Teixeira e Souza . Maria ou a Menina roubada, 1 v. enc..	2\$500
— O Filho do Pescador, 1 v. enc.....	2\$500
Valmont (V.). O Espião Prussiano, romance historico inglez, resumindo os principaes acontecimentos da guerra Franco-Pruséiana; traduzido por V. Co- lonna 1 grosso v. enc.....	3\$000
Verne (Julio). Viagem ao centro da terra, 1 v. enc.....	3\$000
— A Ilha Mysteriosa, 1 v. enc.....	3\$000
— Viagem ao redor do mundo em 80 dias, 1 v. enc.	3\$000
— Os filhos do capitão Grant, 3 v:	
— A America do Sul. 1 v. enc.....	3\$000
— A Australia. 1 v. enc.....	3\$000
— O Oceano Pacifico. 1 v. enc.....	3\$000
— A Terra das Pelles. 2 v. enc.....	6\$000
— Da Terra a Lua. 1 v. enc.....	3\$000
— O Doutor Ox, seguido de: Mestre Zacharias; Uma in- vernagem ngs gelos; Um drama nos ares. 1 v. enc.	3\$000
— Ao Redor da Lua. 1 v. enc.....	3\$000
— Aventuras de tres Rusos e de tres Inglezes. 1 v. enc..	3\$000
— Cinco semanas em Ballão. 1 v. enc.....	3\$000
— Uma Cidade fluctuante. 1 v. enc.....	3\$000

NO PRELO:

O DIA DE SÃO NUNCA

romance por Albéric Second, versão de Salvador de Mendonça.

1875.— Typ. Theatral e Commercial, rua d'Ajuda n. 31.

